

RÁDIO E FORMAÇÃO DE MENTALIDADES:

TESTEMUNHA OCULAR DA GUERRA PSICOLÓGICA  
NA AMÉRICA LATINA

JOÃO BAPTISTA DE ABREU JUNIOR

Tese apresentada ao Programa  
de Pós-graduação em  
Comunicação e Cultura da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
para obtenção do grau de Doutor

Orientador: Geraldo Nunes  
Professor-doutor

UFRJ/ECO

RIO DE JANEIRO

2004

João Baptista de Abreu Junior

Rádio e formação de mentalidades:  
testemunha ocular da Guerra Psicológica na América Latina

BANCA EXAMINADORA

---

Orientador: Professor Doutor Geraldo Nunes

---

Professor Doutor Antônio Fausto Neto

---

Professor Doutor Antônio Pedro Tota

---

Professor Doutor Luiz Carlos Bittencourt

---

Professor Doutor Milton José Pinto

Defendida em 7 de junho de 2004

Conceito: Aprovado

RIO DE JANEIRO

2004

Abreu Junior, João Baptista.

Rádio e formação de mentalidades – testemunha ocular  
da Guerra Psicológica na América Latina/ João Baptista de  
Abreu Junior

236 f

Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) –  
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de  
Comunicação – ECO, 2004

Orientador; Geraldo Nunes

1. Radiojornalismo. 2. História do Rádio. 3.  
Radioeducação. 4. Análise do Discurso. 5. América  
Latina

Comunicação – Teses. Nunes, Geraldo (Orient.)  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Escola de Comunicação

Ficha Catalográfica

## RESUMO

Abreu Junior, João Baptista. **Rádio e formação de mentalidades – testemunl  
ocular da Guerra Psicológica na América Latina**. Orientador: Geraldo Nunes, Rio de  
Janeiro: UFRJ/ECO, 2004 Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura).

A tese mostra, a partir da análise do discurso radiofônico, o cenário de uma guerra psicológica travada durante a 2ª Guerra Mundial e a Guerra Fria pela hegemonia mundial. Faz um recorte histórico do jogo político da época, desde a atuação do Escritório de Negócios Inter-americanos do Departamento de Estado dos EUA, e levanta questões como a origem do mito de inferioridade presente em segmentos expressivos da sociedade latino-americana, como pré-condição para assimilação de valores e padrões ideológicos, no aspecto político e de consumo. Com base no exame de conteúdo e da expressão de programas radiofônicos transmitidos por emissoras de grande abrangência, estações educativas voltadas para comunidades periféricas e rurais, e serviços de emissoras internacionais em língua portuguesa, a pesquisa estabelece um paralelo entre as mudanças de comportamento ocorridas no continente e os vínculos de identidade com o pan-americanismo, expresso pela indústria de bens culturais, na qual o rádio se insere.

## ABSTRACT

Abreu Junior, João Baptista. Radio and mentalities development - eyewitness of the Psychological War in Latin America. **Supervisor:** Geraldo Nunes, Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2004 Thesis (**Doctor of Communication and Culture**)

The thesis shows, from analyzing radio broadcasting speech, that the 50/60/70 years were scenery of a psychological war for the world hegemony. It makes a historical clipping of the political game of that time, from the performance of the Inter-American Business Office (USA Department of State) and raises issues on the origin of the inferiority complex myth current to significant segments of the Latin-American society as precondition for assimilating values and ideological patterns, in the political and consumption aspects.

By analyzing content and expression of broadcasting programs transmitted by radio stations of great inclusion, educational radio stations broadcasting to suburban areas and rural communities, and services of international radio broadcasting in Portuguese, the research establishes a parallel among behavior changes that happen in the South American continent during and after the 2<sup>a</sup> War.

## RESUMEN

Abreu Junior, João Baptista. Radio y formación de mentalidades – testigo ocular de Guerra Fria en América Latina

La tesis enseña, a partir del análisis del discurso radiofónico, que los años 50/60/70 se constituyeron en escenario de una guerra sicológica por la hegemonía mundial. La tesis hace un recorte histórico del juego político de la época, desde la actuación de la Oficina de Negocios Inter.-americanos (OCIAA) del Departamento de Estado de EUA, y plantea cuestiones como el origen del mito de la inferioridad presente en segmentos expresivos de la sociedad latinoamericana, como pré-condición para la asimilación de valores y padrones ideológicos, en el aspecto político y de consumo. A partir del examen del contenido y de expresión de programas radiofónicos transmitidos por emisoras de grande magnitud, estaciones educativas a comunidades en la periferia, rurales y servicios de emisoras internacionales en idioma portugués, la investigación fija un paralelo entre los cambios de comportamiento que hubo en el continente durante y luego de la Segunda Guerra Mundial y los vínculos de identidad con el panamericanismo, expreso por la industria de bienes culturales, en la cual la radio se inserta.

A Walter Ouro Alves,  
ator e radialista com notório  
saber na arte de fazer sonhar

Para Alda de Almeida,  
expressão viva e cotidiana  
da rádio companheira

E a todos aqueles que entraram no ar depois de Marconi, Landel de Moura e Roquete Pinto  
e, de alguma forma, contribuíram para tornar mais ampla a tela do imaginário.

## AGRADECIMENTOS

Américo Martins  
Alceste Pinheiro  
Antônio Fausto Neto  
Antônio Pedro Tota  
Antonio Theodoro de Barros  
Ana Maria Lopes  
Atílio Hartman  
Beatriz Kushnir  
Bruno Almeida  
Carmen Cabrera  
Edson Arruda  
Geraldo Nunes  
Hector Behar  
Helmício Froes  
Heloísa Buarque de Hollanda  
Ilce Cavalcanti  
Joel Rufino dos Santos  
José Ignacio López Vigil  
Juan Gargurevich  
Lia Calabre  
Luciano Klockner  
Luiz Artur Ferraretto  
Luiz Carlos Bittencourt  
Milton José Pinto  
Moacir de Goes  
Moacy Cirne  
Osmar Fávero  
Patrícia Verdugo  
Paulo Evaristo Arns  
Pedro Aguiar Lopes de Abreu  
Pedro Gomes  
Protásio Castro  
Rosa Maria Alfaro  
Rosa Soeiro  
Sérgio Campos  
Sonia Aguiar  
Sylvia Moretzsohn  
Vânia Rocha  
Vera Cavalieri  
Virgínia Fontes  
Volodia Teitelboim



“A aviação e o rádio aproximaram-nos muito mais.

A própria natureza dessas coisas é um apelo eloqüente à bondade do homem, um apelo à fraternidade universal, à união de todos nós. Neste mesmo instante a minha voz chega a milhões de pessoas pelo mundo afora... milhões de desesperados, homens, mulheres, crianças, vítimas de um sistema que tortura seres humanos e encarcera inocentes. Aos que me podem ouvir, eu digo: Não desesperéis! A desgraça que tem caído sobre nós não é mais do que o produto da cobiça em agonia, da amargura de homens que temem o avanço do progresso humano. Os homens que odeiam desaparecerão, os ditadores sucumbem e o poder que do povo arrebataram há de retornar ao povo. E assim, enquanto morrem homens, a liberdade nunca perecerá.”  
(Charles Chaplin)

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>p. 12</b>
-------------------	--------------

## PARTE I

<b>1. A HERANÇA IDEOLÓGICA DO MAYFLOWER</b>	<b>p. 22</b>
---	--------------

- 1.1 Força e consenso
- 1.2 Universo imaginário
- 1.3 Porrete, *ma non troppo*
- 1.4 Renasce Tupac Amaru
- 1.5 Saco de maldades

<b>2. DEUS E O DIABO NAS TERRAS AO SUL</b>	<b>p. 45</b>
--	--------------

- 2.1 Os jesuítas
- 2.2 Entre a virtude e o pecado
- 2.3 Ritos e oralidade
- 2.4 Simulacro de oralidade

<b>3. NAS ONDAS DA FÉ</b>	<b>p. 66</b>
---------------------------	--------------

- 3.1 Movimentos Educacionais
- 3.2 Rádio Sutatenza
- 3.3 Rádio Rural
- 3.4 Rádio Pio XII
- 3.5 Ruídos e harmonias

<b>4. A ÉTICA NA GUERRA</b>	<b>p. 85</b>
-----------------------------	--------------

- 4.1 A ética do vencedor
- 4.2 A ética das aparências
- 4.3 A ética da aritmética
- 4.4 Grama de Stalin

<b>5. CORAÇÕES, MENTES E OUVIDOS</b>	<b>p. 102</b>
--------------------------------------	---------------

- 5.1 *Welcome* eletrodomésticos
- 5.2 Testemunha ocular
- 5.3 Ilusões cubanas
- 5.4 Batalha radiofônica

## **PARTE II**

### **ROTEIRO E GLOSSÁRIO** **p. 126**

### **6. SINTONIZANDO A GUERRA FRIA** **p. 127**

- 6.1 O que há por detrás da notícia
  - 6.2 Língua e sonoridade
  - 6.3 Os 10 mandamentos de Kaplun
  - 6.4 Aprendendo nas entrelinhas
  - 6.5 Veículo de aprendizagem

### **7. ESTÉTICA DO IMAGINÁRIO** **p. 162**

- 7.1 Cenário sonoro
- 7.2 Reiteração narrativa
- 7.3 Os planos da voz
- 7.4 Eles sabem o que fazem

### **8. O RADIOTEATRO VAI À GUERRA** **p. 196**

- 8.1 O rádio de capacete e fuzil

### **9. FRED PERKINS: O CLOWN HERTIZIANO** **p. 212**

- 9.1 O lúdico cai de pára-quedas

### **CONCLUSÃO** **p. 225**

### **REFERÊNCIAS** **p.229**

### **ANEXOS**

## Introdução

Numa pequena cidade da Zona da Mata mineira, a moça senta-se ao lado do imenso aparelho de rádio no canto da sala, sintonizado na Rádio Nacional. A atenção se volta para os mitos da época. Cesar de Alencar e Manuel Barcelos estimulam a rivalidade midiática Emilinha-Marlene, precursoras de outras rivalidades fabricadas pelos meios de comunicação. Castro Barbosa e Lauro Borges, concessionários virtuais da PRK-30, Paulo Gracindo e Brandão Filho, expoentes do programa humorístico *Balança, mas não cai*, fazem rir a primeira geração tocada pela vara de condão da madrinha “mídia”, que ainda não absorveu integralmente este modo de se distrair e consumir informação.

A milhares de quilômetros dali, no Acre, em plena floresta amazônica, o menino forma sua visão de mundo ouvindo noticiários em português transmitidos pela Voz da América, BBC e Rádio Moscou, estimulado pelo tio, que participara da revolta da Aliança Nacional Libertadora, em 1935. O rádio substitui involuntariamente a escola, de difícil acesso em terras de seringais.

As ondas hertzianas uniam distâncias que antes pareciam intransponíveis, juntavam culturas até então isoladas. A cultura de massa engatinhava empurrada pelas maravilhas eletrônicas proporcionadas por uma peça revolucionária chamada válvula, substituída pelo transistor recém-criado no pós-guerra, em 1948. O rádio era a tela que transmitia a imagem de um país cheio de contrastes entre o urbano e o rural, entre a mudança e a conservação, entre a fama e o anonimato, refletindo os dois getúlios que conviviam num só ditador. As rádios Nacional, Clube do Brasil, Tupi, Mayrink Veiga, Record, Inconfidência, Farroupilha, Jornal do Comércio irradiavam o Brasil, repleto de microfonias e interferências.

Neste cenário serão representadas as primeiras cenas das escaramuças políticas que mais tarde ficarão conhecidas como Guerra Fria – expressão criada em 1947 pelo norte-americano Bernard Baruch – que permeará as relações diplomáticas até a queda do Muro de Berlim, em 1989, ou até o fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, em 1991

(dependendo dos analistas políticos). Num primeiro momento, a indústria de bens culturais apresenta-se como cenário deste teatro de operações. O rádio e o cinema foram eleitos para disseminar idéias e ideais em conflito num mundo que acabara de derrotar o nazismo, mas que se mantinha esfacelado, expondo traumas e cicatrizes de guerra.

Desde a década de 30, o rádio conquistou popularidade, inicialmente nos Estados Unidos e depois na América Latina, ocupando espaços nas áreas de entretenimento, utilidade pública, propaganda e informação. Oitenta anos após a inauguração, em 1923, da primeira emissora do País – a PRA-A, Rádio Sociedade do Rio de Janeiro – o veículo desfruta de credibilidade incontestável, sobretudo nas camadas populares, ajudando a eleger parlamentares, governadores e a rezar e angariar fundos para milagreiros capazes de deixar Roquette Pinto ruborizado.

A credibilidade dos comunicadores tornou a expressão “deu no rádio” sinônimo de verdade. Desprezado pelos grandes anunciantes<sup>1</sup>, com exceção das transmissões esportivas, influencia diariamente milhões de consumidores e eleitores, indicando produtos, procedimentos e padrões de valor.

Duas razões levaram-me a escolher o rádio como tema da investigação. O primeiro é o fato de ser jornalista, com duas passagens pela Rádio Jornal do Brasil AM, onde trabalhei pela primeira vez como redator entre 1977 e 1980, durante a ditadura militar. A experiência ajudou-me a entender o valor do radiojornalismo, numa emissora que marcou época pela resistência à censura. Em 1991, voltei à Rádio JB como editor e vivi outra experiência fascinante: a cobertura da tentativa de golpe de estado na União Soviética, em agosto de 1991, sufocada pelos aliados de Mikhail Gorbachov. Vivíamos um dos últimos atos da Guerra Fria.

A segunda razão está ligada a um desafio. Apesar da relevância e da abrangência desta mídia octogenária no Brasil, poucos são os pesquisadores que por ela se interessam. Na academia, ocorre o mesmo que se passou na década de 50 com os anunciantes. Correram todos para a televisão, fascinados pela imagem. Recorro ao argumento de Orson

---

<sup>1</sup> Dados da revista Meio e Mensagem, de 2003, indicam que o rádio detém apenas 4,5% da verba publicitária anual dos meios de comunicação.

Welles, quando um amigo alardeava as maravilhas da televisão: “no rádio a tela é muito mais ampla!”.

Uma tela que contribuiu para eleger presidentes por este mundo afora, ajudou ditadores dos mais variados matizes, e criou pânico entre 1 milhão de pessoas no estado de New York, em outubro de 1938, ao transmitir a “invasão dos marcianos”. Uma das razões do sucesso do programa *Guerra dos Mundos*, de Welles, foi justamente o formato jornalístico, que lhe emprestou credibilidade.

A entrada no ar do *Repórter Esso* integra a estratégia política elaborada em Washington de disseminar informação de acordo com a ótica dos nossos “irmãos do norte”. Em 1940, os Estados Unidos criaram dois organismos para cuidar da propaganda no exterior: Office of the Coordinator of Interamerican Affairs–OCIAA (Escritório Coordenador dos Negócios Inter-americanos), que colaborava com o Departamento de Estado nos assuntos ligados à América Latina, e Coordinator of Information (Coordenação de Informação), substituído em 1942 pelo Office of War Information (Escritório de Informações de Guerra) e pelo Office of Strategic Services (Escritório de Serviços Estratégicos). Antes de desembarcar no Brasil, em agosto de 1941, o Repórter Esso já era “testemunha ocular da História” em Nova Iorque, Havana, Lima, Santiago e Buenos Aires.

Este detalhe mostra que o olhar dos Estados Unidos enxergava o mapa da América do Sul sem as linhas de fronteira política. Língua e culturas à parte, os países eram vistos como área estratégica de domínio ameaçado, dentro da Teoria do Dominó, o que levava Washington a estender a vista além dos oceanos. Por isso, o estudo inclui emissoras de rádio da Colômbia e da Bolívia, que ajudam a contar a história deste período. Não somos uma só nação, mas guardamos tantas semelhanças, por exclusão e carência, que vale a pena esticar o pescoço e tentar ver o que existe por detrás da Cordilheira dos Andes.

Antes e durante a 2ª Guerra, proliferam emissoras internacionais em ondas médias e curtas. Em 1936, os falangistas transmitem em árabe para evitar que milícias marroquinas atravessem o Mediterrâneo e se aliem aos republicanos da Catalunha. Em contrapartida, de Valência emissões em árabe e francês tentam aumentar o contingente das Brigadas Internacionais. Em 1938 a BBC inaugura um serviço em alemão e logo começa a transmitir também em espanhol e português para a América Latina. Em 1942, os Estados Unidos

lançam a Voz da América. É fácil entender a preocupação das nações aliadas. O 3º Reich estimulava o entendimento de que a soberania nacional deveria estender-se aos cidadãos e seus bens, inclusive no exterior. Na época, estimava-se em 600 mil o número de alemães e descendentes no Brasil e em 150 mil na Argentina.

A Comissão Rockefeller, criada em 1940 pelo Governo de Washington, recolhia fundos de companhias norte-americanas, dedutíveis do imposto de renda, com o objetivo de neutralizar a propaganda nazista na América Latina nos últimos anos da 2ª Guerra Mundial, através de matérias pagas e notícias em publicações locais. Nos anos seguintes, que marcam o início da Guerra Fria, o programa governamental, liderado por Nelson Aldrich Rockefeller, dirige suas baterias contra os partidos comunistas no continente.

Pelo poder de penetração nas camadas populares, a capacidade de imaginação que proporciona aos ouvintes e a possibilidade de romper barreiras nacionais, o rádio e o cinema apresentavam-se como veículos ideais para disseminação da ideologia norte-americana no pós-guerra. O radiojornalismo, gênero comprometido com a informação, ocupa um papel preponderante nesta estratégia que visava exportar um modo de pensar e agir: o *american way-of-life*.

Ao povo, oferecia-se não mais um carro para todos, como prometera Hitler com seu Volkswagen, mas a possibilidade de que a população tivesse acesso a bens de consumo que simplificariam os afazeres cotidianos, liberando a mulher para o lazer e para a inserção no mercado de trabalho. Não é à toa que boa parte dos programas de rádio produzidos nos Estados Unidos durante a Segunda Guerra tinha como público-alvo a figura da mulher, participante ativa do esforço de guerra..

A tese procura conjugar vários enfoques. No plano da comunicação, o debate sobre a estratégia dos governos norte-americanos de conquistar corações e mentes através de um eficiente esquema de massificação da informação, de acordo com a ótica dos países hegemônicos. Conceitos como o do *american way-of-life* e da superioridade da indústria norte-americana aparecem embutidos em programas de rádio como *A família Borges* e *Acredite se quiser*, transmitidos pela NBC, ou mais tarde em seriados de TV como *Papai sabe tudo*, *Bonanza* ou no heroísmo personificado na série de guerra *Combate*.

No plano político, ficam evidentes as relações entre países hegemônicos e segmentos da elite das nações submetidas à sua área de influência. É preciso entender o papel das empresas norte-americanas no processo político e mostrar que o imperialismo traz a semente do que hoje ganha o pomposo nome de globalização. No plano histórico, é importante traçar um painel do momento que a sociedade ocidental atravessava em fins dos anos 40 e início dos anos 50, para que se possa fazer um recorte da realidade da época, sem cair nos reducionismos de enxergar o passado com as lentes do presente. Um recorte histórico é essencial para compreender o quadro econômico-social do período estudado.

A interseção entre os enfoques político, histórico e de comunicação norteia a concepção metodológica aplicada. Para tanto, houve a necessidade de aprofundar conceitos como ideologia, hegemonia e discurso político, aplicados na comunicação, mais precisamente no rádio. Nos anos 40 a estratégia política enxergou no rádio o veículo-laboratório das técnicas modernas de comunicação de massa. O noticiário, entendido como expressão da verdade, ajudou a formar mentalidades, a gerar juízos de valor pautados no respeito à ordem e à autoridade. A guerra psicológica integra este universo, em que a palavra “crise” se associa à desordem e, portanto, representa uma ameaça ao *status quo*.

A metodologia empregada, baseada na análise de conteúdo, compreendeu o exame do material gravado (fitas do arquivo da Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, do Arquivo Nacional e da Collector's no Brasil, CDs da BBC de Londres e disco da Rádio Nederland) sobre os programas de entretenimento, noticiários, crônicas, radioteatro e documentários da época, tendo como pano de fundo o período 1943-1982, além do exame do acervo de documentos do Cpdoc (Centro de Pesquisa e Documentação em História Contemporânea) da Fundação Getúlio Vargas. Diversos documentos do OCIAA e da CBS foram-me cedidos pelo historiador Antônio Pedro Tota. A coleta do material sonoro contou com a ajuda importante da pesquisadora Vera Cavalieri, ex-chefe do Departamento de Pesquisa do Jornal do Brasil.

Mesmo ciente das limitações de armazenamento do material sonoro, sobretudo oriundo de um período em que não havia a preocupação de arquivar gravações audiovisuais, foi surpreendente constatar o desleixo evidenciado por algumas instituições que julgava conscientes da importância da pesquisa acadêmica para o estudo da História da



Imprensa e da Comunicação. Um desleixo que, diga-se de passagem, não é privilégio do Brasil.

O arquivo audiovisual originário do USIS (United States Information Service), transferido para a biblioteca do consulado dos Estados Unidos no Rio de Janeiro, teria sido destruído em 1998, de acordo com informações obtidas na própria embaixada norte-americana em Brasília (veja anexo 1). É de se supor, mesmo sem confirmação, que a melhor parte do acervo tenha sido encaminhada a instituições norte-americanas.

Se a hipótese for verdadeira, viveríamos assim um duplo sentimento: num primeiro instante o de alívio ao comprovar que o material foi enfim preservado; num segundo momento o de revolta, ao constatar que não apenas nossa cultura, mas também nossa memória tornou-se refém dos países hegemônicos. Seria a extensão do processo de dominação ao campo da pesquisa, em que os investigadores de universidades do Primeiro Mundo teriam melhores condições para produzir trabalhos acadêmicos sobre o Terceiro Mundo. Ou seja, a repetição da idéia de que quem escreve a História são os vencedores.

Duas viagens a Santiago do Chile e Lima, no Peru, com passagens cedidas pela VARIGLOG, mostraram que pouca coisa foi escrita nesses países sobre o rádio durante a Guerra Fria. Restam os depoimentos de pessoas que testemunharam aquele período.

A parte dos arquivos da Rádio Nacional sob a guarda do Museu da Imagem e do Som no Rio de Janeiro concentra-se basicamente nos programas de entretenimento nos anos 40/50, ficando o material político nas mãos de uma empresa privada, a Collector's – com sede em Teresópolis, na região serrana fluminense – entre os quais produções da BBC sobre a participação da Força Expedicionária Brasileira (FEB) nos campos de batalha da Itália.. Outros programas sobre a Guerra Fria foram localizados no acervo do Arquivo Nacional, no Rio, mas sempre de forma esparsa, o que inviabiliza a análise de séries.

Mais do que descaso, este comportamento revela a desatenção do poder público para com os documentos sonoros que podem contribuir para o reexame da História recente do País. Numa época em que o material audiovisual adquire cada vez mais *status* de documento, nenhum órgão público pode relegar a segundo plano a preservação de acervos desta natureza, sob pena de delegar a terceiros, particularmente às grandes empresas de comunicação que detêm seu próprio acervo, o privilégio de recontar episódios históricos a partir de seu ponto de vista.

A tese divide-se em nove capítulos. O primeiro expõe os mecanismos inconscientes que facilitam a absorção de conceitos e padrões exógenos às culturas latino-americanas, facilitados por um complexo de inferioridade em relação aos padrões anglo-saxônicos. Mas é sempre bom lembrar que o processo de assimilação cultural – observam os intelectuais da Escola de Frankfurt – não se costuma dar da forma prevista pelos dominadores. As cidades de Macondo e Pasárgada saltam das páginas literárias para mostrar que o realismo fantástico vai muito além da imaginação de Garcia Marquez, Manuel Bandeira e outros autores que tentaram desvendar os mistérios do continente.

Mistérios que começam com a chegada dos primeiros europeus. “O mal desses índios é que eles se convertem rápido demais”, desabafou certa vez um desanimado José de Anchieta, desconfiado diante das demonstrações de dissimulação daqueles “selvagens”, que geravam incerteza acerca do êxito da missão de catequese.

O segundo capítulo mostra as semelhanças entre o trabalho e a pedagogia desenvolvidos pelos jesuítas na Colônia e as estratégias de assimilação cultural engendradas pelos Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial, para buscar uma sintonia com os povos da América do Sul. Inicialmente, o objetivo era barrar o crescimento do nacional-socialismo num continente repleto de imigrantes alemães e italianos. Vencida a Segunda Guerra, as baterias voltam-se contra a ideologia comunista.

O capítulo 3 dedica-se às rádios católicas, que desempenharam papel fundamental, nas décadas de 50 e 60, na alfabetização e educação básica, principalmente no meio rural. A exemplo das rádios laicas, o objetivo subjacente se altera ao sabor dos ventos ideológicos. Numa primeira fase, pretende-se enfrentar o fortalecimento do socialismo no campo, empunhando bandeiras como a reforma agrária e o direito do trabalhador rural. Com o surgimento da Teologia da Libertação, a partir do Concílio de Medellín, em 1968, a evangelização católica assume novos rumos e começa a provocar ruídos entre os governos afinados com uma burguesia rural, que identificava as mudanças sociais como mais uma ameaça comunista. Merecem destaque a experiência pioneira da Rádio Sutatenza, na Colômbia, da Rádio Rural, no Rio Grande do Norte, e da Pio XII, na Bolívia.

O quarto capítulo discute a possibilidade da existência de uma ética da guerra, recorrendo a pensadores como Hobbes, Grotius e Maquiavel, para concluir que

historicamente a narrativa predominante é a dos vencedores, independentemente da justeza dos objetivos ou dos meios empregados para alcançar a vitória. Os meios de comunicação desempenham papel importante, seja encampando a versão vitoriosa, seja denunciando as arbitrariedades praticadas. Apesar da censura oficial, as denúncias resultam muitas vezes em ações positivas, como a criação da Cruz Vermelha, em meados do século XIX, depois que a Europa tomou conhecimento das condições a que ficavam expostos os feridos na Guerra da Criméia.

O rádio insere-se na chamada indústria de bens culturais, peça-chave nesta máquina de formação de mentalidades que presta relevantes serviços àquilo que se convencionou chamar de guerra psicológica. Hitler costumava dizer que, no futuro, as transmissões desempenhariam papel mais importante para desestabilizar as defesas inimigas que a artilharia antiaérea. Se o *fuhrer* tinha ou não razão, esta talvez seja uma questão para ser apresentada a uns destes programas populares que querem estimular a interação e, ao mesmo tempo, medir a audiência.

O certo é que, ao longo da 2ª Guerra Mundial e da Guerra Fria, o mundo assistiu a um *boom* de emissoras internacionais de ondas curtas que, mais do que entreter os ouvintes do Terceiro Mundo, visou a conquistar corações e mentes, a um custo relativamente baixo, se comparado a programas estratégicos, como Ponto Quatro, ou assistenciais, como Aliança para o Progresso. Este é o tema do capítulo 5, que trata dos corações e mentes que buscavam ser cooptados pela chamada guerra psicológica.

Ideologias divergentes, objetivos convergentes. Tanto a Voz da América quanto a Rádio Moscou embrulhavam informação e opinião num mesmo pacote radiofônico, adotando uma estrutura centralizada, com pouco ou nenhum espaço para comentários e programas jornalísticos que não estivessem afinados com a política oficial.

Um exemplo marcante de intromissão das ondas curtas na política interna de um país latino-americano é o da Rádio Liberación, que em apenas seis semanas de transmissões clandestinas, em 1954, teve participação decisiva na queda do presidente da Guatemala, Jacobo Arbenz, que tomara decisões contrárias aos interesses de grandes corporações norte-americanas. Nos bastidores da emissora, o “apoio técnico” da CIA.

Como as frequências não possuem ideologia, duas décadas depois, num país vizinho à Guatemala, a Rádio Sandino colaborou intensamente na derrubada do ditador Anastásio Somoza, da Nicarágua, pela Frente Sandinista de Libertação Nacional. Na mesma época, a Frente Farubundo Martí colocava no ar a Rádio Venceremos, em El Salvador. Ambas as emissoras clandestinas estavam sintonizadas à esquerda.

A partir de uma verdadeira exumação de produções radiofônicas veiculadas durante a 2ª Guerra Mundial e a Guerra Fria, o capítulo 6, *Sintonizando a Guerra Fria*; capítulo 7, *Estética do Imaginário*; o de número 8, *O Radioteatro vai à guerra*; e o capítulo 9 – *Fred Perkins, o clown hertziano* – dissecam os programas, do ponto de vista da estética radiofônica, a partir dos conceitos de Rudolf Arheim, e Armand Balsebre, e de técnicas de produção, com base nas recomendações de Mário Kaplun e Walter Ouro Alves. A análise do discurso radiofônico apóia-se nos conceitos de interdição desenvolvidos por Michel Foucault em *A ordem do discurso* e das funções da linguagem, de Roman Jakobson.

São estudados programas produzidos nos Estados Unidos pela General Sound Corporation, veiculados em ondas curtas pela NBC em português e depois distribuídos em disco para emissoras brasileiras. Fazem parte deste lote *A marcha do tempo*, *Radioteatro nas Américas*, *Espírito de Vitória* e *Este é o nosso inimigo*, além de *As aventuras de Fred Perkins*, produzido pela BBC.. Outro programa analisado é *Nos Bastidores do Mundo*, crônica transmitida diariamente por diversas emissoras e escrita pelo jornalista catarinense Al Neto, que trabalhava na embaixada dos Estados Unidos no Rio de Janeiro.

Todos os programas tiveram que ser decupados, incluindo a transcrição dos textos de locutores, narradores e atores, a marcação de identificação das vinhetas de apresentação e cortinas sonoras, e indicação do som ambiente. Este trabalho, se por um lado demandou um grande esforço para recuperar o *script*, num exercício que poderíamos chamar de arqueologia sonora, por outro ampliou o leque da pesquisa radiofônica, porque permitiu a análise das vinhetas, do som ambiente, das interpretações e estilos de locução.

Tenta-se avaliar o conteúdo, presente no texto, e a expressão, latente na trilha sonora, nas vinhetas, na interpretação do locutor e dos atores, além da adequação do formato radiofônico. Esta tese procura ainda resgatar os vários formatos radiofônicos

utilizados durante a 2ª Guerra Mundial e a Guerra Fria, que hoje foram esquecidos pelo rádio comercial imediatista.

Para facilitar a compreensão, a tese é acompanhada de um CD, com trechos de programas analisados, uma vez que o papel é um suporte limitado para expor, na sua totalidade, a multiplicidade de sentidos das produções audiovisuais. A normalização bibliográfica pede licença à ABNT e pratica um pequeno desvio consciente, ao citar o nome dos autores pela forma como são conhecidos e não apenas pelo último sobrenome.

Investigações acadêmicas desta natureza correm o risco da análise mecanicista, no melhor estilo “criado para” e “com efeito tal”, sem dar margem à complexidade do processo de comunicação voltado para um público-alvo heterogêneo e num continente em processo de mudança social. Não se pode afirmar, com convicção, que tal programa teve necessariamente tal efeito.

Até porque o rádio, já naquela época e ainda hoje, possui a característica de ser num só tempo local e global. Mesmo as emissoras de ondas médias, capazes de atingir longas distâncias, mantêm um viés local, para não perder a identificação com o ouvinte de sua cidade. Pretende-se mostrar a participação do rádio, senão como protagonista, pelo menos como ator coadjuvante, desta etapa dramática e quente do século XX.

Neste quadro de efervescência política, o rádio ajudou a formar mentalidades e a lapidar líderes. Um deles foi aquele menino, em Xapuri, no interior do Acre, que ouvia os noticiários da Voz da América, BBC e Rádio Moscou. Da fusão entre seus conhecimentos empíricos sobre a necessidade de preservar a terra e as informações sobre economia e política recolhidas das emissoras internacionais, o menino cresceu e se tornou o líder ambientalista Chico Mendes.

## 1 – A herança ideológica do Mayflower

A fascinação do modelo estrangeiro (...) entra em algum grau na formação de qualquer sociedade, mas, para ser útil e progressiva, não deve substituir inteiramente o modelo próprio e ancestral. Não é possível que, tomando hoje uma aparência, amanhã outra, depois aquela outra, haja quem deseje que sejamos afinal o brutamente americano.<sup>2</sup>

Lima Barreto

A contrariedade exposta pelo escritor Lima Barreto com a absorção por vezes excessiva de modelos importados situa-se na contramão do comportamento da elite brasileira na virada do século XX. Esta “abertura dos portos” à mentalidade estrangeira também costumava gerar depoimentos controvertidos de autoridades brasileiras. “Não podemos, como muitos aspiram, tomar os Estados Unidos da América do Norte como tipo para o nosso desenvolvimento industrial, porque não temos as aptidões superiores de sua raça”.<sup>3</sup>

A frase, escrita por Joaquim Murinho, ministro das Finanças de Campos Sales, em 1897, e extraída de um relatório ao presidente da República, expõe um conceito de inferioridade predominante na América Latina desde o século XIX, que serve para justificar até hoje o processo de dominação econômica e ideológica, apoiado por aliados internos da burguesia e da tecnocracia.

A idéia de uma raça pura e de uma superioridade anglo-saxã permeia o pensamento latino-americano mais de 100 anos depois, em pleno limiar do século XXI, quando o mito da globalização contagia corações e mentes abaixo do Rio Grande (fronteira entre o México e os Estados Unidos). Por outro lado, a frase de Joaquim Murinho abre espaço, ainda que involuntariamente, para a busca de um caminho próprio, fruto da “consciência” de que o

---

<sup>2</sup> Lima Barreto, “O nosso ianquismo”. Revista Contemporânea, Rio de Janeiro, 22/3/1919

<sup>3</sup> Frase extraída da reportagem “América Latina: da utopia à integração”, de Eliezer Moreira, publicada na revista **Veredas**, do Centro Cultural Banco do Brasil, ano 3, número 30, junho de 1998

exemplo da América do Norte não serviria como parâmetro de desenvolvimento. Isso quando as idéias socialistas na América Latina ainda engatinhavam e a tradição contestatória trazida na bagagem dos imigrantes europeus, sobretudo italianos e espanhóis, ainda não contagiara nem os intelectuais brasileiros, quanto mais os operários. Mesmo na década de 10, auge do movimento anarquista no Brasil, muitos jornais eram editados em italiano, para facilitar o acesso aos imigrantes.

Este capítulo pretende examinar aspectos do debate acadêmico acerca do mito da inferioridade das populações latino-americanas e seus efeitos na sociedade pós-guerra. Os conceitos utilizados são os de ideologia, em Marx, e hegemonia, bloco histórico, Estado ampliado e consenso (passivo e ativo), de Antonio Gramsci, um dos primeiros pensadores marxistas – senão o primeiro – a analisar criticamente a imprensa, em vez de vê-la somente como instrumento tático para arregimentar seguidores. Sem arriscar conclusões apressadas, pretende-se apontar algumas premissas interessantes para entender o papel que os meios de comunicação desempenham na América Latina.

### **1.1 Força e consenso**

Pensar a interseção entre História e mídia costuma embutir um risco, seja por enxergar a imprensa como mero instrumento da classe dominante, seja por ignorar conjunturas históricas que determinam o comportamento dos meios de comunicação. É preciso entender a conduta das elites políticas e intelectuais, que sempre dominaram os canais de persuasão no continente, e ver como estas elites se apresentam aos olhos da sociedade.

Um dos desafios é penetrar no espelho de relações sociais para compreender como os povos destes países dominados se percebem e percebem as elites, internas e estrangeiras. A relação que se estabelece entre dominado e dominador impõe como pré-condição que o primeiro assuma os valores do segundo. Do contrário a dominação estará sempre sujeita a questionamentos.

Na linha do conceito de ideologia dominante desenvolvido por Marx, o sardo Antônio Gramsci – um dos fundadores do Partido Comunista Italiano – frisa que a hegemonia de um segmento social aumenta sua eficácia quando a classe dominada assume

os valores da classe dominante. Este processo deve contar com a ajuda estratégica dos jornais e associações de classe, principalmente nos períodos de crise institucional, em que as camadas subordinadas não se sentem representadas pelas autoridades.

Gramsci desenvolve o conceito de consenso, para estudar o comportamento das camadas dominadas que assimilam os padrões culturais da classe hegemônica. O Estado ampliado é entendido como o conjunto de instituições, públicas e privadas, que contribuem para a manutenção ideológica do Estado restrito. Sem o Estado ampliado, o poder torna-se mais vulnerável a contestações da sociedade, na medida em que se expõe a críticas ao sistema. No pós-guerra, assistimos a um crescimento vertiginoso de instituições, patrocinadas ou apoiadas por Estados hegemônicos, com o intuito de formar uma mentalidade que justificasse um processo de dominação em marcha.

O exercício ‘normal’ da hegemonia, no terreno clássico do regime parlamentar, caracteriza-se pela combinação da força e do consenso, que se equilibram variadamente, sem que a força suplante muito o consenso, ou melhor, procurando obter que a força pareça apoiada no consenso da maioria, expresso pelos chamados órgãos da opinião pública – jornais e associações – os quais, por isso, em determinadas situações, são artificialmente multiplicados. (GRAMSCI, 1980, P. 116)

O vínculo entre Estado e sociedade exige a formulação de uma nova concepção de mundo, portanto de uma ideologia, que atraia as expectativas e sonhos dos indivíduos. Gramsci mostra que esta identificação reveste-se de um aparente dualismo, em que uma concepção determinista da História, de acordo com o senso comum, leva o cidadão a pensar que “acima dos indivíduos existe uma entidade fantasmagórica, a abstração do organismo coletivo, uma espécie de divindade autônoma que não pensa como nenhuma cabeça concreta, mas pensa”.

Toda forma do chamado ‘centralismo orgânico’ se baseia no pressuposto (...) de que a relação entre governantes e governados seja determinada pelo fato de que os governantes representam os interesses dos governados e, portanto, ‘devem’ ter o



consentimento destes, isto é, deve-se verificar a identificação do indivíduo com o todo, e o todo (seja que organismo for) é representado pelos dirigentes. Deve-se pensar que, como para a Igreja Católica, tal conceito não só é útil, mas necessário e indispensável. Qualquer forma de intervenção a partir de baixo desagregaria de fato a Igreja (é o que se vê nas igrejas protestantes). Para outros organismos é questão vital não o consenso passivo e indireto, mas o consenso ativo e direto, ou seja, a participação dos indivíduos, ainda que isso provoque uma aparência de desagregação e de tumulto. Uma consciência coletiva, ou seja, um organismo vivo só se forma depois que a multiplicidade se unifica através do atrito dos indivíduos: e não se pode dizer que o 'silêncio' não seja multiplicidade. Uma orquestra que ensaia cada instrumento por sua conta dá a impressão da mais horrível cacofonia; porém estes ensaios são a condição para que a orquestra viva como só um 'instrumento'. (GRAMSCI, 1980, p. 333)

Os tipos de consenso (ativo ou passivo) dependem do grau de envolvimento que a chamada consciência coletiva exerce na comunidade. A metáfora a que o pensador italiano recorre pressupõe um longo período de acordes dissonantes ou perturbadores, o que não costuma ser tolerado por Estados autoritários. Neste ensaio de rebeldia, as cacofonias são vistas como ameaça à estabilidade política. Daí o predomínio do consenso passivo na maioria dos Estados liberais.

O conceito de bloco histórico parte do estudo das relações entre estrutura e superestrutura numa determinada sociedade. Quem estabelece este vínculo orgânico seriam os intelectuais, no nível da superestrutura (no qual se enquadram os meios de comunicação). Ao analisar este conceito-chave do pensamento de Gramsci, Hugues Portelli observa que uma crise orgânica na sociedade só altera o sistema hegemônico se as classes dominadas tiverem alcançado um nível de organização capaz de gerar um novo ideário político.

Tal problema é difícil de resolver: por um lado, uma classe só é realmente hegemônica quando consegue apoderar-se do Estado – sociedade civil + sociedade política – e, por outro lado, as classes subordinadas, por sua própria situação no seio do bloco histórico, só têm reduzidas possibilidades de organizar-se; na maioria dos casos são elas excluídas da vida política real por falta de intelectuais orgânicos. Seus representantes são realmente os intelectuais orgânicos subalternos da classe dominante e sua organização autônoma nem sempre ultrapassa o nível econômico-corporativo. (PORTELLI, 1977, p. 114-115)

Vale lembrar que Gramsci passou 11 anos preso durante o fascismo (1926-1937) e não teve condições de analisar o papel desempenhado pelo rádio nos anos 30. Mas quando morreu, em 1937, os dois lados em luta na Guerra Civil espanhola – cenário que serviu

como ensaio geral da Segunda Guerra Mundial – utilizavam largamente as ondas sonoras como espaço para propagação de idéias e arregimentação de voluntários.<sup>4</sup>

## 1.2 Universo imaginário

Qualquer estudo sobre aquilo que convencionamos chamar de cultura latino-americana corre o risco de se transformar numa autêntica Torre de Babel, tantas são as diferenças de ordem histórica e política entre as nações que constituem este pedaço do mundo. Com esta advertência, o chileno José Joaquín Brunner alerta para a dificuldade de se pensar o continente como bloco unívoco – à semelhança do que faz muitas vezes a elite econômica e intelectual dos Estados Unidos – sem levar em conta a multiplicidade presente desde a península de Yucatán às terras geladas da Patagônia.

Brunner propõe que se pense este universo cultural de forma fragmentária, como uma espécie de colagem em constante processo de transformação, numa “contínua dança de signos”. As culturas da América Latina “não expressam uma ordem nem de nação, de classe, nem religiosa, estatal, carismática, tradicional ou de nenhum outro tipo; refletem em sua organização os processos contraditórios e heterogêneos de uma modernidade tardia”.<sup>5</sup>

O antropólogo chileno indaga se podemos chamar as sociedades latino-americanas de modernas. Para responder, ele recorre ao mito de Macondo, cidade imaginária fundada por Gabriel Garcia Márquez no romance *Cem anos de solidão*. Macondo seria a alternativa do personagem José Arcádio Buendia, diante da impossibilidade de alcançar o mar, na interminável travessia da montanha. Macondo representa, dialeticamente, o sonho inatingível e o marco concreto de uma nova civilização. “*Al día siguiente convenció a sus hombres de que nunca encontrarían el mar. Les ordenó derribar los árboles para hacer un claro junto al río, en el lugar más fresco de la orilla, y allí fundaron la aldea*”.<sup>6</sup>

O mito do “macondismo” mantém o predomínio da natureza sobre a cultura, porém com mais complexidade. Ao contrário da concepção rousseuniana, a natureza acompanha

---

<sup>4</sup> As observações de Portelli sobre os intelectuais orgânicos nos levam a entender por que as classes dominantes sentem-se tão ameaçadas nos dias de hoje pelas rádios comunitárias, principalmente aquelas operadas por integrantes de comunidades carentes.

<sup>5</sup> BRUNNER, José Joaquín. Tradicionalismo y modernidad en la cultura latinoamericana, in Entre públicos y ciudadanos, Comunicación y Cultura Política

<sup>6</sup> GARCIA MARQUEZ, Gabriel. Cien años de soledad, Biblioteca de Literatura Colombiana, Bogotá, Editorial Oveja Negra, 1967, pag 25

e transforma a cultura. Macondo representaria a metáfora do misterioso, a terra prometida, o mágico que os europeus tanto apreciam, desde quando desembarcaram pela primeira vez nas praias do Atlântico ocidental.

O ‘macondismo é nostálgico sem ser conservador, é defensivo frente ao que vem, mas apenas à maneira de quem espera ver o resultado antes de assumir um compromisso formal. O conceito do ‘macondismo’ estendeu-se entre um setor da intelectualidade latino-americana, aquele que não quer renunciar a transformar a América numa terra prometida. Terra de sonhos e utopias, novo mundo de onde surgirá uma ‘racionalidade alternativa’ para o Ocidente, despojada do caráter instrumental, calvinista e faustiano da racionalidade chefe da modernidade. Ou seja, lê-se a cultura latino-americana através de Macondo como um amálgama de contradições, anomalias, de fusões entre o velho e o novo. Macondo quer dizer: ‘não poderão nos entender (aos latino-americanos) facilmente.’ A quem se dirige esta advertência? Basicamente aqueles que formam parte de nosso século e manejam um código competitivo de interpreta’ção; e a certos estrangeiros: acadêmicos, intelectuais, leitores informados, políticos, burocratas internacionais e agentes de cooperação.<sup>7</sup>

O personagem Macunaíma, de Mário de Andrade, bem poderia morar em Macondo. Ele representa a tentativa de fundação de uma nova ética; a do dominado que tem de buscar formas próprias de sobrevivência fora dos padrões trazidos pelos europeus. Pasárgada, fundada na inspiração do poeta Manuel Bandeira, também pode ser entendida como exemplo de terra prometida. O sonho não é monopólio do realismo fantástico, nem da literatura latino-americana, mas me arrisco a pensar que o desejo de sonhar é inversamente proporcional à possibilidade de realização do sonho.

É interessante a coincidência entre os dois mitos: o da nostalgia de Macondo e a figura do Mazombo, o filho de portugueses nascido no Brasil, que “sofria de uma eterna saudade daquilo que nunca havia sido, isto é, um urbanista dos grandes centros culturais da Europa”. (TOTA, 2000, P. 17) Na síntese de Eça de Queiroz, para os mazombos brasileiros haveria “mais civilização num beco de Paris do que em toda vasta Nova York”.

O rádio apresenta-se como um ícone da modernidade e ocupa uma dupla função: a de representar por si só uma inovação tecnológica, fruto da modernidade, e a de servir de arauto das mudanças de comportamento ou, dependendo do interesse do emissor, atuar como porta-voz do conservadorismo. O segredo da radiodifusão estaria, portanto, em perceber a heterogeneidade gerada pela colagem das culturas latino-americanas e dar conta

de atingir o imaginário do ouvinte. O caminho para alcançar o ouvinte seria o uso adequado dos recursos da linguagem audiovisual, que registram não apenas o que se vê, mas também o que se deseja ver. Porém é preciso saber aproveitar os signos que, por estarem em constante mutação, trazem o risco de transformar a programação na metáfora de Brunner: uma autêntica Torre de Babel.

A mensagem radiofônica pode atingir os ouvintes de Macondo, ou de Pasárgada. Ambas as cidades exploram o que há de mais rico na comunicação radiofônica: o imaginário proporcionado pelos cenários sonoros.

De acordo com o historiador norte-americano Richard Morse, o conceito de América Latina nasce no século XIX, com a França de Napoleão III. A expressão se insere no discurso ideológico que norteia a estratégia política de utilizar a origem lingüística e cultural dos povos latinos para se opor à influência anglo-saxônica, germânica e eslava.

O termo América Latina é exógeno. Surge de fora para dentro, como a maioria das classificações. Não é consequência do esforço de jovens nações em busca de um caminho próprio de desenvolvimento, sentido que só se afirmará um século depois, no pós-guerra. No século XIX, o governo francês, em busca da hegemonia no cenário ocidental, e dentro do contexto eurocêntrico, cunha um termo não para acentuar a unidade das antigas colônias da América, mas para marcar a diferença com o colonizador anglo-saxão. “Mesmo que o termo ‘América Latina’ tenha perdido suas conotações eurocênticas neonapoleônicas, adquiriu novos acentos instrumentais como designação de uma zona estratégica do mundo que inclui povos não ibéricos do Caribe”.(MORSE, 1988, p. 14)

É bem verdade que algumas décadas mais tarde jovens intelectuais, como o cubano José Martí, aproveitam a idéia deste latino-americanismo incipiente e esboçam valores que representam, mesmo que por exclusão, habilidades e vocações próprias, seguindo a trilha aberta pelo general venezuelano Simon Bolívar. Entre as semelhanças, um modelo econômico pré-capitalista voltado para a exportação de matérias-primas e uma dependência que oscila entre o Império Britânico, a Alemanha e os Estados Unidos. Ironicamente, a cultura predominante entre as elites é a francesa.

---

<sup>7</sup> BRUNNER, José Joaquín. Tradicionalismo y modernidad en la cultura latinoamericana, in Entre públicos y ciudadanos, Revista Comunicación y Cultura Política, pag 52

Richard Morse propõe o termo Ibero-América para afastar “as categorias ultrapassadas do bonapartismo, como também as prescrições geopolíticas que os governos do Primeiro e do Segundo Mundos impõem a seus respectivos quadros acadêmicos e à própria região”. O historiador destaca a dicotomia liberalismo e democracia para explicar as diferenças entre o pensamento anglo-americano e o ibero-americano. No caso, a preocupação excessiva em alcançar o progresso material teria se sobrepujado à formulação de questões teóricas.

Na Ibero-América o liberalismo e a democracia não interagiram diretamente, sendo assimilados de forma independente, e em verdade intermitente, a uma cultura política que ambos podiam afetar, mas nenhum podia suplantá-la. Se na Anglo-América a coexistência de ambos levou adiante a antiga dialética de liberdade-ordem, na Ibero-América eles foram integrados à dialética ainda mais antiga entre cálculo do poder e bem comum, entre política como arte ou ciência e o Estado como incorporativo ou tutelar. Por dois séculos o liberalismo serviu ao primeiro termo desse binômio de maneira exemplar, justificando a investidura de novas elites, legitimando fórmulas republicanas para a época moderna e propondo estratégias para integrar economias de exportação ao mercado mundial e, em seguida, internalizar o processo de ‘desenvolvimento’. (MORSE, 1988, p. 89)

Ao transpor o Oceano Atlântico rumo ao sul, as idéias do liberalismo europeu do século XIX foram apropriadas indiscriminadamente tanto por partidos conservadores quanto liberais, ambos pertencentes à elite econômica e intelectual. Morse cita a revolta dos *comuneros* em Nova Granada, em 1781, e a Conspiração dos Alfaiates (ou Conjuração Baiana), em 1798, em Salvador, como tentativas populares fracassadas de rompimento com as novas elites em gestação.<sup>8</sup>

Para Morse, as variadas roupagens que vestem a democracia na Ibero-América através dos tempos, geralmente despidas de formulações ideológicas coerentes com o movimento que despertara, dificultaram a consolidação do regime democrático no continente, ajudando o estabelecimento de Estados liberais.

A versão ibérica da democracia retira elementos da teoria regicida dos escolásticos jesuítas, do Governo dos governantes de Tomás de Aquino e da antiqüíssima tradição católica de resposta à torpeza governamental ou eclesiástica na forma de movimentos sectários pelo igualitarismo ou de tumultos populares menos

---

<sup>8</sup> A repressão da Metrópole à Conjuração Baiana, de base popular, foi muito maior do que a aplicada contra os líderes da Inconfidência Mineira.

disciplinados... O movimento de tipo sectário com seus veneráveis antecedentes medievais, tal como foi caracterizado por Weber e Troeltsch, persiste na cultura política ibero-americana de nosso tempo: sua forma mais visível são as comunidades eclesiais de base e os grupos de culto não católico, com suas dezenas de milhões de adeptos, mas também encontra expressões sociologicamente análogas, se bem que mais efêmeras e táticas, nos movimentos guerrilheiros e hodiernas invasões de terrenos urbanos. (MORSE, 1988, p. 92)

Como se vê, qualquer semelhança com os seguidores de Antônio Conselheiro, no sertão da Bahia, os revoltosos da Guerra dos Pelados, em Santa Catarina, e a maioria dos movimentos guerrilheiros dos anos 60/70, na América do Sul, certamente não será mera coincidência. Organizações originárias da Ação Popular (AP), no Brasil, e os Tupamaros, no Uruguai, ambos oriundos de camadas médias urbanas, simbolizam esta insatisfação com a fachada autoritária do Estado.

No manifesto *Nuestra América*, publicado na Revista Ilustrada de Nova York em janeiro de 1891, o jornalista, poeta e ensaísta José Julian Martí Pérez – então exilado nos Estados Unidos devido à sua participação na campanha pela independência de Cuba – exorta as populações americanas a assumirem sua identidade, desvinculada dos padrões da metrópole.

Em que pátria um homem pode ter mais orgulho do que em nossas repúblicas dolorosas de América, erguidas entre massas mudas de índios, ao ruído da luta entre o livro e o castiçal, sob os braços sangrentos de centenas de apóstolos? De fatores tão desconexos, jamais em tão curto tempo histórico se criaram nações tão adiantadas e compactas. Crê o soberbo que a terra lhe foi feita para servir de pedestal, só porque tem a pena fácil e a palavra de cor, e acusa de incapaz e irremediável a república nativa, porque suas selvas novas não lhe servem para alcançar um mundo de caciques famosos, conduzindo éguas da Pérsia e derramando champanha. A incapacidade não está no país nascente, mas sim nos que querem reger povos originais, de composição singular e violenta, com leis herdadas de quatro séculos de pátria livre nos Estados Unidos, de 19 séculos de monarquia na França (...) O bom governante na América não é o que sabe como se governa o alemão ou o francês, mas sim o que sabe quais os elementos que compõem o país e como pode conduzi-lo, parta alcançar, por métodos e instituições do próprio país, o estado ideal em que cada homem se conhece e desfruta de todas as abundâncias que a Natureza oferece aos que constroem e defendem o país com suas vidas. O governo há de nascer do país. O espírito do governo há de ser o do país. A forma de governo há de se ajustar à constituição do país. O governo não é mais do que o equilíbrio dos elementos naturais do país. Por isso o livro importado foi

vencido na América pelo homem natural. Os homens naturais venceram a falsa erudição. (MARTI, 1891) <sup>9</sup>

O texto humanista do poeta cubano, impregnado pelo pensamento rousseauiano, tem como alvo o colonizador europeu. Em outro artigo Martí manifesta certo desencanto com o incipiente *american-way-of-life*, que se ensaia em Nova York em fins do século XIX.

Falta algo para se corrigir. Nesta aldeia de imigrantes, falta o ar da pátria que serena. Nesta vasta aldeia de gente isolada e encerrada em si mesma, faltou o trato freqüente, a comunicação íntima, a prática e a fé na amizade, as raízes vitais do coração que renovam a vida. Nesta aldeia de trabalho, enorme campo de batalha para a fortuna, as almas apaixonadas de solidão morrem logo que acaba o prazer da riqueza, porque lhes parece que não há mais prazer. (MARTI, 1886) <sup>10</sup>

Cem anos depois, o grupo anti-castrista exilado em Miami escolheu o nome do poeta e herói cubano, morto em combate, para batizar a Rádio Martí, que transmite propaganda para a população da Ilha, a 90 milhas do litoral da Flórida. O governo de Havana tenta neutralizar as emissões usando misturadores de frequência, chamados *jammings*, que interferem no sinal. A Rádio Martí talvez represente um dos últimos exemplos das escaramuças remanescentes deste período que, segundo os acadêmicos, se encerrou com a queda do muro de Berlim, em 1989. <sup>11</sup>

### 1.3 Porrete, *ma non troppo*

Em meados do século XX, no limiar da Segunda Guerra Mundial, o conceito de pan-americanismo segue a mesma estratégia, mas com cores distintas. Pretende-se realçar a unidade do continente, sob a égide e proteção dos nossos “irmãos do Norte”. Em 1940, um contingente de técnicos, entre os quais muitos professores universitários, é convocado pelo Escritório Coordenador de Negócios Inter-americanos–OCIAA (Office of the Coordinator

---

<sup>9</sup> MARTÍ, José. Nuestra América. Extraído de Tres documentos de nuestra América, La Habana, Casa de Las Américas, 1979. Acesso [www.patriagrande.net/cuba/josemarti.htm](http://www.patriagrande.net/cuba/josemarti.htm)

<sup>10</sup> Ibidem, extraído do artigo *Ojeada sobre el espíritu actual norteamericano*, publicado em Nova York em 16 de janeiro de 1886. Acesso [www.geocities.com/nuestrojosemarti](http://www.geocities.com/nuestrojosemarti)

<sup>11</sup> O *jaming* se consagrou durante a Segunda Guerra Mundial, no fogo cruzado de transmissões clandestinas entre ingleses e alemães, e depois entre o bloco soviético e países da OTAN, durante a Guerra Fria.



of Inter-American Affairs) para esboçar uma orientação política que aproxime os Estados Unidos e os países da América do Sul. Reúnem então o que se poderia chamar de valores comuns às civilizações norte-americana e ibero-americana.

As dificuldades evidentes de encontrar valores e heranças comuns às duas civilizações levaram afinal o Birô a se fixar na idéia do pan-americanismo – uma realidade fundada em ideais comuns de organização republicana, na aceitação da democracia como um ideal, na defesa da liberdade e dignidade do indivíduo, na crença da solução pacífica das disputas e na adesão aos princípios de soberania nacional – e cuja manifestação concreta seriam os programas de solidariedade hemisférica. (MOURA, 1986, p. 24)<sup>12</sup>

O historiador Gerson Moura observa que a insinuante presença germânica na América do Sul, evidenciada pelo grande número de imigrantes e empresas de origem alemã, incomodava o governo dos Estados Unidos, marcado pelos 30 anos da “política do porrete grande” (*big stick*).

Desde a independência das nações latino-americanas no início do século XIX, Tio Sam firmara o pé na idéia de que as potências européias não tinham o direito de intervir ou de tentar recolonizar a América. Isso foi feito por intermédio da ‘Doutrina Monroe’, uma declaração solene de política exterior feita pelo presidente dos Estados Unidos. Embora não tivesse força suficiente para fazer valer essa doutrina naquele momento, Washington afirmava em princípio seu papel protetor em relação ao conjunto das Américas. (MORSE, 1986, p. 15-16)

A partir dos anos 20, a exigência dos governos latino-americanos de respeito ao direito à autodeterminação obrigou os Estados Unidos a substituírem gradativamente a agressiva política do “Big Stick”, desenvolvida pelo presidente Theodore Roosevelt, por demonstrações de boa vizinhança, que teve seu marco na eleição do presidente Franklin Roosevelt, em 1932. A política de boa vizinhança baseava-se no compromisso dos Estados Unidos de abandonar o intervencionismo, respeitar o princípio da igualdade jurídica entre

---

<sup>12</sup> O curioso é 40 anos depois, pro ocasião do conflito entre a Argentina e o Reino Unido, na Guerra das Malvinas, os Estados Unidos frustraram a expectativa do governo Galtieri, que esperava uma cooperação ou pelo menos A neutralidade dos EUA com base nos acordos da Organização dos Estados Americanos. Esgotadas as negociações diplomáticas, Washington apoiou a incursão militar britânica que retomou a posse do arquipélago ao sul do continente.



os países do continente e delegar aos organismos internacionais a missão de resolver os conflitos interamericanos.

Surge assim uma nova estratégia política de aproximação, em que os Estados Unidos assumem a posição de missionários preocupados com as carências sociais e econômicas dos povos vizinhos e se lançam em campanhas de solidariedade e ajuda militar, cultural e econômica. O governo de Franklin Roosevelt marca esta mudança política, apoiado numa análise de conjuntura que via as Américas Central e do Sul como parte do projeto de expansão da Alemanha nazista.

As Américas Central e do Sul constituíam um campo de colonização potencial, em virtude dos alemães que viviam nessas regiões; esses países tinham sido importantes para o rearmamento alemão, visto que forneceram às indústrias germânicas matérias-primas vitais, por intermédio do comércio compensado. Ainda mais: muitos desses países centro e sul-americanos tinham suas forças armadas instruídas por missões alemãs e eram alvo de uma propaganda sistemática que procurava criar um antagonismo entre esses países e os Estados Unidos. (MOURA, 1986, p. 19-20)

A guerra agravara a situação econômica de países sul-americanos, que viram suas exportações se reduzirem em níveis alarmantes. Os êxitos alcançados pelo 3º Reich na Europa e no norte da África afastaram tradicionais compradores e, por outro lado, interromperam o fornecimento de produtos estratégicos para os Estados Unidos. Havia, portanto, a necessidade de Washington suprir esta carência de materiais importando da América do Sul.

## 1.4 Renasce Tupac Amaru

O movimento nacionalista na América espanhola desencadeia o processo de independência na primeira metade do século XIX, com forte inspiração caudilhesca, amparada nos senhores de terra (*terratenientes*), e não previa a ruptura de laços culturais com a antiga metrópole, nem mudanças nas relações sociais internas. Negros e índios continuariam a ser usados como força de trabalho barata. Para isso, era importante desqualificar suas culturas.

No Peru de 1920 o cientista político José Carlos Mariátegui aprofunda os questionamentos apresentados por José Martí sobre a idolatria à figura do colonizador e,

com base em conceitos marxistas, analisa as instituições nacionais, lembrando que as autoridades de Lima (do quéchua Limac) não ergueram um monumento sequer aos líderes indígenas, embora proliferassem pela cidade bustos de conquistadores.

Teórica e praticamente o conservador crioulo (nacional) comporta-se como um herdeiro da colônia e como um descendente da conquista. O nacional, para todos nossos saudosistas, começa na fase colonial. O indígena é em seu sentimento, ainda que não seja na sua tese, o pré-nacional. O conservadorismo não pode conceber nem admitir apenas uma ‘peruanidade’: a formada nos moldes de Espanha e Roma. O sentimento da ‘peruanidade’ tem graves conseqüências para a teoria e a prática do próprio nacionalismo que inspira e engendra. Primeiro limita a quatro séculos a história da pátria peruana. E quatro séculos de tradição parecem muito pouca coisa a qualquer nacionalismo, mesmo o mais modesto e sonhador. Nenhum nacionalismo sólido aparece em nosso tempo como uma elaboração de apenas séculos de história. Para se respaldar numa antigüidade mais respeitável e ilustre, o nacionalismo reacionário recorre invariavelmente ao artifício de anexar não só todo o passado e toda a glória de Espanha, mas também todo o passado e a glória da latinidade. As raízes da nacionalidade resultam ser hispânicas e latinas. O Peru, como essa gente quer fazer representar, não descenderia do inca autóctone; descenderia do império estrangeiro que impôs há quatro séculos sua lei, religião e idioma.(MARIÁTEGUI, 1972, P. 73-74)

Na visão do pensador marxista, o grupo chamado de “vanguarda” defende a reconstrução peruana a partir do índio.

A nova geração reivindica nosso verdadeiro passado, nossa verdadeira história. O passadismo (saudosismo) se contenta entre nós com as lembranças frágeis e galantes do vice-reinado. O vanguardismo, por seu lado, busca para sua obra materiais mais genuinamente peruanos, remotamente antigos. E seu indigenismo não representa uma especulação literária, nem um passatempo romântico. Não é um indigenismo que, como muitos outros, se resolve e se esgota numa apologia inócua do Império inca e de sua riqueza. Os indigenistas revolucionários, no lugar de um amor platônico ao passado incaico, manifestam uma solidariedade ativa e concreta com o índio de hoje. (MARIÁTEGUI, 1972, p. 74)

Vem daí o reconhecimento da façanha de Tupac Amaru, que em 1780 liderou uma revolta em Cuzco contra a colônia espanhola e acabou esquarterado. Tupac Amaru (que empresta o nome ao movimento tupamaro, no Uruguai dos anos 60) recupera o mito de Atahualpa, segundo o qual um líder surgiria para desenterrar a cabeça do último imperador inca e fazer renascer o poderio indígena.<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> O mito de Atahualpa também foi utilizado pelo movimento Sendero Luminoso, de tendência maoísta, que se fixou nos anos 70 na cidade de Ayacucho, na região central do Peru. Seu líder é o professor de filosofia Abimael Guzman, que está preso.

Richard Morse observa que, ao associar a questão do índio ao problema da posse da terra, Mariátegui fincou as raízes de um programa político nacional, que enxergava o Peru com uma nação repleta de contradições próprias, em que os preceitos de Marx poderiam servir como matriz de análise, mas nunca como receituário político.

O mérito de Mariátegui foi ter reformulado o pensamento marxista, engajando-o de forma mais conseqüente na cultura política da Indo-América. Ele mostrou por que o liberalismo não havia conseguido renovar atitudes e instituições coloniais, e o uso de termos como ‘demoburguês’ ou ‘demoliberal’ sugere que não fazia nenhuma distinção marcada entre o liberalismo e a democracia ocidental. Com Mariátegui, a Ibero-América teve finalmente uma interpretação revolucionária ‘indo-americanizada’ do processo histórico e da construção nacional. (MORSE, 1988, p. 106)

As relações sociais e os hábitos culturais indígenas – regime da propriedade coletiva, o escambo como regime de comércio, a adoração às forças da natureza e, portanto, a prática do politeísmo – provocavam um estranhamento entre os conquistadores, marcado por traços de etnocentrismo. Ver o outro como a extensão de si mesmo, um efeito espelho do qual nem os jesuítas, cuja catequese incorporava valores da cultura dominada, conseguiram livrar-se. Até hoje, em vários países da América espanhola, chamar alguém de “índio” é ofensa grave, sinônimo de primitivismo. No Peru, “cholo” (espécie de capuz de lã grossa usada pelos índios) designa também pejorativamente a gente do interior, com ascendência indígena. O economista Alejandro Toledo recebeu esta alcunha durante a campanha presidencial.

Na Argentina, desde o século XIX políticos e intelectuais defendem a aproximação do país com os Estados Unidos e o Império britânico, repudiando suas origens latinas e indígenas. Em 1868, Domingo Faustino Sarmiento, que se tornaria presidente quatro anos depois, assume um compromisso *sui generis*, na ânsia por estimular correntes migratórias que ajudassem a desenvolver o país. “Com emigrantes da Califórnia se formará no Chaco uma colônia norte-americana; pode ser a origem de um território, e um dia de um estado ianque. Se conservarem seu tipo, cuidarei para que conservem também sua língua”.<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> Extraído do livro *Tango, uma possibilidade infinita*, de Hélio Fernandes, Rio de Janeiro, Editora Bom Texto, 2000, pág 37, baseado em *História Argentina*, de José Maria Rosa.

Propostas desta natureza revelam admiração pelo espírito empreendedor e a capacidade de mobilização ianque – “o povo norte-americano leva consigo organicamente, como uma espécie de consciência política, certos princípios constitutivos de associação<sup>15</sup>” – e, simultaneamente, um preconceito da elite portenha para com as três etnias que forjaram a nação do Rio da Prata. “Da fusão destas três famílias (espanhóis, negros e índios) resultou um todo homogêneo que se distingue por seu amor à ociosidade e incapacidade industrial... Com eles a civilização é de todo irrealizável, a barbárie é normal”, prenunciava Sarmiento.

O publicitário Hélio Fernandes, no livro *Tango, uma possibilidade infinita*, mostra que o racismo presente na frase do futuro presidente argentino expressa o pensamento de um segmento importante da sociedade de Buenos Aires.

Este sentimento discriminatório de Sarmiento não é um fato isolado; foi o pensamento das elites políticas e culturais platenses da época, o que viria a produzir profundas chagas na construção da nação Argentina, que provavelmente persistem até hoje. Lavalle, por exemplo, quando em 1840 invade a província de Buenos Aires, financiado por franceses, lança uma proclamação em que diz: ‘Derramai a torrentes o sangue inumano para que esta raça maldita de Deus e dos homens não tenha sucessão’. Neste ponto, Sarmiento, divergindo quanto à classificação do sangue, também foi contundente quanto à carnificina: recomendou a Mitre que não economizasse o sangue dos gauchos, porque isto é o único que eles têm de humano. (FERNANDES, 2000, p. 37)

O sentimento de inferioridade não é privilégio do pensamento conservador latino-americano. O protagonista de *Conversa na catedral*, do escritor peruano Mário Vargas Llosa, pergunta, na primeira página do romance, em que momento a história do Peru teria começado a dar errado? Editoralista de *La Crónica*, diário respeitado de Lima, a interrogação que o personagem Santiago faz a si próprio, enquanto caminha pelas ruas centrais da capital, ilustra a idéia que a elite peruana faz da trajetória do país.

Em que momento o Peru tinha se fodido? Os pequenos jornaleiros circulam entre os carros parados pelo sinal da Avenida Wilson anunciando os jornais da tarde e ele começa a andar, lentamente, em direção à Colmena. As mãos nos bolsos,

---

<sup>15</sup> Domingo Sarmiento, apud Richard Morse, pág 85.

cabisbaixo, vai escoltado por transeuntes que avançam, também, em direção à Praça San Martin. Zavalita era como o Peru: tinha se fodido num certo momento. Pensa: em qual? Diante do Hotel; Crillón um cachorro vem lambe-lhe os pés: tomara que não seja raivoso, fora daqui. O Peru fodido, pensa, Carlitos fodido, todos fodidos. Pensa: não há solução. (LLOSA, 1978, p. 13)

Com esta concepção derrotista tão bem relatada no romance de Vargas Llosa, é compreensível que a idéia de que a salvação virá de fora do continente predomine entre as elites, econômicas e intelectuais. É importante copiar os modelos importados e aplicá-los ao país para cumprir as etapas do desenvolvimento, como prevê a corrente evolucionista da Sociologia.

No Brasil, na década de 20, surge o movimento modernista, que constitui em síntese o reconhecimento de que a virtude está na fusão, na mistura entre os traços culturais que compõem a chamada sociedade brasileira. A antropofagia de Oswald de Andrade nada mais é do que a percepção de que o Brasil engoliu literalmente – no caso emblemático do bispo Pero Fernandes Sardinha – e continua comendo, no sentido virtual, a cultura européia.

Para o modernismo, tratava-se de deglutir e vomitar esta mesma cultura, com nova roupagem, representada na mistura de raças e culturas. Cinquenta anos depois, o tropicalismo recriava, sem lenço nem documento, um novo Brasil multifacetado culturalmente, incorporando a guitarra elétrica (tida como alienada) aos versos de protesto à influência norte-americana e aos padrões da sociedade de consumo. “*Soy loco por ti, América, soy loco por ti de amores*”.

No plano político, os anos 50 marcam a expansão de um sentimento de nacionalismo em setores intelectuais que se opõem à crescente influência norte-americana no país. No início da década seguinte, os governos Jânio Quadros e João Goulart ensaiam uma política externa independente, baseada neste sentimento. O chanceler San Tiago Dantas é um dos mentores desta política.

Podemos dizer que a posição internacional do nosso País, de que depende a nossa orientação em face das questões concretas que se nos deparam, tem evoluído constantemente pra uma atitude de independência em relação a blocos político-militares, que não pode ser confundida com outras atitudes comumente designadas como neutralismo ou terceira posição, e que não nos desvincula dos princípios democrático e cristão, nos quais foi moldada a nossa formação política. Essa posição de independência permite que procuremos, diante de cada problema ou questão internacional, a linha de conduta mais consentânea com os objetivos a que visamos

sem a prévia vinculação a blocos de nações ou compromisso de ação conjunta, ressalvados os compromissos regionais contidos na Carta da OEA e no Tratado do Rio de Janeiro, e também sem prevenção sistemática em relação a quaisquer outras, de formação política ou ideológica diferente.<sup>16</sup>

A independência na diplomacia faz parte de um projeto político que acredita estar à frente de seu tempo, num momento de transformação que ele mesmo reconhece não ser capaz de prever o desfecho.

Há países e épocas em que elites esclarecidas se avantajam, às vezes, às instituições do povo, e conseguem leva-lo a novas etapas de desenvolvimento social, que ele só mais tarde materializa. Há outros, onde o povo parece “empurrar” a sociedade, talvez sem um roteiro de marcha definido, mas com um sentido inequívoco de renovação. Creio que este é hoje o caso do Brasil, e muitas de nossas decepções e críticas são saldadas pelos testemunhos diários, que à margem de incertezas e desacertos, todos recolhemos a pujança da Nação.<sup>17</sup>

As palavras de San Tiago revelam otimismo em relação aos destinos do País, mas este sentimento não era compartilhado por todos. O debate ideológico fervilha e põe em lados opostos as duas visões da geopolítica do continente. Um dos maiores expoentes intelectuais egressos da caserna é o general Golbery do Couto e Silva, criador do Serviço Nacional de Informações e chefe da Casa Civil de três governos militares – Castelo Branco, Ernesto Geisel e Figueiredo.

Nas Forças Armadas Golbery representa a corrente que preconiza o engajamento com os Estados Unidos, para se opor à influência socialista. Em 1952, portanto em plena fase nacionalista do segundo Governo Vargas, o coronel Golbery reconhecia o *status* de “potência *circum mare*” e justificava esta aproximação como forma de viabilizar a hegemonia política do Brasil no continente.

Quando entre nossos vizinhos hispano-americanos recrudescer indisfarçável uma oposição aos Estados Unidos da América, que se mascara de Terceira Posição ou que outro rótulo tenha, aproveitando-se exatamente daquela enfocação para além-Atlântico e além-Pacífico dos interesses primaciais dos norte-americanos, o Brasil parece estar em condições superiores, pela sua economia não competitiva, pela sua

---

<sup>16</sup> San Tiago Dantas, in *Política Externa Independente*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1962, apud Octavio Ianni, *O colapso do populismo no Brasil*, p. 66.

<sup>17</sup> San Tiago Dantas, *Idéias e Rumos para a Revolução Brasileira*, Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1963 (p. 14-5), apud Octavio Ianni, *O colapso do populismo no Brasil*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, p. 104

larga e comprovada tradição de amizade e, sobretudo, pelos trunfos de que dispõe para uma barganha leal – o manganês, as areias monazíticas, a posição estratégica do Nordeste e da embocadura amazônica com seu tampão da Marajó – de negociar uma aliança bilateral mais expressiva, que não só nos assegure os recursos necessários para concorrermos substancialmente na segurança do Atlântico Sul e defendermos, se for o caso, aquelas áreas brasileiras tão expostas a ameaças extracontinentais, contra um ataque envolvente ao território norte-americano via Dacar-Brasil-Antilhas.<sup>18</sup>

Esta visão estratégica militar ajuda a explicar por que os Estados Unidos, após a Segunda Guerra, continuaram a ver a América do Sul como área vulnerável e carente de atenção. E por que, neste processo de guerra psicológica, havia que se investir na difusão da ideologia capitalista, dentro dos preceitos ditados por Washington.

O conflito entre o novo e o velho, o nacional e o cosmopolita, o moderno e a tradição culmina com o golpe militar de 1º de abril de 1964. Com o apoio da quase totalidade dos meios de comunicação e do Governo Lyndon Johnson, segmentos do empresariado e de camadas médias derrubam o presidente reformista João Goulart e impõem um regime marcado pelo autoritarismo. Para dar a aparência de movimento de massa, organizam-se manifestações de rua em defesa de bandeiras que cativam a classe média, como a preservação da família, ordem, hierarquia e da propriedade. No dia 13 de março, milhares de pessoas participam da marcha da Família, com Deus pela Liberdade nas ruas do centro do Rio de Janeiro. No dia 19 de março é a vez de São Paulo organizar “manifestação de civismo” comparada pelo editorial do *Estado de São Paulo* à revolução Constitucionalista de 32. “Como mar humano, é indescritível o espetáculo. Mas – e o seu espírito? Para defini-lo, relembremos 1932; quando causas semelhantes provocaram idênticas reações” (20/3/64). O texto da reportagem seguia a linha de dramaticidade.

A Capital paulista viveu ontem o maior dia de toda a sua história. Em formação compacta e na mais perfeita ordem, cerca de 500 mil democratas de todas as condições sociais, constituindo verdadeira torrente humana, desfilaram durante horas pelas ruas do centro, transformando a ‘Marcha da Família com Deus pela Liberdade’ na maior manifestação cívica jamais realizada nos quatrocentos e dez anos de vida da nossa metrópole. A passeata foi, antes de tudo, eminentemente cívica. Não foram vistos, no percurso da manifestação, nem tanques, nem tropas, nem metralhadoras, nem fuzis. Apenas democratas, empunhando cartazes e dísticos contendo expressões de fé na democracia e de

---

<sup>18</sup> Golbery do Couto e Silva, Aspectos Geopolíticos do Brasil, Biblioteca do Exército, 1957, págs 49-50, apud Octavio Ianni, O colaso do populismo no Brasil, p. 126-127.



repúdio aos que pretendem implantar a anarquia no País. Nenhum dos manifestantes vindos do Interior, de outros Estados ou de bairros longínquos da Capital chefiou à praça da Sé com passagem, paga por outrem. Compareceram todos por seus próprios recursos.<sup>19</sup>

Doze dias depois, os tanques e as tropas que não compareceram à manifestação marchariam em direção ao Rio de Janeiro para depor o presidente João Goulart. Otávio Ianni observa que o aumento da participação de camadas médias na vida política do País coincide com o crescimento de ofertas de trabalho no setor terciário (serviços, comércio, administração pública, civil e militar), principalmente nos grandes centros urbanos.

Esses grupos sociais tornam-se importantes nas manobras políticas realizadas por determinados setores da classe dominante. Em boa parte, essas são as massas do ademarismo, janismo e lacerdismo. Ambicionam a ascensão social a qualquer preço. O seu universo cultural e mental está impregnado dos valores e padrões da classe dominante, os quais se difundem nos programas de televisão e cinema, nas revistas e jornais. Por isso, vê nas lutas e reivindicações do proletariado um perigo para suas ambições. A massa operária atemoriza a massa da classe média. Em consequência, esta se apega mais facilmente às soluções autoritárias, que alguns setores da classe dominante lhe apresentam. Para amplos segmentos da classe média, o jogo democrático (particularmente a existência e o funcionamento do Congresso Nacional, das Assembleias Estaduais e mesmo das Câmaras Municipais) é encarado em termos dos seus custos financeiros. Ao menos, aceitam essa argumentação. Por isso, também, anseiam por esquemas ditatoriais. (IANNI, 1987, p.117)

Octavio Ianni lembra que as camadas médias revelam-se particularmente sensíveis a apelos de consumo, que se transformam no chamariz para atrair novos adeptos de hábitos de vida exportados pelo *american-way-of-life*.

É exatamente na classe média que o ‘efeito demonstração’ exerceu os seus efeitos mais profundos, enquanto mecanismo compulsivo de consumo. Esse fato pode ser comprovado pelo rápido aparecimento de dezenas de agências de propaganda, o consumo crescente de aparelhos de televisão e a difusão das vendas a crédito. Além disso, cresce a procura de escolas, particularmente as de grau médio. A escolarização, a urbanização e o crescimento do setor terciário são processos interligados, fundamentais para explicar a importância da classe média no processo político brasileiro. (IANNI, 1987, p. 117)

---

<sup>19</sup> O Estado de São Paulo, 20 de março de 1964



Classe média e militares compõem o mesmo universo, mas Ianni considera simplificação atribuir exclusivamente a esta unidade a participação constante das Forças Armadas na vida política do continente. Para ele, os poderes político e militar, embora independentes, parecem convergir-se em momentos de crise institucional, que tendem a se tornar freqüentes quão mais frágeis forem as instituições democráticas do país. “A militarização da política em geral é uma forma não democrática de exercício do poder. São o ‘artificialismo’ dos partidos políticos profissionais e dos cidadãos que favorecem a transformação das forças militares em partido político”. (IANNI, 1987, p. 120)

### 1.5 Saco de maldades

Maquiavel ensina que não há exercício bem sucedido de poder sem que o dominado reconheça a hegemonia do dominador, mesmo que implicitamente. Do contrário, este poder sofrerá uma contestação permanente, representando uma ameaça. *O Príncipe* contém em seu receituário a recomendação de que, ao se conquistar um território inimigo, todas as decisões negativas sejam adotadas de uma só vez e as coisas boas sejam ministradas paulatinamente, para perpetuar seus efeitos.

No pós-guerra, as recomendações de Maquiavel podem ser mais bem exemplificadas nos países derrotados – Alemanha e Japão – beneficiados pelo Plano Marshall e pelo projeto de “ocidentalização” do Japão imperial. Mas outra recomendação do conselheiro florentino pode ser percebida na América do Sul: a de que é importante estimular as rivalidades entre os aliados para melhor governar.

Durante a Guerra Fria, o continente é palco de uma série de escaramuças internas ou de fronteira que, longe de representar uma ameaça ao sistema, acirram velhas disputas regionais ou internas. Em alguns casos, os governos manifestavam tendência socialista, mas até mesmo no caso de Cuba a opção socialista acontece dois anos após a tomada do poder pelo grupo de Sierra Maestra. Senão vejamos:

- Jacobo Arbenz Guzman, da Guatemala (1950-1954);
- intervenção de tropas da Organização dos Estados Americanos na República Dominicana, em 1965;

- disputa pelo Canal de Beagle entre Chile e Argentina, no extremo sul do continente, nos anos 1977 e 78;
- Omar Torrijos, no Panamá;
- Jaime Roldós Aguilera (1979-1981), no Equador;
- Juan José Torres (1970-1971), na Bolívia;
- Juan Velasco Alvarado (1968-1975), no Peru;
- Salvador Allende (1970-1973), no Chile.

No caso da América Latina, programas como Aliança para o Progresso, Repórter Esso, *Revistas Seleções* e *En Guardia*, seriados americanos de TV, quadrinhos dos super-heróis compõem um mosaico que, independentemente do apoio do governo norte-americano, difundiu uma forma de pensar, ser e agir nos moldes dos nossos “amigos do Norte”.

A incorporação de *fast-foods* e enlatados aos hábitos alimentares, que dispensam o cozimento e proporcionam mais tempo livre para a dona-de-casa, a proliferação dos cursos de inglês com sotaque americano – do tipo Instituto Brasil-Estados Unidos –, bolsas de intercâmbio para estudantes – *Youth Understanding* ou *American Field* – o consumo desenfreado de eletrodomésticos (como máquinas de lavar roupa, liquidificador, enceradeira) *made in U.S.A*; todos estes programas e objetos representam ofertas de consumo que, por sua vez, significam *status* dentro da sociedade. Não é de se surpreender, portanto, que logo tenham influenciado os padrões de comportamento e a mentalidade das camadas médias latino-americanas.

A questão está, portanto, em avaliar de que maneira os meios de comunicação – em particular o rádio nos anos 50 e 60, quando a televisão no Brasil ainda não se havia tornado um fenômeno de massa – contribuíram para formar esta mentalidade impregnada de valores

difundidos pelo capitalismo e, mais precisamente, pelo imperialismo como seu desdobramento.

No Brasil, a partir da década de 30, o rádio ajudou a construir um conceito popular de nação, incorporando-se com membro do Estado ampliado. A Rádio Nacional, hegemônica nos anos 40 e 50, exerce papel fundamental neste processo, com uma programação que ajudava – pela primeira vez na história do país – a criar uma imagem (sonora) de Brasil, irradiada a partir da capital, o Rio de Janeiro. É difícil pensar a TV Globo, 25 anos depois, sem que houvesse existido a experiência da Rádio Nacional, uma empresa privada que em quatro anos conquistou a liderança de audiência e por isso foi encampada pelo governo Vargas em 1940, para atender ao plano de construção de um projeto nacional de Brasil.

Miriam Goldfeder utiliza conceitos gramscianos para analisar a programação da Rádio Nacional do Rio de Janeiro nos anos 50. Goldfeder parte do pressuposto de que o controle oficial – desde 1940 a emissora é estatal – não conseguiu neutralizar manifestações culturais que contrariavam, por vezes, os padrões da ideologia dominante.

A prática radiofônica nos anos 50 demonstrou a existência de uma permeabilidade destas manifestações culturais às resistências e aspirações do público que as consumia (...) Neste sentido, a discussão da possível existência de um espaço

intermediário entre o que denominaríamos Cultura Popular de um lado e Cultura de Massa, do outro, abre perspectivas concretas para a análise. Este lugar (...) poderia ser pensado a partir de um movimento pendular que ora se aproxima das formas mais massificadoras dos mecanismos de produção cultural, (...) ora se faria vizinho de uma manifestação autônoma e espontânea das camadas consumidoras, atendendo às suas expectativas mais autênticas. (GOLDFEDER, 1980, p. 14)

Para Miriam Godfeder, no caso da Rádio Nacional o movimento predominante é o das formas massificadoras de bens simbólicos, estabelecendo um vínculo entre o produtor

radiofônico e o ouvinte, por meio da categoria público consumidor. Ou seja, o produtor acredita estar gerando uma programação que atenda ao gosto e a necessidades psicossociais do ouvinte.

Nos anos 70, com a eletrificação rural, a televisão consolidaria este processo de construção de uma imagem de Brasil, com valores urbanos, voltada para o desenvolvimentismo. Uma imagem asséptica, em que não há lugar para conflitos, nem minorias. Esta difusão só se tornou viável com a formação das grandes redes de TV, com apenas um centro produtor: Rio de Janeiro, no caso da TV Globo, e São Paulo, nos casos da TV Bandeirantes e do SBT. Até a década de 60, a Tupi liderava a audiência, mas não possuía um projeto hegemônico. Suas 17 emissoras produziam programação local e tinham uma certa liberdade administrativa, sobretudo após a morte de Assis Chateaubriand.

O desafio desta pesquisa consiste, portanto, em estudar os efeitos dos programas de rádio em alguns países da América do Sul – Colômbia, Bolívia e Brasil – na formação de uma mentalidade identificada com o *american-way-of-life*, a idéia da competição individual, da possibilidade de ascensão social através do esforço, da necessidade de adquirir bens de consumo; hábitos que hoje acompanham não apenas as camadas médias sul-americanas, mas praticamente toda a população capaz de consumir. Os outros cidadãos continuam fora do ar.

## 2 – Deus e o Diabo nas terras ao sul

Quem tem por ofício a pregação e a conversão dos gentios há de ter livro em uma mão e a espada na outra: o livro pra os doutrinar, a espada para os defender.<sup>20</sup>

Antônio Vieira

No conturbado mundo ocidental do século XVI, em que a milenar religião católica sofria ameaças de todas as partes – internas, por parte dos dissidentes protestantes, e externas, por parte de muçulmanos e judeus – surge uma congregação inspirada em modelos hierárquicos militares, com o objetivo de expandir a doutrina cristã para novas fronteiras. De base universitária, os jesuítas logo percebem que, para alcançar tal objetivo, seria preciso conhecer e compreender as estruturas e relações sociais, os mitos e costumes das comunidades a serem evangelizadas. Tempo de desafios e das grandes descobertas. Assim foi sacramentada a missão de evangelizar os gentios da América. Era necessário adotar uma estratégia de assimilação de valores culturais que tornasse bem sucedido o trabalho de catequese.

Quatro séculos depois, num Ocidente não menos conturbado, repleto de ameaças – internas, expressas pelo nazi-fascismo, e externas, exercidas pelo socialismo soviético e o expansionismo japonês – o governo norte-americano conclui que, para neutralizar esta expansão, também era preciso realizar um trabalho de catequese política. Para isso, recorre à indústria cultural e a modernas (para a época) técnicas de comunicação, a fim de traçar uma estratégia de formação de mentalidades no chamado mundo ocidental, em que se insere a América do Sul.

---

<sup>20</sup> Antônio Vieira, Sermão da Primeira Dominga da Quaresma, 1653, São Luiz do Maranhão, apud Luiz Felipe Baeta Neves, Vieira e a imaginação social jesuítica – Maranhão e Grão-Pará no século XVII, Rio de Janeiro, Topbooks, 1997, p. 197 (id 359)

Aquele pedaço de terra selvagem ao sul da linha do Equador que, desde a Doutrina Monroe (“a América para os americanos”), era visto como um espaço de domínio dos Estados Unidos, estava sofrendo investidas da ideologia nazi-fascista, que poderiam ameaçar os interesses ingleses e norte-americanos na região. Os rebeldes, os gentios de então, precisavam ser atraídos por uma política de boa vizinhança, que valorizasse os costumes e símbolos culturais.

Neste capítulo tentaremos mostrar alguns paralelos entre o trabalho de catequese jesuítico, baseado na incorporação de valores indígenas para facilitar a assimilação da doutrina da fé, e a estratégia norte-americana de utilização da indústria cultural (cinema, desenho animado, *cartoon*, rádio) na América do Sul, durante a Segunda Guerra e no pós-guerra, para buscar uma aproximação com as populações sul-americanas. O recorte escolhido, de tempo e espaço, expressa dois momentos (a Segunda Guerra Mundial e Guerra Fria) e um lugar (América do Sul), que, apesar das diferenças históricas, aparecem como um bloco único aos olhos do neocolonizador.

Um primeiro ponto em comum nos parece evidente: a questão da oralidade, presente no relato das lendas e mitos indígenas, e na transmissão de conceitos e sonhos de consumo do rádio comercial brasileiro. O púlpito, as interpretações teatrais de Anchieta e o rádio compõem o mesmo universo pedagógico, o da palavra falada.

A outra semelhança consiste na busca da hegemonia política e econômica. No caso dos jesuítas, podemos entender como hegemonia econômica a garantia de conquistar novos fiéis para a Igreja católica e, num segundo momento, a intenção de cobrar o dízimo dos indígenas catequizados e reuni-los em missões voltadas para a produção, um modelo que mais tarde acabará incomodando a Coroa e as cortes espanhola e portuguesa.

Ambos também utilizam os conceitos de modernidade, cada um à sua época e modo, como representantes do “novo” e interessados em romper as estruturas carcomidas da sociedade dominante. No caso dos jesuítas, consideram necessário tirar os índios da barbárie e do isolamento em relação a Deus, dentro dos princípios da Nova Igreja, que renasce na Idade Moderna como reação ao crescimento da reforma protestante. Sem Deus não haveria salvação e, portanto, vida eterna. No caso dos norte-americanos, sem a indústria cultural e o capital, as populações não ingressariam no sedutor mercado de

consumo, que oferecia produtos para facilitar a vida do homem e da mulher, reservando mais espaço para o lazer, justamente onde investe a indústria cultural.

## 2.1 Os jesuítas

A Companhia de Jesus foi criada em 1540 por Inácio de Loyola e referendada pela bula papal *Regimini militantis ecclesiae*, de Paulo III (Alessandro Farnesi, 1534-1549), como linha de frente da contra-reforma ou reforma católica, como preferem alguns estudiosos. O objetivo era expandir a doutrina da Igreja para se sobrepôr ao crescimento do protestantismo.

A estrutura da ordem religiosa observava preceitos militares, com sólida hierarquia e um elevado grau de sacrifício de seus membros. Entre 1528 e 1536, inspirados por Inácio de Loyola, nove companheiros perceberam a coincidência de idéias e decidiram associar-se em Paris, naquilo que se tornaria mais tarde a Companhia de Jesus<sup>21</sup>.

Iñigo Lopez de Oñaz y Loyola nasceu em 1491 – um ano antes da descoberta da América por Cristóvão Colombo – no povoado basco de Azpeitia, a 30 quilômetros de Donostia (San Sebastian em castelhano), na província de Guipúzcoa. Seu nome basco é Eneko, trocado mais tarde para Inácio de Loyola. Mais novo de uma prole de 13 filhos, Iñigo era um soldado que se converteu ao catolicismo aos 30 anos, depois de se ferir em combate. Estudou com Martinho Lutero, mas os estudiosos jesuítas fazem questão de negar a influência protestante sobre o fundador da Companhia de Jesus. Aos 43 anos, recebe em Paris o diploma de bacharel em Artes. Morre em Roma, em 1556.

Os documentos mais importantes para compreender os preceitos jesuíticos são os Exercícios Espirituais, escritos em sua maioria por Inácio de Loyola e publicados em 1548, e a Fórmula do Instituto, de 1539, um conjunto de deliberações aprovadas em Roma que viabilizariam eclesiasticamente a função da Companhia de Jesus, no ano seguinte.

Em 25 anos, os jesuítas se espalharam pela Península Ibérica, Itália, França, Alemanha, Índias, Japão e pelo novo continente, com a missão peregrina de ampliar os

horizontes do catolicismo para recuperar as perdas decorrentes da cisão protestante. Incluíam em suas pregações prostitutas e prisioneiros, lecionaram em universidades, fundaram colégios, escreveram peças teatrais, apoiaram inquisições e envolveram-se em polêmicas com protestantes e correntes católicas que não aprovam seu espírito empreendedor, que os acusavam de demoníacos, impostores e mentirosos (O'MALLEY, 1993, p.18).

Com o apoio do papa, conquistaram poder na hierarquia da Igreja e angariaram antipatias. Tornaram-se a primeira ordem religiosa católica a se voltar para o ensino formal. A primeira experiência foi em 1543 num seminário em Goa, colônia portuguesa encravada na Índia, quando um pequeno grupo de jesuítas ensinava português e catecismo para jovens entre 10 anos e 20 anos. Como passar do tempo, chegaram a administrar 800 seminários, universidades e colégios, muitos deles nascidos em pequenas vilas, como a de São Paulo, fundada em 1554. Dedicaram-se à pesquisa científica, mantendo observatórios astronômicos.

A aventura educacional jesuíta originou-se do interesse pelo treinamento dos membros mais jovens da Companhia, cuja educação, assim esperavam os companheiros, seria pelo menos equivalente à sua própria. Estes companheiros devem ser citados entre aqueles do clero que se beneficiavam do melhor que sua época tinha para oferecer. De suas observações e de muitas outras fontes também sabemos que o treinamento do clero diocesano seguia um padrão extraordinariamente fortuito e casual através da Europa. Embora uma pequena percentagem fosse bem educada e devota, a vasta maioria era aparentemente muito mal formada, a ponto de representar um grande escândalo; alguns eram ignorantes além de qualquer descrição. Era quase inevitável que os jesuítas fossem atraídos para remediar essa situação. (O'MALLEY, 1993)

A maioria dos primeiros jesuítas provinha de segmentos abastados da sociedade européia, o que lhes garantia prestígio e respeito, uma vez que a preocupação com o outro, sobretudo com o outro diferente social e culturalmente, recuperava os princípios pregados por Jesus de Nazaré. A origem social de Inácio de Loyola e Francisco Xavier – dois jesuítas canonizados da primeira geração – e o desapego pelos bens materiais inspiravam certa admiração por parte dos reis católicos e aglutinavam novos adeptos entre nobreza. “A elite predominante defendia a ordem e a estabilidade, e os jesuítas vinham de origens sociais que

---

<sup>21</sup> Os 10 fundadores são Inácio de Loyola, Francisco Xavier, Diego Laínez, Pedro Favre, Alfonso Salmerón,



tornavam fácil a identificação com esses valores. Ademais, as Constituições ensinavam, que o maior bem era alcançado ao influenciar aqueles em posição de exercer influência sobre outros” (O’MALLEY, 1993, p. 116).

A origem social dos primeiros jesuítas, o despojamento pelos bens materiais, o perfil empreendedor e a bênção do papa compunham o quadro ideal para cativar os jovens da nobreza que combinavam vocação sacerdotal e espírito aventureiro. Outro elemento motivador era o fato de os jesuítas se haverem transformado em grandes proprietários, apesar do voto de pobreza. Os imensos terrenos, ocupados por colégios, residências, igrejas, teatros e observatórios astronômicos, davam solidez ao empreendimento religioso.

Esses meninos tinham saído freqüentemente, mas de nenhuma maneira exclusivamente, das classes média e superior da sociedade, e os colégios jesuítas, por extensão os outros ministérios também, orientavam-se naquela direção. Dessas classes sociais os jesuítas tenderiam a atrair seus próprios membros novos. Eles nunca perderam seu interesse pelos pobres e pelos “excluídos”, e muitos devotariam suas grandes energias em favor dos pobres. Entretanto, com o passar dos anos, uma assistência indireta por intermédio das Congregações Marianas e de outras confraternidades inspirou que se tornassem importantes de modo crescente. (O’MALLEY, 1993)<sup>22</sup>

Dois séculos depois, em 3 de setembro de 1759, o Marquês de Pombal – responsável por modernizar e laicizar a Coroa portuguesa – determina a expulsão dos jesuítas e o confisco das propriedades em Portugal e nas colônias, sob o pretexto de envolvimento de padres na tentativa frustrada de assassinato do rei D. José. Em consequência, mais de 300 religiosos são banidos do Brasil no ano seguinte. O objetivo é anular a influência política da congregação e impor a educação laica na metrópole. Em 21 de julho de 1773, por pressão dos reis absolutistas católicos, a Companhia de Jesus é desativada pelo papa Clemente XIV (Giovanni Vincenzo Ganganelli), por meio do breve *Dominus Ac Redemptor*, mas sua pedagogia já se havia espalhado pelo Ocidente.

Em sua estratégia para conquistar os indígenas, os jesuítas utilizam técnicas pedagógicas revolucionárias para a época, respeitando alguns valores indígenas. Para isso,

---

Simão Rodriguez, Nicolau Bobadilla, Cláudio Jay, Padchase Broët e João Codure.

<sup>22</sup> Idem, ibidem. O conceito de classe média usado por O’Malley diz respeito ao pequeno segmento presente no início da Idade Moderna, que tinha acesso às cortes.

tiveram que conhecer e estudar estas comunidades, suas crenças e mitos. Edgard Leite cita os cinco eixos em que os jesuítas buscavam apoiar a comparação entre os conceitos da religião cristã e das religiões das comunidades indígenas que habitavam o litoral da América portuguesa.

Primeiro o tema da existência e ação de entidades superiores aos homens e o papel do ser diante delas. Segundo, o tema da ação e dinâmica dos atos e movimentos transformadores e criadores no mundo natural; incluindo aqui o tema das origens e do tempo. Terceiro, o tema da natureza e estrutura do ser. Quarto, o tema da morte, ou, do ponto de vista religioso, da continuidade da vida, e o das concepções sobre a estrutura do Além e do universo. Por fim, em quinto lugar, o tema da dinâmica da inserção das concepções religiosas na organização das estruturas sociais. (LEITE, 1997, p. 27)

O quinto e último tema é o que mais nos interessa neste trabalho, porque as estruturas sociais se apóiam em representações, o que pressupõe o uso de linguagens. Daí o esforço dos jesuítas para compreender as línguas indígenas e buscar formas de comunicação e expressão que viabilizassem a catequese. A tentativa de estabelecer uma gramática tupi-guarani faz parte deste contexto. No entanto, conceitos judaico-cristãos que não faziam parte do universo indígena, como o pecado, foram simplesmente incorporados ao idioma, sem qualquer cerimônia.

Anchieta introduziu a palavra pecado no meio de um discurso em tupi, sem se preocupar em traduzi-la, como em Ojepé tiruã pecado ndaromanõ!, isto é, “nem mesmo com um só pecado eu morri”. Em outra oportunidade escreveu Tuba, Tayra, Espírito Santo; “Pai, Filho, Espírito Santo”. O mesmo que fez D’Abeville: arobiar Tupã Touve, arobiar Tupã Raerie, arobiar Tupã Espírito Santo, ou seja, “creio em Deus-Pai, creio em Deus-Filho, creio em Deus-Espírito Santo. Defendia-se Anchieta dizendo: ‘porque dos nomes da Santíssima Trindade estes dois somente (Deus-Pai e Deus-Filho) pude tomar, mas o Espírito Santo, para o qual nunca achamos vocábulo próprio ou circunlóquio bastante, ainda que não o saiba nomear, sabia-lo no entanto crer. (LEITE, 1997, p. 84)

Percebe-se na explicação de Anchieta a preocupação de incorporar conceitos exclusivos da religião cristã ao cotidiano e às crenças das comunidades indígenas, promovendo adaptações. Mas quando estas acomodações simbólicas se mostram inviáveis, pelo abismo conceitual existente entre as culturas, impõe-se um novo valor, sob o argumento de que os índios podem não conhecer, mas podem crer. O cuidado em introduzir a figura do Espírito Santo na doutrina religiosa indígena remete aos conceitos de linguagem

e de conhecimento. O novo testamento atribui à Terceira Pessoa da Santíssima Trindade a responsabilidade pela exequibilidade da pregação. De acordo com o evangelho, após a crucificação de Jesus de Nazaré, os 12 apóstolos, todos de origem humilde, recebem a visita do Espírito Santo, como se estivessem sendo ungidos pelo conhecimento, o que os tornaria habilitados ao trabalho de conversão e conseqüente expansão da Igreja recém-fundada por Pedro.

O Espírito Santo é uma virtualidade, enquanto interveniente na marcha da conversão. Sua constituição teológica é vinculada pela contingencialidade; a importância do comportamento dos cristãos cresce com o recuo dos providencialismos (45). Esta Igreja missionária aparece como uma Igreja pouco 'institucional', pouco 'monumental', sua índole temperada por uma atividade; por uma composição tecida pelos empreendimentos 'fáticos' de seus integrantes, das cenas que conseguem desempenhar; pelos atos, dir-se-ia, cotidianos, pessoais, 'conjunturais'. Neste quadro a excepcionalidade tem que se acomodar à relevância da constância e da previsibilidade. A Criação não é de permanente onipotência, sua peculiaridade é sabida, mas conhece-se agora a importância do desenrolar histórico dos seres criados. A história não está garantida pelos desígnios da Criação, pelo menos não absolutamente 'garantidas' todas as possibilidades que a vida terrena permite. (BAETA NEVES, 1997, p. 215)

Os guardiões da fé necessitam conhecer outros idiomas para efetuar a pregação e assim livrar-se da confusão da Torre de Babel. Nesse sentido, era indispensável conhecer as línguas indígenas em sua pluralidade lingüística, com troncos que iam do jê ao tupi-guarani. Mais do que isso, era essencial compreender a estrutura lógica das nomações. Muitas vezes os indígenas qualificavam tribos adversárias pelo nome genérico que indicava 'inimigo'. Assim, muitas tribos poderiam ter o mesmo nome aos olhos de uma comunidade indígena que lhes era hostil. Os jesuítas demoraram longos anos para entender esta lógica lingüística.

O desconhecimento das falas indígenas põe em risco o êxito da missão de catequese, agravado pela multiplicidade de línguas, sobretudo na região amazônica, o que chegou a ser comparado por Antônio Vieira a uma Torre de Babel. No sermão do Espírito Santo, Vieira alerta para o que considera a "dificultosíssima empresa, porque vem pregar a gentes de tantas, tão diversas e tão incógnitas línguas, que só uma coisa se sabe delas, que é não terem número (...) Na Torre de Babel, como diz São Jerônimo, houve somente 72 línguas, e as que se falam no Rio das Alamazonas são tantas e tão diversas, que se lhes não

sabe o nome nem o número. As conhecidas até o ano de 639 (no texto não aparece o milênio), no descobrimento do Rio de Quito, eram 150. Depois se descobriram muitas mais, e a menor parte do rio, de seus imensos braços, e das nações que os habitam, é o que está descoberto (Sermão do Espírito Santo, 228-229).

O jesuíta Antonio Vieira vê o mito da Torre de Babel como indicador simultâneo de pretensão humana e lugar da multiplicidade lingüística. A língua é a arma do saber, um instrumento de Deus para a conversão. A construção da torre foi interrompida pela impossibilidade de encontrar uma língua tradutora, que efetivasse as trocas, ou seja, que comunicasse e assim exercesse o poder de colocar ordem nas coisas. A Igreja na Idade Moderna pretendia ser vista como uma língua universal, capaz de estabelecer o entendimento.

Não um entendimento qualquer, uma ‘neutralidade’ em que informações se transmitissem em uma situação de perfeito equilíbrio. Mas um entendimento específico, de uma língua paradigmática a que todas as outras se traduzissem (se assemelhassem, se reduzissem). De uma língua que é a língua incrivelmente poderosa d’Aquele que criou todas as outras e que pôde confundi-las e isolá-las. A Igreja é, então, a própria possibilidade de integração (sob um Centro) de línguas e povos porque ela é a única língua universal (é a única que sabe as outras e, mesmo, das existências das outras). Ela é a condição da construção de uma nova Torre de Babel, em que os homens atinjam a Deus sob Sua Vontade. A Igreja é a Lei das línguas, e seu Código: é a única via possível para a construção de uma cultura. (BAETA NEVES, 1997, p. 219)

Se a Igreja exercia o papel aglutinador e se constituía no único canal possível que conduz ao conhecimento e, portanto, a Deus, temos aí delineada a missão dos membros da Companhia de Jesus como mensageiros, logo comunicadores, da doutrina da fé. Vieira enaltece a visão de Inácio de Loyola, atribuindo-lhe o mérito de construir uma terceira e definitiva torre.

O que fez Santo Inácio foi fundar e levantar outra terceira torre, também fornecida e armada de todas as línguas, para que, instruídos repartidamente seus filhos em todas, pudessem ensinar e converter com elas todas as mesmas nações. A primeira torre foi de Nembrot, em que se confundiram as línguas; a segunda torre foi do Espírito Santo, em que se infundiram; a terceira torre é a de Santo Inácio, em que não se confundem nem se infundem. Não se confundem, porque se aprendem distinta e ordenadamente; nem se infundem, porque não são graça gratis data, como o dom das

línguas, mas adquirida e comprada a preço de muito estudo e grande trabalho, e por isso com muitos e grandes acontecimentos. (VIEIRA)

A diferença entre a ação do Espírito Santo e a da Igreja nos tempos de Vieira é que, enquanto os apóstolos foram ungidos de conhecimento para pregar a palavra de Jesus, o conhecimento das línguas só pode ser alcançado às custas de muito sacrifício e estudo; em suma, de muita disciplina. Vale observar que, nas palavras de Vieira, ensinar e converter pertencem ao mesmo campo semântico. Não existe transmissão de conhecimento fora do cristianismo. O que pode ser interpretado como “os que não comungam da minha ideologia estão fadados à ignorância e à barbárie”. Portanto, a evangelização significa uma missão de despojamento, de tentativa de oferecer ao semelhante, ainda que bárbaro e gentio, a oportunidade de compartilhar do conhecimento, da salvação. Não se vê como um ato autoritário, mas de altruísmo.

Se saltarmos três séculos e pararmos nos anos 50 – ver capítulo 3 –, perceberemos que as emissoras católicas envolvidas em projetos de educação básica na América Latina também adotam a postura de mesclar ensino e catequese, mantendo assim os verbos ensinar e converter no mesmo campo semântico. Associam acúmulo de conhecimento prático – o saber fazer – à melhoria das condições de vida e conquista de cidadania – o saber viver. Em vez de índios, camponeses. No lugar do livro sagrado, cartilhas. Mas permanecem a aparência de oralidade, personificada nos cantadores de cordel, e o espírito da conversão, antes que os comunistas ocupem as mentes puras do homem do campo.<sup>23</sup>

## **2.2 Entre a virtude e o pecado**

O relacionamento entre jesuítas e índios na América portuguesa, a partir da segunda metade do século XVI, exigiu um esforço mútuo de compreensão, embora por vezes estes esforços descambassem para interpretações duvidosas. Narrativas repletas de preconceitos

---

<sup>23</sup> Há diferença entre a oralidade da catequese jesuíta e a aparente oralidade do rádio educativo.. Enquanto no primeiro caso a matriz consiste na narrativa oral, transmitida por gerações, o rádio constrói uma nova oralidade a partir da escrita, expressa na cartilha e nos scripts dos programas. Trata-se portanto de uma oralidade construída com base num enunciado produzido anteriormente, que obedece as regras da gramática..

como a de Pero de Magalhães Gandavo, constante em *História da Província de Santa Cruz e Tratado da Terra do Brasil*. “A língua que (os índios) usam, toda pela costa, he huma (e) carece de três letras, convem a saber, nan se acham nella F, nem L, nem R, cousa digna de espanto porque assi nam tem Fé, nem Lei, nem Rei, e desta maneira vivem desordenadamente sem terem alem disso conta, nem peso nem medido.” (extraído de O imperialismo sedutor, pág 182)

Outras vezes as narrativas sobre as qualidades do homem branco visavam angariar mais respeito e admiração do que propriamente estabelecer vínculos fraternos. Algo que a Sociologia talvez chamasse hoje de manipulação social. Edgard Leite observa que, sabedores de que os índios entendiam como atributo maior de um líder a imortalidade, os jesuítas chegaram a passar a idéia de que os reis de Portugal eram seres gigantes e dotados de poderes transformadores.

Diversos cronistas dão conta de que os índios acreditavam na imortalidade do chefe branco, o que ajudava a exaltar a figura máxima da realeza. Ainda segundo Leite, em 1653, quando descia o rio Tocantins, Antônio Vieira se surpreende com a familiaridade de uma aldeia com o nome Rei.

Quão continuamente o trazem na boca, e querendo eu saber que conceito faziam da palavra, e o que cuidavam que era Rei, responderam: jara omanó eyima, que quer dizer: senhor que não morre . Explicamos-lhes que imortal era só Deus, mas por este alto conceito que fazem estes gentios do nosso Rei, mereciam ao menos que, em prêmio da imortalidade que lhe atribuem, os defendessem eficazmente de tantas violências. (LEITE, 1997, p. 229-230)

Em *História Geral das Índias*, Gomara narra uma passagem segundo a qual, em San Juan, na Ilha Boriquem, no Caribe, os nativos chegaram a supor inicialmente que os espanhóis fossem imortais. Descartaram a hipótese depois que, pragmaticamente, decidiram afogar um europeu para testar seus pseudodotes. O mito afundou-se.

---

Mesmo a conversa do radialista com o ouvinte, no formato conhecido como charla, segue técnicas de comunicação calcadas no discurso audiovisual. Neste caso, haveria um simulacro de oralidade.

Episódios como este ajudaram a disseminar o medo entre os homens brancos recém-chegados à Terra de Santa Cruz. Um dos maiores era o de ser devorado pelos gentios. Em carta para companheiros da congregação Irmãos de Coimbra, em Portugal, em 1553, o padre Azpilcueta Navarro prometia: “Para o ano, se não nos comerem os negros (os índios), vos escreverei mais largamente de tudo, se Deus for servido.” (MELLO E SOUZA, 1986, p. 60)

Outro sentimento negativo revelado por Navarro dizia respeito ao “estado de pecado” em que os nativos viviam. “Fiquei aqui somente por falta de padres e pela necessidade que havia na terra de despertar a gente que estavam e estão no sono do pecado somente com nome de cristãos embebidos em malquerenças, metidos em demandas, envoltos em torpezas e sujidades publicamente, o que tudo me causava uma tibieza e pouca fé e esperança de poder-se fazer fruto.”(MELLO E SOUZA, 1986, p. 61)

A idéia de luxúria entre os “selvagens” está presente no imaginário europeu católico desde a Idade Média. O andar nu, o sexo praticado sem pudor fora da família monogâmica e o trabalho restrito à satisfação das necessidades imediatas são condenados pelo homem branco católico e servem de obstáculo neste lento processo de aproximação, em que o lugar do Outro está marcado pelo estranhamento. No vício da carne são sujíssimos... Alguns têm por mulheres as próprias filhas...(maridos deixando) andar as mulheres por onde e com elas querem”, lamentava o padre Jerônimo Rodrigues sobre os índios carijós. (MELLO E SOUZA, 1986, P. 61)

Também o conceito burguês de preguiça impregna a visão que o homem europeu faz do nativo. “A mais preguiçosa gente que se pode achar, porque desde pela manhã até a noite, e toda a vida, não tem ocupação alguma: tudo é buscar de comer, estarem deitados nas redes... (gente) afeminada, fora de todo o gênero de trabalho...gente indolente, que não se importa com nada, deitando o dia todo, preguiçosamente, nas suas moradias, e nunca saindo para outras regiões, exceto para procurar víveres”.<sup>24</sup>

Estas impressões ocorrem em pleno apogeu da nobreza, no século XVI, quando o trabalho é considerado tarefa reservada aos baixos escalões da sociedade. O princípio de

---

<sup>24</sup> Jerônimo Rodrigues e Knivet, apud Laura Mello e Souza. O diabo e a terra de Santa Cruz

inferioridade atribuído aos indígenas se manifesta na idéia de que eles sequer se prestam ao trabalho, logo são seres desprezíveis, logo não merecem tornar-se cristãos.

A dicotomia entre o bem e o mal aparece na reificação do conceito de demônio. Havia que demonizar o indígena, classificá-lo como um ser longe de Deus, para mostrar que o homem europeu católico, este sim, estava mais perto da salvação e da vida eterna, e também para justificar a tentativa de submeter os gentios da América. O demônio prestará assim um grande serviço aos colonizadores. Quatro séculos mais tarde, estigma semelhante recairá sobre os adeptos da doutrina socialista, vistos pelos governos dos países hegemônicos e meios de comunicação como mensageiros do demônio por assumirem abertamente a negação da fé cristã e de qualquer fé.

A historiadora Laura Mello e Souza lembra que a existência do demônio, em oposição a Deus, floresce na Baixa Idade Média, ganha força com as lutas religiosas e atinge o auge justamente no século XVI. Não nos tempos medievais, como pensam alguns. Os sermões tornam-se repletos de menções à figura do Diabo, às vezes mais até do que as referências a Deus. Instaure-se o medo para afirmar a fé. Estão postas as pré-condições para a volta dos tribunais do Santo Ofício. A professora da USP conta que o temor ao Diabo encontrou em Pindorama as condições ideais de proliferação, uma vez que os índios já manifestavam medo de espíritos em suas religiões.

Os índios apavoravam-se tanto com a idéia do Diabo que chegavam a morrer de puro medo do inferno. Ou então, como os índios de que fala a carta dos meninos do Colégio da Bahia, em 1552, ficavam cheios de medo e de espanto ante a possibilidade de morrerem os maus e irem ‘para o inferno a arder com os diabos’(in Serafim Leite). Temerosos dos maus espíritos, eles os inseriam entretanto num corpo de crenças em que tinham sentido específico, sendo possível contornar suas virtualidades negativas e conviver com elas. Os jesuítas e sua concepção européia altamente demonizada fizeram com que a idéia do mal se tornasse insuportável. Para eles, a alteridade da cultura indígena era demoníaca (...) sendo a colônia a terra em que evoluíam as hostes dos servidores de Satanás. Em consequência, sempre consideraram as religiões de indígenas e africanos como ‘aberrações satânicas. (MELLO E SOUZA, 1986, p. 140)

No México, a falta de parâmetros entre as culturas indígenas e européia também provoca estranhamento. Um bom exemplo é a forma como a figura do demônio é



assimilada. Os índios identificam os religiosos como os “tzitzimime”, criaturas que prenunciavam o apocalipse, e os evangelizadores vêem nos deuses adorados pelos indígenas a personificação do Diabo. Para a Igreja, os costumes indígenas que não tivessem analogia com o mundo cristão eram vistos como desvios de conduta, ameaça ou manifestações do demônio. (GRUZINSKI, 2003, p. 273)<sup>25</sup>

Era preciso fazer com que os índios conhecessem os conceitos e critérios que organizavam a realidade definida pela Igreja. O catecismo e a pregação foram os principais canais do apostolado dos missionários, que continuamente se chocavam com os limites da palavra. Como fazer entender e ver seres, figuras divinas e planos do além sem nenhum equivalente nas línguas indígenas ou nas representações locais, senão por aproximações que deturpavam seu sentido e sua forma? Tudo levava à confusão e ao mal-entendido. O Mictlan naua, escolhido para representar o inferno cristão, era apenas uma das moradas dos mortos, e ainda por cima gelada. O céu cristão, designado pelo termo ilhuicatl, tinha pouco em comum com o empíreo indígena e seus 13 níveis. In tloque in nahuaque – ‘o mestre do próximo e do remoto’ – que os religiosos tinham selecionado para designar Deus, qualifica originariamente Ometeotl, o Senhor da Dualidade, de que Tezcatlipoca e Quetzalcoatl eram duas das múltiplas manifestações. Tonanzin, termo escolhido para denominar a Virgem Maria, tinha outrora servido para designar uma das formas da Deusa-mãe. A imensa tarefa que os religiosos empreendiam chocava-se com obstáculos intransponíveis. (GRUZINSKI, 2003)

Na Guatemala, a religião politeísta dos maias cultuava a serpente, como forma de reconhecer o valor sagrado da terra, de onde eles retiravam o alimento. O céu não possuía o poder divino que os cristãos lhe emprestavam. Apesar dos esforços dos evangelizadores, discrepâncias como esta mostram o grau de dificuldade enfrentado para buscar adaptações eficazes, que conseguissem simultaneamente respeitar valores indígenas e introduzir conceitos da doutrina católica.

Um comportamento que dificultava sobremaneira a assimilação da mensagem cristã era a dissimulação dos indígenas. Certa vez, José de Anchieta desabafou: “O mal destes índios é que eles se convertem rápido demais”, revelando desconfiança quanto às manifestações de fé dos nativos.

Em Cuzco, no altiplano peruano, o Museu de Santa Catalina, em Cusco, abriga o acervo de uma importante escola de pintura característica dos séculos XVII e XVIII, que

---

<sup>25</sup> O livro de Serge Gruzinski trata da atuação das diversas ordens religiosas católicas no México, e não especificamente dos jesuítas.

revela a resistência cultural pacífica dos povos indígenas. Nos quadros do Barroco Cusquenho, a figura de Jesus aparece de dorso largo e pernas curtas, semelhante ao inca. Os escravos são representados amarrados pelo pescoço, como o faziam os colonizadores espanhóis.

A escravização, primeiro dos indígenas e depois dos negros, poderia gerar contradição para o cristianismo pela violência que representava contra o semelhante, numa época em que a filosofia humanista começava a ganhar força. Existiria, portanto, uma aparente contradição entre o humanismo pregado pelo Renascimento e o processo de acumulação primitiva de capital, no qual as colônias americanas desempenharam papel fundamental. Para acomodar os interesses do Estado burguês empreendedor e o espírito cristão, a Igreja irá formular a justificativa teológica para o Sistema Colonial.

O jesuíta (Vieira) comparava a África ao inferno, onde o negro era escravo de corpo e de alma, o Brasil ao purgatório, onde o negro era liberto na alma pelo batismo, e a morte à entrada no céu. O Brasil seria uma espécie de transição entre a terra da escravidão e do pecado (a África) e o céu, lugar da libertação definitiva: para o escravo, a saída para o céu era a solução, a escravidão sendo interpretada por Vieira como pedagogia.<sup>26</sup>

Vieira encontra uma explicação “natural” para justificar o predomínio do homem branco sobre o negro (BAETA NEVES). De acordo com o raciocínio desenvolvido pelo jesuíta, os brancos representariam o dia e os negros, a noite.

Apesar de dias e noites serem iguais – os primeiros brancos, as segundas, pretas – em duração temporal, o espaço de vinte e quatro horas foi, desde Deus, chamado de ‘dia’. Daí a meticulosa (...) lógica de Vieira o leva à comprovação de uma igualdade menor, dos pretos, pares da noite. Os pardos (mulatos) são, portanto, ‘expulsos’ da fraternidade humana por Vieira em nome de uma fraternidade de brancos e pretos. No sermão, a autoria da expulsão se altera e se lança mão do sentido duplo da palavra irmandade (de todos os homens, do Rosário): “Excluídos assim, porque se quiseram excluir, os pardos, ficam só os brancos e pretos, cujas cores, ainda que extremas, se poderão muito bem unir na mesma irmandade. (BAETA NEVES, 1997, p. 236)

---

<sup>26</sup> Eduardo Hoornaert, apud Laura Mello e Souza, pag 79

Ao excluir os pardos, Antônio Vieira está na verdade negando a hipótese de miscigenação, de mescla racial, que caracteriza justamente o processo de colonização do continente. De acordo com a visão do jesuíta, o mulato americano nasceria impuro, com uma espécie de pecado original suplementar; um ser que não pertence nem à noite, nem ao dia. Mas com o tempo a tolerância com a vida mundana fará dos mulatos serem invejados pelo moralismo clerical.

Laura Mello e Souza cita a explicação do jesuíta Antonil, no século XVIII, para este quadro produtivo e, ao mesmo tempo, de evidente desigualdade cristã. “O Brasil é inferno dos negros, purgatório dos brancos e paraíso dos mulatos e das mulatas”. A imagem do purgatório como lugar da expiação e do sacrifício se enquadra na visão jesuítica dos obstáculos e riscos que o trabalho de catequese impunha no novo continente. As “medidas normalizadoras” determinadas pelos representantes da Igreja acabaram por pintar um quadro animalesco e demoníaco da colônia. O aspecto demoníaco entra aqui, antropologicamente, como desconhecido e ameaçador, semelhante à apreciação destinada às bruxas na América do Norte pelos protestantes.

Em 1535, antes da chegada dos primeiros jesuítas a bordo das esquadras das expedições marítimas, D. João III recomendava na Carta de Doação a Pero Lopes que “se deveria trazer à fé católica os idólatras e infiéis da colônia a fim de se povoar e aproveitar a dita terra, punindo hereges, sodomitas, falsários com pena de morte, dando a sentença e execução ‘sem apelação, nem agravo’. Como se vê, o poder real se antecipava à Igreja – lembra Laura Mello e Souza – na missão de barrar o avanço do demônio – leia-se os selvagens e os europeus de nações inimigas – e “converter o inferno em paraíso, mesmo que terrestre.”<sup>27</sup>

Outras apreciações revelavam as diferenças entre povos e governos europeus no incipiente Estado Moderno, como as observações feitas por Knivet, cronista inglês do século XVI, sobre a rivalidade entre os colonizadores. ‘Não obstante todos estes inconvenientes tremendos (leopardos, leões, crocodilos, surucucus), preferíamos cair sob as garras de uma fera, ou de uma víbora, do que às mãos sanguinárias dos portugueses’. O

inglês dizia preferir ‘ficar a mercê dos selvagens pagãos e carnicheiros do que a mercê da crueldade sanguinária dos cristãos portugueses.’ (MELOO E SOUZA, 1986, p. 58)

### 2.3 Ritos e oralidade

A reação do indígena à crença transmitida pelos europeus estabelece o patamar das relações entre os dois grupos. O branco é visto ora como herói e detentor de uma nova civilização, ora como mensageiro de espíritos, ora como transmissor de doenças, mas o que parecia inevitável era a exposição ao contato com os Caraíbas e assim à pregação cristã.

Tudo aquilo que os cristãos diziam e faziam certamente merecia e exigia alguma consideração e resposta em suas especulações religiosas. Buscar compartilhar das fontes do poder cristão, isto é, controlá-las, passava certamente pelo ato de conviver com os europeus e apreender exatamente quais as forças que estes punham em movimento e como eventualmente manipulá-las em benefício próprio. (LEITE, 1997)

Dentro da melhor tradição antropofágica, como espécie de precursor do modernismo do século XX, o índio procurava aproveitar os ensinamentos europeus para adaptá-los à realidade de Pindorama. Numa audiência com o governador francês, o pajé Pacaman aparece montado em sua mulher e vai logo advertindo, diante da tentativa de cooptação: “Quando me ensinardes o que é Tupã, terei mais autoridade e serei mais estimado do que atualmente, e em meu país ocuparei o primeiro lugar depois de ti... se eu não me fizer lavar (batizar), muitos não o farão, e dirão: ‘esperemos que Pacaman seja Caraíba e depois nós o seremos porque tem melhor espírito e é mais esperto que nós.’”<sup>28</sup>

De fato, o batismo tornou-se um dos primeiros rituais católicos a serem incorporados, não se sabe se por conversão ou mera imitação. Ives Évreux registra uma encenação praticada por um pajé no interior do Maranhão: “enchia uma taboca de bambu de água, rosnava sobre ela palavras, ensopava um ramo de palmeira e com ela aspergia a cabeça de cada um deles, dizendo: ‘sedes limpos e puros a fim de meu espírito enviar-nos chuva em abundância’”. (LEITE, 1997, p. 233)

---

<sup>27</sup> Eduardo Hoornaert, apud Laura, pág 79

<sup>28</sup> Évreux, apud Edgard Leite, pag 232

Outras nações indígenas recusaram sistematicamente o sacramento do batismo sob o argumento de que imergir a cabeça na água retiraria a força do indivíduo e o deixaria em desvantagem para enfrentar o inimigo.

Um dos maiores obstáculos no trabalho de catequese consistia na multiplicidade de idiomas falados entre as centenas de comunidades indígenas na América do Sul. Era difícil encontrar um elo de comunicação entre nativo e europeu, sobretudo porque a conversão pressupunha o domínio de um simbolismo que, muitas vezes, a língua indígena não comportava. O tupi-guarani soava tão estranho que o jesuíta Manuel de Nóbrega chegou certa vez a comparar o som dos vocábulos ao basco e concluir que esta seria a razão do êxito do padre basco Azpilcueta Navarro no contato com os índios.

No Brasil, o tupi-guarani, falado no litoral, foi o idioma que pautou os missionários. Em terras andinas, desde o norte da Argentina ao Equador, predominava o *quéchua*. Esta constatação levou grupos de missionários a propor a adoção dos dois idiomas (guarani e *quéchua*) como os eleitos para o trabalho de catequese, pela abrangência territorial dos falantes e pela riqueza de sistematização. No litoral de Pindorama, cada missionário deveria dedicar pelo menos uma hora por dia ao aprendizado do tupi. Novamente fica clara a associação entre sacrifício e conhecimento, que norteou durante anos o ensino em colégios confessionais.

A proposta de cristianização das línguas indígenas pressupõe um mergulho no sistema de valores e crenças das comunidades. Nesse sentido, Vieira exalta a atuação de José de Anchieta, um século antes, na tentativa de sistematizar uma gramática do tupi. “Quão praticada fosse (a língua) do Brasil nesta nossa província (Maranhão) bem o testifica a primeira arte ou gramática dela, de que foi autor e inventor o grande Anchieta, e com razão se pode estimar por um de seus milagres. Bem o testificam as outras que depois saíram, mais abreviadas, e os vocabulários tão copiosos, e o catecismo tão exato em todos os mistérios da fé, e tão singular entre quantos se têm escrito nas línguas políticas, que mais parece ordenado para fazer de cristãos teólogos, que de gentios cristãos.”<sup>29</sup>

---

<sup>29</sup>Antônio Vieira, Sermão do Espírito Santo apud Luiz Felipe Baeta Neves, Vieira e a imaginação social, pag 221

Mais do que a escrita, a gramática tupi-guarani pavimenta o caminho da aparente oralidade na catequese, expressa nas representações teatrais de Anchieta. O teatro visa a costurar um vínculo entre ator e público, assim como o ritual da missa, que simboliza uma montagem teatral com textos decorados, cenografia (a cruz é o maior símbolo cenográfico) e vestuário (as vestes do celebrante), além de algum espaço para improviso, nos sermões. A pregação prova sua eficácia no discurso da oralidade, na capacidade de mirar no olho do espectador e fazê-lo compreender a mensagem. Uma espécie de catarse discursiva, que pode estar presente na religião, nas artes ou na política.

Mais recentemente, o meio radiofônico tem-se prestado a pregações religiosas, no entanto as marcas deste tipo de discurso possuem características que aqui não são analisadas, tais como a necessidade de um discurso religioso que prometa a “salvação” ainda na vida terrena, e não após a morte.

## **2.4 Simulacro de oralidade**

Paul Zumthor atribui o poder de envolver a platéia à performance da voz dos trovadores medievais.

Quando um poeta ou seu intérprete canta ou recita (seja o texto improvisado, seja memorizado) sua voz, por si só, lhe confere autoridade. O prestígio da tradição, certamente, contribui para valorizá-lo; mas o que o integra nessa tradição é a ação da voz. Se o poeta ou intérprete, ao contrário, lê num livro o que os ouvintes escutam, a autoridade provém do livro como tal, objeto visualmente percebido no centro do espetáculo performático: a escritura, com os valores que ela significa e mantém, pertence explicitamente à performance. (ZUMTHOR, 1987, p. 19)

A observação a respeito dos trovadores medievais pode ser transplantada, seis ou sete séculos depois, para o rádio. O texto lido pelo locutor noticiário tem características diferentes da fala do repórter, mesmo que nos dois casos o objetivo seja o mesmo: transmitir informação. A “autoridade” vem do intérprete que memoriza ou improvisa sua fala. Há uma identidade entre quem ouve e quem fala. Os dois sintonizam o mesmo registro. No segundo caso, quando o intérprete lê um texto, a leitura funciona como elemento de intermediação entre quem fala e quem ouve. Denuncia-se a aparente idéia de informalidade do veículo rádio. O ouvinte percebe que as condições de produção do discurso (ou talvez do enunciado) remetem a estruturas diferentes da fala. Em suma, a oralidade (ou a simulação desta oralidade) aproxima emissor e receptor, líder e liderado, pregador e fiel.

Zumthor distingue três tipos de oralidade: a primária, própria das sociedades que não têm contato com símbolos gráficos; a oralidade mista, que sofre influência apenas parcial da escrita; e a oralidade segunda, que se caracteriza pelo uso da voz com base num imaginário marcado pela escrita. Entre os séculos VI e XVI predominaram na Europa as oralidades de tipo mista ou segunda, conforme o período, a região e a classe social. Com base nas distinções apontadas pelo autor suíço, poderíamos afirmar que na América pré-colombiana a oralidade entre as comunidades indígenas seria do tipo primário. A chegada dos colonizadores europeus permitiu a introdução dos outros dois níveis de oralidade, com os jesuítas desempenhando importante papel neste aspecto.

Este mergulho na estrutura religiosa das comunidades indígenas, mesmo esbarrando às vezes em preconceitos e adaptações sem escopo na realidade cultural estudada, revela um despojamento dos jesuítas para com a figura do outro, um princípio longe de ser respeitado pelos intelectuais europeus que pretenderam analisar, 200 anos depois, a realidade política e social na África negra. Amadou Mahtar M'Bow, diretor-geral da Unesco entre 1974 e 1987, lembra que o homem branco ignorou a tradição oral dos povos africanos.

Embora a *Ilíada* e a *Odisséia* tenham sido consideradas, com razão, fontes essenciais da história da Grécia Antiga, negava-se valor à tradição oral africana, memória dos povos que fornece a trama de tantos acontecimentos que marcaram suas vidas. Para escrever a história de grande parte da África, recorria-se somente a fontes exteriores ao continente, e o resultado era uma visão não do que poderia ter sido o percurso dos povos africanos, mas do que se pensava que ele deveria ter sido. Sendo a Idade Média européia frequentemente tomada como ponto de referência, os modos de produção, as relações sociais e as instituições políticas eram analisados somente em relação ao passado europeu. (M'BOW, 1985, p. 13)

M'Bow cita como estigmas, de inspiração determinista, a negação do continente africano como entidade histórica, por parte do europeu, e a visão do deserto do Saara como obstáculo intransponível ao intercâmbio comercial e cultural e para a miscigenação entre os grupos étnicos. Estudava-se a África a partir do tráfico negreiro e sua herança colonial, mas paradoxalmente negava-se a influência dos povos africanos na América. No prefácio de *História Geral da África – a África sob dominação colonial*, M'Bow critica a postura

intelectual dos não-africanos e observa que só recentemente iniciou-se este processo de revisão histórica, com o apoio da Unesco.

Durante muito tempo, as manifestações de criatividade dos descendentes de africanos nas Américas foram isoladas por certos historiadores num agregado heteróclito de africanismos. Desnecessário dizer que tal não é a atitude dos autores desta obra. Aqui a resistência dos escravos deportados para a América, a ‘clandestinidade’ política e cultural, a participação constante e maciça dos descendentes de africanos nas primeiras lutas pela independência das Américas, assim como nos movimentos de libertação nacional, são entendidas em sua real significação: foram vigorosas afirmações de identidade que contribuíram, para forjar o conceito universal de Humanidade. (M'BOW, 1985, p. 17)

Apesar dos esforços da Unesco e de historiadores, os “bárbaros” da África ainda sofrem com o distanciamento cultural do homem ocidental. E os meios de comunicação dos países hegemônicos têm responsabilidade neste olhar exótico sobre a África, seja pela omissão de fatos e processos históricos, seja pela visão etnocêntrica que está subjacente à narrativa jornalística na maioria das matérias das agências internacionais de notícias.

Quatro séculos depois do surgimento da Companhia de Jesus e da incorporação de suas estratégias de assimilação cultural às modernas técnicas de formação de mentalidades, algumas questões permanecem sem resposta. Por que os jesuítas no Brasil, após o esfacelamento das missões no sul do País, no século XVIII, optaram por se dedicar ao ensino formal, criando colégios e universidades católicas? Teriam mudado seu público-alvo ao voltar-se para a formação intelectual de integrantes das camadas médias ou teriam mantido a missão original de evangelização? E, por último, por que, especificamente no Brasil, os sucessores de Anchieta, ao contrário de outras congregações obedientes ao Vaticano, exploraram pouco a radiodifusão para divulgar a doutrina da fé?

O ex-jesuíta Pedro Gomes, professor da Universidade Vale dos Sinos, em São Leopoldo, Rio Grande do Sul, rejeita a tese de que a opção da Companhia de Jesus pela educação foi consequência do esfacelamento das missões, no século XVIII. “Pela dinâmica interna e o ânimo de seu fundador, Santo Inácio, a Companhia de Jesus busca, em palavras da época, *a maior glória de Deus e a salvação das almas*. Para isso, utilizava (e utiliza) todos os meios lícitos possíveis para atingir seus objetivos. Desde o início, percebeu que



um dos meios possíveis era o trabalho com a educação. Por isso, quando vieram ao Brasil (ainda no tempo de Santo Inácio), uma das primeiras providências foi criar colégios. Na América Latina, os jesuítas têm universidades desde o século XVII. Quando de sua supressão, no século XVIII, possuía cerca de 800 instituições de ensino, entre universidades, colégios e seminários. Quando, no Século XIX foi restaurada (pelo papa Pio VII, em 1814), seguiu os mesmos princípios.”<sup>30</sup>

Pedro Gomes lembra a atuação de outras ordens religiosas na comunicação. “Se outras congregações, desde o início da radiodifusão, dedicaram-se ao rádio no Brasil, não havia necessidade de a Companhia envolver-se também, embora alguns jesuítas, na parte moderna da Companhia no Brasil, tenham-se dedicado à comunicação e assessoria na área. Deve-se notar, não obstante, que isso vale para a Companhia de Jesus no Brasil, porque em outros países da América Latina, a Companhia de Jesus possui emissoras de rádio. À guisa de exemplo, lembre-se a Cadeia de Rádio Fides, na Bolívia, e as rádios do Movimento Fé e Alegria, na Venezuela e na América Central”.

---

<sup>30</sup> Depoimento do professor Pedro Gomes prestado por e-mail, em novembro de 2003

### 3 – Nas ondas da fé

Só existe uma coisa pior do que uma aula aborrecida. É esta mesma aula transmitida pelo rádio”.

Mário Kaplun

Desde os anos 20, a preocupação em utilizar o rádio com finalidades educativas está presente na cabeça dos maiores incentivadores e criadores do veículo. A frase célebre de Edgar Roquette Pinto – “trabalhar pela cultura e pelo progresso dos que vivem em nossa terra” – norteia os primeiros passos da radiodifusão no Brasil, embora os poucos brasileiros com acesso ao exclusivista rádio de galena desfrutassem de outros meios para se informar e adquirir aquilo que a elite intelectual do País entendia como “cultura”.

Na América Latina do pós-guerra, os altos índices de analfabetismo, as grandes distâncias e a distribuição social e geográfica desigual levam governos e educadores laicos e religiosos a ver nas ondas sonoras uma alternativa pouco onerosa para propagar conhecimento. No Brasil as grandes campanhas de educação de adultos ganham impulso em fins da década e nos 50, com o apoio dos Estados Unidos.

Durante a Guerra Fria, cresce a influência norte-americana na reorganização da escola primária rural, através de cursos para professoras primárias, patrocinados pelo Programa Americano Brasileiro de Assistência ao Ensino Elementar (PABAE). “É muito explícita, nos programas desses cursos, a ideologia da segurança nacional, totalmente manipulada contra o ‘inimigo comunista’”. (FÁVERO, 2002, p.138)

Pretendiam os norte-americanos influenciar comportamentos e atitudes daquelas que seriam responsáveis pela formação básica das crianças e adolescentes, uma espécie de capacitação de quadros que surtiria efeito a longo prazo na consolidação de uma nova mentalidade. Estes cursos faziam parte do projeto Ponto Quatro, que abrangia a transmissão de conhecimentos na agricultura e na saúde, entre outras áreas.

No âmbito confessional, a instrução formal, materializada no ensino das primeiras letras e das quatro operações aritméticas, vem acompanhada de projetos de evangelização. Na visão destes religiosos, matavam-se dois coelhos com uma só cajadada: expandia-se a

doutrina da fé e simultaneamente barrava-se o florescimento das idéias marxistas, principalmente no campo, onde a ausência de reforma agrária semeava um sentimento de revolta contra a estrutura fundiária.

O livro *50 anos da Rádio Aparecida* evidencia esta preocupação de setores expressivos da Igreja nos anos 50.

Depois da Guerra, as urgências humanas eram visíveis em diversos níveis na Europa. Ainda assim a Igreja tinha uma grande preocupação a mais: os católicos na China, na Coréia e no Vietnã. A Igreja colocava suas forças em defesa dos cristãos e no combate ao comunismo. Foram os pesados anos da Guerra Fria quando a Igreja entrou num doloroso silêncio nos países onde os comunistas conquistaram o poder. Também no Brasil, a Igreja temia as conseqüências de um eventual governo comunista. Era preciso combater tal ideologia. O rádio vai aparecer como uma alternativa para a instrução e propaganda anticomunista. (PAIVA, 2001)

Em 1955, no auge da Guerra Fria, o frei franciscano Gil Bonfim exaltava as qualidades do rádio no combate ao comunismo, citando o trecho da carta de um missionário francês que vivera 27 anos na China.

Vejo nesta diocese, onde exerço meus ministérios, muitos sacerdotes ocupados em fazer ou reparar igrejas. Empregam somas enormes para isso. Pergunto a mim mesmo para que serve tudo isso sem a propaganda anticomunista. Apoderando-se do país, este regime condenará a Igreja ao silêncio das catacumbas. As igrejas se transformarão, como na China e alhures, em salas de cinema ou de bailes. Não digo que não seja necessário construir igrejas, mas ao mesmo tempo seria mister provocar em todo o país um movimento, a fim de se conseguir quanto antes uma grande estação de rádio católica. (BONFIM, 1955, p.415, apud PAIVA, 2001, p. 29).

A proposta adquire ainda mais força na América Latina depois da vitória da Revolução Cubana, em 1959. Do ponto de vista da estratégia de evangelização, Gilberto Paiva divide a Igreja daqueles tempos em dois pólos: “De um lado, parte da Igreja que se engaja tentando sair do esquema de anos de pastoral tradicional e, de outra parte, uma Igreja temerosa do comunismo querendo se resguardar diante de seu crescimento.” (pág 30)

Paralelamente, o êxito do projeto de alfabetização de adultos adotado em Cuba, desencadeado em 1961, alia-se às propostas de Paulo Freire, inspirando iniciativas

como o Movimento de Educação de Base e do Movimento de Cultura Popular, no Nordeste.

Pretendia-se ensinar não apenas a ler as palavras, mas a ler o mundo através das palavras, como dizia Paulo Freire. Então se A-E-I-O-U nada podia significar para um adulto que se alfabetizava, OEA, que aparecia na primeira lição da cartilha de Cuba, significa muito naquele momento, não só para os jovens e adultos desse país, mas para os jovens e adultos de todas as Américas. (Fávero, pág 231)

### 3.1 Modelos educacionais

Juan Bordenave distingue três modelos de educação: a que enfatiza os conteúdos, a que prioriza os resultados e a que valoriza o processo de aprendizagem. Cada uma destas visões exerceu alguma influência na educação radiofônica. A primeira corresponde à educação tradicional, baseada na transmissão de conhecimentos e valores do professor para o aluno, da elite para as massas. Tende, portanto, a ser vertical, autoritária e muitas vezes paternalista. O professor, aquele que sabe, ajuda a ensinar o ignorante, aquele que não sabe. (BORDENAVE, apud KAPLUN, 1978, p. 26)

O segundo tipo, o da ênfase nos resultados, é o mais presente nos manuais de Comunicação, principalmente nos produzidos durante a década de 50 na América Latina, para enfrentar o que os planejadores econômicos, no melhor estilo cepalino de Celso Furtado, consideram os grandes empecilhos para o desenvolvimento. A solução para erradicar a pobreza estava na modernização do País e no aumento da produtividade, com a incorporação de novas tecnologias. E para dominar estas técnicas, o trabalhador precisava ser educado, ou melhor, ser adestrado. Proliferam os cursos técnicos, que formam operários especializados, mas o campo continuava fora deste esforço em nome do progresso.

Assim surgiu a chamada 'engenharia do comportamento, em que o comunicador é uma espécie de arquiteto da conduta humana. Um praticamente da engenharia do comportamento, cuja função é induzir a população a adotar determinadas formas de pensar, sentir e atuar, que lhe permitem aumentar sua produção e sua produtividade e elevar seus níveis e hábitos de vida...Comunicar não é apenas o ato de emitir mensagens e sinais, nem o ato de usar meios ou canais. Comunicar é a arte de provocar significados e produzir comportamentos; é suscitar mudança no pensamento, no sentimento e na ação do ser humano, Comunicar é emitir mensagens com a intenção definida de fazer com que as pessoas se comportem de um certo modo em particular.

Ou, mais exatamente, produzir estes comportamentos mediante a emissão de mensagens.’ (BORDENAVE, apud KAPLUN, p. 28-29)

O terceiro modelo de educação se caracteriza pelo processo de transformação dos personagens envolvidos, priorizando a inter-relação dialética entre o ser humano e a realidade em que vive, do desenvolvimento da capacidade intelectual e da consciência social. É o de mais complexa aplicação, porque os resultados costumam ser difíceis de mensurar quantitativamente.<sup>31</sup>

O desenvolvimento resulta da realização integral do homem, preocupado não em TER cada vez mais, porém em SER mais. De acordo com esta concepção, mesmo o alcance das metas quantitativas pressupõe uma profunda transformação na educação, capaz de formar homens pensantes e criativos, gente que possa questionar e tomar decisões. É fácil imaginar as conseqüências que este tipo de modelo podem acarretar numa sociedade em que os meios de produção continuam nas mãos de poucos e o diploma faz parte de um universo restrito aos detentores destes meios de produção.

Se a vocação ontológica dos homens é a de ser sujeito e não objeto, só poderá desenvolver esta vocação na medida em que, refletindo sobre suas condições temporais e espaciais, se inserir criticamente nelas. Quanto mais for levado a refletir sobre sua situação, sobre o enraizamento temporal-espacial, mais emergirá dessa situação conscientemente pleno de compromisso com sua realidade, da qual, por ser sujeito, não deve ser mero espectador, mas sim deve intervir cada vez mais.<sup>32</sup>

Muitas destas premissas que mesclam educação e conscientização inspiraram mais tarde a doutrina da Teologia da Libertação, fruto dos debates do Concílio de Medellín, na Colômbia, em 1968, inspirados nas reflexões de teólogos como o padre Gustavo Gutierrez,

---

<sup>31</sup> Esta dificuldade de avaliação quantitativa costuma ser fatal para os projetos sociais apoiados por fundações estrangeiras, que precisam apresentar resultados objetivos aos agentes de fomento nos moldes do Banco Mundial (Bird) e do Banco Inter-americano de Desenvolvimento (BID)

<sup>32</sup> As palavras de Paulo Freire devem ser compreendidas no sentido amplo da educação. Mário Kaplun alerta que o método do educador brasileiro pressupõe uma relação presencial entre educador e educando, fora das possibilidades do rádio. Por isso, mesmo concordando-se com os pressupostos de Freire, há necessidade de adaptá-los aos meios de comunicação.

da Igreja secular do Peru, e o frei franciscano Leonardo Boff. A corrente apóia-se nas seguintes visões da vida social, aqui resumidas por Hernando Bernal.<sup>33</sup>

\* Deus quer o bem-estar individual e social do homem na terra. Portanto é vontade de Deus que o homem não só lute por sua salvação eterna, mas também pela melhoria de suas condições de vida;

\* Deus se manifesta e influi em todas as ações da vida diária. Quando o lavrador vai ao mercado buscar um bom preço para sua produção, cumpre a vontade de Deus. O mesmo acontece quando semeia e cultiva com técnica, quando melhora sua habitação, ou quando se reúne em grupo para discutir, atuar ou divertir-se;

\* A responsabilidade pelos atos humanos é individual; cabe a cada um fazer o possível para melhorar suas condições de vida, para a qual deve trabalhar e associar-se.

—

Os serviços de educação radiofônica nascem no pós-guerra antes da difusão dos conceitos da Teologia da Libertação, mas são justamente estes princípios doutrinários que nortearão boa parte dos projetos mantidos pela Igreja católica na América Latina até os anos 80. O concílio de Puebla, no México, em 1989, e principalmente a ascensão do cardeal polonês Karol Wojtyła, arcebispo de Cracóvia, como papa João Paulo II freiam os segmentos progressistas e causar o declínio dos projetos de alfabetização através do rádio. De qualquer forma, independentemente da interpretação ideológica, as experiências de educação radiofônica no continente constituem exemplo de construção do bem-estar social.

Muitos pesquisadores argumentam que não se pode compreender a história do rádio latino-americano sem a história das rádios católicas no continente, desde os modelos mais tradicionais e conservadores aos mais progressistas. É o que tentaremos apresentar a seguir, com as dificuldades próprias da pesquisa empírica em países do Terceiro Mundo.

---

<sup>33</sup> A interpretação livre de Bernal baseia-se em texto do padre José Ramón Sabogal, publicado no jornal O Campesino, e nos comentários de Luiz Alejandro Salas, na Rádio Sutatenza.

### 3. 2 Rádio Sutatenza

A Rádio Sutatenza constitui a experiência pioneira na radiodifusão educativa no mundo, com resultados duradouros. Criada em 1947, no interior da Colômbia, a emissora tem a dupla finalidade de educar e evangelizar a população rural, tornando-se a primeira emissora privada no planeta a assumir uma missão pública.

Com a derrocada do nazismo, após a 2ª Guerra, o mundo ocidental volta seus olhos para a “ameaça comunista”. Propaga-se a idéia de que se os governos latino-americanos ou as entidades religiosas não agissem rapidamente, a doutrina socialista poderia invadir o meio rural.

Fundada pelo pároco José Joaquín Salcedo Guarín no povoado de Sutatenza, província de Boyacá, a Rádio vai ao ar pela primeira vez em outubro de 1947. Salcedo traz um pequeno transmissor e um receptor do Seminário de Santa Rosa de Viterbo e transmite experimentalmente durante um mês, até obter a concessão do governo colombiano, na frequência de 1.560 kHz em onda média.

Em 1948, a Igreja apóia a criação da Ação Cultural Popular ((ACPO), uma fundação de direito privado, que passa a supervisionar a Sutatenza. O objetivo da ACPO é desenvolver projetos de educação de adultos, no nível básico, através de um sistema integrado de meios de comunicação, envolvendo rádio, jornal, livros e cartilhas. Membros da Igreja compõem o conselho superior.

Desde o início a emissora busca integrar-se à comunidade. Uma das primeiras audições consiste na apresentação de um grupo musical formado por camponeses. As aulas de alfabetização procuram difundir a idéia segundo a qual quem souber ler e escrever terá condições de mudar de vida, conquistar um emprego melhor, enfim, desenvolver-se como cidadão. Pequenos receptores são distribuídos com um filtro no *dial*, para obrigar os ouvintes a sintonizar somente a emissora, criando o artifício da recepção cativa.<sup>34</sup>

---

<sup>34</sup> Em 2001, durante a invasão do Afeganistão, aviões norte-americanos jogaram de pára-quedas centenas de receptores de rádio também com o filtro de audiência cativa, para estimular os afegãos a sintonizar a emissora que transmitia propaganda aliada no idioma afegão.

Nos anos 50 a Rádio Sutatenza alcança prestígio, reconhecimento e passa a receber recursos de entidades norte-americanas e européias, expandindo-se por quase toda a Colômbia, com um transmissor de 250 kw em Bogotá<sup>35</sup> e emissoras regionais nas cidades de Medellín, Cali, Barranquilla e Magangué. No interior, os transmissores variam de 10 Kw a 120 Kw de potência, abrangendo quase todo o território colombiano, à exceção da Amazônia, onde a guerrilha dá seus primeiros passos. Nos anos 60, a programação chega a 18 horas diárias (das 4h às 22h), englobando cinco áreas de atuação:

- \* produções culturais e educativos;

- \* programas musicais, explorando sobretudo canções populares e o folclore colombiano;

- \* noticiários, com três edições diárias de uma hora de duração cada, e pequenas inserções a cada meia hora;

- \* programas esportivos, principalmente nos fins-de-semana e feriados;

- \* aulas transmitidas no início da manhã e no fim da tarde. Durante a Escola Radiofônica, o locutor lia cartas enviadas por lavradores matriculados no curso.

O sistema de alfabetização é supervisionado a distância. Uma casa reúne uma turma de 20 alunos orientados por um monitor – os chamados auxiliares imediatos, geralmente de baixa instrução – que se limitam a ouvir as aulas baseadas em cartilhas. O locutor-professor tenta prever as dificuldades. As dúvidas que persistem o monitor esforça-se para resolver após a aula. Cada sala de aula improvisada, geralmente numa igreja, associação ou sede de sindicato, ganhava o nome de Escola Radiofônica. A Sutatenza chegou a ter 7.500 escolas radiofônicas.

Com o sucesso do projeto, viabilizado pelo apoio governamental e a ampliação da potência dos transmissores, cresce o número de trabalhadores rurais interessados em

---

<sup>35</sup> Hoje a emissora em onda média de maior potência no Brasil é a Rádio Record, de São Paulo, com um transmissor de 200 Kwatts



acompanhar as aulas em casa, sem o auxílio dos monitores. Se por um lado esta iniciativa espontânea fomenta o prestígio da Sutatenza, por outro compromete a natureza do projeto, que pressupõe movimentos associativos e de evangelização.

A estrutura também se sofisticava. A Rádio abre um Centro de Capacitação de Líderes Camponeses, em Boyacá, com capacidade para atender 300 alunos, e oferece um curso de quatro meses para formar jovens instrutores. Os interessados precisam provar que sabem ler e escrever, ter mais de 18 anos, arcar com os custos de transporte e assumir o compromisso de voltar a viver na comunidade de onde vieram.

Segundo Hernando Bernal<sup>36</sup>, o curso transmitia os fundamentos essenciais, como alfabetização, as quatro operações aritméticas, noções sobre saúde, higiene, puericultura e primeiros socorros, economia doméstica, técnicas agrícolas. De volta à comunidade, estes jovens ganhavam o título de “dirigentes camponeses” e recebiam a missão de repassar seus conhecimentos a familiares e vizinhos e a participar em organizações comunitárias, como cooperativas e sindicatos. É o efeito multiplicador, que os missionários tanto almejam.

O cumprimento de tarefas complexas é difícil, mas abre novas possibilidades e expectativas pessoais, razão pela qual estes dirigentes solicitaram que lhes dessem novos cursos. Montou-se um, com cinco meses de duração, em Sutatenza, com atenção especial ao conhecimento da comunidade e ao movimento radiofônico. “A formação de líderes camponeses é um mecanismo da ACPO para fomentar a capacidade dos trabalhadores no manejo de seus próprios assuntos, e para permitir a participação deles na gerência da instituição. Quanto aos meios de comunicação, houve casos de alguns ex-alunos que se tornaram gerentes das emissoras regionais de Rádio Sutatenza”. (BERNAL, 1989, p. 101-102)

A ACPO lança também o jornal semanal *El Campesino* – que chega a ter uma tiragem de 70 mil exemplares – e passa a distribuir cartilhas com ensinamentos que tratavam de alfabetização, matemática, saúde e higiene, conhecimentos agrícolas e de catequese. Para facilitar a aquisição, as cartilhas são trocadas por ovos, criando-se o *slogan* “cinco ovos por cinco cartilhas”.

---

<sup>36</sup> Artigo Rádio Educativa para el Desarrollo Rural: el precursor Rádio Sutatenza y Acción Cultural Popular, su influencia en la region, in Rádio y democracia en América Latina, Ana Rosa Tealdo (org), Lima, UNESCO/Instituto para América Latina (IPAL), 1989, p. 100

Periodicamente, um ônibus equipado com gabinete dentário visitava uma aldeia, promovia espetáculos artísticos, sessões de cinema, gravava entrevistas e depois colocava no ar estes depoimentos para toda a rede, atraindo assim novos adeptos. O jornal e a rádio chegaram a receber, em média, 400 cartas por dia, o que seve para dar uma idéia da recepção do projeto, se levarmos em conta o número elevado de analfabetos e analfabetos funcionais e as dificuldades de postagem de correspondência.<sup>37</sup>

A experiência da Sutatenza espalhou-se por diversos países da América Latina, como Honduras, Nicarágua, El Salvador, Peru (através da Rádio Onda Azul, em Puno, às margens do Lago Titicaca), Bolívia e norte da Argentina.

No entanto, um dos maiores obstáculos do modelo de Escola Radiofônica da Sutatenza não foi contornado pela equipe do padre Salcedo. O projeto não garantia um diploma reconhecido pelo Ministério da Educação da Colômbia, limitando-se a fornecer um certificado sem valor oficial. Os alunos aprendiam a ler, escrever e a fazer as quatro operações, mas isso não correspondia formalmente a uma melhoria no *status* social.

Com o passar do tempo, a escassez de financiamento – principalmente do exterior, devido ao declínio da Guerra Fria – leva a emissora a entrar em crise financeira. A tentativa de obter recursos através do aluguel dos estúdios da Sutatenza esbarra no abismo ideológico que separava Salcedo dos produtores radiofônicos identificados com a Teologia da Libertação. José Ignacio Lopez Vigil conta que certa vez, ao ouvir a gravação do programa *Jurado 13*, escrito por Mário Kaplun, o padre colombiano tachou o roteiro de panfletário e proibiu o uso dos estúdios por seus produtores.<sup>38</sup>

A Rádio Sutatenza mergulha em dívidas e acaba sendo negociada com os proprietários da Caracol (Cadena Radial de Colômbia), a maior rede de emissoras comerciais no país. A experiência da Rádio Sutatenza demonstra que é difícil garantir o êxito a longo prazo de um projeto de educação básica, gerenciado por grupos particulares, laicos ou confessionais, sem o apoio das autoridades educacionais do País. Mais do que a assimilação de conteúdos programáticos, o indivíduo luta pelo reconhecimento de sua

---

<sup>37</sup> A idéia de pôr no ar depoimentos de gente da comunidade antecipa o conceito de interatividade que só surgiria 30 anos depois nos meios de comunicação comerciais.

cidadania, que pode levá-lo a sonhar com a ascensão social. E na sociedade moderna o direito à cidadania está vinculado aos aparelhos ideológicos do Estado.

Apesar de todos os problemas, a Sutatenza mostrou ao clero brasileiro que o rádio, por seu baixo custo e amplo poder de alcance, poderia cumprir um papel importante no campo da educação popular. “Foi um grito de alarme para que a Igreja entrasse na radiodifusão. E a entrada da Igreja nesta área marcou (...) uma nova fase na história da radiodifusão educativa em nosso país”. (Bahia Horta, pág 101, apud Fávero, pág 153)

### 3.3 Rádio Rural

No Brasil, a primeira emissora educativa entra no ar em 15 de agosto de 1958, em Natal, inspirada no modelo Sutatenza de escolas radiofônicas, para atender adultos e jovens. Com autorização especial do presidente da República, Juscelino Kubitschek, a emissora de Educação Rural integra-se ao Sistema de Assistência Rural (SAR) da Diocese de Natal, liderado pelo bispo auxiliar D. Eugênio Salles, num projeto de aproximação entre a Igreja católica e as comunidades periféricas que ficou conhecido como Movimento de Natal.

O Rio Grande do Norte vive um momento de intensa mobilização política e sindical, na cidade e no campo, com o envolvimento de partidos políticos, da Igreja, Juventude Agrária Católica (JAC), Federação dos Trabalhadores Rurais do Rio Grande do Norte, Federação dos Pequenos Proprietários de Terras, Ligas Camponesas, Juventude Universitária Católica (JUC) e a União Nacional dos Estudantes, através do Movimento de Cultura Popular. (GÓES, 1980)

Surgem projetos de alfabetização rural, debates sobre direitos dos trabalhadores e campanhas de reforma agrária. A educação popular é uma bandeira empunhada pelas mais variadas tendências ideológicas. Implantam-se programas de educação básica como “De Pés no Chão Também se Aprende a Ler”, patrocinada pela Secretaria de Educação da

---

<sup>38</sup> *Jurado 13* tornou-se um sucesso de audiência em vários países da América do Sul ao explorar o debate de temas de natureza social. O ouvinte era convidado a se manifestar como 13º jurado na discussão sobre assuntos como miséria, fome, analfabetismo.

Prefeitura de Natal na gestão socialista de Djalma Maranhão (1960-1964)<sup>39</sup>, o projeto do governador Aluísio Alves (UDN) no município de Angicos, coordenado por um jovem educador pernambucano chamado Paulo Freire, e as escolas radiofônicas da Diocese de Natal, que têm dois momentos. Começam priorizando a educação instrucional e, após a criação do Movimento de Educação de Base, assumem um viés politizado.

Força social tradicionalmente conservadora, os católicos compareciam diluídos nas diversas agremiações que constituíam os instrumentos de dominação política das classes dominantes (...) O deslocamento político de parte dos católicos organizados e da própria instituição (hierarquia) se deu inicialmente através da Ação Católica Brasileira (ACB) e se exprimiu, em um segundo momento, através de uma força política própria, o movimento de Ação Popular(...). A AP se integra com um dos protagonistas das lutas populares que se desenvolviam no país (SOUZA LIMA, apud GÓES, pags 38-39) <sup>40</sup>

Um transmissor de 1 kwatt, da Philips do Brasil, garante o alcance da Rádio Rural a 20 municípios, num raio de 150 quilômetros em torno da capital potiguar. Com o apoio de entidades católicas alemãs e da Universidade de Leuven, na Bélgica, a diocese compra 400 aparelhos de recepção cativa produzidos pela subsidiária holandesa e os distribui em centros sociais, escolas e capelas espalhados por cidades e vilarejos do Rio Grande do Norte. Nos vilarejos em que não havia luz elétrica, os aparelhos de rádio eram movidos a bateria.

As aulas eram dadas no fim da tarde (entre 18h e 19) e os monitores, recrutados na comunidade a partir de critérios que levavam em conta o espírito de liderança e a vocação pedagógica, recebiam treinamento no Centro de Formação de Lideranças de Ponta Negra, em Natal. <sup>41</sup>

O economista Otomar Lopes Cardoso, primeiro diretor-superintendente da Rádio Rural, lembra que a emissora chegou a ter 25 funcionários, entre locutores, programadores

---

<sup>39</sup> “De Pés no Chão também se aprende a ler” foi um projeto de alfabetização, de baixo custo, criado pelo secretário municipal de Educação, Moacyr de Góes, e interrompido após o golpe militar de abril de 1964.

<sup>40</sup> Luiz Gonzaga de Souza Lima, *Evolução política, dos católicos e da Igreja no Brasil. Hipótese para uma interpretação*, Petrópolis, Vozes, 1979, in *De pés no chão também se aprende a ler, uma escola democrática*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980

<sup>41</sup> O horário das aulas radiofônicas, durante pelo menos metade do ano, coincide com o pôr do sol. Sem os raios solares, a transmissão alcança áreas mais distantes, sobretudo na região próxima a Natal, que fica à beira-mar. Depois das 20h, haveria o inconveniente de o homem do campo dormir cedo, principalmente numa época em que várias localidades ainda não possuíam luz elétrica.

e técnicos. Durante o dia, a emissora mantinha uma programação voltada para jornalismo e entretenimento, veiculando comerciais nos intervalos, o que viabilizava os custos dos projetos educativos.

A rádio enfatizava o jornalismo, com noticiários de hora em hora, o que representou uma inovação no rádio em Natal. Outro aspecto importante é que a entrada no ar da Rádio Rural, sob o controle da diocese, rompia o hábito vigente de conceder frequências apenas a políticos locais.<sup>42</sup> “Os políticos locais começaram a nos procurar porque queriam falar na rádio”, conta Otomar.<sup>43</sup>

A direção da emissora ficava a cargo do bispo Eugênio Salles, que supervisionava a programação e o conteúdo das aulas da escola radiofônica. Ao microfone sua participação limitava-se à celebração da missa, aos domingos pela manhã.

Em 1963, o governo federal concedeu mais duas frequências à Igreja católica no Rio Grande do Norte, para expandir o projeto de escolas radiofônicas: a de Mossoró (990 kh), inaugurada em abril, e a de Caicó (840kh), que foi ao ar pela primeira vez a 1º de maio. Os dois transmissores, de 1 kwatt, foram adquiridos com recursos da Alemanha Ocidental.

As emissoras de Educação Rural no interior também transmitiam aulas no fim da tarde, mas com produção e conteúdo próprios a cargo do Movimento de Educação de Base. As primeiras aulas começaram três meses depois com aparelhos receptores que vieram emprestados de Natal.<sup>44</sup> Como se tratava de audiência cativa e as emissoras transmitiam em frequências diferentes, ele pessoalmente teve que alterar a posição do filtro para que os alunos sintonizassem a emissora da região.

A atuação do Movimento de Educação de Base, subordinado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), marcou o desempenho das escolas radiofônicas em quase todos os estados do Nordeste (Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Alagoas e Sergipe). Criado em 1961 e com forte orientação marxista, o MEB desenvolveu uma doutrina que ligava a educação ao trabalho de conscientização política, sob o

---

<sup>42</sup> Hábito este que, diga-se de passagem, continua atual, mais de 40 anos depois.

<sup>43</sup> Entrevista com Otomar Lopes Cardoso, hoje presidente da Associação de Cidadãos Potiguares no Rio de Janeiro.

<sup>44</sup> Entrevista com Moacir Maurício Dantas, 62 anos, técnico de manutenção desde a criação da Rádio Rural em Caicó.

argumento de que a verdadeira educação deveria voltar-se para a liberdade e esta liberdade só poderia existir com o pleno exercício de direitos de cidadão.<sup>45</sup>

Osmar Fávero, um dos organizadores do MEB no Nordeste, diz que uma das iniciativas do movimento foi substituir as cartilhas de alfabetização que estavam desvinculadas da realidade do trabalhador rural e das periferias das capitais.

O material didático constitui uma referência especial. Se as equipes locais progressivamente aprofundavam, selecionavam melhor e procuravam globalizar os conteúdos, assim como exploravam mais os recursos de dramatização, dos diálogos e mesmo da narração, a cartilha e os livros de leitura disponíveis bloqueavam essas iniciativas...Para as aulas, eram utilizados os folhetos Ler e Saber, respectivamente primeiro e segundo guias de leitura, e o Caderno de Aritmética, pouco mais do que uma tabuada, preparados pelo Serviço Nacional de Educação de Adultos do MEC para a Campanha Nacional de Educação de Adultos, ainda nos anos 1950...Era evidente a inadequação desses textos à realidade dos alunos e aos objetivos do MEB. Além dos problemas de método, que se diziam bastante sérios no caso da Radiocartilha, davam eles aos adolescentes e adulto o mesmo tratamento dado às crianças, quase sempre projetando valores e imagens da vida urbana. (FÁVERO, págs 229-230)

O maior obstáculo ao projeto político do MEB concentrava-se na Rádio Rural de Natal, onde a orientação do bispo Eugênio Salles tentava neutralizar a politização da escola radiofônica. O livro *Homenagem ao Pastor*, do monsenhor Raimundo Menezes Brasil – dedicado integralmente ao cardeal Eugênio Salles – confirma a participação de educadores marxistas na elaboração do conteúdo das aulas, mas rechaça a influência de grupos comunistas.

A equipe coordenadora do MEB de Natal sofreu influência ideológica de elementos (geralmente militantes ou ex-militantes católicos de posição mais extremada, mas não comunista) filiados à Ação Popular (AP), ou ao “Grupão” da JUC (Juventude Universitária Católica) ou mesmo pertencente à equipe nacional do MEB. (MENEZES BRASIL)

---

<sup>45</sup> O exercício da cidadania se vincula ao direito de voto, o que era vedado aos analfabetos até meados da década de 80. O voto do analfabeto só foi aprovado no Brasil em 1985, após o regime militar.

Um dos exemplos de politização é a cartilha *Viver é lutar – livro de leitura para adultos*, que ensinava gramática a partir de conceitos do cotidiano do trabalhador rural. Vejamos três exemplos de lição:

#### Primeira lição

Eu vivo e luto.  
Pedro vive e luta.  
O povo vive e luta.  
Eu, Pedro e o povo vivemos.  
Eu, Pedro e o povo lutamos.  
Lutamos para viver.  
Viver é lutar.

Ao lado, a foto de um trabalhador rural. Embaixo, em letras maiúsculas, repete-se a última frase: VIVER É LUTAR

Os exercícios na página seguinte pediam

- 1º) Risque as vogais da frase “Eu, Pedro e o povo lutamos;
- 2º) Complete as letras que faltam na seguinte frase: “O P VO IVE E LU A”;
- 3º) Risque as consoantes encontradas na 6ª frase da lição.

#### Segunda lição

Eu vivo com a família.  
Pedro também vive com a família dele.  
Todos vivem com a família?  
Onde moramos vivem muitas famílias.  
Eu, Pedro e todas as pessoas somos o povo.  
O povo de um lugar forma uma comunidade?  
A família vive com a comunidade?  
O POVO DE UM LUGAR FORMA UMA COMUNIDADE?

#### Quarta lição

Pedro trabalha.  
Sua mulher também trabalha.  
Eles trabalham para sustentar a família.  
Mas a família de Pedro passa fome.  
O povo trabalha e vive com a fome.  
É justo a família de Pedro passar fome?  
É justo o povo viver com fome?

É JUSTO O POVO VIVER COM FOME?

### Noções gramaticais

Quando escrevemos as palavras TAMBÉM – VOCÊ – FAMÍLIA, usamos acentos. Eles podem ser agudos e circunflexos.

Os acentos marcam as sílabas mais fortes das palavras.

O acento circunflexo, algumas vezes, serve para fechar o som das vogais.

Quando o acento agudo vem sobre as vogais A, E e O, elas terão o som aberto  
Exemplos; lá – pó – café.

### Exercícios:

1º) Ponha o acento agudo nas palavras

acola , cipo , Pele, xicara , saude

2º) Nestas outras, ponha o acento circunflexo:camara, mes

3º) Forme uma frase com as palavras você e José.

A cartilha foi aplicada regularmente nas aulas da Rádio Rural de Mossoró, Caicó e de emissoras de outros estados nordestinos, menos na emissora de Natal. Impressa na gráfica Vitória, no Rio de Janeiro, chegou a ter uma edição apreendida pela Polícia, a mando do governador do Estado da Guanabara, Carlos Lacerda, que tachou o texto de propaganda comunista.

A efervescência política, característica dos anos 60, serve como pano de fundo dos projetos de educação radiofônica em todo o continente, mobilizando vultosos recursos financeiros e grandes contingentes de jovens educadores. As diversas instituições, correntes políticas e países envolvidos participaram de uma verdadeira batalha por corações e mentes. De um lado havia os que acreditavam tomar parte numa nova cruzada; não mais contra os mouros, mas contra o “perigo vermelho”. Do outro lado, imbuídos do espírito de que educação e liberdade são irmãs siamesas da consciência social, jovens educadores confiavam em que a elevação do nível de instrução das populações de baixa renda, dentro das propostas de desenvolvimento social originárias do pós-guerra, era condição essencial para a transformação social.



### 3.4 Rádio Pio XII

Enquanto as emissoras comunistas transmitiam todas as arengas revolucionárias, a Rádio Pio XII transmitia, inocentemente, os lançamentos musicais, programas humorísticos, novelas.<sup>46</sup>

Os anos 50 marcam um momento de ebulição política na Bolívia. A Revolução de 1952 nacionaliza a exploração do minério, institui a reforma agrária e desperta os trabalhadores das minas de estanho para a necessidade de ganhar voz própria. Os sindicatos, de forte inspiração marxista, reclamam a concessão de frequências de rádio. Em resposta, o governo do Movimento Nacionalista Revolucionário autoriza o funcionamento da Voz de los Mineros, no acampamento Siglo XX, em Potosi, e da Rádio 21 de Diciembre, em Catavi. Em apenas quatro anos chega a 19 o número de pequenas emissoras (de 200 a 300 watts) nas mãos dos sindicatos e associações, quase todas mantidas com o desconto de um dia de salário dos operários sindicalizados. A Bolívia foi o primeiro país sul-americano a conceder frequências de rádio a sindicatos operários.<sup>47</sup>

É neste cenário que, em 1959, um grupo de missionários oblatos da ordem de Maria Imaculada, do Canadá, decide instalar a Rádio Pio XII num edifício ao lado do conturbado acampamento Siglo XX, que concentra os trabalhadores das minas de Simon Patiño, em Potosi. Com 2 kwatts de potência, suficiente para cobrir os distritos mineiros da região, a emissora chega com infra-estrutura e produção de nível profissional. Monta estúdios modernos, compra equipamentos sofisticados e contrata os melhores roteiristas, produtores e locutores. Quem não é da região recebe a oferta de morar no próprio prédio da emissora.

Sob o pretexto de que era preciso “erradicar a silicose, o alcoolismo e o comunismo”, a Pio XII mesclava uma proposta contra-insurgente e uma propaganda de nível profissional, com fartos recursos econômicos. Começaram a transmitir futebol com unidades móveis, promovem concursos, tocam canções populares e produzem programas

---

<sup>46</sup> Carta de padres oblatos a seus superiores (1960), apud José Ignacio Lopez Vigil, in Rádio Pio XII, págs 46-47

<sup>47</sup> Nos anos 70/80, sempre que havia ameaça de golpe militar, as 26 emissoras sindicais formavam uma cadeia em ondas curtas, com o nome de Grande Cadeia Mineira da Solidariedade.

em espanhol e quéchua, um dos principais idiomas indígenas na Bolívia, junto com o aimara.

O jornalista boliviano Jorge Mansilla Romero lembra que a Pio XII conseguia conjugar “uma linha tremendamente anticomunista no aspecto político-ideológico, com uma organização invejável e uma disciplina no aspecto de programação, educação e formação ideológica do locutor (...) Extraordinária musicalmente e seus radioteatros; terrível e perigosa em seus informativos. Era uma denúncia permanente contra o castro-comunismo e contra este ‘barbudo da ilha’. Era clara a atenção dos Estados Unidos para com esta emissora porque as notícias eram selecionadas para manifestar sua oposição à Revolução Cubana...”<sup>48</sup>

Lopez Vigil compara o prédio da Pio XII a um monastério radiofônico. “Era um conflito radiofônico e ideológico que se dava também por agressões e insultos. Alguns mineiros mais exaltados chegavam a atirar bananas de dinamite no edifício. Uma vez o diretor da Pio XII atropelou um vira-lata e o editorial da Voz dos Mineiros no dia seguinte atacava: ‘caminhonete burguesa assassina cachorro proletário’. Os mineiros fizeram um boneco parecido com o diretor e o queimaram em praça pública”, conta Lopez Vigil.

A batalha hertziana colocava os mineiros e a Igreja em lados opostos. Num canto do *dial*, uma voz panfletária, dura, beligerante, que cansava o ouvinte com longos discursos políticos, embora do interesse do ouvinte mantenedor. Do outro lado, uma rádio alegre, com produtores criativos que falavam para a mulher e para o trabalhador nos momentos de folga. Com o tempo os próprios sindicalistas passaram a ouvir a emissora dos missionários. Numa carta aos superiores no Canadá, um missionário se orgulha dos resultados, em fins de 1960:

Temos aqui um exemplo da influência que a rádio pode exercer...(a propósito da realização de uma convenção sindical que, segundo os oblatos, tinha influência comunista). Evidentemente, nossa rádio não iria enfrentar os poderosos ditadores desta assembléia. Fizemos algo melhor: enquanto as emissoras comunistas transmitiam todas as arengas revolucionárias, a Rádio PioXII transmitia, inocentemente, os lançamentos musicais, programas humorísticos, novelas (...) Desta maneira, com meios tão pacíficos como estes, conseguimos fazer fracassar a famosa conferência intersindical de

---

<sup>48</sup> Depoimento de Jorge Mansilla Romero a, Hector Schmucler e Orlando Encinas, autores do artigo *Lãs rádios mineras em Bolívia*, in *Comunicación y Cultura*, nº 8, México, 1982, apud *Las Radios de los Mineros Bolivianos*, de Teresa Flores Bedregal, in *Rádio y democracia en América Latina* (pág 43)

novembro de 1960. E pudemos boicotar também a visita dos russos ao (acampamento) Siglo XX.

A Voz dos Mineiros não se dava por vencida e emitia chamados constantes aos ouvintes. Num deles, o dirigente Frederico Escobar alertava:

“Camaradas operários. Se há um Deus que considera os homens terá que compreender que a maioria se compõe de homens pobres. Lamentavelmente, nos querem fazer entender as coisas de forma diferente. Porque os sentimentos religiosos existem para pedir à Virgem de Copacabana que desapareça com a miséria. Eu estou seguro de que Karl Marx, lá no céu ao lado de Nosso Senhor Jesus Cristo, tem mais influência com ele do que os mercenários que tomaram conta da Igreja (...) Não somos inimigos da religião (...) Por que haveríamos de sê-lo? Mas a religião se tem prestado a dividir nosso povo. Uns dizem que os padres fazem falta para nos ensinar a rezar. Já rezamos muito. E os pobres, quanto mais rezam, mais pobres ficam”.<sup>49</sup>

Para Lopez Vigil, a batalha radiofônica na Bolívia não se deu entre a Voz da América e as emissoras locais, mas entre as rádios dos sindicatos e os canais educativos mantidos pela Igreja católica. “Radiofonicamente esta batalha foi vencida pela Rádio Pio XII, mas politicamente quem venceu foram os mineiros, porque depois do primeiro diretor, que era muito intolerante, vieram novos diretores, mais progressistas, que se revelaram sensíveis à luta dos mineiros”.

Pouco a pouco eles abrem as portas do monastério aos trabalhadores, adotam um projeto de alfabetização semelhante ao da Sutatenza e convertem a rádio numa aliada do movimento mineiro. Identificados com a Teologia da Libertação e as idéias de Paulo Freire, os padres transformam a emissora num canal aberto às reivindicações dos mineiros. Em 1984, por ocasião de seu jubileu de prata, a Pio XII recebeu a máxima condecoração do Sindicato dos Mineiros por serviços prestados à comunidade de Potosi. Hoje o diretor da rádio é um missionário oblato que trabalhou nas minas.

### **3.5 Ruídos e harmonias**

Bem sucedidos, fracassados ou interrompidos no meio do caminho, poucos projetos de educação radiofônica dos anos 50/60 revelam um conhecimento sobre as qualidades e

limitações do veículo. Muitos acreditavam que o rádio poderia atuar como simples amplificador de conteúdos e conceitos transmitidos numa sala de aula, sem qualquer adaptação. Vem daí a ironia da frase que serve de epígrafe a este capítulo. “Só existe uma coisa pior do que uma aula aborrecida. Esta mesma aula transmitida pelo rádio”.

O uruguaio Mário Kaplun é um dos primeiros estudiosos na América Latina a pensar o espaço radiofônico educativo como algo singular, estabelecendo a natureza e as vocações do veículo. Ele critica os educadores provenientes da escola convencional que se lançam na empreitada sem antes refletir sobre as características e limitações do meio. Kaplun defende a necessidade de buscar uma harmonia entre rádio e educação, para alcançar eficácia na transmissão da mensagem, ou do conhecimento.

O rádio entusiasma. As possibilidades quantitativas que oferece de poder chegar a milhares de pessoas de uma só vez e penetrar na intimidade dos lares fazem com que alguns, sem dúvida bem intencionados, busquem um microfone para alcançar o público e comunicar o que ele considera importante e útil. O rádio é visto como um veículo para difundir uma mensagem (educativa, política, científica, religiosa, etc); um veículo dócil e submisso, que se limita a espargir a voz a distância e disseminar a informação. Para o educador, uma grande aula; para o padre, um imenso templo, para o político, uma enorme praça pública. Em todos os casos, o que importa é o que se quer comunicar. O meio é considerado apenas isso – um canal transmissor. (KAPLUN, 1978, pág 47)<sup>50</sup>

Kaplun alerta, porém, que o rádio é muito mais do que um mero transmissor de mensagens. “O rádio não é um veículo, mas sim um grande instrumento potencial de educação e cultura popular, mas que, como todo instrumento, exige ser conhecido, manejado, adaptado a suas limitações e possibilidades. Saber usar o rádio é uma técnica e uma arte”.

---

<sup>49</sup> Comentário do dirigente sindical Frederico Escobar, apud Rádio Pio XII, de J. I. Lopez Vigil, pag 57-58

<sup>50</sup> KAPLUN, Mário. Producción de Programas de ón de Programas de Rádio – el guión, la realización, Quito, CIESPAL, 1978.

## 4 – A ética na guerra

Temos uma grande dívida para com Maquiavel e alguns outros, que descreveram o que os homens fazem, e não o que deveriam fazer, pois não é possível unir a duplicidade da serpente à inocência da pomba, quando não se conhecem exatamente todos os recursos da serpente: sua baixaza rasteira, sua flexibilidade pérfida, o ódio que afia o seu dardo.

Francis Bacon

Desde a consolidação do absolutismo, a partir do século XV, as guerras se caracterizam por conflitos entre Estados-nações. Nas últimas décadas o mundo assistiu ao crescimento de uma modalidade de conflito armado, configurado nas escaramuças de guerrilha ou nos atentados de grupos políticos e/ou religiosos, que receberam a classificação de “terrorismo” por parte dos governos ocidentais. Este comportamento, tachado de “aético”, traz um componente adicional na discussão sobre a ética na guerra.

Até que ponto atos violentos contra populações civis, sem que visem a alvos militares, podem ser entendidos como ações de guerra? Embargos comerciais, incluindo vendas de alimentos e medicamentos, devem ser aceitos como práticas de retaliação? Sedes de grandes corporações internacionais e ícones do capital financeiro podem sofrer atentados ou sabotagens? E, por último, até que ponto o tratamento jornalístico dispensado aos atos de guerra ajudam a justificar ou denunciar, de acordo com a narrativa, os abusos?

Este capítulo levanta questões relativas às limitações impostas pela guerra no debate filosófico sobre a ética e o comportamento dos meios de comunicação na cobertura de guerras que marcaram a História do Ocidente nos últimos 150 anos. Mas antes é importante caracterizar a formação do Estado burguês.

De acordo com Thomas Hobbes (1588-1679), a concepção do Estado, nos moldes burgueses, parte do princípio de que o homem necessita de uma instância superior que lhe imponha limites. Na visão absolutista de Hobbes, por sua natureza o ser humano não consegue viver em sociedade sem respeitar regras comuns de convivência.

O Estado seria esta instância, naturalmente coercitiva, de *modus vivendi*. O direito natural representaria a liberdade de cada um exercer seu próprio poder como quiser, realizando tudo o que entenda ser indicado para a preservação de sua vida. A liberdade é aqui entendida como a inexistência de proibições externas.

Um dos fundadores do empirismo inglês e secretário de Francis Bacon durante cinco anos (de 1621 a 1626), Hobbes cita três causas para a discórdia: a competição, a desconfiança e a glória. A competição conduziria os homens a agredir seus semelhantes visando ao lucro – “usam a violência para se tornarem senhores das pessoas, mulheres, filhos e rebanhos dos outros homens” –; a desconfiança estaria associada à segurança, daí o uso da violência como recurso de defesa. A terceira causa de discórdia, a glória, estaria vinculada à reputação. Neste caso os homens recorreriam à violência “por ninharias, como uma palavra, um sorriso, uma diferença de opinião, e qualquer outro sinal de desprezo, quer seja diretamente dirigido a suas pessoas, quer indiretamente a seus parentes, seus amigos, sua nação, sua profissão ou seu nome”.

Hobbes justifica dessa forma a necessidade de um poder comum – no caso a existência do Estado – sem o qual os homens seriam levados a uma condição de guerra.

A guerra não consiste apenas na batalha, ou no ato de lutar, mas naquele lapso de tempo durante o qual a vontade de travar batalha é suficientemente conhecida. Portanto a noção de tempo deve ser levada em conta quanto à natureza da guerra, do mesmo modo que quanto à natureza do clima. Porque tal como a natureza do mau tempo não consiste em dois ou três chuviscos, mas numa tendência para chover que dura vários dias seguidos, assim também a natureza da guerra não consiste na luta real, mas na conhecida disposição para tal, durante todo o tempo em que não há garantia do contrário. Todo o tempo restante é de paz. (HOBBES, 1973)

E conclui afirmando que os homens tendem para a paz por temerem a morte e desejarem o conforto das coisas materiais, sonhando em conquistá-las através do trabalho. No que diz respeito ao estado de insegurança, Hobbes compara os tempos de guerra com aqueles em que os homens vivem na dependência exclusiva de sua própria força e invenção. “Numa tal situação não há lugar para a indústria, pois seu fruto é incerto;

conseqüentemente não há cultivo da terra, nem navegação, nem uso das mercadorias que podem ser importadas pelo mar”.

Em pleno século XVII, o filósofo inglês não poderia prever que, na segunda metade do século XX, os próprios Estados hegemônicos desencadeariam um processo de guerras periféricas, de modo a manter indústrias e o uso das “mercadorias que podem ser importadas pelo mar”. A Guerra Fria, porém, traz muitas semelhanças com as teses descritas por Hobbes quanto ao estado de beligerância, “lapso de tempo durante o qual a vontade de travar batalha é suficientemente conhecida”.

Outro pensador que propõe uma reflexão sobre a guerra, através de uma proposta de modernização do conceito de direito natural, é o holandês calvinista Hugo de Groot – chamado por seus contemporâneos de Grotius (“maravilha da Holanda”), o que dá a medida do êxito obtido em seu tempo. Grotius (1583-1645) considera que a natureza conduziria os homens ao comércio, mesmo que eles de nada necessitassem. O importante é a troca. “Uma ação é moralmente honesta ou desonesta, segundo a conveniência ou a inconveniência necessária que ela tem com uma natureza racional e social”. O direito natural e a figura de Deus correm paralelamente. “Tudo o que acabamos de dizer ocorreria de alguma forma, ainda que admitíssemos, o que não é possível sem um crime hediondo, a inexistência de Deus, ou que, se existe um Deus, ele não se interessa em absoluto pelas coisas humanas”.

Grotius, um diplomata, corta o vínculo entre o direito natural e a razão divina, preconizado por Tomás de Aquino. O lugar de Deus é ocupado pelo Estado, mesmo que num primeiro momento o rei, que personifica o Estado absolutista, represente o elo de ligação entre os poderes temporal e divino. A origem divina atribuída ao rei reduz o poder do clero e da nobreza, determinantes durante a Idade Média.

Considerado o fundador do Direito Internacional, Grotius viveu os tempos da Guerra dos 30 anos, entre Espanha e Holanda. Para ele, o quadro de beligerância é incompatível com “a observação de qualquer espécie de Direito”. Os príncipes e os povos poderosos teriam o dever de assinar acordos para fazer cessar conflitos de interesses.

Em *De jure belli*, o calvinista dedica um capítulo inteiro (*A guerra dos súditos contra as autoridades*) apontando situações que justificariam a resistência dos súditos. Para

Grotius, o soberano merece obediência porque representa o Estado, mas o pacto de submissão, razão da obediência, pode conter limitações da autoridade; pode prever partilhas. A resistência se explica quando o soberano desrespeita estes limites e se torna desacreditado entre seus súditos pela quebra do contrato social. A possibilidade de destituição do monarca pelo descumprimento de compromissos com os súditos, e não por uma questão de ilegitimidade por parte do direito divino, representa o embrião do sistema representativo, que se consolida filosoficamente com a Revolução Francesa.

#### 4.1 A ética do vencedor

Ganhar a guerra constitui o único objetivo comum entre os dois lados em conflito. No jargão militar, expressões como “neutralizar”, “aniquilar” e “eliminar” o inimigo revelam a disposição com que soldados são compelidos a ingressar no campo de batalha. Uma estratégia antiga para acirrar os ânimos é difundir entre a tropa o ódio ao oponente, através de atos atribuídos ao inimigo que retiram seu caráter de ser humano. Assim, ao entrar em combate, o soldado tem a convicção de que está prestando um serviço ao matar o adversário. A visão, marcada pelo etnocentrismo, enfraquece a tolerância e fortalece o racismo.

Hoje, com armamentos cada vez mais sofisticados, mata-se sem ver o inimigo, o que contribui para dar a aparência de uma guerra virtual (vide Guerra do Golfo). Em janeiro de 1991, os Estados Unidos divulgaram (e a imprensa ocidental encampou a versão) que somente “alvos militares” teriam sido atingidos no Iraque. A precisão dos mísseis norte-americanos ganhou o sugestivo nome de “bombardeio cirúrgico”. Meses depois – é bem verdade através da imprensa – começaram a surgir relatos de mortes em massa de civis e de soterramento de soldados iraquianos no deserto.

Nas guerras modernas, a relação custo-benefício (para usar uma metáfora importada da linguagem econômica no melhor estilo capitalista) fundamenta-se na relação entre o emprego de forças e equipamentos necessários para lograr determinado objetivo e as perdas contabilizadas, em vidas e equipamentos. Numa guerra convencional, quanto mais difícil o objetivo, maior o contingente de soldados empregados e o apoio logístico. O conceito de



vitória depende da relação entre as forças empregadas, o objetivo alcançado e o número de baixas. No número de baixas, há ainda a distinção entre oficiais e praças, o que, em princípio, contraria a concepção de igualdade entre os seres humanos.

Novamente recorreremos às leis da economia, levando em conta o número de oficiais e o custo para formá-los. Do ponto de vista estritamente de classe, os oficiais costumam pertencer às camadas médias, ao passo que os praças vêm das classes trabalhadoras. Esta preocupação em preservar oficiais causou problemas para os Estados Unidos na Guerra do Vietnã, porque enquanto os tenentes tinham a obrigação de atuar na linha de frente seis meses, soldados e cabos participavam de operações de combate durante quase um ano, o que lhes dava uma experiência superior num tipo de luta de guerrilha no qual o oficial não fora treinado.

Nos tempos modernos, a ética dos conflitos costuma respeitar a divisão de classes. Um bom exemplo ocorreu na Guerra de Secessão, uma luta travada entre o Norte, industrializado, e o Sul, agrícola. Nos estados do Norte, quem pagasse 300 dólares às autoridades ianques escapava da convocação; no Sul, quem possuía mais de 15 escravos estava dispensado do serviço militar. A Guerra de Secessão é considerada pelos especialistas o primeiro conflito moderno, principalmente por envolver maciçamente a população civil. Dos 600 mil mortos em cinco anos, 400 mil eram civis.

A concessão norte-americana fez escola. No Brasil, os escravos que aceitavam ir à guerra para enfrentar o Paraguai (1865-1870) recebiam a promessa de alforria. Curiosamente nos campos de batalha compunham a linha de frente, sendo os primeiros a tombar diante dos canhões de Solano Lopez.

A Guerra do Paraguai também serve de exemplo da insensatez que toma conta dos comandantes – e, por extensão, da maioria da tropa – quando o objetivo de eliminar o inimigo é levado à última instância. A atrocidade descrita na Batalha de Acosta Ñu, ou de Ñu Guassu em guarani, a 16 de agosto de 1869, em que o Exército brasileiro esmagou tropas compostas em sua quase totalidade por meninos e adolescentes, é um episódio esquecido por nós, mas sempre lembrado pelos paraguaios.

Acosta Ñu é o símbolo mais terrível da crueldade dessa guerra: as crianças de seis a oito anos, no calor da batalha, apavoradas, agarravam-se

às pernas dos soldados brasileiros, chorando, pedindo que não as matassem. E eram degoladas no ato. Escondidas nas selvas próximas, as mães observavam o desenrolar da luta. Não poucas pegaram em lanças e chegaram a comandar grupos de crianças na resistência. Finalmente, após todo um dia de luta, os paraguaios foram derrotados. Pela tarde, quando as Mães vieram recolher as crianças feridas ou enterrar os mortos, o Conde D'Eu mandou incendiar a macega – no braseiro, viam-se crianças feridas correrem até caírem vítimas das chamas. A resistência em Acosta Ñu e o sacrifício dessas crianças simbolizam perfeitamente como a guerra se tornou implacável. Tanto pelo lado de Francisco Solano Lopez, formando um exército de crianças, como pelo lado brasileiro, que não pejou em matá-las. (CHIAVENATTO, 1979)

Hoje, no Paraguai comemora-se o Dia del Niño em 16 de agosto, em homenagem à Batalha de Acosta Ñu.

A invenção do telégrafo, em 1840, fornece agilidade à cobertura jornalística e liberta os jornais da dependência da versão oficial. As crônicas dos conflitos, que antes levavam semanas para serem publicadas, agora chegam ao leitor em poucos dias, aumentando o impacto do noticiário e clamor público pela paz..

As guerras da segunda metade do século XIX foram as primeiras a contar com a *cobertura* regular da imprensa fora dos relatos épicos predominantes até então. A descrição dos efeitos devastadores, como o número de baixas e o estado em que ficavam os feridos, deixou estarrecidos os leitores na Europa e nos Estados Unidos. William Russel, do *Times* londrino, transmite de Sebastopol pelo telégrafo despachos sobre a Guerra da Criméia (1853-1859) que escapam à censura militar por se constituir numa novidade da *cobertura* jornalística. As baixas entre tropas inglesas e francesas, vitoriosas, chegam a 118 mil homens.

Chove torrencialmente, as nuvens têm cor de tinta negra. O vento assobia, abala o campo, as trincheiras transformam-se em canais, há um palmo de água em algumas tendas. Os nossos homens não possuem vestuários quentes nem impermeáveis. Ficam quase doze horas seguidas nas trincheiras, expostos a todos os sofrimentos deste inverno terrível. Parece que ninguém se preocupa um segundo com sua situação, ou até com a sua vida. Esta é a triste verdade. O povo da Inglaterra deve ouvi-la. Deve saber que um mendigo que erra sob a chuva, pelas ruas de Londres, tem uma vaidade de príncipe comparada com a dos soldados britânicos que combatem aqui pela sua pátria.

Os mortos ficam onde caem, ao lado dos feridos. Quanto a estes últimos, ninguém no país poderá imaginar a sua situação. Faltam as instalações médicas mais elementares. Não há quem tente assegurar-lhes um mínimo de higiene. Os feridos

vivem numa imundície pavorosa. Depois morrem sem que, tanto quanto se, alguém faça alguma coisa para os salvar.<sup>51</sup>

A conduta elitista do líder do Exército britânico, Lorde Raglan, provocou mal-estar entre os leitores. O correspondente William Russel revelou que oficiais foram autorizados a levar esposas, serviçais, cachorros de caça, reservas de vinho e até um cozinheiro francês para o *front*, ao passo que os soldados não recebiam roupas quentes, nem lençóis e os feridos sequer dispunham de camas nas enfermarias. As matérias de Russel desencadearam uma campanha de doações e levaram à zona militar 38 enfermeiras, lideradas por Florence Nightingale, abrindo caminho para a atuação regular do corpo de enfermagem nos campos de batalha.<sup>52</sup>

As crônicas de Russell calaram fundo entre os compatriotas e enfureceram Lorde Raglan, que era a imagem do herói fleumático inglês. Para neutralizar o jornalista, Raglan adotou uma técnica que muitos militares passaram a utilizar contra a imprensa desde então: acusou-o de por em risco a segurança das tropas e de ajudar o inimigo com suas informações. Além disso, enviou à Criméia o fotógrafo Robert Fenton para se contrapor ao trabalho de Russell. Sobre o material que devia fotografar, tinha uma ordem peremptória: “Nada de cadáveres”. (SOHR, 1998, p. 25)

Os fotógrafos Mathew Brady, Alexander Gardner e Timothy O’Sullivan foram pioneiros na cobertura fotográfica, livre da intromissão das autoridades, na Guerra de Secessão. Produzido com recursos próprios porque o presidente Abraham Lincoln recusou-se a financiá-lo, o trabalho comoveu a população norte-americana pela crueza das fotos, que mostravam corpos de soldados ao relento, casas incendiadas e terras devastadas. Em 1862, o *New York Times* publicou o seguinte comentário sobre uma exposição do material fotográfico sobre os mortos em Antietam:

Mr. Brady fez algo para nos trazer a terrível realidade e gravidade da guerra. Se ele não nos trouxe corpos para deixá-los às nossas portas e pelas ruas, fez algo muito parecido. Parece um tanto singular que o sol que batia sobre as faces dos imolados, empolando-as, apagando dos corpos qualquer semelhança humana e apressando sua

---

<sup>51</sup> Encyclopaedia Britannica (The theory of war)

<sup>52</sup> Lorde Raglan e o ministro da Guerra britânico acabaram sendo afastados do comando.

corrupção, tenha sido o mesmo que capturou suas feições sobre a tela e lhes conferiu eterna perpetuidade. (NYT)

Relatos como os de Russel na Criméia e fotos de Brady, O'Sullivan e Gardner<sup>53</sup> inspiraram a fundação da Cruz Vermelha em 1864, na Europa, a partir de uma proposta do empresário Henri Dunant para a formação, em todos os países, de serviços voluntários de ajuda em períodos de guerra e paz, sem distinção de raça ou credo. No mesmo ano, ainda sob inspiração de Dunant, é assinada em Genebra a primeira Convenção para o Auxílio aos Feridos em Tempo de Guerra. As nações muçulmanas criaram mais tarde o Crescente Vermelho.

Apesar (e talvez por conta) do conhecimento das atrocidades praticadas, a cobertura de guerra começou a se tornar um negócio lucrativo. Raul Sohr, em *História y poder de la prensa*, conta que um dos casos flagrantes de intervenção da imprensa foi o conflito entre os Estados Unidos e a Espanha, em 1898, que culminou com a independência de Cuba. Os jornais destacavam a repressão espanhola ao movimento emancipacionista e tratavam com admiração os exilados cubanos. Na concorrência por liderar as tiragens, dois diários sensacionalistas disputavam a primazia da cobertura: o *New York Journal*, de William Randolph Hearst, e o *New York World*, de Joseph Pulitzer.

Vários repórteres foram enviados a Havana para acompanhar os desdobramentos do incidente. O fotógrafo Remington, do *New York Journal*, chegou a escrever a Hearst em 1897 que não acreditava numa guerra entre Estados Unidos e Espanha. Ao que o inspirador do filme *Cidadão Kane* teria respondido: “O senhor faz as fotos e deixa que eu providencio a guerra”.

Em fevereiro de 1898, depois que um navio da Marinha norte-americana naufragou na Baía de Havana, em circunstâncias nunca esclarecidas, causando a morte de 258 tripulantes, os jornais exigiram um castigo exemplar. Em abril o Congresso aprovou, em Washington, a declaração de guerra à Espanha e reconheceu a independência de Cuba. O conflito também registrou uma batalha particular entre os dois periódicos nova-iorquinos. O

---

<sup>53</sup> Gardner será o nome do personagem jornalista do programa *A Marcha do tempo*, durante a 2ª Guerra Mundial, analisado no capítulo 7, *Estética do imaginário*.

*Journal* suspeitava que os repórteres do *World* estavam copiando sua apuração e montou uma armadilha. Inventou que um oficial de artilharia espanhol, de nome Reflipe W. Theneuz, teria morrido num bombardeio. Quando o jornal concorrente publicou a informação falsa, o *Journal* denunciou a armação e revelou que, lido ao contrário, Reflipe W. significava *We pilfer*, isto é, “nós roubamos”. (SOHR, 1998, págs 32-33)

No século XX o número de baixas nas guerras convencionais cresceu assustadoramente. Na 1ª Guerra Mundial (1914-1918), morreram 15 milhões de pessoas. Duas décadas depois, a 2ª Guerra Mundial ceifou a vida de 50 milhões de seres humanos. O país com maior número de vítimas foi a União Soviética, com 15 milhões de mortos. Em 15 anos, a Guerra do Vietnã causou a morte de 1 milhão de soldados norte-vietnamitas e da Frente Nacional de Libertação (FNL), 250 mil soldados sul-vietnamitas, 58 mil norte-americanos e feriu gravemente 150 mil, além de registrar o desaparecimento de 1 mil norte-americanos. Os Estados Unidos gastaram 150 bilhões de dólares e abandonaram a guerra dois anos antes da tomada definitiva da cidade de Saigon (atual Ho Chi Minh).

Os embargos comerciais são outro recurso de que as nações lançam mão para intimidar países vistos como inimigos em potencial. Em 1940, um ano antes do ataque a Pearl Harbor, os Estados Unidos e a Inglaterra decidiram suspender o fornecimento de petróleo ao Japão, país tradicionalmente dependente de matéria-prima, como represália contra a invasão da China e da Indonésia. A decisão visava barrar a expansão bélica e industrial nipônica.

Desde 1962, Cuba sofre as conseqüências de um embargo comercial, decretado pelo presidente John Kennedy, como forma de pressão contra o regime socialista na ilha do Caribe. Em 1991, o presidente George Bush (o pai) impôs a proibição de vendas ao Iraque, incluindo alimentos e medicamentos, para inviabilizar a permanência no poder de Saddam Hussein. Em todos os casos, as conseqüências recaem sobre a população civil, principalmente nos segmentos de baixa renda, que não tem como adquirir produtos no mercado paralelo.

Em todos estes conflitos, os meios de comunicação foram utilizados simultaneamente como instrumento de propaganda e de informação. Até porque, dependendo da fonte e das circunstâncias de apuração, torna-se extremamente difícil

distinguir o ponto exato onde termina a informação e começa a propaganda. A televisão e o rádio enfrentam outra condicionante, que consiste no fato de as frequências de radiodifusão pertencerem, na maioria dos países, à União. Como as guerras se dão entre Estados – quase sempre representantes dos interesses de grandes corporações industriais ou financeiras – ou entre um Estado e uma organização política clandestina, é previsível que os meios audiovisuais sofram limitações na sua atividade informativa.

Nos últimos 20 anos, a fusão de grandes conglomerados transnacionais tem incorporado as redes de informação e de entretenimento, fazendo com que o capital e a indústria de bens culturais sirvam ao mesmo donatário. Estas corporações deixaram de ser apenas clientes das cadeias de rádio, TV e jornal, para se transformarem em parceiras ou acionistas majoritárias de importantes redes de comunicação. A nova realidade, aliada ao enfraquecimento gradativo do Estado, aumenta o vínculo dos meios de comunicação com os interesses do grande capital.

No entanto, há exemplos de emissoras cujo trabalho questiona o direito de intervenção do Estado na informação. A BBC (British Broadcasting Corporation), rede estatal do Reino Unido, tem-se esforçado para provar que é possível realizar um trabalho jornalístico isento, de qualidade e independente das limitações impostas pelo Estado. Durante a Guerra das Malvinas, em 1982, o noticiário mencionava simultaneamente os nomes do arquipélago – Falklands, para os britânicos, e Malvinas, para os argentinos – numa tentativa de demonstrar isenção. Mais do que isso, a emissora chegou a antecipar a movimentação de embarcações da Marinha britânica no arquipélago, o que provocou a reação do comando militar britânico, sob a alegação de que se tratava de informações de caráter estratégico.

No caso de conflitos que envolvem organizações clandestinas, a guerra reveste-se de um caráter peculiar, porque as ações bélicas não convencionais são tachadas de “terroristas”.<sup>54</sup>

---

<sup>54</sup> Nos séculos XVI e XVII, durante o consolidação do Estado burguês, sociedades capitalistas, como a Companhia das Índias Orientais e a Companhia das Índias Ocidentais patrocinaram incursões militares contra reinos asiáticos e colônias americanas, sem serem tachadas de praticantes de pirataria. Talvez porque estas sociedades contassem com o apoio, velado ou declarado, dos governantes.

A ausência de interlocutores faz com que as ações, principalmente as armadas, sejam vistas como atos isolados e desprovidos de significado político. A ação política está associada à História como processo. O terrorismo é visto como ato de desesperados, sem história. Na maioria das vezes, aos olhos do leitor, a ação em si se sobrepõe às causas. Isso justifica por que vários países – incluindo o Reino Unido – não reconhecem os atentados dos grupos “terroristas” como atos políticos, negando status de presos políticos aos militantes capturados. Trata-se de pôr num mesmo rol crimes de naturezas diferentes, privilegiando as consequências e não a origem. Na União Soviética, era comum atribuir a problemas psiquiátricos e, portanto, patológicos o comportamento contestador de dissidentes políticos.(ABREU, 2000, pág 33)

## 4.2 A ética das aparências

Assim como os espões, os responsáveis por estas ações bélicas, mesmo que civis, não são beneficiados pelas convenções de Genebra.

Convenção IV (aprovada em 12 de agosto de 1948)

Relativo à Proteção de Civis em Tempos de Guerra

Artigo 15º

Qualquer parte no conflito poderá, quer diretamente, quer por intermédio de um Estado neutro, ou de um organismo humanitário, propor à parte contrária a criação, nas regiões onde se combate, de zonas neutras destinadas a proteger do perigo dos combates, sem qualquer distinção, as seguintes pessoas:

- a) Os feridos e os doentes; combatentes ou não combatentes;
- b) Os civis que não participaram das hostilidades e que não se dediquem a qualquer trabalho de natureza militar durante a sua permanência nestas zonas;

Como a Convenção de Genebra não esclarece o que se entende por participação nas hostilidades, qualquer civil que dê guarida (hospedagem, alimentação, transporte, vestuário, etc) a um militante classificado como “terrorista” poderá ser enquadrado como tal.

Desde a década de 70 a BBC internacional (British Broadcasting Corporation) aboliu dos noticiários a expressão “terrorista”, para evitar a tomada de partido em episódios da política internacional. A decisão causa certa insatisfação entre as autoridades britânicas e até mesmo de outros países europeus.

Em 2003, pouco depois da invasão do Iraque por tropas norte-americanas e inglesas, a BBC divulgou depoimento do cientista David Kelly – funcionário do Estado britânico –,

afirmando que o Serviço Secreto do Reino Unido havia exagerado nas suspeitas sobre a existência de armas de destruição em massa no Iraque. Poucos dias após a entrevista, Kelly foi encontrado morto em casa. O cientista não seria a única vítima no episódio. Meses depois, o diretor-geral da BBC entregou o cargo, por não suportar as pressões do Parlamento e das autoridades que o acusavam de falta de patriotismo.

A 12 de março de 2004, no dia seguinte às explosões que provocaram a morte de 190 pessoas nos trens de Madri, o governo espanhol – empenhado em atribuir à autoria do atentado à ETA – mandou comunicado exigindo que a BBC passasse a chamar a organização basca de “bando terrorista” e não “grupo separatista”, como vinha nomeando o grupo clandestino que luta pela emancipação das províncias bascas na Espanha e na França.

As ações de espionagem e sabotagem contra instituições civis – praticadas e não reconhecidas – faziam parte da estratégia de ação dos Estados envolvidos na Guerra Fria. Não se tratava mais simplesmente de neutralizar o inimigo, mas eliminá-lo sem deixar vestígios. Os atos praticados por espões, o desaparecimento dos corpos, a inexistência de registros, a incapacidade de definir responsabilidades por parte das autoridades constituídas, o uso dos meios de comunicação como instrumentos da guerra psicológica compõem um mosaico de recursos, muitos deles até hoje não decifrados. Em ambos os lados, um ponto em comum: a preocupação em manter as aparências; negar tudo até as últimas conseqüências. Nesse sentido, as informações encaminhadas às agências de notícias – quase todas estatais ou vinculadas a países do chamado Primeiro Mundo – assumem papel relevante nesta guerra de bastidores.

O curioso é que a própria Convenção de Genebra, assinada pelos países-membros da Organização das Nações Unidas em 12 de agosto de 1949, não concede nenhum direito ao espião, ao mercenário, nem ao sabotador.

Uma análise sobre as convenções de Genebra revela a preocupação em evitar os excessos tomando como parâmetro as atrocidades praticadas nas guerras mais recentes, geralmente as atrocidades atribuídas aos perdedores, é claro, porque as dos vencedores costumam ser vistas com tolerância. A utilização indiscriminada de minas e das “experiências” médicas com prisioneiros nos campos de concentração constituem casos particularmente reveladores. As minas porque perpetuam a guerra, causando efeitos em



civis – sobretudo crianças – mesmo nos tempos de paz. As “experiências” médicas, no caso dos prisioneiros de campos de concentração, porque estabelecem o princípio de que os prisioneiros são privados, além da liberdade, do direito sobre seu próprio corpo.

As “experiências” não são vistas como castigos, mas sacrifícios feitos “em nome da ciência”. No entanto, muitas das medidas e cuidados preconizados pela Convenção de Genebra tornam-se inócuos no próprio texto, por preverem uma série de exceções e circunstâncias em que as proibições não precisam ser respeitadas. A seguir dois exemplos:

Artigo 4º: Restrições ao uso de minas para além das minas com controle a distância, armadilhas e outros dispositivos colocados nas zonas habitadas;

2 – É proibido usar as armas às quais se aplica o presente artigo em qualquer cidade, vila ou zona em que se encontre uma concentração análoga de pessoas civis e onde não ocorram combates entre as forças terrestres ou que estes não estejam iminentes, salvo se:

e) Estas armas não estiverem colocadas num objetivo militar ou nas proximidades de um objetivo militar pertencente a uma parte adversa ou sob o seu controle, ou não forem tomadas medidas para proteger a população civil contra seus efeitos, por exemplo através da afixação de cartazes e difusão de avisos, da colocação de sentinelas ou da instalação de cercas.

Artigo 5º: Restrição ao uso de minas com controle a distância

1 – É proibido o uso de minas com controle a distância, salvo se essas minas forem utilizadas exclusivamente numa área que constitua um objetivo militar ou que contenha objetivos militares, a menos que (...) seja utilizado um mecanismo eficaz de neutralização em cada uma dessas minas, isto é, mecanismo de auto-iniciação concebido para desativar a mina ou para provocar a sua autodestruição desde que esteja previsto que ela não servirá para os fins militares em razão dos quais foi posicionada, ou um mecanismo comandado por controle remoto concebido para desativar ou para destruir quando esta já não servir mais para os fins militares em razão dos quais foi posicionada.

2 – Será dado um pré-aviso efetivo quando do lançamento ou colocação de minas com controle a distância que possam afetar a população civil, salvo se as circunstâncias não permitirem.

Dentro do melhor espírito do direito ocidental, a última oração – “salvo se as circunstâncias não permitirem” – anula praticamente a recomendação anterior. Quem deve determinar se as circunstâncias permitem ou não o aviso? Até hoje as minas continuam sendo utilizadas, apesar do clamor das organizações pacifistas.

#### 4.3 Questões aritméticas

A moral da guerra constitui algo tão mutante e imprevisível quanto os ventos que sopram nos campos de batalha. Talvez a diferença mais significativa seja aquela que diz respeito à moral dos vencedores e à dos perdedores num conflito. Os meios de comunicação costumam reforçar esta diferença de tratamento, valorizando os relatos de crimes cometidos pelos perdedores e atenuando os praticados pelos vencedores. Recentemente, os noticiários da imprensa internacional dedicaram amplo espaço aos massacres étnicos no Kosovo perpetrados pelos sérvios, e pouco se falou dos efeitos dos bombardeios da Otan sobre as populações civis de origem sérvia.

A História está repleta de episódios em que as convenções de guerra foram ignoradas ou represálias foram aplicadas muito além do previsto pelas convenções. Um caso que se tornou famoso foi o “Massacre de Roma”, em 24 de março de 1944 – dia do 25º aniversário do Partido Fascista – um mês antes de as tropas aliadas chegarem à capital italiana.

A mando de Hitler, 325 civis italianos – muitos deles judeus – foram executados com tiros na nuca, na Gruta de Ardea, nos arredores de Roma, em represália pelo atentado a bomba dos *partizans* que redundou na morte de 33 soldados das tropas especiais da SS. O general Maertrou e o coronel Kappler – oficiais alemães responsáveis pelas execuções – foram condenados respectivamente à morte e à prisão perpétua pelo Tribunal de Nuremberg.

Talvez não tivessem o mesmo destino se houvessem obedecido à Convenção de Haia (1907), que previa a morte de três reféns para cada soldado vítima de atos de sabotagem. Donde se conclui que, na guerra, o ato de matar civis pode limitar-se a uma questão aritmética.

A historiografia atribui a Josef Stalin a frase segundo a qual a sociedade considera assassinato a morte violenta de um cidadão, chacina a execução de um grupo de pessoas, e estatística o genocídio de milhões de seres humanos. A narrativa jornalística contribui para reforçar a frase de Stalin, porque tende a privilegiar a descrição individualizada do fato, ou seja, a morte de uma vítima que tem nome, sobrenome, endereço e história de vida. A morte diária de indivíduos sem nome e sem patrimônio acaba sendo tratada como rotina. E rotina, de acordo com os critérios jornalísticos, não é notícia.

Muito antes de exposto por Maquiavel, a tendência militar de privilegiar os resultados e deixar de lado os meios pelos quais se alcançou a vitória faz parte da lógica social de privilegiar os efeitos, em vez das causas. Talvez por isso a maioria dos abusos de poder durante a guerra costuma cair no esquecimento, a menos que a narrativa histórica e/ou a jornalística traga à luz os atos praticados. E quando isso acontece, a intenção nem sempre é a de reconstituir o passado, mas remeter ao passado para obter dividendos políticos no presente. Tanto a narrativa histórica quanto a jornalística pertence, portanto, ao tempo presente. Donde se pode concluir que permanece válida a afirmação de que a História é contada pelos vencedores; raramente pelos vencidos.

O exercício da ética esgrime-se entre os interesses em disputa e a tolerância, entre a política e a cultura, entre a moral do outro e a sua própria moral, num jogo em que cada vez mais os meios de comunicação desempenham papel importante ao reforçar (ou atenuar) o que pode ser considerado ético ou não. Mesmo no terreno das utopias, a busca de um comportamento calcado na ética – do indivíduo e da sociedade em que vive – traz um alento, nem que seja simplesmente pela busca. É como Diógenes, com sua lanterna, procurando um homem honesto. Ou, como os cavaleiros medievais, à procura do Santo Graal.

#### 4.4 Grama de Stalin

A ética militar também varia de acordo com o momento político. Durante 30 anos, a existência do Muro de Berlim, que repartia em duas sociedades a antiga capital alemã, representou um divisor de águas entre as duas ideologias em disputa no mundo pós-guerra. De um lado, a propaganda soviética alardeava que o muro significa uma barreira à expansão capitalista desenfreada; do outro aqueles quilômetros de tijolos e arame farpado eram vistos como símbolo vivo da opressão comunista. O humanismo passava ao largo.

As ações administrativas que culminaram com a queda emblemática do Muro de Berlim, em 1989, escondem uma série de mudanças no quadro político-econômico, sobretudo nos países do Leste Europeu. A sociedade ocidental foi apanhada meio que de surpresa por estas transformações, que não vinham sendo acompanhadas na sua totalidade pelas grandes agências de notícias. No Brasil, a notícia da abertura da fronteira entre a Hungria e a Áustria, em agosto de 1989, mereceu um pequeno registro no noticiário de TV.

As narrativas dos dias que antecederam a queda do muro mudam de acordo com o interlocutor. O documentário “O sonho de Budapeste”, produção alemã transmitida pelo canal a cabo GNT no dia 10 de novembro de 1999, mostra depoimentos de alemães que chegaram ao Ocidente pela fronteira com a Hungria e aborda a polêmica entre quais teriam sido os verdadeiros responsáveis pela abertura da fronteira entre Hungria e Áustria, o que tornou o Muro de Berlim uma barreira inócua.

Gustav Ovari, chefe da guarda de fronteira em Sopron, na Hungria, diz que não recebeu ordens superiores para liberar a fronteira para cidadãos da Europa Oriental, entre eles os alemães orientais, que fugiam para o Ocidente. Diante da câmera de TV, num documentário produzido 10 anos depois, jura que se tratou de uma “decisão pessoal”.<sup>55</sup>

O ministro das Relações Exteriores da Hungria, Gyula Horn, reivindica para si a responsabilidade de abrir as fronteiras. Em entrevista a jornalistas alemães, ele conta que no dia 22 de agosto de 1989, 250 cidadãos da República Democrática da Alemanha (a Alemanha Oriental) decidiram escapar juntos. Abandonaram os carros na estrada e

---

<sup>55</sup> World at War, série de documentários da TV inglesa sobre as guerras do século XX, exibido no Brasil pelo canal GNT de TV por assinatura

atravessaram a fronteira correndo com a família rumo à fronteira, sem encontrar resistência. Dias depois, unidades especiais do Exército húngaro, denominada Guarda dos Trabalhadores, atiraram em três ônibus, com 135 pessoas ao todo, e impediram aquela tentativa de fuga.

Em outra ocasião Werner Schultz, um alemão oriental, morre a tiros ao tentar fugir com a mulher e o filho menor atravessando um campo aberto. O documentário conta que o soldado que atirou sofreu uma crise nervosa.

Outro documentário alemão, “O milagre de Berlim”, revela que, no dia 4 de novembro, seis dias antes da queda do muro de Berlim, o Governo tcheco também decidiu abrir suas fronteiras com a Alemanha. No dia 10 de novembro, o porta-voz do Comitê Central do Partido Comunista da RDA, Gunther Schabowsky, anunciou, em entrevista coletiva, que o governo decidira franquear a passagem pelo muro aos cidadãos da RDA sem impor condições. A decisão estava prevista para entrar em vigor horas depois, mas a população de Berlim Oriental, ao tomar conhecimento da notícia pela TV, aglomerou-se diante do muro e antecipou a entrada em vigor da medida. Os guardas assistiram passivamente à passagem de centenas de alemães para o lado ocidental de Berlim.

Um alemão oriental, descrevendo as barreiras existentes para desestimular os cidadãos a passar para o lado ocidental, fala de um tapete de pregos de aço, que cortavam os pés dos desafiantes. Os alemães ironizavam o tapete chamando-o de “grama de Stalin”.<sup>56</sup>

As imagens de cidadãos da Europa Oriental atravessando em paz a fronteira entre a Hungria e a Áustria, transmitidas pelas agências internacionais, ganharam o mundo, mas não mereceram destaque num primeiro momento. No Brasil, o *Jornal da Globo* editou a matéria como nota coberta (com narração do locutor e sem repórter), sem sequer citar o fato na escalada que abre o noticiário. Nos dia seguinte, os jornais não deram destaque. Parecia um fato corriqueiro, assim como a primeira notícia que denunciava a existência de campos de concentração nazistas, publicada pelo *New York Times* num pé de página ainda durante a Segunda Guerra.

## 5 – Corações, mentes e ouvidos

Aprendi a gostar de rock em Campina Grande, nos idos dos anos 50. Rádio ligado o dia todo, ouvia também os cantadores de viola no programa *Retalhos do Sertão*. Frequentava a Rádio Borborema nos seus programas de auditório e ouvia a *jazz-band* do maestro Nilo Lima, tocando sucessos da música norte-americana. Evoluí escutando rock e cantador de viola, jazz e forró. Tudo junto, tudo ao mesmo tempo, tudo ligado.

Clotilde Tavares<sup>57</sup>

Este capítulo aborda a fase de ouro do rádio, que se estende pelas décadas de 40 e 50, reunindo o que há de melhor no Brasil em matéria de talento artístico popular. Almirante, Oduvaldo Viana, Ghiaroni, Amaral Gurgel, Mário Lago, Armando Costa, Paulo Roberto, José Mauro, Max Nunes, Haroldo Barbosa e muitos outros inventam programas e lapidam roteiros, com a sensação de pisarem num terreno em que tudo ainda está por ser explorado. Uma vez por semana os ouvintes se mudam para o edifício *Balança Mas Não Cai* e se hospedam no *Hotel da Pimpinela*, para se divertir com Silvino Neto, exímio imitador de políticos como Getúlio Vargas e Ademar de Barros. Aos domingos narradores vibrantes como Oduvaldo Cozzi, Fiori Giglietti e Gagliano Neto potencializam a emoção de uma partida de futebol no grito prolongado de gol. Vinhetas e efeitos sonoros, só a gaitinha do Ari Barroso.

As radionovelas, nas quais o bem sempre derrota o mal, preenchem os sonhos femininos. Os principais *scripts* vêm de Havana, a capital latino-americana da radionovela. Basta fazer as traduções e adaptações e correr para o estúdio. As encenações são ao vivo, sujeito a tropeços e improvisos. Nos intervalos, reclames da loja de departamentos Parque Royal, dos sabonetes Eucalol e Palmolive, pasta Kolynos, talco Ross, Leite de Rosas,

---

<sup>56</sup> Dados do documentário “Depois da Queda” (foi ao na GNT no dia 28/6/2000). Produção alemã dirigida por Fraunke Sandig, distribuição Umbrella Films, 1999;

<sup>57</sup> Professora da Universidade Federal do Rio Grande, extraído da Tribuna do Norte, de Natal (RN), através do zine *BALAIO*, março de 2004

Phimatosan, Pan-American, Coca-cola, guaraná Caçula e outros produtos que o rádio ajudou a tornar mais populares, desde que Ademar Casé conseguiu convencer os donos da padaria Bragança, em Botafogo, a anunciar para as massas. Um inspirado Nássara compôs a marcha que se consagraria como um dos *jingles* mais famosos da caixinha de válvulas. Só em 1948 é que seriam inventados os transistores.

Oh, padeiro desta rua  
tenha sempre na lembrança. (refrão)  
Não me traga outro pão  
que não seja o pão Bragança.

Pão, inimigo da fome.  
Fome inimiga do pão.  
Enquanto os dois não se matam,  
a gente fica na mão.  
De noite, quando me deito  
E faço a minha oração,  
Peço com todo o respeito  
Que nunca me falte o pão.<sup>58</sup>

Mesmo quem não conhece o Rio é capaz de passear pela Capital Federal, com suas lojas e pontos chiques que cativam o país. Para dezenas de moças no interior do Brasil dos anos 40/50, a vida girava em torno da expectativa de casamento e dos sonhos irradiados pela emissora líder de audiência por um longo período, que se estende desde o Estado Novo até o governo Juscelino Kubitschek. O Rio de Janeiro era o palco imaginário de um Brasil ainda eminentemente rural e a Rádio Nacional ajudava a aproximar os “dois brasis”.

Renato Murce faz sucesso com as modas de viola e canções sertanejas de Alma do Sertão, mas em pouco tempo a música norte-americana invade o *dial*. Programas como *Your Hit Parade*, *Melodias Cashemere Bouquet* e *Melodias Ponds*, com a orquestra All Stars, apresentado pela cantora Joan Nichols, fazem a alegria dos jovens, que aprendem a dançar ao som das orquestras de Glenn Miller e Tommy Dorsey. O locutor Jordan Pereira despedia-se assim dos ouvintes.

*“E aqui damos por encerrado mais um programa da série Your Hit Parade, em que apresentamos as canções mais populares da presente temporada, segundo um inquérito realizado semanalmente por todo o território norte-americano. Ouçam no próximo sábado outra audição de Your Hit Parade, em que oferecemos à gente moça do Brasil a música*

---

<sup>58</sup> Extraído do livro Programa Casé – o rádio começou aqui, Rafael Casé, Rio de Janeiro, Mauad, 1995. p. 50

*jovem da América. Esta foi uma apresentação da National Broadcasting Company diretamente da Rádio City, de Nova York.”*<sup>59</sup>

Os programas musicais integravam a estratégia de conquista de corações e mentes nas terras abaixo do rio Grande. Em documento de 24 de julho de 1944, o Escritório de Coordenação de Negócios Inter-americanos (OCIA), do Departamento de Estado, explica o objetivo do projeto Music in American Life, em cooperação com a Divisão de Relações Culturais do Departamento de Estado. A série, de 52 horas, dividia-se em sete categorias: música popular, regional, concerto, ópera, marcha militar, música de teatro e de atividades especiais. Os textos eram traduzidos do espanhol para o português.

O documento do OCIAA recomenda aos narradores que associem os arranjos de cada tema musical apresentado a características comuns às duas culturas, a do Brasil e a dos Estados Unidos. E prossegue: “os programas musicais são reconhecidos como um dos grandes fatores de influência das massas populares, o que faz prever que a série será eficaz tanto no Brasil como em outras repúblicas americanas. O propósito do projeto é inteirar o povo do Brasil com nossa cultura e tradições, através de nossa música, e oferecer uma variedade de programas musicais que tenham apelo para o ‘grande público’”. (ver anexo).

### **5.1 Welcome eletrodomésticos**

Para a classe média emergente, ser jovem e moderno era substituir os hábitos franceses do início do século pelos padrões de consumo norte-americanos, que esbanjavam praticidade. A França representava o velho e, com a ocupação nazista, passara a depender da eficiência militar e logística dos ianques. A mulher era um alvo perfeito desta supercampanha de *marketing* comportamental. Eletrodomésticos, como a máquina de lavar roupa, a batedeira e o liquidificador, reservavam mais tempo para o lazer (mais tempo para ouvir rádio) e para ingressar no mercado de trabalho, seja para substituir os homens que lutavam na Itália, seja para a retomada do crescimento econômico após a guerra.

Fica ainda mais fácil entender este momento de transição da influência cultural francesa para a norte-americana entre os membros das camadas médias urbanas quando se tem acesso à lista das empresas que mais investiam em propaganda no pós-guerra.

---

<sup>59</sup> Recolhido do acervo sonoro do Museu da Imagem e do Som



Excluindo Nestlé (Suíça), Shell (Bélgica) e Souza Cruz (Reino Unido), a maioria tem a matriz nos Estados Unidos. A exceção é justamente a cervejaria que encabeça a lista.

Em 1947, as agências de publicidade destinaram 750 milhões de cruzeiros aos meios de comunicação. Cinco anos depois, em 1952, as cifras alcançaram 3,5 bilhões de cruzeiros, ou seja, um aumento de 360%.<sup>60</sup> Desse montante, quase 25% atendiam as emissoras de rádio.<sup>61</sup>

Empresa	Ramo	Quantia
Cia Antártica Paulista	cervejas e refrigerantes	70 milhões
Esso Standard do Brasil	gasolina e lubrificantes	28 milhões
Cia Industrial Gessy	higiene pessoal	27 milhões
Sidney Ross	fármacos e perfumes	20 milhões
Shell-Brazil Limited	gasolina e lubrificantes	18 milhões
Coca-cola Export	refrigerantes	14 milhões
Johnson & Johnson	fármacos	13,5 milhões
Atlantic Refining Company	gasolina e lubrificantes	13 milhões
Gillette Safety Razor	higiene pessoal	12,5 milhões
Colgate-Palmolive	higiene pessoal	12 milhões
Eno Scott Bowne	fármacos	12 milhões
Cia Cigarros Souza Cruz	cigarros	12 milhões

<sup>60</sup> *O negócio de publicidade no Brasil*, de Melo Lima, publicado na revista O Observador Econômico e Financeiro, Rio, nº 221, julho de 1954, in *História da Imprensa no Brasil*, Nelson Werneck Sodré, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966, 1ª edição (págs 465-466)

<sup>61</sup> Nos últimos anos, a fatia ocupada pelo rádio no bolo publicitário tem ficado em 4,5%

Nestlé	leite em pó/chocolate	10 milhões
--------	-----------------------	---------------

O estudo *O negócio da publicidade no Brasil*, citado por Nelson Werneck Sodré, demonstra a influência das agências de publicidade estrangeiras nos meios de comunicação. Controlando as contas das grandes companhias, as agências canalizavam para jornais, revistas, emissoras de rádio e de televisão enormes quantias, que praticamente financiavam jornais, revistas, emissoras de rádio e de televisão.

As empresas industriais e comerciais que despendiam a quase totalidade da importância de 3,5 bilhões de cruzeiros, e as empresas de publicidade que serviam de intermediárias, eram, na quase totalidade, estrangeiras; finalmente, as empresas que assim manipulavam, e continuam a manipular, a opinião, jornais, revistas, emissoras de rádio e de televisão, acabavam por ser financiadas, mantidas, sustentadas, orientadas por aquelas, e por refletir e defender os seus interesses, que não eram, e não são, os nacionais. A inocuidade do dispositivo constitucional que reservava a brasileiros a exploração da imprensa fica comprovada. (WERNECK SODRÉ, 1966, p. 466)

O jornalista peruano Juan Gargurevich, professor da Faculdade de Ciências da Comunicação da PUC de Lima, observa que a propaganda norte-americana no exterior durante a Guerra Fria lançava mão dos mais variados organismos, oficiais e privados, como as agências internacionais de notícias, agências de publicidade, institutos internacionais de opinião pública e mercado, corporações comerciais transnacionais, exportadores de equipamentos de tecnologia de comunicação, companhias internacionais de telecomunicação e produtores de programas sonoros e audiovisuais. Gargurevich cita a Sociedade Interamericana de Imprensa (SIP), que congrega os proprietários de jornais, como aliado importante dos interesses dos EUA. Em abril de 1926, realizou-se em Washington o 1º Congresso Pan-americano de Jornalistas.

O presidente (dos EUA) Calvin Coolidge e o secretário de Estado, Frank Kellog, participaram ativamente. Era a primeira vez que se reuniam tantos donos de periódicos da América Latina e não é demais recordar que os temas tratados pelas diferentes mesas não incluíam os problemas dos jornalistas. Aos norte-americanos interessavam os donos, não os empregados. (GARGUREVICH, 1981, p. 21)

O maior império de comunicação no Brasil, levando-se em conta o número de jornais, revistas e emissoras de rádio e TV, foi construído pelo paraibano Assis

Chateaubriand. Os Diários e Emissoras Associadas mantinham veículos em praticamente todos os estados; não emissoras afiliadas e sim pertencentes ao próprio Chateaubriand, que lançava mão dos mais variados expedientes para sustentar seu poder e prestígio junto ao empresariado e ao Governo. A base principal apoiava-se no eixo Rio-São Paulo, com as rádios e TV Tupi (inaugurada em 1950, em São Paulo, e em 1951, no Rio), *O Jornal* e revista *O Cruzeiro*, além da agência de notícias *Meridional*. Num segundo plano vinham Rio Grande do Sul, Pernambuco, Ceará e Bahia.<sup>62</sup>

Tais unidades da federação Associada constituirão laços de afinidade e solidariedade política com lideranças emergentes entre os futuros comunheiros, especialmente João Calmon, o encarregado de pôr em prática a expansão, transformando-se em comprador de emissoras de rádio, TV e jornais por todo o país e Edmundo Monteiro, que, aos poucos, forma, ele próprio, seu nicho de poder em torno de São Paulo. (WAINBERG, 2003, p. 128-129)

Wainberg afirma que a expansão da rede de rádio se dá entre 1935 e 1950 e a de televisão, entre 1950 e 1960, garantindo sempre o maior quinhão das verbas publicitárias, numa época em que a economia ostenta franco crescimento. Nos Estados Unidos, Randolph Hearst, o inspirador de *Cidadão Kane*, consolidara seu império de comunicação no final da década de 20. Em 1934 possuía 127 emissoras de rádio afiliadas entre as costas do Atlântico e do Pacífico. Cada um a sua maneira, Hearst e Chateaubriand seguiram trajetórias ascendentes semelhantes. A RCA (Radio Corporation of América) nasceu em 1919, fruto de uma associação entre três grandes corporações norte-americanas: American Telephone & Telegraph, a General Electric e a Westinghouse.

As três adquiriram as patentes de Marconi para a fabricação de equipamentos de rádio. A RCA pôs-se a operar as estações, enquanto a GE construía os equipamentos. Começaram, igualmente, a fabricar fonógrafos, receptores de rádio e tubos. Cerca de 2.000 patentes foram adquiridas. Em 1923, a RCA adquiriu o controle da emissora WJZ, de Newark, depois da WJZ, de Nova Iorque, e da WRC, de Washington. Em 1926, a AT&T desligar-se-ia para concentrar-se nos serviços de telefonia. Em setembro de 1926, a RCA, finalmente, consolidaria a National Broadcasting Company, a NBC, sua rede de emissoras que no Brasil teria a réplica com a rede Ipiranga de Chateau. Em 1927 já possuía três redes com 58 emissoras que uniam o país de costa a costa. Em 1932, a Westinghouse deixaria o conglomerado, entregando a NBC nas mãos da RCA. A partir de 1931, começariam as experiências com televisão. No ano seguinte, a RCA transformaria um estúdio de rádio para acomodar a primeira

---

<sup>62</sup> No início dos anos 50, Assis Chateaubriand possuía, em seu nome, 12 emissoras de onda média e nove frequências de ondas curtas no Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte, Salvador, Natal, Fortaleza, Manaus e Goiânia. Detinha ainda 25 jornais, quatro revistas, entre elas *O Cruzeiro*, a de maior circulação no País e uma agência de notícias. Ver a relação completa nos anexos.

estação experimental, a 2xBS, enquanto expandia sua rede de emissoras de rádio, que em 1933 chegara a 88 estações. Em 1934, tinham 127 afiliadas. Em 1935, a RCA anuncia um programa milionário para o desenvolvimento da televisão. Em 1938, faria a primeira transmissão externa ao vivo cobrindo um incêndio. A nova mídia seria exposta, em 1939, na Feira Internacional de Nova Iorque. (WAINBERG, 2003, p. 137)

Planejada por empresários norte-americanos, a feira forjava uma imagem otimista do futuro, abrindo novas perspectivas para o progresso tecnológico e a expansão da indústria eletroeletrônica e de eletrodomésticos. Quem visitava o pavilhão Futurama, da General Motors, podia realizar um voo simulado sobre o que, se imaginava, seriam os Estados Unidos em 1960. Dois anos antes da entrada na guerra dos soldados ianques, o *slogan* da feira esbanjava otimismo: “The world of tomorrow”.

No livro *O imperialismo sedutor*, o historiador Antônio Pedro Tota conta que os brasileiros que visitavam a feira saíam de lá admirados com este mundo de amanhã.

Ficaram atônitos diante de aparelhos de barbear, máquinas de lavar roupas, primitivos aparelhos de televisão e robôs. Enfim, os *gadgets* exerceram tamanho fascínio que, de volta ao Brasil, esses visitantes trouxeram na bagagem a idéia de que a modernização brasileira deveria seguir o modelo americano. Mas, no caminho de duas mãos desse intercâmbio, os americanos tiveram também maior conhecimento sobre seu grande vizinho do subcontinente. (TOTA, 2000, p. 95)

Outro pavilhão que fascinava a mulher de classe média era o da Westinghouse, a empresa que participara dos tempos pioneiros do rádio nos Estados Unidos e no Brasil<sup>63</sup>.

Fantásticas máquinas de lavar pratos prometiam às donas de casa o fim dos desgastantes trabalhos domésticos. Um robô, chamado Eletro, prenunciava a extinção da própria dona de casa. A inauguração oficial da feira, em 30 de abril de 1939, foi televisionada pela RCA-NBC Television Service, mostrando Roosevelt em visita ao pavilhão da Westinghouse. Os visitantes do pavilhão puderam presenciar esse milagre. A voz do presidente já era bem conhecida pelo rádio, mas esta era a primeira vez que se usava a palavra telegênico em referência à simpatia de Roosevelt. A feira era o lugar ‘onde o sonho se torna realidade’ (where dreams come true), como disse, num programa de rádio, Groven Whalen, presidente do evento. (TOTA, 2000, p. 95)

---

<sup>63</sup> O transmissor utilizado na primeira audição de rádio no Brasil, em 7 de setembro de 1922, foi emprestado pela Westinghouse. Conta-se que jamais teria sido devolvido.

As inovações tecnológicas impulsionaram as indústrias eletrônica e eletrodoméstica em todo o continente, ampliando o mercado consumidor e, conseqüentemente os lucros. Mais do que isso, estabeleceram um novo padrão de consumo, que contagiaria as camadas médias urbanas. No interior, a expansão seria mais demorada porque dependia da ampliação da rede elétrica, o que só se daria a partir dos anos 60.

O desembarque de tropas norte-americanas em Natal, no Rio Grande do Norte, em 1943, intensificou esta assimilação de costumes no Nordeste. A base de Parnamirim, nos arredores da cidade, tornou-se ponto de atração para as moças locais. Na bagagem daqueles soldados altos, louros, de olhos claros, que quando não vestiam uniforme andavam de camisa de mangas curtas, vieram o *jeans*, o isqueiro, o chicletes, a Coca-cola.

Não que os brasileiros desconhecêssem estas maravilhas ianques, mas o convívio cotidiano com aqueles jovens simpáticos, que estavam ali para “lutar pela paz mundial” e evitar que mais navios mercantes fossem afundados nas costas brasileiras, estimulou novos padrões de conduta. Antes um ato obsceno, o sinal de OK substituiu o ato singelo de tocar a ponta da orelha, para indicar sem palavras que estava tudo certo.

A cidade mais espantada ainda, a conhecer novidades como fósforo que acendia na sola do sapato e isqueiro que não fazia chama: era só encostar o cigarro, pressionar embaixo que acendia; a descobrir que chicletes se chamava ‘*chewing gum*’, e ao invés de pastilhas vinha em tabletes; a ver homem de pulseira (as chapinhas de identificação); a fumar cigarros fraquinhos e aromáticos: Camel, Lucky Strike, Old Gold, Chesterfield e tantos outros, que logo substituíram o Lulu nº 3, o Selma, Elmo, Jockey Club, etc; a aprender expressões novas: *chance money*, *drink beer*, *give me a cigarette*. Ocorriam confusões: a pronúncia ‘*bitsch*’ servia para praia e prostituta. (PINTO, s/d, p. 16-17)

## 5.2 Testemunha ocular

O campo era favorável aos Estados Unidos para a guerra psicológica que se travava desde os anos 30 com a Alemanha. Menos no sul do Brasil, no sul da Chile e na Argentina, onde despertava suspeita a colônia de imigrantes alemães, fascinados com o despertar de uma nova doutrina que recuperava o orgulho prussiano.

Neste contexto, a Standart Oil (Esso) e a McCann-Erickson se juntam para estender ao Brasil um noticiário que fazia sucesso em Nova York, Havana, Buenos Aires, Lima e Santiago. Depois de patrocinar transmissão esportiva e o programa *Variedades Esso*, na mesma Rádio Nacional, a companhia de petróleo decidiu concentrar a publicidade radiofônica em noticiosos comprometidos com a visão de mundo norte-americana. O estilo teria que ser objetivo, aparentemente neutro e sempre apoiado na versão oficial dos fatos. Uma concepção bastante diferente daqueles programas transmitidos em ondas curtas e depois redistribuídos para emissoras do interior.

O jornalista e pesquisador Luciano Klöckner, na dissertação de mestrado *O Repórter Esso na História Brasileira (1941-1945; 1950-1954)*, observa que nas décadas de 40 e 50 os grandes anunciantes costumavam associar o nome do programa ao patrocinador, como *Melodias Cashemere Bouquet*, *Almanaque Kolinos*, *Minuto Mágico Pond's*; depois na TV, *Gincana Kibon*, *Show Tonelux*, *Telejornal Pirelli*; ou nomes associados a *slogans*, como o musical *A Pausa que Refresca*, da Coca-cola..

Os norte-americanos foram os que melhor souberam explorar esta tendência.(...) Os conceitos de propaganda e marketing foram se transformando de acordo com as necessidades e mudanças do próprio mercado, baseado nos hábitos e no consumo da população, e na penetração cada vez maior dos meios de comunicação nos lares modernos. (...) Com as agências de publicidade, chegaram ao País as de notícias. De início, todas as notícias do exterior transmitidas ao Brasil passavam por agências estrangeiras, caracterizando um monopólio na distribuição das informações mundiais. As agências brasileiras começaram a atuar algum tempo após, com base numa legislação protecionista. (KLÖCKNER, 1998, p.94-95)

A vinheta de metais e percussão do Repórter Esso ocupou o sinal da Rádio Nacional do Rio de Janeiro pela primeira vez em 28 de agosto de 1941. Dois episódios se destacavam na primeira edição, ambos vinculados à Segunda Guerra. Um informava sobre um ataque da Royal Air Force (RAF) na Normandia; o outro dizia respeito à apreensão pelo governo brasileiro de 16 navios do Eixo, fundeados em portos nacionais. Em setembro, a Rádio Record, de São Paulo, passou a veicular o Esso, com o locutor Artur Piccinini.

O noticioso, de cinco minutos e 13 notas em média, significou uma revolução do radiojornalismo, ao dispor de rede própria de redação e reportagem, de um contrato de exclusividade com a agência de notícias United Press (UP). Num primeiro momento, o

noticiário era lido pelo locutor do horário, mas com o tempo a McCann percebeu a vantagem de ter uma voz exclusiva, que identificasse o Repórter Esso. O gaúcho Heron Domingues foi locutor exclusivo do Esso no Rio de Janeiro de novembro de 1944 a 1962. Com estilo vibrante, Heron fez escola de locução na Rádio Nacional e durante muitos anos na maioria das emissoras do país. Em julho de 1942, a transmissão do Esso estendeu-se para outras três capitais (Porto Alegre, com a Farroupilha; Belo Horizonte, com a Inconfidência; e Recife, através da Rádio Jornal do Comércio), com locutores locais..

De acordo com Luciano Klockner, os boletins da United Press vinham em Código Morse e chegavam à estação receptora no bairro de São Cristóvão, no Rio, de onde eram transmitidos para a sede do Jornal do Brasil, na Avenida Rio Branco, onde ficava o escritório da UP, e aí gravadas num aparelho chamado ditafone (espécie de disco) que redistribuías mensagens para as emissoras de demais estados.

Cada emissora possuía um operador especialista em Código Morse e um redator. Simultaneamente, outro operador ia vertendo os sinais Morse para a língua em que a mensagem foi enviada. Depois, o texto passava para os redatores, responsáveis pela tradução para o português e datilografia. Concluída a penúltima parte, o texto, agora batizado de telegrama, chegava às mãos de um dos redatores do *Repórter Esso* entrar no ar. No Rio, o texto finalizado era levado à Rádio Nacional por um contínuo. (KLÖCKNER, 1998, p. 114)

Em 1942, 13 países e Porto Rico (considerado estado associado dos EUA) veiculavam o informativo no continente, num total de 59 emissoras. Veja o quadro:

País	Emissoras
Estados Unidos	34
Argentina	09
Brasil	05
Chile	01
Colômbia	01
Costa Rica	01
Cuba	01
Nicarágua	01
Panamá	01
Peru	01
Porto Rico	01
República Dominicana	01
Uruguai	01
Venezuela	01

Na Argentina, a principal estação a transmitir o Esso era a Rádio Belgrano, em Buenos Aires, de propriedade de Jaime Yankelevich, tido como o caudilho da radiodifusão. Yankelevich, que popularizou o veículo e dinamizou a publicidade, implantou a TV no país, em 1951, um ano depois do Brasil. Curiosamente, o nome original da Belgrano era Rádio Nacional, mas em 1934 um decreto proibiu o uso da palavra “nacional” por entidades privadas. Em 1991, os donos atuais mudaram o nome da emissora para Voces en Libertad. (HAUSEN, 1997, p. 80)

No Chile, quem veiculava o Repórter Esso era a Rádio Minería, pertencente a Brading Copper Company, proprietária das duas maiores minas de cobre do mundo, a de Teniente, 80 quilômetros ao sul de Santiago, e a de Chuquicamata, em Antofagasta, ao norte. A Minería abrangia uma rede de 30 estações repetidoras espalhadas pelo País. A, a Shell patrocinava outro noticiário pela Rádio Cooperativa.

Apesar do estilo aparentemente objetivo, a linha editorial tinha pelo menos dois calcanhares de Aquiles: a nacionalização da exploração de petróleo, tema omitido no noticiário, e a Guerra Fria. A seguir, dois exemplos:

*Washington.// Os recursos dos países latino-americanos têm que ser unidos da forma mais eficaz aos do resto do mundo na luta contra a agressão comunista. // Isto foi o que declarou hoje o senhor CHARLES WILSON, diretor da mobilização da Defesa nos Estados Unidos, num relatório ao presidente Truman. // Acrescentou que cada nação livre na luta de vida ou de morte contra o comunismo terá que contribuir com aquilo de que disponha, armas, materiais e tropas.*

*Castelgandolfo, Itália.// Numa transmissão radiotelefônica, em alemão, para o Congresso Eucarístico suíço, reunido em EISIELDEN, o papa Pio Doze declarou hoje: “devemos defender p cristianismo contra seu inimigo, que deseja impor à humanidade normas de vida completamente divorciadas das preconizadas pelo cristianismo.” // O santo padre não mencionou como inimigo o comunismo, mas era evidente que se referia aos vermelhos. (KLOCKNER, 1998, P. 167)*



No primeiro exemplo, o texto induz o ouvinte a considerar a fala do assessor de Harry Truman como informação, e não como opinião. Os manuais de radiojornalismo desaconselham o uso do texto declaratório, principalmente no início da nota, uma vez que, ao contrário do leitor de jornal, o ouvinte não tem acesso aos sinais gráficos que indicam as aspas. O segundo exemplo contextualiza a advertência do papa ao incluir ilações que estavam ausentes da declaração original. Ambos comportamentos contrariam o Manual de Instrução do Repórter Esso.

Para enfrentar o Esso, em meados dos anos 50 a recém-criada Petrobrás passou a patrocinar o Repórter Petrobrás, transmitido pela Rádio Sociedade da Bahia e pela Rádio Gaúcha, entre outras emissoras. O slogan do noticiário se contrapunha aos interesses da Standard Oil: “Povo sem petróleo é povo sem liberdade”.

O Repórter Esso existiu no rádio brasileiro durante 29 anos e quatro meses. Sua última transmissão – na verdade uma recompilação das principais notícias narradas desde 1941 – foi ao ar no dia 31 de dezembro de 1968 pela Rádio Globo, na voz de Roberto Figueiredo. Começávamos a viver os tempos do AI-5 e as formas de intervenção ideológica tomaram outro caminho.

### **5.3 Ilusões cubanas**

O presidente Getúlio Vargas ainda flertava com os nazistas quando Gilberto Martins entregou à direção da Rádio Nacional a adaptação da radionovela cubana *Em busca da felicidade*, que estreou em junho de 1941, tornando-se a primeira radionovela transmitida no Brasil. O texto original era de Leandro Blanco. As novelas cubanas, que dominaram o mercado radiofônico na América Latina durante as décadas de 40 e 50, inspiraram-se no gênero *soap-opera*, criado nos Estados Unidos na década de 30.

De acordo com Renato Ortiz, no livro *A moderna tradição brasileira*, as primeiras *soap-operas* foram patrocinadas por fábricas de sabão e depois adaptadas aos interesses folhetinescos das mulheres latino-americanas. Na época, a indústria de utilidades do lar crescia vertiginosamente e enxergava no rádio um grande veículo para propagar as facilidades da moderna vida doméstica.

As novelas cubanas fizeram escola na América Latina. A primeira data de 1931; quatro anos depois os argentinos trilhavam o mesmo caminho. Citando o crítico cubano Reynaldo González, a historiadora Lia Calabre conta que a crise social que se seguiu à quebra da Bolsa de Nova York, em 1929, levou muitos artistas de teatro para o rádio, ampliando e melhorando a qualidade dos textos e da interpretação.

A produção de dramas radiofônicos se tornou um grande negócio em Cuba. A maior parte dos textos ali produzidos foi exportada para outros países da América Latina. O sucesso alcançado pelos dramas cubanos era inegável. No caso de países como o Brasil, havia a compra de alguns scripts cubanos que somente iam ao ar após sofrerem algumas adaptações. As emissoras brasileiras de médio e grande portes possuíam um grande número de escritores de radionovelas e de autores teatrais, que também se dedicavam a produzir textos específicos para radiofonização. Muitos destes foram contratados como autores exclusivos de determinadas estações de rádio, ou como escritores das agências de publicidade. Diversas radionovelas produzidas no Rio de Janeiro e em São Paulo eram vendidas e reapresentadas em outros estados. (CALABRE, 1996, p. 114)

Assim como ocorre hoje com as telenovelas mexicanas e venezuelanas, os dramas cubanos eram encenados sem qualquer adaptação na maioria dos países latino-americanos. A prática, se por um lado aumentava os lucros do dono da emissora que comprava um produto de excelente retorno financeiro sem altos investimentos, por outro lado inibia a formação de autores nacionais.

Em fins dos anos 30, o rádio revela-se um excelente aliado, uma força a mais no conflito mundial. A transmissão a distancia, através das ondas curtas, deixa de ser assunto de amadores e passa a integrar protocolos internacionais que legislam sobre divisões e distribuições de faixas de ondas. Começava a ocorrer uma espécie de congestionamento radiofônico<sup>64</sup>. Com a guerra, torna-se uma prática internacional comum a produção de programas em língua estrangeira. Esta era uma forma de realizar propaganda política.

Os acordos internacionais de distribuição de frequências haviam destinado ao Brasil faixas de ondas curtas que permaneciam ociosas em meados de 1942. Esse desinteresse causava certo desconforto, porque os acordos previam a suspensão da concessão se o país não fizesse uso dos canais. Diante da ameaça, ao apagar das luzes de 1942, no dia 31 de dezembro, a Rádio Nacional iniciou suas transmissões em ondas curtas, com 50 kilowatts

de potência, tornando-se na época a emissora mais potente da América Latina. Segundo Lia Calabre, os recursos para compra dos transmissores vieram da própria empresa oficial, sem necessidade de aportes extras do governo federal.

O aproveitamento da faixa pela Nacional serviu a diferentes propósitos. Um dos objetivos desta nova emissora é a transmissão internacional. Ela vai passar a transmitir os programas do governo para a América e a Europa. Forma-se uma emissora dentro de outra. Os programas voltados para o exterior seguiam o estilo da BBC de Londres: locutores estrangeiros apresentavam programas de música mesclados com propaganda oficial, noticiando desde boletins de produção econômica a roteiros turísticos e informações sobre hábitos culturais. (CALABRE, 1996, p. 95)

Em 1954, a Rádio Nacional transmitia diariamente em ondas curtas o noticioso Llamando América. Apresentado em espanhol pelo locutor José Vicente Payá, o programa tinha formato semelhante ao Repórter Esso; quatro minutos de duração e notas curtas e objetivas, baseadas em fontes oficiais.<sup>65</sup> Ao final de cada edição, Payá despedia-se assim dos ouvintes:

*“Y aquí clausuramos el mensaje radial de Brasil a los pueblos de América en misión de bienvenida. Fue puesto en el aire por la Radio Nacional de Rio de Janeiro, en ondas cortas. Con 50 kilowatts en antena y la colaboración del Agencia Nacional, muchas gracias del redactor y locutor de ustedes, José Vicente Payá. Por la unidad y la fraternidad de los pueblos de América, por el progreso y la cultura de Brasil.”*

#### **5.4 Batalha radiofônica**

Nos últimos 100 anos, a guerra convencional adquiriu novos contornos. Além das trincheiras, armamentos e táticas de combate, os conflitos intensificaram uma dimensão que

---

<sup>64</sup> Ver: Lopes, Saint-Clair. *Radiodifusão hoje*. Rio, Temário, 1970.

<sup>65</sup> Não foi possível determinar o período em que o programa Llamando América permaneceu no ar. O acervo sonoro do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro possui apenas um noticioso, de dezembro de 1954.

extrapola os campos de batalha. Os estrategistas militares se conscientizaram de que, para derrotar o inimigo e perpetuar a ocupação, é preciso conquistar corações e mentes.

Os meios de comunicação audiovisuais desempenham papel crucial na chamada guerra psicológica, que no Exército costuma ficar a cargo do setor que cuida da informação. Lasswell explica a origem do termo guerra psicológica, mais tarde substituído por propaganda.

A voga da expressão guerra psicológica se explica pelo peso que passaram a ter, em parte, os especialistas de Psicologia na Alemanha, Estados Unidos e nos outros países ocidentais. Os psicólogos procuravam um lugar ao sol, isto é, estavam ávidos por demonstrar que suas ferramentas podiam ser utilizadas para a defesa nacional em tempo de paz. Bem cedo, na guerra, um grupo de americanos traduziu. Para o inglês, alguns textos importantes da literatura alemã a fim de abrirem os olhos dos militares sobre a utilidade da psicologia não somente para testar as aptidões, ou a propaganda, mas ainda para encarar cada fase de conduta da guerra em condições modernas.<sup>66</sup>

Na Alemanha dos anos 30, após o fracasso prussiano da Primeira Guerra Mundial e da experiência socialista da República de Weimar, os fundadores do 3º Reich logo compreenderam a importância deste instrumento de formação de mentalidades.

Nesta concepção não havia espaço para tolerância política e religiosa, alternância partidária ou concentração do capital financeiro nas mãos de grupos não identificados com o nazismo. Para estes homens de vistosos uniformes negros, liberdade de imprensa só na cabeça de mentes fracas, que não compreendiam a grandeza daquele momento histórico, marco zero do império dos mil anos. Os novos tempos incitavam conquistas; a *belle-époque* era coisa do início do século.

É especialmente necessário ter-se a imprensa debaixo da mira, porque a sua influência sobre os homens é especialmente forte e penetrante (...) O Estado não deve perturbar-se pelo brilho da chamada liberdade de imprensa e deixar-se conduzir à falta do seu dever, ficando a nação com os prejuízos (...) Ele deve, com decisão implacável, assegurar-se desse meio de esclarecimento e colocá-lo a seu serviço e no da nação. (HITLER)<sup>67</sup>

---

<sup>66</sup> LASSWELL, H. D. Political and Psychological Warfare, in Propaganda in War and Crisis, Lerner (org), New York, Steart Publisher, 1950,

<sup>67</sup> HITLER, Adolf. Mein Kampf, Munique, 1932, vol. I, pág 246, apud Fernando Jorge, Cale a boca, jornalista, Petrópolis, Vozes, 2ª edição, 1987

A apologia da política do bem estar, acima de todas as classes, simbolizada pela mão forte do governante, ora visto como o condutor das massas, ora como pai da pátria, finca raízes longe do solo europeu e ganha simpatizantes além-mar. As colônias alemãs na América do Sul começam a sentir-se parte deste espírito de vitória e estreitam seus vínculos afetivos com a terra mãe. É fácil entender a preocupação das nações aliadas com a América do Sul. O 3º Reich estimulava o entendimento de que a soberania nacional deveria estender-se aos cidadãos e seus bens, inclusive no exterior. As transmissões em ondas curtas na língua alemã atingem em cheio as colônias no Brasil, com 600 mil alemães e descendentes, na Argentina, com 150 mil, e no sul do Chile.<sup>68</sup>

O discurso de grandeza e prosperidade não empolgou apenas os membros dos clubes teutônicos. No Brasil, um dos líderes da Revolução de 30, Juracy Magalhães – egresso da Coluna Prestes – rasga a fantasia de liberal e defende abertamente um governo forte, num artigo publicado em 1933, quatro anos antes do Estado Novo.

Não tenho o fetichismo da liberdade. O liberalismo excessivo da revolução francesa já passou da época. Na mentalidade moderna, vai sendo substituída a velha noção dos direitos pelos deveres dos cidadãos. A democracia liberal é o regime da irresponsabilidade que só interessa aos exploradores das massas. Estas estão cansadas de ouvir falar em liberdade. Já não acreditam mais nisso; querem governos que cuidem do seu bem estar, que desenvolvam as nossas fontes de produção e atendam às suas necessidades de vida, realizando uma situação de estabilidade econômica, dentro de um ambiente de tranquilidade política e social.<sup>69</sup>

Não foram somente os nazistas, nem seus simpatizantes que perceberam o valor do rádio na guerra psicológica. A União Soviética ostenta o pioneirismo na utilização política das ondas hertzianas (MATTELART, 1994). Em 1922, o país possuía a emissora de maior potência mundial e, em 1929, inaugurava transmissões regulares em ondas curtas. Inicialmente em francês e alemão; no ano seguinte, em inglês. Seguiam à risca os ensinamentos de Lenin. Que classifica o rádio como “jornal sem papel e sem fronteiras”.

---

<sup>68</sup> O sul do Chile, dominado pelos índios Mapuche, só foi conquistado efetivamente no século XIX por colonos de origem alemã, que emigraram em busca de novas terras.

<sup>69</sup> O Jornal, de Salvador, edição de 18/11/1933, apud Agamenon Magalhães, artigo assinado sob o pseudônimo de Zé da Bahia, em 1944, com o título de “O democrata Juracy”. Arquivo de Agamenon Magalhães, fonte CPDOC

Na década de 30, a União Soviética produzia programas emitidos em mais de 10 idiomas e dezenas de dialetos. Mas a Alemanha já havia superado a URSS em potência dos transmissores. De acordo com Armand Mattelart, a força do rádio soviético consistia na organização de uma rede em escala mundial. Em 1921, por ocasião do 3º Congresso da Internacional Socialista, publicou-se o documento programático *Teses sobre Organização e Estrutura dos Partidos Comunistas*.

Além de homologar a concepção do partido como vanguarda do proletariado, regida pelo princípio do ‘centralismo democrático’, divulgava para uso dos partidos irmãos as experiências que tinham sido feitas, pela organização soviética na clandestinidade ou legalidade, no campo da imprensa e do trabalho de agitação e propaganda.

Vejamos o campo de batalha da guerra psicológica na década de 30. De um lado a Alemanha nazista, com o orgulho ferido pelas retaliações impostas por França e Inglaterra após a 1ª Primeira Guerra Mundial, exportava pujança acima das classes e a doutrina da supremacia racial ariana. Seus parceiros, Japão e Itália, sonhavam em ampliar a influência política e econômica respectivamente na Ásia e no norte da África. Do outro lado a União Soviética, já sob a era stalinista, exortava os simpatizantes a aderirem à nova sociedade que acenava com igualdade e prometia o poder ao proletariado, num mundo utópico que propugnava pelo fim das fronteiras nacionais. A Inglaterra, detentora do maior império colonial, e a França, igualmente colonialista, sentiam-se ameaçadas em seus domínios. Curiosamente, os ingleses tinham entre seus governantes e na família real gente que não disfarçava a admiração pelo nacional-socialismo.

A Guerra Civil Espanhola servira como laboratório experimental da batalha hertziana. Falangistas transmitiam em árabe para evitar que milícias marroquinas atravessassem o Mediterrâneo e se aliassem aos republicanos da Catalunha. Em contrapartida, de Valência emissões em árabe e francês tentavam aumentar o contingente das Brigadas Internacionais. Em 1938 a BBC inaugura um serviço em alemão e logo começa a transmitir também em espanhol e português para a América Latina. Em 1942, os Estados Unidos lançam a Voz da América. Os programas transmitem a visão oficial de Washington acerca dos grandes temas internacionais.

Era natural que os EUA se interessassem por este combate de ideologias, mesmo porque a RCA já havia comprado a patente de Marconi e as condições tecnológicas para a exploração política do rádio eram bastante favoráveis, com a expansão de rede de emissoras por todo o continente americano. Em 1942 a rede CBS of the Americas (Cadena de las Américas) possuía 76 emissoras afiliadas e, dois anos depois, em maio de 1944, reunia 102 estações de onda média em 20 países do continente americano. O canal de ondas curtas da CBS transmitia diariamente de 17h às 23h em português, e de 17h30min às 2h da madrugada em espanhol, nas frequências de 19 metros, 25 metros e 31 metros.<sup>70</sup>

O diretor de programação de ondas curtas da CBS para a América Latina, Edmund Chester, havia morado em países latino-americanos e orgulhava-se de conhecer as preferências radiofônicas dos ouvintes. Documento da CBS, datado de 16 de maio de 1944, afirmava que autoridades dos Estados Unidos e da América Latina, como presidentes, vice-presidentes, ministros e embaixadores, assim como oficiais de alta patente do Exército e da Marinha, haviam sido consultados sobre a programação numa pesquisa realizada durante 12 meses. Artistas latino-americanos eram entrevistados freqüentemente nos estúdios da CBS em Nova York para os programas em ondas curtas.

Muitos programas produzidos pelo OCIAA em Nova York eram veiculados por emissoras brasileiras, como Rádio Cruzeiro do Sul e Tupi (Rio e São Paulo) Mayrink Veiga (RJ), Educadora (RJ), Record (SP), Cultura (SP), Cosmos (SP), Inconfidência (BH), Farroupilha (PA), e Rádio Clube de Pernambuco. Entre estes programas estavam *Calling Brasil*, comentários escritos por Júlio Barata e Raymundo Magalhães, de segunda a sexta-feira, de 21h às 21h15min, e *Magazine no Ar*, uma revista de variedades com grande orquestra, entrevistas com artistas de cinema, notícias e assuntos femininos, transmitido aos sábados e domingos, de 14h às 15h.

No Chile, a RCA funda durante a Segunda Guerra a Rádio Corporación, com 50 kw e três canais de ondas curtas. O radialista Sérgio Campos, professor do curso de Jornalismo da Universidade do Chile, afirma que a Corporación atuou como porta-voz dos aliados para combater o apoio ao nazismo.

---

<sup>70</sup> A escolha do horário noturno leva em conta dois fatores: há maior número de pessoas em casa, após o trabalho, e evita-se a interferência dos raios solares nas transmissões a longa distância. Ver anexo sobre o raio

Hoje em dia ninguém reconhece que existia uma corrente muito forte de apoio ao nazismo na Argentina e no Chile, mas esta era a realidade. Os Estados Unidos conheciam a situação e criaram a rádio como instrumento de propaganda. A empresa começou a funcionar com uma combinação de capital chileno e estrangeiro. Terminada a guerra, produz-se outra polarização entre Leste e Oeste, entre capitalismo e comunismo. A Rádio Corporación passa a defender os valores democráticos da sociedade ocidental e cristã, frente ao fantasma do comunismo. Tudo isso num terreno nebuloso, em que não se distinguia propaganda e informação. Criam-se outras instâncias sob o teta do sistema estadunidense e surgem novos programas informativos, todos gerenciados pela agência McCann-Erickson.<sup>71</sup>

Durante a Guerra Fria, a política norte-americana volta-se para a busca de parceiros nacionais nos meios de comunicação. A RCA vende então a Rádio Corporación aos donos do jornal *El Mercurio*. A exemplo da maioria dos países da América do Sul, o Chile entra na década de 60 em meio a uma polarização política. No plano interno, o conflito principal era entre o grande capital e os setores organizados do operariado, trabalhadores rurais que reivindicam a jornada de 8 horas diárias e grupos indígenas. Em fins dos anos 60, pouco antes da eleição do presidente socialista Salvador Allende, da Unidade Popular, os proprietários do *El Mercurio* vendem a Rádio Corporación ao Partido Socialista.

A batalha radiofônica assume cores novas e intensas. De um lado a Rádio Agricultura, da Sociedade Nacional de Agricultura; a Minería e a Cooperativa, identificadas com a democracia-cristã; do outro lado a Rádio Corporación, do Partido Socialista; a Rádio Magallanes, do Partido Comunista; a Rádio Nacional, do MIR (Movimnto de Esquerda Revolucionária); e a Rádio Recabarre, da CUT (Central Unitária de Trabalhadores). Este quadro de disputa intensa por corações e mentes dos ouvintes implode com a queda de Allende e a tomada do poder pelo general Augusto Pinochet, com o apoio dos Estados Unidos.

Os líderes da Unidade Popular e dirigentes do Partido Comunista chileno que conseguem escapar buscam asilo em embaixadas. Outros que estão no exterior não podem voltar. Um deles é o senador comunista Volodia Teitelboim, que fala diariamente pelas ondas curtas da Rádio Moscou no programa *Escucha Chile*, entre 1973 e 1988.

---

de alcance de Cadena de las Américas.

<sup>71</sup> Entrevista com o radialista e professor universitário Sérgio Campos, realizada em Santiago a 7 de julho de 2001.



Havia muito material para divulgar. Nos primeiros dias (após o golpe militar), eu era o único chileno que falava na Rádio Moscou, junto com os locutores, a soviética Kátia Olievskaia e um ítalo-argentino chamado Cechini. (...) Um companheiro cuidadoso se deu ao trabalho de arquivar cópias de cada intervenção. Algumas são a base desta antologia. Reproduz a crônica de cada noite e contém uma reflexão sugerida pelos fatos. Têm a marca da emoção que ainda não se esfriou. Não é tão fácil falar para um auditório tão distante e invisível. Na verdade, o programa era ouvido em todas as partes do Chile, nas Américas Central e do Sul, México, Estados Unidos e Canadá. Também era captado na Austrália e na Nova Zelândia, onde nos sintonizavam os milhares de chilenos que começavam a viver seu exílio em terras tão remotas. De dentro e fora do país muitos colaboradores espontâneos nos escreviam e telefonavam, para dar informações sobre o que se passava. A ditadura se empenhou a fundo para interceptar as transmissões. Pediu ajuda a amigos poderosos do continente, mas todas as tentativas de interferência fracassaram. *Escucha Chile* continuou sendo ouvido com nitidez em todo o território. Em resposta, Pinochet decidiu falar para os russos e ordenou à Rádio Nacional que assumisse a tarefa. Mobilizaram vultosos recursos para transmitir um programa no idioma de Tolstoi. (...) Gastaram uma dinheirama que se esvaiu não sabemos em que mãos. Obviamente quem pagou foram os contribuintes chilenos. Ao final o ditador decidiu que russo era a língua do diabo e não valia a pena pagar preço tão alto para um povo condenado às neves eternas. (TEITELBOIM, 2001, p. 19-20)

Mas poucos estrangeiros tinham livre acesso aos microfones da Rádio Moscou, mesmo aqueles que se apresentavam como marxistas. A emissora mantinha uma programação centralizada, com textos redigidos e traduzidos por jornalistas soviéticos mantidos pelo governo. Em entrevista a um grupo de professores e estudantes de Jornalismo da UFF e da UFRJ, o jornalista português Carlos Fino, que atuou como locutor da Rádio Moscou nas transmissões para Portugal, nos anos 70, deu o seguinte depoimento:

As notícias eram todas elaboradas de maneira centralizada; vinham da redação central já concebidas pelos russos e traduzidas por russos para a nossa língua. Os portugueses ou trabalhavam como estilistas, depois dos tradutores russos, ou como locutores. Estavam à margem do centro decisório. Não havia espaço para comentários nossos. A única exceção que se passou comigo foi que eles me deixavam escrever comentários para a África, onde aparentemente eles

consideravam que havia menos risco de que, se eu dissesse alguma coisa que não estivesse dentro da linha pretendida por Moscou, lhes causaria menos problemas.<sup>72</sup>

Duas considerações não podem escapar ao relato de Carlos Fino. A primeira é o fato de a emissora oficial soviética produzir programas com conteúdos distintos para Portugal e as colônias lusas na África. A segunda observação traz embutida uma pergunta: por que não se podiam escrever comentários para a metrópole e sim para os africanos? É difícil encontrar uma resposta que não resvale para o preconceito.

### **5.5 Na companhia da CIA**

A Guerra Fria está repleta de episódios em que os meios de comunicação foram utilizados como armas de persuasão. Tanto no plano internacional, através da guerra de transmissões a longa distância, com transmissores com grande potência em ondas curtas<sup>73</sup> que caracterizam o mundo bipolarizado da época, quanto no aspecto micro, com o uso de emissoras clandestinas em momentos de crise. Um dos exemplos marcantes foi o da Rádio Liberación, na Guatemala, em 1954.

Ao entrar em conflito com os interesses de grandes corporações norte-americanas, como a United Fruit, subsidiária da General Food, a International Railways of Central America; e Empresa Elétrica, ligada à American Foreign Powers, o governo socialista de Jacobo Arbenz transforma-se em alvo da guerra psicológica através das emissões clandestinas em ondas curtas de uma emissora que se autoproclama porta-voz do Movimento Libertador Guatemalteco.<sup>74</sup>

Em apenas seis semanas, operando a partir da fronteira com Honduras e com pessoal treinado na Flórida, a rádio consegue divulgar uma série de boatos e contra-

---

<sup>72</sup> Entrevista com o jornalista Carlos Fino, em novembro de 2003, no Rio de Janeiro

<sup>73</sup> No auge da Guerra Fria, a Tchecoslováquia tinha um transmissor de 2 mil kw de potência, suficiente para fazer com que a emissão desse a volta ao mundo.

informações que supervalorizam o poder dos grupos rebeldes, comandados pelo coronel Castillo Armas, gerando um clima de insegurança na população civil.

O dia escolhido para a estréia da Rádio Liberación foi 1º de maio, quando a emissora oficial ficava fora do ar por causa do feriado do Dia do Trabalho. Para atrair a atenção, os diários de grande circulação publicam anúncio de meia página informando que a emissora apresentará um programa especial com a cantora Maria Felix e com o ator Cantinflas.<sup>75</sup> Na hora marcada, os locutores Mario López Villa Torres e José Torón Barrios iniciam uma série de pregações anti-governistas. María Félix e Cantinflas de fato aparecem. Em disco.

O governo de Jacobo Arbenz acertara a compra de armamentos, no valor de 10 milhões de dólares, com a Tchecoslováquia, para equipar o Exército. A negociação, a princípio sigilosa, ganha destaque na imprensa internacional e os norte-americanos acusam a Guatemala de planejar montar uma base de foguetes para atingir os poços de petróleo do Texas. Aproveitando-se da controvérsia, a Rádio Liberación divulga que Arbenz iria afastar os comandantes militares, criar uma guarda proletária e ceder as armas a estas milícias, e não ao Exército.

No melhor estilo da Guerra Fria, a emissora noticia diariamente a fuga de pilotos soviéticos rumo ao Ocidente. Até que um avião guatemalteco deserta e pousa em território rebelde, onde faz um discurso antigovernista, transmitido pela rádio. Temendo novas deserções, o governo proíbe o tráfego aéreo militar e promove um blecaute noturno, para dificultar o lançamento de suprimentos pelos bombardeiros cedidos pelos EUA aos rebeldes. A Liberación pede à população que acenda fogueiras para ajudar os pilotos.

A polícia secreta do governo contra-ataca, anunciando por alto-falantes instalados em automóveis que os cidadãos apanhados acendendo fogueiras serão sumariamente fuzilados. A população acata a advertência, mas a Rádio continua a anunciar nos dias seguintes que a capital arde em fogueiras noturnas, e que apenas as unidades militares e as

---

<sup>74</sup> O governo anterior, de Juan José Arévalo, expulsara o embaixador dos EUA, Richard Patterson, acusado de se envolver em assuntos internos da Guatemala.

<sup>75</sup> O anúncio de lançamento de uma emissora clandestina indica a disposição política dos donos de jornais na Guatemala em relação ao governo Arbenz. O fato mostra que a rádio faz parte de uma rede mais complexa, que envolve setores nacionais do empresariado que aliam a grupos estrangeiros.

casas de simpatizantes de Arbenz permanecem às escuras. E faz uma ameaça que instaura o pânico entre a população civil: os locais escuros serão atacados pelos caças-bombardeiro. Na noite seguinte, a cidade fica toda iluminada, inclusive alguns quartéis.

O governo reage mandando milícias para as montanhas a fim de localizar o transmissor. Os rebeldes se antecipam e simulam uma operação de destruição da estação. Um porta-voz do governo guatemalteco cai na armadilha e confirma o ataque à estação, mas dias depois as emissões ressurgem, como se os rebeldes tivessem obtido outro transmissor. A trapaça reforça a credibilidade da emissora, que passa a servir como fonte de informação aos correspondentes da imprensa estrangeira. Do ponto de vista da apuração, era cômodo. Bastava sintonizar a emissora clandestina e mandar os telegramas para as agências internacionais sem ter que sair do hotel.

A última cilada da Liberación foi o anúncio de que duas colunas rebeldes, comandadas pelo coronel Castillo Armas, se aproximavam da capital – na verdade estavam perto da fronteira com Honduras – e pediam à população para liberar as estradas à passagem dos comboios militares. A notícia desencadeia um êxodo em massa.

As ações rebeldes, apoiadas pela CIA, e as contra-informações divulgadas pela rádio clandestina levam à renúncia do presidente Jacobo Arbenz, a 27 de junho de 1954, e à tomada do poder dias depois pelo coronel Castillo Armas, praticamente sem reação militar, e faz um pronunciamento pela Liberación.

Missão cumprida, a emissora sai do ar com a seguinte emissão: “Guatemaltecos, simpatizantes que nos haveis escutado. Esta é a última transmissão da Rádio Liberación, a emissora clandestina. Nos retiramos do ar hoje, e desta vez definitivamente. Mas o fazemos mantendo em segredo a localização de nossa estação, que permanecerá como símbolo de luta nas entranhas da pátria emudecida ante o bem-estar da Guatemala, mas sempre pronta a fazer ouvir sua voz quando o povo assim o pedir.”

O episódio foi tema do documentário radiofônico “Los días rojos”, produzido em 1982 pelo radialista guatemalteco Marco Antonio Puga Castellan. De acordo com o

documentário, David Philips, assessor norte-americano da Rádio Liberación, revelou anos mais tarde que as transmissões sempre foram feitas a partir do território hondurenho.<sup>76</sup>

Na década de 80, experiência semelhante, só que de vetor invertido, ocorre em países vizinhos, como a Rádio Sandino, da Frente Sandinista de Libertação Nacional, e a Rádio Impacto, do grupo dos Contra, ambos na Nicarágua, e a Rádio Venceremos, da Frente Farabundo Martí, em El Salvador. Na década de 90, temos a experiência da Frente Zapatista, no sul do México, que utiliza largamente os meios de comunicação contra instrumento de adesão e difusão de bandeiras. Os zapatistas chegam a montar um site na Internet, atualizados regularmente por meio de *laptops*.

Na segunda parte da tese, vamos analisar algumas séries radiofônicas produzidas e veiculadas durante a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria. O objetivo é mostrar o envolvimento do rádio na estratégia de formação de mentalidades. Uma pequena pausa e voltamos após a virada de página.

---

<sup>76</sup> “Los días rojos” recebeu menção honrosa no Prêmio Moinhos de Ouro, da Rádio Nederland. Disco gravado em Hilversum, Holanda.

## GLOSSÁRIO DOS INDICADORES DE ROTEIRO

NARRAÇÃO: Leitura dentro da narrativa;

LOCUÇÃO: Leitura referencial, que geralmente remete a algo conhecido ou que tem o objetivo de contextualizar a narrativa;

LETRA MAIÚSCULA: Os indicadores para o operador de som. Dentro do texto, são as palavras em idioma estrangeiro, para alertar o locutor e/ou ator;

/// Indica mudança de ritmo na narração ou interpretação. Também representado pelas letras OT (outro tom) antes da mudança de inflexão;

PALAVRAS ENTRE PARÊNTESES: Indicam a inflexão de voz, com base na emoção da personagem;

VOZ EM SEGUNDO PLANO: Emissão da voz distante do microfone para dar a impressão de que o personagem está longe do interlocutor.

CORO: Mistura de vozes, em terceiro plano, para compor o ambiente sonoro. Pode ser gravado previamente e entrar como efeito de mesa (de operação).

TÉCNICA: Indicações para o operador de som;

SOBE SOM: Pequena inserção sonora, obtida em estúdio (geralmente pela sonoplastia), para exemplificar um ruído que faz parte da trama.

BG: Também conhecido como *back ground*, som ou voz em segundo plano, que acompanha a narrativa em primeiro plano;

DESAPARECE: Também chamado de *fade out*, corresponde à redução gradativa da música ou da voz, até sumir completamente;

CORTA: Corte brusco da música incidental;

VINHETA: Música ou efeito sonoro que identifica a série. Deve entrar pelo menos duas vezes, no início e no final do programa.

CORTINA MUSICAL: Marca a passagem de tempo ou a mudança de ambiente sonoro. A cortina varia de 3 seg a 8 seg. Mais do que isso, pode ser confundida com a vinheta de identificação.

## 6 – Sintonizando a Guerra Fria

Qualquer que seja o objeto de persuasão, é mister ter em conta a pessoa a quem se quer persuadir; é preciso conhecer seu espírito e seu coração, que princípios ela abraça, que coisas ela ama. De sorte que a arte de persuadir consiste antes em concordar do que em convencer, assim como os homens se governam mais por capricho que por razão.

Pascal, *A arte de persuadir*

O dualismo aristotélico nunca esteve tão em evidência, no século XX, do que nos primeiros anos da Guerra Fria. A idéia de bipolarização política cristalizou frases como “quem não está do meu lado está contra mim” e ajudou a repartir o planeta em duas fatias: o mundo capitalista e o mundo socialista. Somente nos anos 60, com a ruptura ideológica entre URSS e China e o surgimento do conceito de Terceiro Mundo, começa-se a romper o dualismo político.

Este capítulo mostra dois exemplos de produções radiofônicas de propósitos semelhantes e vetores distintos; não necessariamente opostos. Analisamos o programa *Nos Bastidores do Mundo*, financiado por um organismo do governo norte-americano, veiculado na década de 50, e um programa de alfabetização, coordenado pelo Movimento de Educação de Base (MEB), transmitido em 1962.

Usamos como instrumental teórico os conceitos de interdição do discurso de Michel Foucault e os pensamentos de Pascal em *A Arte de Persuadir*. Ambos filósofos franceses, interessados no estudo da linguagem, quatro séculos os separam. A reflexão sobre as artimanhas do discurso os une.

Tentamos identificar no discurso radiofônico analisado exemplos de aplicação das funções de linguagem, de Roman Jakobson, desenvolvidas por Francis Vanoye no livro *Usos da Linguagem* (ver quadro).

<b>FUNÇÕES DA LINGUAGEM (segundo Roman Jakobson)</b>	
Função referencial	Informação bruta, objetiva, enxuta, sem comentários nem juízos.
Função expressiva	presença do destinador, de seus juízos, sentimentos — textos críticos, subjetivos, “impressionistas”.
Função conativa	o leitor é levado em consideração — textos “impressionistas”, persuasivos, sedutores.
Função fática	textos que instauram ou facilitam a comunicação.
Função metalingüística	textos explicativos — definições.
Função poética	textos que valorizam a informação pela forma da mensagem. Dramatização, poetização.

extraído de “Usos da Linguagem” de Francis Vanoye

### 6.1 O que há por trás da notícia

O programa *Nos Bastidores do Mundo* – uma produção do United States Information Service (USIS) – projetava a visão da política externa dos Estados Unidos nos anos 50, durante a Guerra Fria. O comentário, de quatro minutos em média, era transmitido diariamente por dezenas de emissoras e publicado nos jornais dos Diários Associados, da cadeia pertencente ao empresário Assis Chateaubriand. No Rio de Janeiro, a partir de agosto de 1950 veicularam o programa as rádios Tupi, Globo, Mauá, Jornal do Brasil, Mayrink Veiga e MEC. Na Rádio Globo, as transmissões eram às segundas, quartas e sextas-feiras, às 14h.<sup>77</sup> Cidades do interior recebiam apenas o texto do comentário, cabendo a leitura a um locutor local. A variedade de emissoras sugere que os horários do programa eram comprados com recursos da embaixada norte-americana.

<sup>77</sup> Fonte: jornal **O Globo**, de 21/8/50 e 6/11/50



O jornalista responsável pela redação e locução de *Nos Bastidores da Notícia* era Al Neto, na verdade Alfonso Alberto Ribeiro Neto<sup>78</sup>, natural de Lages, no oeste de Santa Catarina, que trabalhava como adido de imprensa da embaixada dos Estados Unidos no Rio de Janeiro. Antes de prestar serviços ao USIS, Al Neto atuou como correspondente da BBC de Londres durante a Segunda Guerra Mundial. Morou na França e na Argentina. Encerrou sua carreira como jornalista nos anos 60.

O acervo sonoro do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro dispõe de sete programas da série, todos veiculados entre 1950 e 1951. Seleccionamos quatro deles. Como não há *scripts* arquivados, os programas foram submetidos a uma decupagem, incluindo as indicações de técnica e vinheta. Por isso, alguns nomes de cidades russas e personagens podem não estar corretamente grafados. Não há informações sobre ficha técnica, nem o período em que o programa permaneceu no ar. Cada emissora escolhia o horário de transmissão. O texto de encerramento apenas indicava: “Acabaram de ouvir o comentarista Al Neto. Voltem a ouvi-lo amanhã a esta mesma hora.”<sup>79</sup>

*Nos Bastidores do Mundo* também ajudava no cadastramento de pessoas identificadas com a doutrina ideológica norte-americana. Ao final de cada edição, a apresentadora informava que os ouvintes interessados em receber gratuitamente publicações deveriam escrever para uma caixa postal em nome de Al Neto. Não se divulgavam endereços, nem o nome do USIS ou de qualquer instituição brasileira ou estrangeira. Toda a responsabilidade recaía sobre o comentarista, que utilizava pseudônimo.

---

<sup>78</sup> Al Neto morreu de câncer em Lages, a 13 de fevereiro de 2000. No Rio, morava na Ladeira do Ascurra, no bairro do Cosme Velho, na mansão que nos anos 70 foi sede do Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral). Depois de abandonar o jornalismo, retornou para Lages, onde se tornou fazendeiro. Foi um dos pioneiros na exportação de sêmen de gado bovino para a Europa. Nos últimos anos de sua vida, dedicou-se ao plantio de pinheiros na propriedade. Seus amigos o consideravam uma pessoa misteriosa e excêntrica, de hábitos reclusos. Não gostava de falar sobre sua carreira jornalística. Costumava dizer que só havia dois tipos de pessoas que moravam no campo: os muito ignorantes, que não conseguiam arrumar trabalho na cidade e os muito inteligentes, que saíam e voltavam depois de descobrirem que a felicidade estava no meio rural. Deixou um casal de filhos: uma advogada (dona de um cartório em Lages) e um fazendeiro.

<sup>79</sup> No caso da Rádio Globo, onde o programa ia ao ar em dias alternados, é de se supor que a última frase do apresentador fosse editada.

Numa coluna publicada em agosto de 1951, o cronista Manoel de Vasconcellos questiona o destaque os comentários de Al Neto recebem nos jornais da época.<sup>80</sup>

*“Esse caso do Al Neto está ficando chato. Principalmente se você é leitor de revistas americanas. E vejam se não tenho razão. Al Neto, um sujeito que ninguém conhecia, apareceu fazendo comentários no rádio a fim de nos incutir, cada vez mais, as vantagens do sistema de vida americano. Com hora comprada pela embaixada dos estados Unidos em algumas estações, começaram a aparecer anúncios nos jornais dos comentários de Al Neto. Você vagamente poderá se lembrar que eles têm o título de “Nos Bastidores do Mundo”. O quer você não esquecerá – ah! Isso nunca! – não é de alguma notícia sensacional dada no programa, de algum comentário interessante, de um episódio que demonstre realmente as vantagens da “free enterprise” ou do “American way” da vida, mas do nome Al Neto. Porque esse vem com maior destaque que qualquer coisa no anúncio. Como se estivéssemos morrendo de ansiedade para ouvir a autoridade suprema de Al Neto.”*

Os arquivos de Osvaldo Aranha, em poder do Cpdoc da Fundação Getúlio Vargas, registram uma carta em nome de AARN, que se apresenta como editor de rádio do United States Information Service (USIS). Na carta, datada de 9 de julho de 1948, ele se coloca à disposição do ex-ministro das Relações Exteriores e comunica que enviou aos Estados Unidos declarações de Osvaldo Aranha publicadas em O Globo. AARN vêm a ser as iniciais de Alfonso Alberto Ribeiro Neto, Al Neto.

---

<sup>80</sup> Artigo “Um caso chato”, publicado no dia 27 de agosto de 1951. Ver texto na íntegra no anexo 10.

## NOS BASTIDORES DO MUNDO

TÉCNICA: MÚSICA OH SUZANA, FICA 15 SEG E DEPOIS CAI EM BG

LOCUTORA: Este é o comentário de Al Neto. Nos Bastidores do mundo – o que há por trás das notícias. Ao microfone, Al Neto.

MÚSICA: SOBE, FICA 8 SEG E CORTA.

AL NETO: Para um cidadão russo, um pedaço de pão branco e uma frase menos feliz podem significar a prisão perpétua e até a morte. Certa feita, o engenheiro WILLIAM WOOD viajava em um trem do Estado entre Cochoguino e Leningrado<sup>81</sup>. WOOD achava-se na Rússia a serviço do governo soviético. Naquele trem um operário russo viajava ao lado de WOOD. Ao servir-se da merenda que levava, WOOD ofereceu um pedaço de pão branco ao operário. O operário aceitou e, depois de comer um pouco do pão, observou: “fazia mais de cinco anos que eu não provava um pedaço de pão branco”. /// (OT) Esta frase condenou-o. Ao chegarem a Leningrado, WOOD observou que um dos passageiros do trem pusera-se a seguir o operário. O resto do caso é simples. Naquele trem, como em todos os outros lugares, havia agentes do NVD, a Polícia secreta do Kremlin. Um agente ouviu o operário dizer que há cinco anos não comia pão branco. Tal observação contrariava a propaganda do Partido Comunista. O Partido diz que os operários têm sempre de tudo, do bom e do melhor, naquele paraíso soviético. /// WOOD tratou de interceder pelo operário, mas foi inútil. Soube depois que o mesmo havia sido internado em um campo de trabalhadores escravos. Destes campos, escreve WOOD, só se sai para o cemitério. (PAUSA) Bem, é por casos como o que acabo de contar-lhes que WILLIAM WOOD afirma: o povo russo é um grande aliado das democracias. O que WOOD quer dizer é simplesmente o seguinte: o povo russo odeia o regime comunista. Se José Stalin ainda governa a Rússia, é porque dispõe de número suficiente de polícias. Os comunistas governam a Rússia pela força das armas. O povo não se pode rebelar porque não tem armas. Quem quer que ouse discordar, ainda que superficialmente, do Partido Comunista é imediatamente eliminado. Os que não são puramente e simplesmente assassinados são

internados em campos de concentração. É assim, escreve WILLIAM WOOD, que José Stalin reina. Reina à ponta de sabre, estalando chicote, evocando das sombras as paredes das masmorras./// As conclusões de WOOD estão reunidas num livro que acaba de aparecer em New York e que se intitula “O nosso aliado – o povo russo”.

TÉCNICA: VINHETA DE OH SUZANA. FICA 8 SEG E CORTA.

LOCUTORA: Acabaram de ouvir o comentarista Al Neto. Voltem a ouvi-lo amanhã, a esta mesma hora. /// E agora atenção. Se você quiser receber gratuitamente publicações de interesse para você e sua família, escreva para Al Neto, caixa postal Meia-Nove-Nove-Meia-Nove-Nove, Rio de Janeiro.

TÉCNICA: SOBE MÚSICA, FICA 10 SEG E CORTA.

2º programa

TÉCNICA: MÚSICA OH SUZANA

AL NETO: William Wood tem agora oitenta e cinco anos de idade. Neste momento acha-se de regresso aos Estados Unidos, onde nasceu. Antes, durante treze anos, viveu na Rússia comunista. Foi para lá contratado pelo Governo soviético. O Kremlin quis utilizar-se dos serviços de William Wood como engenheiro. Wood viveu em Moscou e em várias pequenas cidades e vilas do interior da Rússia. No curso de suas funções com engenheiro contratado pelo Kremlin, viajou muito pelo território soviético. Viajou e conviveu com a gente do povo, especialmente com os operários. O que ele viu e sentiu na Rússia acha-se reunido no livro de duzentas e oitenta e oito páginas que acaba de ser publicado pela editora CHARLES SCRIPNER, de New York. Chama-se o livro, como já lhes disse no meu comentário anterior, “O nosso aliado, o povo da Rússia”. /// No meu comentário anterior também lhes contei como William Wood, sem o querer, fez com que um operário fosse internado em um campo de trabalhadores escravos. Igualmente significativo é o caso da criada de William Wood. /// Naquele tempo William Wood vivia com a esposa em Moscou. Tinham um pequeno apartamento, cuja limpeza estava a cargo de uma jovem russa. A moça, além de fazer a limpeza, cozinhava para o casal Wood. Davam-se muito bem os três.

---

<sup>81</sup> Uma pesquisa na Internet e no mapa da União Soviética não localizou nenhuma cidade com o nome de Cochoguino ou cidade com grafia semelhante.

/// Com o correr dos anos, a criada tomou afeição ao casal de americanos. Alto, quase com um metro e noventa de altura, forte e risonho, o engenheiro lhe inspirava simpatia. Da mesma forma a senhora Wood, uma norte-americana típica, que muitas vezes sentava-se com a criada para conversar sobre assuntos que interessavam à moça, desde a receita de um novo bolo até a forma de fazer as pazes com o namorado. /// Um dia, com grande surpresa para o casal Wood, a criada veio dizer-lhe que ia embora. Ao dizer isso, a moça não pôde conter as lágrimas e acabou desabafando: (OT) “eu vou embora porque gosto do senhor e da senhora. Não agüento mais ter que ir duas vezes por semana à NVD, para contar ao delegado tudo o que se passa nessa casa”. /// Wood afirma que este caso exemplifica a vida na Rússia. Todos são vigiados. Possivelmente a própria criada seria vigiada por outro agente secreto, que por sua vez seria vigiado por um terceiro, e assim por diante. É por meio de métodos assim que José Stalin se conserva no poder. Mas o povo russo, diz Wood, é visceralmente anticomunista. Tanto o engenheiro como a senhora Wood acham que o povo russo é um grande povo, vítima, isso sim, de um governo tirânico. O governo comunista, afirma William Wood, nada tem para oferecer a este povo maravilhoso e chegará o dia em que o povo vai descobrir isso.

TÉCNICA: MÚSICA OH SUZANAFICA 12 SEG E CAI EM BG

APRESENTADORA: Acabaram de ouvir o comentário de Al Neto. Voltem a ouvi-lo amanhã a esta mesma hora.

TÉCNICA: SOBE MÚSICA E CORTA

3º Programa

TÉCNICA: MÚSICA OH SUZANA, CAI EM BG

APRESENTADOR: Este é o comentário de Al Neto, Nos bastidores do mundo – o que está por trás das notícias. Ao microfone, Al Neto.

AL NETO: Se você anda assustado com a situação internacional, bem você não deixa de ter razão. Mas aqui entre nós, é difícil que arrebente uma guerra mundial ainda este ano. E o que mais: talvez não haja guerra nem este ano, nem no ano que vem, nem no

próximo. Pode ser que eu e tantos outros observadores estejamos enganados, mas na verdade é pouco provável que a Rússia nos ataque este ano. Por outra parte, se nós quisermos que o atual equilíbrio de forças permaneça, é pouco provável que a Rússia ataque no ano que vem ou no próximo. Enquanto estiver em inferioridade de condições, a Rússia não tacerá. /// Na opinião de um dos mais conhecidos cientistas contemporâneos, o doutor VAN ERWALD BUSH, a paz continuará sendo mantida porque os russos têm medo da bomba atômica. Bush recorda como, ao terminar a última guerra, as nações democráticas começaram a se desarmar. Enquanto as democracias se desarmavam, a Rússia foi avançando. A Rússia foi avançando e, por meio de golpes de Estado, foi conquistando nações indefesas. Mas quando chegou a vez de Berlim, com o famoso bloqueio russo, os homens do Kremlin viram que as democracias haviam perdido a paciência. O recuo da Rússia em Berlim foi uma prova de que José Stalin não quer arriscar-se a uma guerra aberta e cruenta com o mundo livre. A situação que existia ao tempo do bloqueio de Berlim ainda existe hoje. As democracias ainda estão mais fortes do que a Rússia, graças principalmente à bomba atômica. VAN ERWALD BUSH explica este ponto com as seguintes palavras textuais: (OT) “Se o Kremlin ordenasse a seus Exércitos que invadissem a Alemanha, nós, com a nossa bomba atômica e os aeroplanos que a levam, destruiríamos a Rússia”. Tal como a situação é hoje, não há nenhuma dúvida de que podemos fazê-lo. Nós podemos destruir, não somente os centros de abastecimento, mas também os centros políticos e os centros de comunicações do Exército soviético. Inicialmente, é claro, o Exército soviético, equipado com armas e abastecimento, poderia avançar, mas durante um curto prazo. E não haveria mais por detrás dele a Rússia que hoje nós conhecemos. Portanto, o Exército soviético não avançará e não teremos guerra em futuro próximo. De tudo isso se depreende que, enquanto essa situação de predominância do poder ocidental permanecer, a Rússia não atacará e não haverá guerra. Não há, pois, razão para sustos. Mas é preciso – e aqui está o importante de tudo isso – que nos unamos todos e nos mantenhamos fortes. O perigo de guerra será realmente iminente no dia em que a Rússia estiver tão forte como as democracias. Será que nós vamos deixar que isso aconteça?

TÉCNICA: VINHETA DE OH SUZANA, FICA 122 SEG E CAI EM BG

APRESENTADOR: Acabaram de ouvir o comentarista Al Neto. Voltem a ouvi-lo amanhã a esta mesma hora.

TÉCNICA: SOBE VINHETA E CORTA

4º Programa (lido por outro locutor)

APRESENTADORA: Este é o comentário de Al Neto, Nos Bastidores do Mundo – o que há por trás da notícia.

AL NETO: Pimpinela nada quer com a Rússia. Num encontro casual, Silvino Neto, o criador da Pimpinela, contou-me tudo. (OT) “Aquela história da minha adesão ao comício Pró-paz, disse-me Silvino Neto, foi pura tapeação. Os comunistas quiseram usar o meu nome para fazer propaganda soviética, mas nem eu nem a Pimpinela queremos nada com a Rússia. /// Além de ser um dos mais populares comédicos do Brasil, Silvino Neto é também vereador do Distrito Federal pelo PTB. Na verdade, Silvino Neto foi o vereador que recebeu a maior votação nas últimas eleições. Depois de um bate-papo com Vitor Costa, quando eu tomava o elevador da Rádio Nacional, encontrei o criador da Pimpinela. (OT). “Aquilo tudo foi mentira”, disse-me logo Silvino Neto. Descemos juntos no elevador e o grande comédico explicou-me. (OT) “Francamente eu fiquei por conta. Imagine você que no dia cinco, quando eu me preparava para estrear no Teatro Recreio, lá me apareceu uma comissão de senhoras e cavalheiros. Eu, é claro, estava ocupadíssimo preparando o espetáculo. Os visitantes foram falando, falando...”/// Silvino conta que a tal comissão lhe diz que está preparada uma grande manifestação pública em favor da paz. Cuidadosamente a comissão evita mencionar os nomes dos promotores de tal manifestação. O único nome mencionado é o do vice-presidente Café Filho. O vice-presidente, declara a comissão, apóia a nossa manifestação. /// Ao ouvir falar em paz – quem é que não é favorável à paz? – e ao ouvir o nome do vice-presidente, Silvino Neto diz que sim, que falará durante o tal comício. E dito isto continua a cuidar afanosamente da apresentação de sua peça inaugural. /// No dia seguinte chega o convite oficial. (OT) “Assim que o recebi, explica Silvino Neto, compreendi que havia caído numa arapuca. Lá estavam, diz ele, os nomes de comunistas bem conhecidos. A palavra paz era apenas um disfarce para a propaganda de Moscou. O

vereador ficou indignado. Chamou a polícia e protestou contra o comício. O delegado respondeu: (OT) “eles são tão fracos, tão fracos que este comício só servirá para mostrar ao povo que as fileiras comunistas são muito ralas. Por isso é que nós demos licença para este comício. /// Aqui Silvino Neto solta uma risada: (OT) “pobres comunistas realmente, diz ele. Se eles têm que recorrer a métodos como o que usaram comigo é porque são mesmo ruinzinhos”. /// Não preciso acrescentar que o vereador mais votado do Distrito Federal não compareceu ao comício dos comunistas.

TÉCNICA: VINHETA DE OH SUZANA

LOCUTORA: Acabaram de ouvir o comentarista Al Neto. Voltem a ouvi-lo amanhã, a esta mesma hora. /// E agora atenção. Se você quiser receber gratuitamente publicações de interesse para você e sua família, escreva para Al Neto, caixa postal Meia-Nove-Nove-Meia-Nove-Nove, Rio de Janeiro.

TÉCNICA: SOBE MÚSICA, FICA 10 SEG E CORTA.

A leitura compassada, como se marcasse cada palavra, reforça os conceitos que a crônica pretende transmitir. Acentuam-se expressões como “operário russo”, “pão branco”, “só se sai para o cemitério”, “reina à ponta de sabre, estalando chicote”, com um tom de leitura áspero, que oscila entre a advertência e a denúncia.

As frases que exercem a função de tópico frasal são taxativas. “O povo russo, diz Wood, é visceralmente anticomunista”. O casal Wood ocupa o espaço de fonte credenciada por ter vivido na União Soviética (a crônica sempre se refere ao país como Rússia) e por se apresentar como apolíticos, obedecendo as técnicas de objetividade dos manuais de jornalismo norte-americano, que exigem testemunhos de fontes identificadas e supostamente neutras.

As críticas contidas na crônica remetem ao cotidiano da população, estabelecendo vínculos de comportamento associados a medo, insegurança, insensibilidade, escassez. Opera-se no imaginário do ouvinte sentimentos de desconforto e de revolta. Na terceira crônica, os Estados Unidos, representados pela metáfora “democracia”, surgem como guardiões da paz, simbolizando a segurança dos povos que estão sob sua esfera de domínio.



“ As democracias ainda estão mais fortes do que a Rússia, graças principalmente à bomba atômica”.

## 6.2 Língua e sonoridade

O rádio oferece a dupla possibilidade de exploração das linguagens oral e escrita. Não se deve entender como enunciado oral aquele que é ouvido pelo receptor através de um meio de comunicação audiovisual. Nem se devem considerar as marcas coloquiais presentes na linguagem oral como condição suficiente para sua classificação.

Assim como a língua constitui uma representação do real, o texto radiofônico pode produzir também uma impressão de oralidade, ao se revestir de elementos que simulam espontaneidade. Entre os diversos formatos radiofônicos, classificados por Mário Kaplun, o noticiário é um daqueles que recorrem tradicionalmente ao texto escrito. As razões vão desde a necessidade de sistematizar a informação, garantindo clareza, concisão e objetividade, e evitando a tautologia e a dispersão, próprias da conversa informal, até as rotinas de produção, que envolvem entradas ao vivo do repórter, material extraído de agências de notícias, reportagens e entrevistas pré-gravadas, vinhetas e comerciais.

Cuidados com a clareza e sistematização dos argumentos expostos fazem com que o formato comentário também recorra, na maioria das vezes, ao texto escrito. Mas a redação para rádio obedece a regras de sintaxe que se aproximam da linguagem oral. O importante é estabelecer uma relação de cumplicidade entre emissor e receptor, que simule a interatividade. Quanto maior esta impressão de intimidade e identificação, mais eficaz será o processo de comunicação.

Michel Foucault, em *A ordem do discurso*, classifica três tipos de procedimentos de interdição do discurso. A seguir, relacionamos os três tipos citados e analisamos o efeito de sentido destas práticas discursivas no enunciado jornalístico. Vale lembrar que o objeto da análise do pensador francês concentra-se nos discursos científico, filosófico e literário.

1) A palavra proibida – o silenciamento de conceitos ou formas de pensar que possam ameaçar o poder estabelecido. Este tipo de interdição está presente sobretudo na sexualidade e na política.

Em tempos autoritários, a proibição se manifesta pela ação da censura oficial, de forma assumida ou difusa, por meio da pressão sobre anunciantes, jornalistas ou proprietários e concessionários de meios de comunicação. Nos sistemas democráticos, predomina o controle exercido pelos grandes anunciantes e pelo dono ou concessionário dos meios de comunicação.

2) A segregação da loucura – a desqualificação do discurso do indivíduo tido como louco. O discurso é visto como desprovido de razão e, portanto, passível de ser descartado. “Jamais, antes do fim do século XVIII, um médico teve a idéia de saber o que era dito nessa palavra que, contudo, fazia a diferença. Todo esse imenso discurso do louco retornava ao ruído; a palavra só lhe era dada simbolicamente no teatro, onde ele se apresentava desarmado e reconciliado, visto que representava aí o papel de verdade mascarada”. (FOUCAULT, 1996, p. 11-12)

Durante a Guerra Fria, o discurso da loucura serviu de pretexto para descaracterizar a oposição ao poder central na União Soviética. Centenas de cidadãos foram internados em hospitais psiquiátricos, como forma de desqualificar o discurso político. No jornalismo, alguém considerado louco não é fonte. Fala-se do louco, mas ele mesmo não fala, a não ser quando seu texto serve para comprovar a loucura que a sociedade lhe atribui.

3) A aspiração de verdade – a vontade de saber que legitima o discurso da verossimilhança, ao apresentar-se como reprodução fiel do real. O enunciado impõe-se como absoluto, pelos argumentos expostos e ausência de contradições.

Acrescentamos um quarto procedimento de controle e delimitação do discurso, presente no enunciado jornalístico desde os tempos da Guerra Fria. Trata-se do uso de expressões que, em vez de informar, silenciam, porque adquirem, temporal e culturalmente, um sentido que marca o espaço do falante. É o caso de expressões como Cortina de Ferro e Mundo Livre, repetidas à exaustão pelos meios de comunicação a ponto de se “naturalizarem” no discurso político da época.

Todas as sociedades possuem narrativas que se repetem como rituais, com pequenas variações. Estas narrativas contam fatos que permanecem no imaginário, “algo como um

segredo ou uma riqueza”. Foucault aponta a existência de um desnivelamento dos discursos: o primeiro seria o praticado no cotidiano – “os discursos que se dizem no correr dos dias e das trocas, e que passam com o ato mesmo que os pronunciou”. O outro tipo corresponderia àqueles que marcam a origem de novos atos de fala, que os transformam ou falam deles – “os discursos que, para além de sua formulação, permanecem ditos e estão ainda por dizer.

Um dos formatos de enunciados analisados é o comentário. Foucault observa que muitas vezes os discursos criadores desaparecem e dão lugar àqueles que se repetem. Este jogo de ocupação de espaços no imaginário social reduz o desnivelamento dos discursos em nome da facilidade de compreensão, portanto de sua eficácia discursiva.

Jogo, à moda de Borges, de um comentário que não será outra coisa senão a reparação, palavra por palavra (mas desta vez solene e esperada), daquilo que ele comenta; jogo, ainda, de uma crítica que falaria até o infinito de uma obra que não existe. Sonho lírico de um discurso que renasce em cada um de seus pontos, absolutamente novo e inocente, e que reaparece sem cessar, em todo frescor, a partir das coisas, dos sentimentos ou dos pensamentos. (FOUCAULT, 1996, p. 23)

Independentemente das técnicas empregadas, o comentário desempenha o papel de dizer o que está articulado naquilo que Foucault chama de *texto primeiro*, ou seja, o enunciado inicial que se apóia no discurso político, científico ou literário.

*O comentário não tem outro papel, sejam quais forem as técnicas empregadas, senão o de dizer enfim o que estava articulado silenciosamente no texto primeiro. Deve, conforme um paradoxo que ele desloca sempre, mas ao qual não escapa nunca, dizer pela primeira vez aquilo que, entretanto, já havia sido dito e repetir incansavelmente aquilo que, no entanto, não havia jamais sido dito. (FOUCAULT, 1996, p. 25)*

A aparência de novidade e de verdade garantem a eficácia do comentário. A análise de Michel Foucault encaixa-se na apreciação de *Nos Bastidores do Mundo*. Ao repetir as frases e, principalmente, reproduzir conceitos, Al Neto conquista credibilidade e reforça a aspiração de verdade expressa pelo programa. A cada dia, conta-se a mesma história, com

pequenas variações de exemplos e argumentos, mas permanece a impressão da novidade. A série recupera diariamente o texto primário ou original.

O foco central dos comentários concentra-se na denúncia das ações e ameaças atribuídas à União Soviética e seus aliados, como os partidos comunistas espalhados pelo mundo. O discurso evidencia o conflito União Soviética X Ocidente, que muitas vezes aparece como Mundo Comunista X Mundo Livre, ou Ditaduras X Democracias. O Brasil é visto como parte natural do Ocidente. Predomina o aspecto geográfico sobre o aspecto político-econômico. Qualquer agressão aos Estados Unidos deve ser entendida como ameaça ao Brasil.<sup>82</sup> *“Pode ser que eu e outros observadores estejamos enganados, mas é pouco provável que a Rússia nos ataque este ano”.*

Este vínculo “geográfico” defendido por Al Neto insere-se na idéia de pan-americanismo, explorada desde o século XIX pelos “irmãos do Norte” (ver capítulo 1) e intensificada durante a Segunda Guerra Mundial para barrar o crescimento do nazismo no extremo sul do continente.

O pronome oblíquo na primeira pessoa do plural – nos – atua como elemento de inclusão (do destinador e do destinatário). De acordo com o discurso de *Nos Bastidores do Mundo*, a Rússia não vai “nos atacar”, em vez de não atacará os Estados Unidos. Esta inclusão dá idéia de que somos parte deste jogo e que precisamos tomar posição. Não há como permanecer neutro, uma vez que pertencemos ao Ocidente, ao Mundo Livre e somos uma Democracia.

Além da dependência econômica dos países da América Latina, o mito de inferioridade quanto à cultura anglo-saxônica ajuda a cristalizar esta relação de subordinação no tabuleiro estratégico. De acordo com a visão do programa do USIS, não teríamos outra alternativa senão a de apoiar os Estados Unidos para não sofrer as consequências de uma nova guerra.<sup>83</sup>

---

<sup>82</sup> No início dos anos 50 nenhum país do continente americano entrara na esfera de influência soviética. A experiência curta na Guatemala de Jacobo Arbens, em 1953, logo foi abortada. Só em 1961 o Governo de Fidel Castro rompe o domínio absoluto dos Estados Unidos no continente.

<sup>83</sup> Em 1951 as famílias brasileiras ainda choravam as centenas de soldados mortos na campanha da FEB na Itália.

O comportamento unilateral de *Nos Bastidores do Mundo* apóia-se na concepção da Guerra Fria, que fomentava um clima de constante iminência da 3ª Guerra Mundial, no estilo “o preço da liberdade é a eterna vigilância”. O programa não aborda temas da política nacional, a não ser uma crítica à convocação de ato público no Rio de Janeiro atribuído a simpatizantes comunistas. “Este comício só servirá para mostrar ao povo que as fileiras comunistas são muito ralas”, ironiza Al Neto, atribuindo a opinião a um delegado de Polícia. Meio minuto depois, a frase atribuída a Silvino Neto, e lida em tom sarcástico, reforça a crítica: “pobres comunistas realmente, diz ele. Se eles têm que recorrer a métodos como o que usaram comigo é porque são mesmo ruinzinhos”.

Não há conflitos de classe, raça ou gênero em *Nos Bastidores do Mundo*. O único conflito presente é entre o Ocidente (e não os Estados Unidos) e o Kremlin.

Num comentário que foi ao ar em 1951, Al Neto começa tranquilizando os ouvintes ao garantir que “é pouco provável que a Rússia ataque no ano que vem ou no próximo”. E prevê que enquanto a Rússia sentir-se inferior belicamente ao Ocidente, não atacará. A afirmação justifica a corrida armamentista e os altos orçamentos da indústria bélica, fundamentado na premissa de que a superioridade militar dos Estados Unidos representaria a garantia de paz. Os conceitos de guerra e paz aparecem com sinais trocados. “O perigo de guerra será iminente quando a Rússia estiver tão forte como as democracias.”

No final do texto, o comentarista evidencia sua parcialidade ao fazer uma exortação aos ouvintes: Mas é preciso – e aqui está o importante de tudo isso – que nos unamos todos e nos mantenhamos fortes.(...) Será que nós vamos deixar que isso aconteça? No lugar da função referencial, própria do discurso jornalístico, temos aqui o uso simultâneo de duas funções de linguagem: a expressiva, manifestada pelos juízos de valor, sentimentos e impressões do destinador, e a conativa, em que o ouvinte é levado em conta ao ser compelido a agir. (VANOYE, 1996, pág 71)

Vale lembrar que já nos anos 50 começa a predominar no jornalismo norte-americano o mito da isenção jornalística, baseada na idéia de que o jornalista, seja ele repórter ou comentarista, deve ater-se aos fatos sem se manifestar política ou ideologicamente. As opiniões de Al Neto estão geralmente amparadas por personagens identificadas como “observadores”, “cientistas” ou outras fontes credenciadas, dentro da

lógica discursiva jornalística que exige a menção de uma fonte para a notícia. O efeito de sentido transmite a idéia de que a opinião do comentarista apóia-se na experiência vivida pela fonte.<sup>84</sup>

Em dois dos quatro programas analisados, a personagem indicada como fonte é o suposto engenheiro William Wood, que teria trabalhado 13 anos na Rússia a convite do governo soviético. O fato de o engenheiro haver prestado serviços para o governo, e numa função técnica, empresta-lhe credibilidade, o que não aconteceria, por exemplo, com um espião ou um militar.

No discurso jornalístico, quando as fontes se apresentam como técnicos, as opiniões contidas no depoimento costumam ser assimiladas mais facilmente, porque aparecem como desprovidas de caráter político. O lugar do engenheiro é o do conhecimento apoiado na experiência e na ciência.

O suposto cientista citado como defensor ardoroso da bomba atômica tem o nome de Van Erwald Bush. O argumento é de que a bomba atômica é a garantia da paz, uma espécie de espada de Dâmocles sobre a cabeça do Kremlin ou de quem quer que ameace o “Ocidente”. Novamente a opinião não é do comentarista-jornalista, mas de um cientista, alguém portanto acima de suspeita, o que reforça a vontade de verdade.<sup>85</sup>

No programa sobre o humorista Silvino Neto, o comentarista cita de passagem o nome de Vitor Costa, diretor-geral da Rádio Nacional. “Depois de um bate-papo com Vitor Costa, quando eu tomava o elevador da Rádio Nacional, encontrei o criador da Pimpinela.”

A intimidade insinuada no texto com o diretor da Rádio Nacional serve para aparentar o prestígio de que o jornalista desfrutaria. Al Neto não foi recebido em audiência, nem em reunião de trabalho, mas teve um “bate-papo com Vitor Costa”. Este recurso, usado até hoje em comentários de rádio e televisão, marca o lugar de homem bem informado e bem situado na escala social; alguém que merece credibilidade porque circula nas altas rodas. Um silogismo baseado no seguinte tripé:

---

<sup>84</sup> Tradicionalmente, sempre que as agências internacionais querem veicular uma opinião no meio de uma notícia recorrem a “observadores”, nunca identificados na matéria.

<sup>85</sup> Uma busca no Google não localizou nenhum cientista ou político com o nome de Van Erwald Bush, o que reforça a suposição de que Al Neto recorria a personagens fictícios em seus comentários, artifício comum no noticiário sobre a Guerra Fria.

A = Vitor Costa, diretor da Rádio Nacional, tem poder;

B = Quem tem poder domina a informação;

C = Al Neto desfruta da intimidade de Vitor Costa;

Logo, Al Neto tem livre acesso à informação gerada pelo poder.

Em dois comentários, Al Neto explora histórias largamente difundidas durante a Guerra Fria sobre a vida cotidiana na União Soviética. A primeira fala de um operário que foi mandado para um campo de trabalho forçado porque contou a um estrangeiro, no caso o engenheiro William Wood, que não comia um pedaço de pão branco há cinco anos. O objetivo da denúncia é mostrar as más condições de vida do proletariado soviético, justamente no item que seria mais sagrado: o alimento à base de trigo. *“Quem quer que ouse discordar do Partido Comunista é imediatamente eliminado. Os que não são puramente e simplesmente assassinados são internados em campos de concentração”.*

Nos programas analisados, percebe-se uma preocupação de distinguir o Kremlin e o Partido Comunista do povo russo, adjetivado sempre como “aliado”, “maravilhoso”, “anticomunista”. A segunda história explorada por Al Neto diz respeito à vigilância a que seriam submetidos todos os cidadãos, russos ou estrangeiros, pelo Estado soviético. O comentário descreve o casal Wood como tipicamente representativo das camadas médias norte-americanas – e a afeição que despertara na criada, uma vítima do regime soviético. O estereótipo do casal bonito-fiel-solidário desperta a admiração do ouvinte, porque as três qualidades preenchem o imaginário popular brasileiro.

O nome do líder soviético Joseph Stalin é aportuguesado para “José Stalin”, citado freqüentemente como déspota e tirano. *“Stalin reina a ponta de sabre, estalando chicote, evocando as paredes das masmorras”.* No entanto, este aportuguesamento não se dá com os nomes ingleses. William não virou Guilherme.

A personalização do inimigo já havia sido explorada com sucesso pelo rádio durante a 2ª Guerra, ao responsabilizar pelas atrocidades do nazismo a figura de Hitler e de seus



seguidores mais próximos. É claro que o culto à personalidade, presente em regimes autoritários como os liderados por Hitler, Mussolini e Stalin, favorece este recurso.

Outro tipo de rarefação do discurso é a presença do autor, visto pelo filósofo não como “o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto”, mas como “unidade e origem de suas significações”. Ele distingue os autores de textos científicos e os literários, afirmando que desde o século XVII a função vem-se enfraquecendo no discurso científico.

O autor só funciona para dar um nome a um teorema, um efeito, um exemplo, uma síndrome. Em contrapartida, na ordem do discurso literário, e a partir da mesma época, a função do autor não cessou de se reforçar: todas as narrativas, todos os poemas, todos os dramas ou comédias que se deixava circular na Idade Média no anonimato ao menos relativo, eis que, agora, se lhes pergunta (e exigem que respondam) de onde vêm, quem os escreveu; pede-se que o autor preste contas da unidade de texto posta sob seu nome; pede-se que revele, ou ao menos sustente, o sentido oculto que os atravessa; pede-se-lhe que os articule com sua vida pessoal e suas experiências vividas, com a história real que os viu nascer. O autor é aquele que dá à inquietante linguagem de ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real. (FOUCAULT, 1996, p. 27-28)

Embora Foucault não trate especificamente do discurso jornalístico, este se aproxima muito mais do campo semântico da literatura do que da ciência. As referências à vida pessoal e a experiências vividas, a zona de sombra que separa ficção e realidade nas matérias do tipo *fait-divers* (para usar a expressão cunhada por Barthes), o sentido oculto do enunciado; todos estes fatores revelam procedimentos e práticas discursivas semelhantes nos enunciados literários e jornalísticos.

No caso de *Nos Bastidores do Mundo*, podemos atribuir a autoria não apenas ao jornalista catarinense Al Neto, nem às emissoras, nem ao USIS, que financiava a produção, mas à doutrina ideológica dos Estados Unidos, responsável pela formulação da política internacional que fundamenta o discurso subjacente ao enunciado. Como ventríloquos radiofônicos, os bonecos William Wood e Van Erwald Bush falam no lugar de Al Neto, que por sua vez fala no lugar do USIS.

Os comentários de *Nos Bastidores do Mundo*, veiculados há mais de 50 anos, revelam domínio da linguagem radiofônica. Os períodos são curtos e quase sempre regidos

por coordenação. As frases com períodos regidos por subordinação costumam dificultar a compreensão e exigem às vezes que o leitor retorne ao sujeito da frase, o que é inviável no rádio. Daí o uso aparentemente abusivo da repetição. A perda de uma ou outra frase não compromete o entendimento. “WOOD ofereceu um pedaço de pão branco ao operário. O operário aceitou e, depois de comer um pouco do pão, observou: fazia mais de cinco anos que eu não provava um pedaço de pão branco”.

A sequência linear transmite uma idéia de cada vez. Para cada conceito ou informação, um período. “Um agente ouviu o operário dizer que há cinco anos não comia pão branco. Tal observação contrariava a propaganda do Partido Comunista. O Partido diz que os operários têm sempre de tudo, do bom e do melhor, naquele paraíso soviético.”

Outro exemplo de idéia sequenciada. “Naquele tempo William Wood vivia com a esposa em Moscou. Tinham um pequeno apartamento, cuja limpeza estava a cargo de uma jovem russa. A moça, além de fazer a limpeza, cozinhava para o casal Wood. Davam-se muito bem os três.”

Os enunciados contêm uma alta taxa de redundância e pouca informação. A repetição, entendida aqui como recurso de linguagem que caracteriza a redundância, retira o caráter casual do discurso político e reforça a aspiração de verdade. “O comentário limitava o acaso do discurso pelo jogo de uma identidade que teria a forma de repetição e do mesmo. O princípio do ator limita esse mesmo acaso pelo jogo de uma identidade que tem a forma da individualidade e do eu. (FOUCAULT, 1996, p. 29)

Os comentários poupam o povo russo e procuram passar um sentimento de compaixão pelo sofrimento imposto pelo regime comunista. Em *A Arte de Persuadir*, Pascal ensina que a eloquência deve abastecer-se mais na fonte da doçura do que na autoridade. O filósofo francês recomenda um estudo profundo do outro para que se ajustem as proporções certas do discurso. “A eloquência é a arte de dizer as coisas de maneira: 1º que aqueles a quem falamos possam entendê-las sem dificuldade e com prazer; 2º que nelas se sintam impelidos mais facilmente pelo amor-próprio a refletir sobre elas.”<sup>86</sup>

---

<sup>86</sup> PASCAL, Blaise. Pensamentos sobre o espírito e sobre o estilo, Artigo 1º, in *Os Pensadores*, vol. XVI, São Paulo, Abril, 1973 (pág 45)

Talvez Al Neto jamais tenha lido Pascal, mas seus textos são de compreensão fácil e incitam um espírito de condenação à sociedade comunista, usando princípios caros aos ouvintes, como solidariedade, simplicidade e afeto, qualidades atribuídas ao casal norte-americano que morou em Moscou.

Para repreender utilmente e mostrar a alguém que está errado, precisamos observar de que ponto de vista encara o assunto, porquanto em geral, é verdadeiro para o observador, e então reconhecer sua verdade, mas descobrir-lhe o lado pelo qual é falso. Assim, satisfazemos à pessoa enganada, porque vê que não se equivocava mas deixava tão-somente de encarar a coisa de todos os ângulos possíveis; ninguém se aborrece por não ter visto tudo, porém ninguém quer estar equivocado; e talvez isso provenha do fato de não poder o homem ver tudo e de, naturalmente, não poder se enganar dentro do ângulo que escolheu; e isto porque as percepções dos sentidos são sempre verdadeiras (PASCAL, 1973, p. 44)

O enunciado explora lugares comuns característicos da Guerra Fria, como “trabalhadores escravos”, “propaganda de Moscou” ou “poder ocidental”. Expressões como “mas aqui entre nós” visam estabelecer uma relação de intimidade com o ouvinte, através da função conativa de linguagem, como se emissor e receptor fizessem parte do mesmo universo. É o comunicador que conversa com o ouvinte, embrião do rádio companheiro.

Estes recursos de linguagem e a leitura pausada, acentuando cada período e mudando a inflexão da voz quando se trata de citação de personagens, facilitam extremamente a compreensão da mensagem e, com isso, ampliam o leque de ouvintes em potencial. O rádio, veículo hegemônico no auge da Guerra Fria, representava o meio de comunicação ideal para difundir conceitos simples apoiados no lugar comum. A estratégia do USIS era disseminar o medo da ameaça comunista nas camadas médias e de baixa renda dos países latino-americanos, gerando um clima de desconfiança a qualquer proposta de distribuição de riqueza (incluindo a reforma agrária e a ampliação dos direitos trabalhistas) e um antagonismo contra as nações do leste europeu. A expressão Cortina de Ferro, criado por Winston Churchill no pós-guerra, faz parte deste contexto político, expressão que em diversos países como o Brasil será tão massificada a ponto de se tornar fronteira geográfica entre a Europa Oriental e a Europa Ocidental.

A vinheta de abertura e encerramento aproveita um trecho instrumental de *Oh Suzana*, de Stephen Foster, uma canção do sul dos Estados Unidos identificada aqui no Brasil com a figura do *cowboy*.<sup>87</sup> Tanto no início quanto no fim, o tempo da vinheta não passa de 12 segundos, servindo corretamente como elemento identificador do programa. Vinheta curta ou longa demais não atende este objetivo. Se forem curtas, não servem como identificação. Se longas demais, levam o ouvinte a confundir com a programação musical da emissora.

### 6.3 Os 10 mandamentos de Kaplun

O produtor e roteirista uruguaio Mário Kaplun, um dos maiores especialistas em linguagem radiofônica na América Latina, relaciona os 10 mandamentos do comentário no livro *Producción de Programas de Rádio – el guión, la realización*<sup>88</sup>. Estes cuidados – muitos deles válidos também para o texto direcionado a veículos impressos – alertam que qualquer ruído, provocado pela falta de domínio na linguagem, pode comprometer a atenção do ouvinte.

**Clareza** – o comentarista radiofônico não pode ver seus interlocutores, nem perceber suas reações, como numa reunião. Deve então esforçar-se ao máximo para expressar-se com clareza, prever dúvidas e adiantar-se a elas, imaginar a reação dos ouvintes e responder as perguntas;

**Simplicidade** – o comentário radiofônico, necessariamente breve, não se presta a informações profundas e extensas. Serve para motivar, despertar inquietude e não para oferecer uma exposição detalhada do assunto;

---

<sup>87</sup> No Brasil, *Oh Suzana* fez sucesso com uma versão de Bob Nelson.

<sup>88</sup> Em espanhol, usa-se o nome *charla*. *Producción de Programas de Rádio – el guión, la realización*, Mario Kaplun, Quito, CIESPAL, 1978

**Motivação** – as primeiras frases são decisivas. É preciso cativar o ouvinte desde o início para que ele continue nos escutando com atenção. O melhor é partir do conhecido, do cotidiano, do familiar;

**Exemplificação** – recorra sempre a exemplos; humanize o tema, conte fatos e casos;

**Linguagem** – utilize vocabulário simples e familiar. Se tiver que nomear doenças, produtos químicos, espécies vegetais e animais, pragas agrícolas, escolha sempre o nome popular usado na região e nunca a fórmula química ou o nome científico. Quando for indispensável citar uma expressão técnica, explique o sentido imediatamente;

**Sintaxe** – escreva frases curtas e diretas;

**Estilo** – seja coloquial e informal. Personalize o comentário, explore o calor humano, fale de pessoa para pessoa;

**Modéstia** – evite posar de professor, nem adote um tom de superioridade. Ponha-se no lugar do ouvinte e lembre-se de que você também não nasceu sabendo;

**Manejo de dados e números** – cite poucos dados, cifras e números. Somente as significativas e com números arredondados. Leve o ouvinte a ver a magnitude dos dados fazendo comparações gráficas;

**Reiteração** – o rádio é um meio fugaz. O ouvinte não pode voltar atrás se tiver perdido um trecho do comentário. Reitere os pontos obscuros, dizendo mais de uma vez a mesma coisa, com palavras simples e diferentes. Cite exemplos e ao final do comentário retorne à idéia principal.

É interessante observar que praticamente todas as recomendações de Kaplun estão presentes nos comentários de Al Neto, escritos 25 anos antes da primeira edição do livro. As frases curtas, quase sempre regidas por coordenação, a crônica abrindo sempre com um anúncio ou uma frase de efeito, os exemplos personalizados, citando nomes e lugares para reforçar a verossimilhança, a reiteração dos conceitos principais ao final do comentário e o tempo de quatro minutos (não mais do 50 linhas) prendem a atenção do ouvinte, independentemente da opção ideológica.

Kaplun cunha o termo “charla criativa” para qualificar comentários que exploram a potencialidade do rádio.

Produce-se uma boa charla quando o autor se propõe a construí-la radiofonicamente; quando se apresenta o problema de como atrair a atenção do ouvinte com uma só voz e encara-se a charla como uma verdadeira criação radiofônica. Não é uma tarefa fácil. Produzir uma boa charla verdadeiramente radiofônica é mais difícil que escrever um diálogo, pois o autor dispõe de menos recursos. Tudo deve ser alcançado através de uma só voz. Trata-se de uma charla eminentemente vivencial. Deve estabelecer com o ouvinte uma comunicação humana e suscitar uma resposta pessoal. Por seu conteúdo e forma, não se propõe apenas a passar uma informação, mas a transmitir uma vivência, despertando na audição um sentido de participação e responsabilidade.<sup>89</sup>

---

<sup>89</sup> KAPLUN, Mário. Produccion de programas de rádio, Quito, Ciespal, 1978

#### 6.4 Aprendendo a ler nas entrelinhas

No início dos anos 60, o campo e a periferia das grandes cidades da América do Sul serviram como cenário de batalha pela conscientização de homens e mulheres de baixa renda, muitos deles analfabetos e com quase nenhuma informação política. Só votava quem soubesse ler e escrever. Proliferava o voto de cabresto, trocado por pequenos favores pessoais, e uma dependência ao “coronel” dono da terra que remetia aos tempos medievais.

A posse da terra, produtiva ou improdutiva, é o sonho deste enorme contingente de ouvintes, gente que via na Igreja e no rádio suas únicas fontes de informação. Aprender a ler significa penetrar num universo desconhecido, uma espécie de vara de condão que transformaria em cidadão aquele homem simples, descrito nos livros de Graciliano Ramos, em cidadão.

A seguir, transcrevemos o *script* de um programa da série “Realidade política – massificação”, escrito e produzido pela equipe do MEB e veiculado pela Rádio Rural, de Natal, em 26 de junho de 1962. O programa contratava cantadores do Nordeste, que entoavam os textos da narrativa como se fossem repentes.

#### PROGRAMA DO MEB

LOCUTOR: Atenção, amigos do meio rural. Um povo politizado é um povo livre.

TÉCNICA: HINO DA INDEPENDÊNCIA, ALTO DEPOIS BG

LOCUTOR: Neste horário, senhoras e senhores, a Emissora de Educação Rural de Natal leva aos seus sintonizadores da capital e do interior mais uma aula do Curso de Politização, uma promoção do Movimento de Educação de Base e do Setor de Sindicalismo Rural.

TÉCNICA: HINO DA INDEPENDÊNCIA BG

NARRADOR: A cidade está movimentada. Carros chegam a toda hora. Carros entram e saem. É gente que vem de longe. Gente que vem de sítios, dos povoados vizinhos. Bandeirinhas estão pregadas em todas as partes da cidade. Nas portas das casas, retratos, nomes escritos, indicam que o povo está apaixonado por alguma coisa. Carros com microfones percorrem as ruas da cidade.

LOCUTOR (APREGOANDO): Atenção, atenção, senhores e senhoras. Não percam hoje na praça do mercado o monumental comício de lançamento nesta cidade da candidatura do já eleito deputado Roberto Ferreira. Ele é o amigo dos pobres. Ele é a alegria dos que sofrem. Não percam, senhores. A sua presença é importante.

LOCUTOR (AFASTANDO-SE): Atenção, atenção, senhores e senhoras...

TÉCNICA: DOBRADO MILITAR. CAI EM BG

NARRADOR: Chegou a hora do comício. O palanque está uma beleza, todo enfeitado de flores. A banda de música anima todos, tocando bonitos dobrados. Todos esperam com paciência o Doutor Roberto Ferreira. De repente, foguetões pipocam no ar. É um barulho infernal de microfones. É o candidato que chega. A multidão parece embriagada, enlouquecida. Todos gritos um só nome.

CORO: Roberto! Roberto!

LOCUTOR: Neste instante ocupará o microfone o Dr. Roberto Ferreira, o amigo dos pobres, alegria dos que sofrem...

CORO: (BALBÚRDIA)

ROBERTO: Amigos da minha terra. Povo mui querido. É com imensa emoção que me aproximo deste auto-falante (sic) para me dirigir a vocês. Esta emoção é maior ainda quando sinto o carinho que chega a mim através de suas palmas.

CORO: (PALMAS E APLAUSOS) Muito bem... Já ganhou...Já ganhou...Já ganhou...



ROBERTO: Obrigado minha gente querida. Esta é sem dúvida uma das maiores alegrias que já senti na minha vida. Alegria de estar perto de vocês. Alegria de sentir estes corações amigos juntos ao meu coração.

CORO: (PALMAS) Muito bem..

ROBERTO: (CADA VEZ MAIS ENTUSIASMADO) Vendo este povo, povo amigo, eu me apavoro e me revolto contra todos aqueles que usam do governo para roubar o povo.

CORO: (PALMAS) Muito bem...

ROBERTO: Sim amigos, um governo ladrão é o que temos. Um governo sem responsabilidades. Governo que persegue e explora. Meus conterrâneos. Meus conterrâneos. Se eu for eleito, farei um governo que trará alegria a estas vidas agora tão, tão amarguradas! Vim de longe. Vim de longe. Percorri léguas, léguas para trazer a vocês a certeza que o que quiserem será realizado por este seu criado. Foi este o motivo que me levou a candidatar-me a deputado federal. Quero ouvir da boca de vocês: mereço ser eleito?

CORO: (GRITOS) Merece...

ROBERTO: Posso contar com o voto de vocês?

CORO: (GRITOS) Pode...

ROBERTO: (ENFÁTICO) Selamos um compromisso. Selamos um compromisso. Compromisso que ninguém, ninguém poderá destruir. Cada lenço que acena neste momento é um símbolo deste compromisso. Compromisso, compromisso que levaremos até as urnas. Das urnas até o palácio, onde representarei os seus anseios, os seus desejos e os seus sonhos.

CORO: (APLAUSOS DELIRANTES) Muito bem!

PARÓDIA CANTADA PELA ALA MOÇA (MÚSICA “A LUA É DOS NAMORADOS”

1. Todos eles estão errados  
Roberto é o deputado } BIS

2. Voto, mais votos  
A Roberto vamos dar  
Beto, ô Beto  
Candidato popular
3. Beto é nosso candidato  
Já ganhou a eleição  
Beto, ô Beto  
Resolve esta situação

ROBERTO: Obrigado, obrigado.

TÉCNICA: MÚSICA DE TRANSIÇÃO

JOSÉ: Compadre... compadre... nunca vi coisa mais bonita na minha vida. Que coisa maravilhosa. Parece uma coisa vinda do céu!

ANTÔNIO: Fiquei tão entusiasmado que não pensava mais nada na hora. Só pensava em gritar, pular e dar viva àquele homem.

JOSÉ: Olhe... tudo o que ele mandar fazer, eu faço – olho fechado. Eu sou mesmo que nem cachorro atrás de preá; quando pego não largo mais. Este candidato é o meu. Compadre, este candidato é o meu... Não quero ouvir os outros...

ANTÔNIO: Eu também não quero ouvir mais ninguém. Comício pra mim só o dele. Trago o pessoal todo. Amanhã os rádios na capital vão dizer que milhares de pessoas aplaudiam o candidato do povo.

TÉCNICA: MÚSICA DE TRANSIÇÃO

MOCINHA (ENTUSIASMADA): Chorei... sabe Maria? Que voz bonita. Quando ele falou dizendo que sentia os nossos corações junto do coração dele, eu não agüentei: chorei mesmo.

MARIA: Ah, minha filha, quando ouvi ele dizer que era o amigo dos pobres e alegria dos que sofrem, eu senti um nó na garganta tão danado. Aí, minhas pernas ficaram bambinhas, minha filha. Tu num sabe dessa? Já comprei até a minha blusa. E da cor do lenço dele.

MOCINHA: Ih, eu vou fazer a mesma coisa.

NARRADOR: A situação da cidade era esta. Como José e Antônio, o povo não pensava, não refletia. Não queria ouvir mais ninguém. O povo estava apaixonado. Estava mesmo disposto a seguir aquele candidato. Não queria ouvir os outros. Não queria nem mesmo que os outros viessem até a sua cidade. As mocinhas não pensavam nas idéias do homem. Apenas prestaram atenção à sua voz bonita. Estas meninas pareciam abelhas. Abelhas é que gostam de mel. No meio desta massa um homem está angustiado. Este homem se chama Francisco.

MARIA: Que é tu tens, Francisco? Por que estás com esta cara tão feia? Todo mundo está alegre com as palavras do Dr. Roberto.

FRANCISCO: Palavras... olha mulher, eu sou um cabra que não sei escrever não. No entanto, sou um cabra que pensa. Enquanto o senhor Roberto estava falando, eu não fiquei abobalhado não. Fiquei peneirando as palavras dele. E sabe de uma coisa? Não ficou nada na peneira. Eram só promessas, palavras açucaradas. Nada mais. Minha tristeza, Maria, é que eu não sei ler, não sou eleitor, e por isso não posso escolher um candidato bom. Este homem tá querendo transformar a gente em uma massa de criança chorando por confeito. Maria, estou triste mesmo. Triste porque não vou votar... Não vou poder dar resposta a esses caras que pensam que a gente é uns bobos. Bobos que se enganam com qualquer cocada.

TÉCNICA: MÚSICA (ELEVA E CORTA)

NARRADOR: Só um homem, só Francisco percebeu a enrolada daquele candidato. Francisco não sabia ler. Francisco não podia votar. Mas ele era inteligente e teve uma idéia.

FRANCISCO: Oh Maria, tu me ensinas a escrever. Quero ser eleitor, Maria. Tu me ensinas?

MARIA: Ensino, Francisco. Tu vai aprender num instante.

FRANCISCO: Muito obrigado. Só assim tiro meu título de eleitor. E num vou parar aí não. Estou pensando em fazer uma coisa mais.

MARIA: O que é que tu vai fazer homem? O que é que tu vai fazer?

FRANCISCO: Eu vou sair de feira em feira, de roda em roda, abrindo os olhos do pessoal. Maria, o voto é a arma da gente. A gente precisa pensar mais antes de votar. A gente não é macaco. Macaco é que pula e dá grito quando o dono manda. A gente tem de pensar se o candidato merece o voto mesmo.

MARIA: Olhe Francisco. Eu pulei tanto no comício, dei tanto viva e não pensei em nada. Fiquei ceguinha. Mas não é que tu me abriste os olhos!

FRANCISCO: Tu vais me ajudar, seremos dois. Daqui a pouco muita gente vai abrir os olhos também.

NARRADOR: E aquele homem partiu para uma missão nova. Partiu para fazer do povo da sua comunidade um povo consciente. Um povo que usa a cabeça que Deus lhe deu.

TÉCNICA: MÚSICA DE TRANSIÇÃO

LOCUTOR: Vamos agora meditar um pouco sobre o que se passou no comício do Dr. Roberto Ferreira. Vamos fazer aquela reunião de sempre. Formem o grupo, uma roda, um círculo. O chefe do grupo, assuma a sua posição. Vai ao quadro negro, se tiver. Senão, apanhe papel e lápis.

Primeira pergunta: o que você achou do comício do Dr. Roberto?

Cada um escreva no seu caderno e depois dê a sua resposta. Mas dê discutindo com os outros companheiros de grupo. O que você achou do comício do Dr. Roberto?

LOCUTOR; Por que o povo aplaudiu o Dr. Roberto?

TÉCNICA: MÚSICA LENTA ( 3 MINUTOS)

LOCUTOR: Terceira pergunta – Por que o Francisco ficou contra o Doutor. Roberto? Respondam todos. Comentem esta pergunta (REPETIR)

TÉCNICA: MÚSICA LENTA ( 3 MINUTOS)

LOCUTOR: Quarta pergunta para vocês. Quando é que gente faz papel de macaco? É a quarta pergunta. Escrevam e respondam, discutindo uns com os outros. (REPETIR A PERGUNTA)

TÉCNICA: MÚSICA LENTA (5 MINUTOS)

LOCUTOR: Francisco disse que peneirou as palavras do candidato. Que quer dizer isto? Escrevam todos e discutam. Vamos repetir. Francisco disse que peneirou as palavras do candidato. Que quer dizer isto? Respondam.

TÉCNICA: MÚSICA LENTA (5 MINUTOS)

LOCUTOR: E agora vamos à última pergunta do dia. Francisco saiu, de casa em casa, de feira em feira, de roçado em roçado, esclarecendo o povo. E você? Que vai fazer para esclarecer seus companheiros? A pergunta é esta. Francisco saiu de cada em casa esclarecendo o povo. O que você vai fazer para esclarecer seus companheiros?

TÉCNICA: MÚSICA LENTA (5 MINUTOS)

NARRADOR: Muito bem, meus amigos. Durante as campanhas eleitorais, em quase todo o país, vemos que o povo fica cego, apaixonado, transforma o candidato em um salvador. O candidato fica colocado na imaginação do povo como uma coisa sagrada, um semideus. Isto é o que chamamos massificação. Massificação quer dizer homens que não pensam. Homens que imitam. Homens que pulam sem saber por quê; que batem palmas para fazer igual aos outros. Massificação quer dizer homens fazendo papel de macacos, de papagaios de feira. /// Na história de hoje ficamos conhecendo um político que queria apaixonar o povo com palavras bonitas, para transformá-lo em macacos. Um político que, com palavras bonitas, queria atrair as abelhas. A tristeza, o injusto, é que nenhum homem foi criado por Deus para ser macaco. Nenhum homem foi criado para ser papagaio. Nenhum homem foi criado para ser abelha. Deus, quando nos fez, botou a nossa cabeça no alto do corpo, em cima, para mostrar que a gente devia pensar./// Na história de hoje conhecemos Francisco. Francisco analfabeto. Mas Francisco que desejava ver sua terra livre de demagogos. Francisco era um homem com que Deus devia estar feliz. Feliz porque ele pensava em si e pensava nos outros. /// Comícios iguais a este a gente vê em muitos lugares. Temos, porém, uma missão a cumprir. Vamos fazer que nem Francisco. Os que não sabem ler aprendam a ler. Vamos aos comícios. A todos os comícios. Vamos ouvir, peneirar o que os candidatos dizem. Finalmente, vamos ensinar aos nossos vizinhos, aos nossos amigos, aos nossos companheiros de trabalho, aos parentes, enfim a todos os nossos

conterrâneos, que o homem não nasceu para ser macaco. O homem tem inteligência. O homem precisa usar a inteligência que Deus lhe deu, para merecer o nome de homem, de filho de Deus.

NARRADOR: Assim, meus amigos, acabamos de apresentar mais uma aula do nosso curso de Politização.

### 6.5 Veículo de aprendizagem

Um dos primeiros aspectos que merecem destaque é o uso da função poética de linguagem, através da dramatização radiofônica, que estabelece um vínculo afetivo entre destinador e destinatário por meio do imaginário popular. As personagens – Dr. Roberto, Maria, Antônio, José, a mocinha e Francisco – correspondem a estereótipos bastante conhecidos no meio rural. A composição simples, se por um lado compromete a qualidade da trama, por outro facilita a comunicação, porque são pessoas conhecidas e com comportamentos previsíveis.

Esta simplificação dispensa o tempo necessário à apresentação destas personagens ao ouvinte, que seria exigido numa radionovela de longa duração. Como o programa não possui finalidade artística, mas educativa, a dramatização entra como recurso de linguagem voltado para a eficácia da mensagem.

As intervenções do narrador mantêm-se fora da narrativa, contextualizando a história e conduzindo o ouvinte na direção desejada. O narrador expressa uma aspiração de verdade, a começar pelo refrão que abre o programa: Atenção, amigos do meio rural. Um povo politizado é um povo livre.

A aspiração de verdade reaparece em momentos de contextualização: “E aquele homem partiu para uma missão nova. Partiu para fazer do povo da sua comunidade um povo consciente. Um povo que usa a cabeça que Deus lhe deu.” E também no encerramento da dramatização, apoiado na redundância: Na história de hoje ficamos conhecendo um político que queria apaixonar o povo com palavras bonitas, para transformá-lo em macacos. Um político que, com palavras bonitas, queria atrair as abelhas.

Foucault observa que todo sistema educativo tem a capacidade de preservar ou alterar a apropriação social dos discursos, com os saberes e poderes contidos nos ensinamentos. A educação facilita o acesso a qualquer tipo de discurso, mas traz embutida contradições de sentido na relação entre o que permite e o que impede, podendo conduzir o indivíduo rumo à transformação ou à manutenção do sistema político.

O que é afinal um sistema de ensino senão uma ritualização da palavra; senão uma qualificação e uma fixação dos papéis para os sujeitos que falam; senão a constituição de um grupo doutrinário ao menos difuso; senão uma distribuição e uma apropriação do discurso com seus poderes e seus saberes? (FOUCAULT, 1996, p.44-45)

No caso do roteiro do MEB, parece evidente que a opção é pela transformação da sociedade, mas o discurso praticado mantém a idéia de aspiração de verdade, sobretudo no comportamento estereotipado das personagens e na contextualização final do narrador.

Assim como em *Nos Bastidores do Mundo*, o programa de conscientização política da Rádio Rural fecha com uma exortação aos ouvintes, também na primeira pessoa do plural, para criar uma cumplicidade na missão entre destinador e destinatário: *Temos, porém, uma missão a cumprir. Vamos fazer que nem Francisco. Os que não sabem ler aprendam a ler. Vamos aos comícios. A todos os comícios. Vamos ouvir, peneirar o que os candidatos dizem. Finalmente, vamos ensinar aos nossos vizinhos, aos nossos amigos, aos nossos companheiros de trabalho, aos parentes, enfim a todos os nossos conterrâneos, que o homem não nasceu para ser macaco.*

O verbo de locomoção (ir/vamos) exprime a ação, em oposição à passividade, característica atribuída na época ao homem do campo.

Mais uma vez a função conativa de linguagem está presente. No aspecto educativo, fica patente a preocupação com o efeito multiplicador dos conceitos transmitidos na aula radiofônica. Não basta assimilar o conceito; é preciso assumir o compromisso de difundi-lo a todos os conterrâneos. O conhecimento é visto como missão. Qualquer semelhança com os jesuítas certamente não é mera coincidência.

Outra semelhança entre os dois programas é o princípio de regularidade, marcado pelo fato de irem ao ar diariamente. Os enunciados não são eventuais; têm característica de série, gradual, cumulativa e redundante, para dar eficácia à aprendizagem.

A oposição entre paixão e razão visa mostrar a necessidade de o eleitor-ouvinte pensar com cuidado antes de escolher seu candidato. “A situação da cidade era esta. Como José e Antônio, o povo não pensava, não refletia. Não queria ouvir mais ninguém. O povo estava apaixonado.”

A comparação depreciativa com os bichos, presente no senso comum no Nordeste, desafia o ouvinte a abandonar a passividade e assumir um comportamento independente, como ser humano. “A gente não é macaco. Macaco é que pula e dá grito quando o dono manda. A gente tem de pensar se o candidato merece o voto mesmo.”

E ainda: A tristeza, o injusto, é que nenhum homem foi criado por Deus para ser macaco. Nenhum homem foi criado para ser papagaio. Nenhum homem foi criado para ser abelha. Temos aqui um exemplo de uso da função fática, para facilitar a comunicação.

Os três bichos citados (o macaco, a abelha e o papagaio) compõem o universo de arquétipos próprios das fábulas, com significações predeterminadas. O macaco, imitador de gestos; o papagaio, repetidor das palavras alheias; a abelha, que se deixa atrair facilmente pelo doce. A fala do candidato significa a tentação (do doce ou do demônio).

A presença dos cantadores de moda de viola na narrativa contribui para acentuar a oralidade e buscar uma aproximação com a cultura local. Desde o século XVI, os jesuítas utilizavam a poética dos menestréis medievais – precursores dos cantadores sertanejos – no trabalho de catequese no Nordeste. No caso do rádio, temos de novo uma aparência de oralidade, porque os textos cantados são produzidos previamente pelos roteiristas.

O *Hino da Independência* como vinheta de abertura simboliza a associação entre o domínio das letras e a liberdade, ou seja, a sensação de emancipação proporcionada pelo ato de ler e escrever. O campo semântico da vinheta navega entre os conceitos de liberdade (conscientização), modernidade (rádio) e conhecimento (saber ler e escrever).



Já podeis da Pátria, filhos  
Ver contente a mãe gentil;  
Já raiou a liberdade  
No horizonte do Brasil

Brava gente brasileira  
Longe vá temor servil  
Ou ficar a pátria livre                    }  
Ou morrer pelo Brasil                    }       bis<sup>90</sup>

O recurso de lançar mão do nome de Deus para obter eficácia na mensagem não costuma ser utilizado apenas por membros da Igreja, embora no caso do MEB e da Rádio Rural muitos de seus membros pertencessem à Igreja católica. Falar naquilo que Deus deseja significa indicar o caminho para o ouvinte, conduzir a narrativa a partir dos mecanismos da fé. A verdade – saber votar, saber escolher – torna-se uma recomendação divina, portanto uma obrigação para os fiéis. *O homem precisa usar a inteligência que Deus lhe deu, para merecer o nome de homem, de filho de Deus.* E ainda: *Deus, quando nos fez, botou a nossa cabeça no alto do corpo, em cima, para mostrar que a gente devia pensar.*

Mas este conhecimento exige sacrifício, o esforço de dedicar algumas horas diárias à audição dos programas de alfabetização, fazer os exercícios solicitados pelo instrutor e corrigir as respostas. O conceito de sacrifício no aprendizado também está presente na catequese dos jesuítas (ver capítulo 2).

Após a dramatização, o locutor assume outros dois papéis. Primeiro o de comentarista. Ele repete e atualiza a história para recuperar o texto primário ou original. Depois o locutor ocupa o papel de professor, propondo perguntas e orientando os monitores.

O rádio, ícone da modernidade, cumpre a dupla função de oferecer entretenimento e educação. As funções de linguagem nesta narrativa seriam a conativa – enseja uma conversa com o ouvinte ao propor desafios – e a metalingüística – contém explicações e definições que apresentam o meio radiofônico como espaço de aprendizagem.

---

<sup>90</sup> Hino da Independência, letra de Evaristo da Veiga, música de D. Pedro I

O emprego da terceira pessoa do plural na “conversa” do locutor com os ouvintes leva em conta o fato de se supor que eles estejam reunidos numa sala de aula, ao lado do instrutor. Portanto, fala-se não para um aluno individualmente, mas para todos, reforçando a idéia de turma, de coletivo.<sup>91</sup> *Quarta pergunta para vocês. Quando é que gente faz papel de macaco? É a quarta pergunta. Escrevam e respondam, discutindo uns com os outros.*

A pausa, de três a cinco minutos, para as respostas dos alunos funciona como pausa para reflexão. Daí a necessidade de programar músicas instrumentais, de preferência relaxantes, para criar um ambiente propício ao exame das questões propostas pelo locutor. O tempo da pausa precisa levar em conta a capacidade de aprendizagem do ouvinte, sob pena de dispersá-lo se for longo demais, ou frustrá-lo, se se revelar insuficiente para a solução das questões.

É importante ressaltar a diferença entre tempo cronológico (o tempo físico do programa) e tempo psicológico (a sensação que leva o ouvinte a se fixar no conteúdo que está sendo transmitido ou demonstrar cansaço mental). O tempo psicológico é individual, porque remete a níveis de satisfação subjetivos, mas existem parâmetros, de acordo com o grau de complexidade do conteúdo, o formato escolhido e a comunidade-alvo.

Mesmo que possa sentir seu ritmo biológico estimulado ou agredido por um ou pelo conjunto dos ritmos de determinado programa radiofônico, o ouvinte reagirá psicologicamente. Um programa poderá ser estimulante ou irritante, dependendo da forma como sua estrutura dramática, incluindo o ritmo, é percebida pelo ouvinte. (...) A velocidade da fala do locutor, a sonoplastia, o baticum da música pop, a harmonia dos clássicos ou do rock progressivo poderão alterar positiva ou negativamente o biorritmo do ouvinte, provocando bem ou mal-estar.(SANZ, 1999)

Experiências como a da Rádio Sutatenza, de audiência cativa (ver capítulo 3), não garantem a atenção do ouvinte; apenas a sintonia. Num programa de entretenimento, este comportamento não tem grande importância, mas numa produção educativa a “audiência aparente” compromete a eficácia do conteúdo e os resultados da aprendizagem. No rádio, o professor não olha nos olhos do aluno.

---

<sup>91</sup> Atualmente, o tratamento predominante é o da terceira pessoa do singular, para criar a impressão de individualidade entre comunicador e ouvinte.

As significações do discurso radiofônico submetem-se a variáveis como tempo e espaço estabelecidas pelo ritmo do programa, pela emissora e pelo momento da recepção. Novamente Foucault ajuda-nos a mergulhar no sentido do enunciado ao desenvolver o conceito de sujeito fundador.

O sujeito fundador está encarregado de animar diretamente, com suas intenções, as formas vazias da língua; é ele que, atravessando a espessura ou a inércia das coisas, reaprende, na intuição, o sentido que aí se encontra depositado; é ele igualmente que, para além do tempo, funda horizontes de significações que a história não terá senão de explicitar em seguida, e onde as proposições, as ciências, os conjuntos dedutivos encontrarão, afinal, seu fundamento. Na sua relação com o sentido, o sujeito fundador dispõe de signos, marcas, traços, letras. Mas, para manifestá-los, não precisa passar pela instância singular do discurso. (FOUCAULT, 1996, p. 47)

O autor deste programa educativo, de acordo com o conceito de Foucault, não seria apenas o MEB, nem a Rádio Rural de Natal, mas a doutrina da Igreja católica denominada Teologia da Libertação, que difunde os direitos dos pobres, da conscientização política e da redução das desigualdades sociais nos países do Terceiro Mundo.

O nome escolhido para a personagem que se destaca no grupo por repudiar o discurso vazio do candidato a deputado pode ser interpretado como uma referência anafórica. Francisco remete à solidariedade para com os pobres de São Francisco de Assis.

## 7 – Estética do imaginário

O narrador do drama radiofônico deve situar-se entre o apresentador convencional e o ator. Ele tem que humanizar as cenas de uma obra, sem aparecer como ator principal. Esta é uma das artes mais nobres da profissão.

Walter Ouro Alves

O rádio é um veículo que conjuga o áudio com o visual guardado na memória de cada ouvinte. As informações chegam ao cérebro captadas pelo sentido da audição e criam um cenário singular desenhado pela imaginação de cada um. Ambientes sonoros de beleza, devastação, suavidade, medo, simpatia e de ódio formam-se na mente do ouvinte. A sonoridade conduz a narrativa por meio da relação harmônica entre o texto, a música, os efeitos, a pausa e a interpretação do locutor/ator. Os olhos não vêem, mas o coração sente.

Nesta seqüência de imagens sonoras, em que, de acordo com as palavras de Orson Welles, a tela se torna mais ampla do que a da televisão, o drama constitui um gênero extremamente eficaz para cativar e comover o ouvinte; fazer com que ele reconstrua a história, de acordo com sua percepção de mundo. A eficácia do discurso depende do grau de empatia entre narrativa e sentimento, da relação de afinidade entre as mensagens presentes no discurso e o imaginário do ouvinte.

### 7.1 Cenário sonoro

A dramatização no rádio estimula a sensibilidade do destinatário. Os personagens, mesmo quando descritos no texto, são recriados pelo ouvinte, de acordo com seus padrões estéticos e de comportamento. A voz e os efeitos sonoros conduzem a narrativa, mas o efeito de sentido produzido pelo discurso radiofônico oferece um leque maior do que na televisão, na medida em que a imagem não é dada a priori, mas construída pelo ouvinte.

A doçura da mocinha, a elegância do galã, a maldade do vilão, a fraqueza física da velha senhora, a autoridade do juiz, a eloquência do político, o conhecimento do médico, a esperteza do malandro, a curiosidade da criança. Todas estas características são expressas

pela entonação da voz. Do mesmo modo cenários como tribunais, delegacias, bares, hospitais, castelos mal-assombrados, lindas praias e recantos na montanha ganham vida nos ambientes preparados pela sonoplastia.

Mas para tanto é necessário que o ambiente sonoro representado coincida com a imagem sonora do ouvinte para aquele cenário. Por exemplo, as redações de jornal costumam ser identificadas até hoje pelo barulho das teclas da máquina de escrever, mesmo 10 anos após a informatização, que substituiu as ruidosas Olivetti e Remington por silenciosos teclados de computador. Isso nos leva a concluir que a memória sonora tende a se perpetuar no imaginário do ouvinte.

Martin Bauer estuda a relação entre os sons e o contexto social no qual são produzidos e absorvidos. Os indicadores culturais, que materializam estes sons, refletem os valores e costumes da comunidade e sofrem alterações muito lentamente. Ele cita três passos essenciais à construção dos indicadores culturais a partir de peças musicais ou sonoras<sup>92</sup>:

- 1) Transcrever o evento sonoro para fins de análise;
- 2) A transcrição deve apresentar o som e a música semelhante à fala, com uma ordem de elementos paradigmáticos capaz de construir seqüências, de acordo com regras de produção;
- 3) Levar em conta que aquela estrutura de sons vincula-se ao grupo social que a produz.

A relação entre som e informação depende, portanto, da comunidade que o recebe. Bauer cita o exemplo de uma localidade no interior da Suíça, onde o sino da igreja-matriz estava associado ao clima. Os moradores conseguiam prever a chuva pelo timbre do sino, que variava de acordo com o grau de umidade relativa do ar.

A construção do cenário radiofônico recorre a sons da natureza, ruídos produzidos em estúdio e a instrumentos musicais que produzem um efeito de sentido. Desta combinação obtém-se uma paisagem sonora que compõe a narrativa. Por não trabalhar com

a imagem reconhecida, e sim com a imagem que ocupa a memória do destinatário, as possibilidades sonoras alcançam o infinito. Por imagem entende-se o conjunto de informações visuais que produzem um efeito de realidade.

O rádio não se encontra, como o cinema, sujeito a imagens naturalistas, pode revestir-se de uma linguagem poética, elevada, recorrendo a um mundo de sons que não o contradigam. Estes desempenhos têm muito mais possibilidades na obras radiofônicas do que no teatro, onde apesar de toda a cenografia e da atração da figuras humanas, a legítima realidade só aparece como um disfarce ou uma desfiguração das velhas realidades mundanas. (ARNHEIM, 1980, p. 31)

O teórico da percepção Rudolf Arnheim observa que vozes humanas e instrumentos musicais fazem parte do mesmo universo sonoro, do mesmo campo semântico. Um instrumento de sopro é capaz de reproduzir os sorrisos e gemidos da voz humana. “ As imitações, que na música pura sempre resultam duvidosas, podem muito bem ser utilizadas no rádio, onde se trata não só de representar a voz humana de forma estilizada, mas também os ruídos naturais com um nível realista”. (ARNHEIM, 1980, P.32)

Na obra sonora, é útil recorrer aos instrumentos para expressar a singularidade das vozes humanas: a voz do trombone, da flauta, do violoncelo e da harpa. Assim, fica evidente o papel importante que desempenham as características vocais das pessoas na composição da obra sonora. Do mesmo modo, na divisão de vozes na obra radiofônica, também se podem utilizar as diversas vozes melódicas ou dissonantes, sejam graves ou suaves, agradáveis ou estridentes, anasaladas ou abertas, contidas ou soltas, falsetes ou gritadas, não apenas para proporcionar à obra acústica maior riqueza de sons e diferenciar os atores, mas também com o propósito de simbolizar o caráter das personagens, escolhendo as vozes mais adequadas para representá-las. O simbolismo pode evidenciar um modo rude de ser, quando o personagem malvado fala hipócrita e ironicamente com a língua pegajosa, ou pode utilizar o ponto de refinamento psicológico que se deseja. (ARNHEIM, 1980, p. 30)

---

<sup>92</sup> BAUER, Martin & GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som – um manual prático, Petrópolis, Vozes, 2ª edição, 2003.

A composição de personagens exige que o ator pesquise as características vocais de cada papel. A forma de falar, a entonação, o universo vocabular, os jargões, os tiques nervosos emprestam vida ao personagem diante do microfone. Este trabalho de composição deve resultar de um trabalho conjunto de ator e diretor.

Toda criação de um papel começa buscando um som peculiar que deve ter a voz que o interpreta. Uma vez alcançado isso, imprime-se a ação e o sentido à interpretação, não apenas através do texto, mas também com o caráter musical das diversas vozes que a interpretam. Caso contrário, o rádio-ouvinte tem dificuldade para compreender o texto, devido ao crescente caos de vozes, parecidas ou muito poucos diferenciadas, que torna difícil distingui-las (ARNHEIM, 1980, p. 31)

O redator de peças dramatizadas precisa conhecer profundamente as personagens. Ele deve ser capaz de indicar as principais características pessoais, como *hobbies* e manias, e físicas, como altura, peso, profissão, sexo, cor, estado civil e número de filhos, mesmo que estes detalhes não façam parte do *script*. Só assim será possível levar o ouvinte a estabelecer uma relação de identidade com as personagens.

Arnheim, pioneiro no estudo do rádio como expressão da arte, ensina que toda obra radiofônica deve possuir um motivo sonoro que sirva como pano de fundo. Mais do que uma vinheta, este motivo sonoro permeia o programa, servindo ao mesmo tempo como elemento de identificação e condutor da narrativa. “Mais importante que o desenvolvimento da música, é a conquista dos caracteres expressivos, sejam ou não proveitosos para a música mesma, que tem criado boas premissas para uma cultura acústica única e que tenha desenvolvido em nós o sentido da musicalidade da linguagem e do todo sonoro”.

O motivo sonoro deve estar afinado cultural e temporalmente com a proposta da produção radiofônica. Pode-se criar uma trilha sonora especialmente para o programa ou escolher o trecho de um tema, popular ou erudito, mas é essencial que este tema não esteja vinculado, no imaginário popular, a episódios ou contextos de outra natureza, sob pena de se comprometer a identificação. Por exemplo, os radiodramas norte-americanos durante a guerra não poderiam usar composições de Richard Wagner, símbolo do nacionalismo

prussiano do século XIX, porque sua obra esteve associada involuntariamente ao 3º Reich. Da mesma forma, as produções alemãs não poderiam jamais utilizar composições de George Gershwin, que buscava inspiração no *jazz* dos negros norte-americanos. Este vínculo entre a música e o fato histórico pode ser fabricado pelo produtor e, se repetido à exaustão pelos meios de comunicação, tende a se perpetuar.<sup>93</sup>

O efeito de mesa conhecido como BG (*back-ground*) – variação de volume da emissão do som para conseguir efeito de primeiro e segundo plano – ajuda na alternância de momentos de tensão e relaxamento psíquico durante a narrativa. Pode funcionar ainda como mudança de ambiente, de tempo ou como passagem do narrador para os atores.

A impressão de que o som soa desde uma determinada distância pode ser obtida não somente pela variação da distância real entre o microfone e fonte sonora, mas também se realiza tecnicamente. No rádio, quando se utilizam discos para criar um fundo musical, é possível alcançar o efeito de aproximação e distanciamento. (...) As elevações e quedas constituem um elemento natural. A expressão que se consegue por meio dos instrumentos, em especial com os de sopro, alcançando-se os mais altos refinamentos com efeitos encantadores, como é o caso de Richard Wagner, Richard Strauss e Claude Debussy. Imediatamente, a música cativa o ânimo e os nervos, passando a formar parte da natureza, jubilosa, sonora, sem limites nem formas. Os instrumentos elevam as vozes ao céu, riem, suspiram e gritam; ventos suaves emanam das harpas, os contrabaixos grunhem e fazem alvoroço. (ARNHEIM, 1980, p. 44)

A descrição para esta sinfonia radiofônica nos ajuda a entender os elementos que compõem a dramatização: vozes humanas, efeitos sonoros, instrumentos e pausa. Este último elemento é o mais difícil de compreender, pela multiplicidade de sentidos que possibilita. A pausa pode expressar dúvida, surpresa, contrariedade, intervalo ou simplesmente o fim da obra radiofônica. Pode também confundir-se com o silêncio e expressar omissão. Neste caso, somente a comparação com outros enunciados poderá evidenciar o sentido.

## A MARCHA DO TEMPO

---

<sup>93</sup> Só recentemente composições de Wagner foram executadas por orquestras sinfônicas em Israel, devido à associação que fez entre os campos de concentração nazistas e as músicas do compositor alemão.



*A Marcha do Tempo* faz parte da série de programas produzidos em Nova York pela General Sound Corporation, com financiamento de empresas norte-americanas engajadas na guerra psicológica desencadeada pelo governo Roosevelt, através do Office of Coordinator of Interamerican Affairs (OCIA).

Com título inspirado na expressão *Time on march*, do filme *Cidadão Kane*, de Orson Welles, *A Marcha do Tempo* alterna narrações e dramatizações que visam a angariar a simpatia da população civil dos Estados Unidos e dos países aliados. O roteiro era escrito em inglês e depois traduzido para a língua portuguesa.

Não há créditos de produção, nem indicação de horário de apresentação. A estratégia era veicular a série inicialmente em ondas curtas para a América do Sul, em espanhol e português, e depois distribuir discos de acetato para emissoras de cidades do interior do continente sul-americano.

Este episódio, transmitido em 15 de abril de 1943 em ondas curtas para o Brasil pela National Broadcasting Corporation (NBC), dedica-se a denunciar formas de conduta que, segundo o texto, poderiam comprometer, voluntaria ou involuntariamente, o esforço de guerra. Com 30 minutos de duração, intitula-se “Profilaxia do Boato”.

LOCUTOR: *E o tempo marcha.*

TÉCNICA: MARCHA MILITAR FICA 8 SEG E CAI EM BG

APRESENTADOR: Apresentamos *Notícias em Ação*, flagrantes dramáticos dos fatos atuais, baseados em informações colhidas em todas as frentes de batalha pelos correspondentes de guerra norte-americanos.

TÉCNICA: SOBE SOM DA MARCHA MILITAR, FICA 8 SEG E CORTA

NARRADOR: *Esta guerra de vida ou de morte em que estamos empenhados é a guerra de todas as frentes. A frente terrestre, a frente marítima, a frente aérea e a frente do espírito. Dividir para conquistar é o slogan. E todos os recursos inventivos das potências do Eixo mobilizaram-se para a frente do espírito. A Marcha do Tempo vai contar a história do boato.*

TÉCNICA: MÚSICA INCIDENTAL, FICA 8 SEG E CAI EM BG

NARADOR: Guerra psicológica, tal como a chamam os nazistas. Rumores, boatos e mentiras destinadas a desencorajar, a dividir e a derrotar. O Alto Comando alemão, separado do povo dos Estados Unidos pelo largo Atlântico, abriu fogo com a mesma velha arma: a mentira. (PAUSA Na cidade de Boston, às últimas horas de uma tarde de primavera, dois homens conversavam num bar:

TÉCNICA: SOM AMBIENTE DE VOZES NUM BAR, EM SEGUNDO PLANO

JOHN: Esta rodada é minha. Quer beber o quê?

SMITH: Uísque está bem.

JOHN: Garçom, o mesmo para mim.

SMITH: Ah, celebrando alguma coisa?

JOHN: Claro. Olha aqui. A primeira carta de meu filho, que está na Austrália. E já é cabo, rapaz!

SMITH (RECEOSO): Parabéns. Huum, Austrália, hein? Huum, não vejo lá tanta razão para celebrar.

JOHN: O que que você quer dizer com isso?

SMITH: Você ainda não sabe? Chega aqui.

(VOZ DE COCHICHO): Você sabe que centenas de soldados que foram para a Austrália já estão de volta?

JOHN (SURPRESO): Não. Por quê?

SMITH: Por quê? Porque estão malucos, meu caro. Doidos varridos. Centenas, milhares deles.

JOHN: Ora, e esta carta?

SMITH: Isto é coisa do Exército. Eles mesmos escreveram. Todos os rapazes enlouqueceram no navio. Aquela viagem horrível. Todos apertados, sem espaço nem para dormir...

JOHN: Não pode ser. Não acredito.

SMITH: Ora, não seja tolo, John. Péssima comida, condições sanitárias as piores, enjaulados ali como bichos. Ficaram loucos. Estou te dizendo. Loucos varridos!

JOHN (PENSATIVO): Huum. E meu filho... Você acha que ele também...

SMITH (CORTANDO A PERGUNTA): E por que não? Pois se lhe afirmo, homem de Deus, que nem nos hospitais há lugar para ele. E digo-lhe mais. Ainda ontem...

TÉCNICA: VOZ VAI SUMINDO E ENTRA MÚSICA INCIDENTAL, FICA 8 SEG

NARRADOR: Um exemplo de boato pernicioso, impatriótico, espalhado logo após o início da guerra. Sim. O Eixo usa o boato como arma de guerra. Arma que chegou a surtir efeito. Mas para todas as formas de ataque há sempre um meio de defesa. /// (OT) Na mesma cidade de Boston, uma senhora pede para ser recebida pelo redator-chefe do Boston Herald, William Gardner.

TÉCNICA: SOM DE PORTA SE ABRINDO, EM SEGUNDO PLANO BARULHO DE MÁQUINAS DE ESCREVER NUMA REDAÇÃO DE JORNAL

FUNCIONÁRIO: Patrão. Há uma senhora aí fora que deseja vê-lo. É uma moça de nome Sweeney, Frances Sweeney.

JORNALISTA: Sweeney? Frances, Frances Sweeney. Não tenho idéia de quem seja. O que que ela quer, hein?

FUNCIONÁRIO: Não disse nada. Apenas que tem que vê-lo e que é muito importante. /// Patrão, ela é um pedaço hein! Tem olhos azuis, cabelos louros...

JORNALISTA (INTERROMPENDO): Tá bem, Ta bem. Manda entrar.

FUNCIONÁRIO: Pois não, patrão. Pois não.

TÉCNICA: VOLTA O BARULHO DE MÁQUINA DE ESCREVER

FUNCIONÁRIO (EM VOZ ALTA): Miss Sweeney. Faz o favor de entrar.

SWEENEY: Obrigada.

TÉCNICA: A PORTA SE FECHA E CESSA O BARULHO DAS MÁQUINAS

SWEENEY: Boa tarde, senhor.

JORNALISTA: Boa tarde.

SWEENEY: Senhor Gardner?

JORNALISTA: Às suas ordens. Faça o obséquio de sentar-se, Miss Sweeney.

SWEENEY: Muito obrigada.

JORNALISTA: Em que lhe posso ser útil, senhorita?

SWEENEY: Senhor Gardner. O que me traz aqui é um assunto de mais alta importância. Durante as últimas seis semanas, eu não tenho feito outra coisa senão lutar contra boatos.

JORNALISTA: Boatos, como assim?

SWEENEY: Pois é. Tenho ouvido tantos boatos ridículos sobre nossos soldados, sobre o esforço de guerra, sobre o trabalho, o Congresso... Bem, eu resolvi certificar-me pessoalmente.

JORNALISTA: Interessante. Muito interessante, minha senhora. Continue por favor.

SWEENEY (INDIGNADA): É um absurdo, incrível. Preciso de ajuda. **Eu sou apenas uma mulher, não estou bem informada nessas coisas**, mas o que eu vi não passa para mim de absoluta traição.

JORNALISTA: Miss Sweeney. Eu acho que a senhora **focalizou um ponto importante**. Não há dúvida. E agora conte-me mais alguma coisa a respeito, por favor.

SWEENEY: Estes boatos são demasiado perniciosos para serem simples produtos da imaginação popular. Eu acho que eles são inspirados pelo Eixo.

JORNALISTA (INTERROMPENDO): Ora vamos, senhorita. Afinal de contas, estamos numa terra livre, onde se respeita a liberdade de palavra. A senhora não deve confundir opiniões com tentativas de estabelecer uma, uma – como direi – uma sabotagem psicológica.

SWEENEY (INDIGNADA): Mas não é outra coisa, senhor Gardner. Não é outra coisa. E o senhor como redator de um jornal tem a obrigação de desmentir essas mentiras.

JORNALISTA: Vejamos os fatos, primeiro. Vejamos os fatos. Cite-me um destes boatos, especificamente.

SWEENEY. Melhor que isso. Venha comigo. Eu lhe mostrarei que estes boatos são uma campanha deliberada para solapar a moral do povo. Dividir para conquistar é a técnica de Hitler. É a técnica que ele está usando contra nós.

JORNALISTA: Bem. E qual é a maneira pela qual a senhora se propõe a prová-lo, senhorita Sweeney?

SWEENEY: Do mesmo modo pelo qual tenho desmascarado todos eles. Quando eu ouço um boato, eu procuro sindicatar (SIC)./// OT E agora, o senhor quer me acompanhar enquanto esclareço a última história que ouvi?

JORNALISTA: Miss Sweeney. Irei consigo com todo o prazer. E se o que diz é verdade, a senhora pode contar com o meu jornal e com o público que o lê.

TÉCNICA: MÚSICA INCIDENTAL, FICA 10 SEG E DESAPARECE.

MUDANÇA DE AMBIENTE

SWEENEY: Chamo-me Frances Sweeney. Este é o senhor Gardner. Ouvi dizer que o senhor propalou a história de que os ingleses nunca bombardeariam as fábricas dos Krupp, na Alemanha, porque Churchill possui ações da companhia. É verdade, senhor?

HOMEM (COM SOTAQUE DE INGLÊS): Sim. É, Frank Martin, que trabalha a meu lado no escritório, contou-me dizendo que ouviu a história de um amigo que...

TÉCNICA: SOM DESAPARECENDO. ENTRA MÚSICA INCIDENTAL POR 5  
SEG

*OUTRO HOMEM: Mas claro! Tem razão. Ouvi essa história de quem, meu Deus? Ah, sim. Minha mulher. Foi a criada que contou ao Edwin. Ela está conosco há muitos anos.*

TÉCNICA: MÚSICA INCIDENTAL

*VOZ FEMININA: Mas sem dúvida. Claro que sou cidadã americana, mas o meu primo Otto, que trabalha no hotel Windsor me contou. Disse que ouviu no clube. Ele vai sempre ao clube para fazer ginástica.*

TÉCNICA: VOZ SUMINDO. ENTRA MÚSICA INCIDENTAL

HOMEM COM SOTAQUE ALEMÃO: Poder ser boato, mas quando eu estive no Alemanha no última vez me afirmaram que non haveria guerra porque CHURCHILL era meio dono da fábrica KRUPP, e além disso, o que diabo havemos nós de estar contra o Alemanha? (COM VOZ DISSIMULADA): Eles não querem saber de guerra. São um povo pacífico. Yá, yá, yá.

NARRADOR: Alerta, decidida e intensamente patriota, Frances Sweeney vinha há meses desmascarando boatos. Percorrera quase toda a cidade. Visitara casebres e tocara campainhas de residências luxuosas, somente para traçar uma história tendenciosa até a origem. Quando ela provou que tinha razão, depois de levar consigo o Senhor Gardner e desmascarar a mentira, este se convenceu. Ansioso por auxiliar, descortinando aquela grave ameaça ao bem-estar da nação, o Senhor Gardner combinou uma conferência com o professor Gordon Allan Porter, catedrático de Psicologia da Universidade de Harvard.

TÉCNICA: VOZES DE AUDITÓRIO. TRÊS BATIDAS DE ADVERTÊNCIA

GARDNER: Senhores, na guerra total em que estamos empenhados contra as forças do totalitarismo, o inimigo provou sua extraordinária e diabólica habilidade, sua absoluta falta de escrúpulos. O inimigo está empregando uma arma já bem conhecida por meio da criação de boatos sobre as nossas Forças Armadas, sobre nossos aliados, sobre nosso esforço industrial, sobre as nossas personalidades políticas, sobre os homens e mulheres de todas as raças e credos que constituem a nossa individualidade como nação. /// Toda vez que o inimigo espalha um falso rumor neste país, ele conseguiu solapar um pouco o edifício do nosso esforço de guerra. Para destruir este plano, para enfrentar este perigo, decidimos fundar aqui, imediatamente, a Profilaxia do Boato. O jornal BOSTON HERALD publicará

todas as semanas uma coluna dedicada à profilaxia do boato. Nestes artigos divulgaremos os últimos boatos aparecidos e forneceremos aos nossos leitores um desmentido lógico a essas mentiras. Desmentido que partirá de autoridades de comprovada idoneidade. O Eixo ameaça-nos com a guerra psicológica. Pois bem. Nós o enfrentaremos com a mesma arma, usando o mais poderoso dos argumentos: a verdade. Havemos de derrotá-lo nesta frente, tão certo como os derrotaremos nas demais.

TÉCNICA: MARCHA MILITAR. FICA 10 SEG E DESAPARECE (FADE OUT)

NARRADOR: Desta forma foi criada por um grupo de patriotas de Boston a Profilaxia do Boato. O entusiasmo ardente, a dedicação apaixonada de Frances Sweeney serviram para iniciá-lo. Não se fez necessária uma complicada organização. A Profilaxia do Boato de Boston trabalhou eficientemente através do esforço aplicado de um punhado de voluntários inteligentes, de um jornalista corajoso e de uma patrulha de fiscais de ouvido atento.

NARRADORA (VOZ DE SWEENEY): Chegamos à conclusão de que há cinco diferentes classes de boatos. Primeiro...

TÉCNICA: MÚSICA INCIDENTAL (DUAS FRASES MUSICAIS), FICA 8 SEG  
E

DESAPARECE

NARRADOR: A disseminação do ódio. O preconceito, a animosidade ou mesmo a franca hostilidade para com pessoas ou grupos de indivíduos.

SWEENEY: Quando iniciamos os trabalhos da Profilaxia do Boato, pedimos ao público que nos comunicasse todos os rumores que estivessem sendo propalados. Não seriam levadas em consideração as cartas que nos fossem enviadas sem a devida assinatura. E quando uma carta chegava trazendo um destes boatos de ódio, julgávamos sua veracidade pela assinatura. Por exemplo, um dia recebemos três cartas, cada uma com o seu boato, todos eles baseados no ódio de classe. O primeiro era o seguinte:

LOCUTOR 1: Os médicos judeus fornecem drogas aos jovens judeus, de maneira a que eles não estejam em condições físicas perfeitas quando chamados a exame de saúde pelas juntas de alistamento.

SWEENEY: O segundo:

LOCUTOR 2: Um grande número de soldados de cor foi enviado para servir no estrangeiro como tropas suicidas. Muitos deles foram mortos. Ao invés de devolvidos em ataúdes para sepultamento no país, os cadáveres foram atirados aos porões dos navios e assim trazidos de volta.

SWEENEY: O terceiro boato dizia:

LOCUTOR 3: O operariado não permitirá que os soldados voltem ao trabalho quando acabar a guerra sem que pertençam aos sindicatos. E todas as providências serão tomadas para que eles não consigam entrar para os sindicatos.

SWEENEY (INDIGNADA): Mentiras, mentiras, todos eles. Na Profilaxia do Boato, recebemos mais de cem exemplos cada semana.

TÉCNICA: MÚSICA INCIDENTAL

NARRADOR: O segundo tipo de boato é o lançamento da inquietação. Um garçom de restaurante ouviu certa vez...

TÉCNICA: A VOZ VAI SUMINDO E ENTRA SOM AMBIENTE DE BAR

ATOR 1: Quer saber de uma boa?

ATOR 2: O que foi?

ATOR 1: Você se lembra do alarme aéreo simulado da semana passada?

ATOR 2 (IRRITADO): Se me lembro! Aqueles guardas idiotas fizeram-me apagar tudo quanto foi luz.

ATOR 1: Não tem importância.

(COCHICHANDO): Mas você sabe o que está por trás dos bastidores?

ATOR 2: Não. O que é?



ATOR 1 (COCHICHANDO): Agora que o tempo está melhorando com a chegada da primavera, a Alemanha vai começar a brigar. Mas de verdade!

ATOR 2: Sim, mas como?

ATOR 1: Ouça. A Alemanha tem quinhentos bombardeiros de seis motores. Os maiores aviões jamais construídos e prontinhos para acabarem com a gente.

ATOR 2: Ora, deixa de histórias, homem. Pois outro dia vi no jornal que eles não têm aviões para isso. Além disso, mesmo que conseguissem chegar até aqui, não poderiam voltar.

ATOR 1: Ah, isso é o que você pensa. Os aviões estão na Noruega, onde há pistas de [aterragem](#) de quatro quilômetros de comprimento. Os ingleses têm fotografias delas e nesta primavera, meu velho, a coisa vai ficar preta.

ATOR 2: Oh, diabos. Se isto é verdade, vou mandar minha família embora daqui.

TÉCNICA: MÚSICA INCIDENTAL. FICA 8 SEG E DESAPARECE (FADE OUT)

SWEENEY: Este é apenas um exemplo deste tipo de boato. O terceiro tipo é:

LOCUTOR (SEGUNDO PLANO): O excesso de otimismo, refletindo a curta duração da guerra e a facilidade com que será obtida a vitória.

SWEENEY: Estes são também boatos perigosos. Recebemos muitos deles, em sua maioria propagados por mulheres.

ATRIZ: Ah, esta guerra a mim é que não preocupa mais.

ATOR: Não? Pois olha. Com meu irmão mais velho no Exército, estou mais que preocupado.

ATRIZ: Pois eu não. Ainda há dias ouvi que ...(PAUSA)

ATOR (INTERROMPENDO ANSIOSO): Ouviu, ouviu o quê?

ATRIZ: Bem, pode ser que seja segredo militar ou coisa parecida, mas contaram-me que...

(NOVA PAUSA)

ATOR (AINDA MAIS ANSIOSO): Vamos, diga. Vamos, por favor.

ATRIZ: Disseram-me que a guerra não dura mais que três meses.

ATOR: Mas onde é que você ouviu isso?

ATRIZ: Você conhece meu marido, Franz?

ATOR: Sim.

ATRIZ: Pois ele trabalha numa fábrica de peças para tanques e me disse que depois de encomendar uma quantidade enorme de peças, o Exército cancelou tudo.

ATOR: Bom, e ele disse isso por quê?

ATRIZ: Não, mas é claro que se cancelaram encomendas de peças para tanques, eles não pretendem fazer mais tanques, compreende? E se fizerem isso é porque não precisam mais deles. E a única razão é que a guerra vai acabar breve. Não dão mais que três meses.

ATOR: Puxa, tenho que ir para casa e contar isso ao pessoal. E eu que andava com medo que meu irmão mais moço fosse chamado!

TÉCNICA: MÚSICA INCIDENTAL, FICA 10 SEG

SWEENEY: Essa gente não tem a idéia da maldade. Mas faz perigar o esforço de guerra ao propalar boatos dessa espécie. /// O quarto tipo de boato é o tipo sempre presente. É o boato de todos os tempos.

TÉCNICA: MÚSICA INCIDENTAL, CAI EM BG

LOCUTOR (SEGUNDO PLANO): É o boato do sobrenatural. O que encerra profecias fantásticas de terríveis desastres ou de milagres iminentes.

SWEENEY: Um destes foi-nos contado numa carta que descrevia o seguinte incidente:

TÉCNICA: SOBE SOM, FICA 5 SEG E DESAPARECE

JACK (NERVOSO): Se isso não tivesse acontecido comigo, Max, eu não acreditava, sabe?

MAX: Mas você está pálido como um cadáver, Jack. O que aconteceu?

JACK: Peraí, eu lhe conto. Eu vinha com o carro perto de Concorde, quando de repente vi uma velha postada na beira da estrada.

MAX (ANSIOSO): Sim, sim. Continua.

JACK: Quando cheguei mais perto, ela me fez um sinal com a mão. Dava a impressão de estar passando mal. Por isso diminuí a marcha e parei. Ela então pediu que a trouxesse.

MAX: Mas você se arriscar numa coisa dessa...

JACK: Mas a pobre mulher estava passando horrivelmente mal. Bem, mas ajudei-a a entrar no carro e continuei a viagem.

MAX: *Eu não faço coisa como essa.*

JACK: Ela tinha uns olhos pretos enormes, como dois carvões, e estava coberta de andrajos. Cheguei até a me arrepiar. Tossia horrivelmente. Parei o carro e perguntei se ela queria alguma coisa. Talvez, um copo d'água.

MAX: Então, a velha estava doente mesmo?

JACK: Estava. E estava muito mal. Dirigi o mais devagar que pude porque o balanço do automóvel parece que a incomodava. /// De repente ela olhou pra mim com aqueles olhos fundos e pretos...

MAX (INTERROMPENDO ANSIOSO): E o que, o que foi, homem?

JACK: E ela então falou que tinha uma coisa para me dizer...

MAX: E o que foi que ela disse?

JACK: Disse: “antes desse carro chegar a seu destino, haverá um cadáver nele. E dentro de três meses, Hitler morrerá”.

MAX: Oh, estou até arrepiado. Que coisa mais esquisita!

JACK: Foi o que aconteceu, Max. Deus é testemunha de que é pura verdade. E ela morreu.

MAX: E quando ela entrou no carro ela disse...

JACK: Que haveria um cadáver no meu carro.

MAX: E que Hitler morreria dentro de três meses.

TÉCNICA: MÚSICA INCIDENTAL, FICA 5 SEG E CORTA

SWEENEY: Esta foi a história que nos enviaram. A mesma de sempre, com pequenas variações. A mesma é contada durante a Guerra de Secessão, em 1864, e mais longe ainda, durante as campanhas napoleônicas. /// Quando recebemos boatos deste tipo, **sindicamos** cuidadosamente sua origem e depois publicamos a verdade sobre o mesmo. /// A quinta espécie de rumor que temos de combater é a seguinte:

TÉCNICA: MÚSICA INCIDENTAL

LOCUTOR (SEGUNDO PLANO): Boatos nascidos da curiosidade.

TÉCNICA: SOBE SOM DA MÚSICA E DESAPARECE

SWEENEY: É um tipo interessante de boato e nem sempre inofensivo. /// Um dia, um homem veio a meu escritório.

TÉCNICA: SOBE SOM AMBIENTE DE REDAÇÃO. BARULHO DE MÁQUINAS DE ESCREVER

ESPIÃO: É aqui que se faz a profilaxia do boato?

SWEENEY: É sim, senhor. Frances Sweeney é o meu nome. Em que posso servi-lo?

ESPIÃO: Parece até tolice, mas ouvi uma história, um boato, e gostaria de comunica-lo. Tenho lido nos jornais tudo a respeito da profilaxia do boato.

SWEENEY (ANSIOSA): E qual é a história?

ESPIÃO: Bem, eu moro perto da praia e quase sempre estou viajando...

SWEENEY (IMPACIENTE): Sim, mas qual é o boato, por favor?

ESPIÃO: Naturalmente, preocupo-me com a possibilidade de um ataque por mar ou por aviões. A senhora sabe...

SWEENEY (INTERROMPENDO): Quanto a isso todos nós estamos. Mas o boato?

ESPIÃO: Bom, ouvi dizer que para toda a costa de Nova Inglaterra, temos somente vinte e quatro canhões antiaéreos.

SWEENEY: Aaaah. Agora compreendo. Apenas vinte e quatro canhões antiaéreos, não é?

ESPIÃO: Pois é. Bom, quero dizer. Foi o que me contaram. Estou preocupado porque tenho uma casa perto da praia e, se acontecer alguma coisa... Quero saber se podemos contar com a necessária proteção, porque, afinal de contas, a gente nunca sabe...

SWEENEY (IRRITADA): O senhor quer fazer o obséquio de esperar um momento? Temos pessoas aqui que podem responder sua pergunta. Um momento, por favor.

ESPIÃO (COM MEDO): Não! Não precisa incomodar-se. Eu, eu só queria comunicar o boato...

SWEENEY (IRÔNICA): Ora, incômodo nenhum. Um minuto e o senhor Bailey se encarregará do senhor.

TÉCNICA: MÚSICA INCIDENTAL, FICA 8 SEG E DESAPARECE

NARRADOR: Tudo não passava de um velho truque. O homem que queria espalhar o boato era um agente. Guerra psicológica, tal como a chamam os nazistas. Rumores, boatos e mentiras destinadas a desencorajar, a dividir e a derrotar. O Alto Comando alemão, separado do povo dos Estados Unidos pelo largo Atlântico, abriu fogo com a mesma velha arma: a mentira do Eixo. Tentou o mais simples dos artífices. Queria saber quantos canhões antiaéreos guardavam as costas da Nova Inglaterra e onde estavam localizados. Mas a Profilaxia do Boato está bem a par de todos os truques que podem ser usados e tem sempre adequada resposta para os mesmos. /// A encantadora Frances

Sweeney soube **descortinar** com rara habilidade um dos mais importantes fundamentos da Guerra Psicológica. A Profilaxia do Boato, resultante de uma reação de seu espírito patriota, tornou-se uma organização que emprega métodos científicos precisos, matemáticos. Com a análise dos cinco tipos descritos de boatos, foram tomadas precauções ditadas pela lógica e pelo bom senso.

SWEENEY: A única resposta para o boato é a verdade. Se o boato se refere ao Exército, ao Exército comunicamos. Por exemplo:

MÃE (VOZ FRAGILIZADA): Fui informada de que nossos homens foram enviados para a África do Norte, munidos de roupas pesadas e de equipamento de inverno. Eu tenho um filho no Exército. Sei que está no estrangeiro, mas não sei onde. Se ele está na África eu tenho o direito de exigir que me digam se está adequadamente equipado.

SWEENEY: O Exército envia-nos uma resposta oficial, a qual publicamos na coluna destinada à Profilaxia do Boato.

LOCUTOR (VOZ DE NOTICIARISTA NO ESTILO REPÓRTER ESSO): **Todos os membros das Forças Armadas de além-mar estão convenientemente munidos de equipamento adequado às condições climáticas dos locais em que operam. Não há motivo para preocupações quanto ao bem-estar dessas tropas.**

TÉCNICA: MARCHA MILITAR, FICA 10 SEG E CORTA.

NARRADOR: Uma das grandes realizações da Profilaxia do Boato foi a organização de um método que leva os rumores ao Escritório Central com a máxima facilidade. Os boatos são geralmente espalhados em espaços coletivos e nesses locais há sempre pessoas atentas. Garçons, porteiros, motoristas e condutores, toda a classe de pessoas que trabalha em lugares freqüentados alistaram-se (sic) sem outro desejo que o de simples auxílio. /// O plano evoluiu e a infatigável Frances Sweeney levou a idéia ainda mais longe.

SWEENEY: Senhor Gardner. Contamos presentemente com o auxílio da maioria das casas de negócio e lavanderias de Boston.

GARDNER: Farei tudo o que puder para ajudar, Miss Sweeney.

SWEENEY: Trata-se do seguinte. Quando sabemos de um boato, imprimimos o boato e a negativa num folheto, como este aqui.

GARDNER: Huum, interessante.

SWEENEY: Todos os comerciantes com que contamos estão distribuindo estes folhetos. Agora, se conseguirmos a colaboração das grandes companhias de leite, é fácil imaginar o tremendo aumento do número de novos leitores.

GARDNER: Com todo o prazer, Miss Sweeney. Mande os folhetos e faremos com que toda pessoa que compre leite em Boston leia um deles.

TÉCNICA: MARCHA MILITAR, FICA 8 SEG E CORTA

NARRADOR: Das mais perfeitas foi a técnica seguida pela Profilaxia do Boato para classificar uma história como tal. Seus membros analisam cada rumor, relacionando-o com o respectivo tipo. Alguns ouvem com regularidade as irradiações das emissoras do Eixo. Quando percebem que circula um boato baseado em alguma declaração do inimigo, apressam-se a expô-lo à luz clara e eficiente da verdade. Todos ajudam. Todos colaboram neste esforço de manter o público informado dos desenvolvimentos vitais da guerra. /// Bem sabem os cidadãos da América que uma informação falsa espalhada pelo boato é menos perigosa que os resultados emocionais que produz: ódio, desconfiança, excesso de otimismo, confusão e temor. /// Meios para combater rumores, boatos e mentiras, fácilimo.

NARRADOR: Em Boston, muitos destroem um boato perigoso e absurdo com a simples pergunta: “onde é que você ouviu esta história, hein?”. A maioria das vezes, não há resposta.

SWEENEY: Outro meio eficaz usado pelo cidadão que deseja acabar com o boato é o de pegar um lápis e perguntar:

ATOR: Rá, rá, rá. Taí uma muito boa para a minha coleção. Oh, por favor, repita mais devagar.

SWEENEY: O boateiro é geralmente silenciado pelo próprio senso de vergonha.

TÉCNICA: MÚSICA INCIDENTAL, FICA 10 SEG E CAI EM BG

NARRADOR: À proporção que a guerra atinge os seus estágios fulminantes, os povos nas democracias refletem a responsabilidade que lhes impõe a liberdade da palavra. Sabem da necessidade que há em saber distinguir o fato da fantasia; boatos, rumores e mentiras, da verdade. Voltam seus olhos para a infatigável Frances Sweeney, que tornou possível, fácil, praticável e eficaz a desmoralização do boato.

TÉCNICA: MARCHA FINALIZANDO, FICA 10 SEG E CORTA

NARRADOR: Na próxima semana, neste mesmo dia e hora, a Marcha do Tempo apresentará um novo [relato dramático dos sucessos atuais](#) da História em ação.

TÉCNICA: MARCHA MILITAR, FICA 20 SEG E CAI EM BG

LOCUTOR: E o tempo marcha.

*TÉCNICA: SOBE SOM E CORTA*

## 7.2 Reiteração da narrativa

O roteiro entremeia narrações de estilo jornalístico (função referencial) e trechos dramatizados (função poética), que exemplificam os casos expostos pelo locutor. Ficção e realidade se misturam neste cenário. O enunciado informa que as dramatizações baseiam-se em casos verídicos, como se buscassem credibilidade para os relatos. [\*Notícias em Ação, flagrantes dramáticos dos fatos atuais, baseados em informações colhidas em todas as frentes de batalha pelos correspondentes de guerra norte-americanos.\*](#)

Os esquetes parecem recheados de redundância narrativa. As tramas são simples e as reações dos personagens resvalam para o estereótipo, o que facilita a identificação por parte do ouvinte. Perde-se em qualidade de dramatização, mas ganha-se na eficácia de transmissão da mensagem. Vale lembrar que o objetivo de programas desta natureza não é produzir arte, mas manter a população engajada no esforço de guerra.

Ao som da marcha militar, *A marcha do tempo* começa com uma exortação. A primeira fala do narrador alerta o ouvinte para o momento político. [\*Esta guerra de vida\*](#)



ou de morte em que estamos empenhados é a guerra de todas as frentes. A frente terrestre, a frente marítima, a frente aérea e a frente do espírito.

A expressão “frente do espírito”, que aparece em vários outros programas, insere-se no conceito de guerra psicológica ao reforçar a idéia de que o conflito bélico não se restringe ao campo de batalha. A guerra exige mobilização da população civil. O uso da marcha militar como tema de abertura e encerramento convida ao engajamento na luta contra o boato. Temos aqui o uso da função conativa, marcada pelo enunciado persuasivo.

Os textos são afirmativos, aconselhadores e persuasivos; buscam uma linguagem simples, apesar de alguns atropelos de tradução. Em alguns momentos, tem-se a impressão de que a versão foi feita do inglês para o espanhol e só depois para a língua portuguesa, como por exemplo em Relato dramático dos sucessos atuais. Em espanhol, a palavra *suceso* corresponde a acontecimento.

A reiteração acompanha toda a narrativa, com pausas para enunciados explicativos, o que caracteriza a função metalingüística. Ao final de cada esquete, o locutor faz uma síntese do texto dramatizado, para garantir que o ouvinte compreendeu a mensagem. Guerra psicológica, tal como a chamam os nazistas. Rumores, boatos e mentiras destinadas a desencorajar, a dividir e a derrotar. O Alto Comando alemão, separado do povo dos Estados Unidos pelo largo Atlântico, abriu fogo com a mesma velha arma: a mentira.

Os nomes dos personagens reforçam a origem do povo norte-americano e a identidade com a Inglaterra, o maior aliado na Segunda Guerra. Nenhum deles tem sobrenome de imigrantes italianos, japoneses, poloneses ou latino-americanos. O único estrangeiro é o alemão, que nega o interesse de Hitler em atacar a Inglaterra. Mas sua fala vem acompanhada de uma risada irônica, que revela a intenção do personagem. *(COM VOZ DISSIMULADA): Eles não querem saber de guerra. São um povo pacífico. Yá, yá, yá.*

Gardner, editor-chefe do jornal *Baltimore Herald*, remete a Alexander Gardner, repórter fotográfico que se tornou conhecido do público norte-americano por mostrar a

violência da Guerra de Secessão. A lembrança empresta mais realismo ao personagem, identificado com uma personalidade da memória nacional.<sup>94</sup>

A figura de Frances Sweeney, representada pela voz de uma jovem bonita para os padrões ocidentais (loura, olhos azuis), conduz a trama. São seus predicados que levam Gardner a aceitar recebê-la no gabinete, induz a trama. No primeiro quadro Miss Sweeney atua como personagem, para depois funcionar como narradora ao longo do programa. A passagem de personagem a narradora, ou seja, do campo da ficção para o real, a aproxima do ouvinte. Trata-se de alguém que contou sua própria história e que agora está habilitada a dar conselhos, porque provou que tem um compromisso com o esforço de guerra.

No radioteatro, a definição de personalidade levaria alguns capítulos para se evidenciar, mas num programa como este a trama precisa queimar etapas. O uso da função expressiva de linguagem revela os sentimentos e os juízos do destinador. Em certos momentos, a fala de Miss Sweeney resvala para o comentário, o que permite a inserção de mensagens dentro da trama de acordo com os interesses do governo dos Estados Unidos.

Por vezes o relato de Miss Sweeney assume tom indignado, como se quisesse denunciar os artifícios escusos usados pelo inimigo. *Mentiras, mentiras, todos eles. Na Profilaxia do Boato, recebemos mais de cem exemplos cada semana.* O curioso é que ela não tem profissão. Engaja-se de corpo e alma na luta contra a guerra psicológica. O espírito empreendedor e nacionalista do povo está simbolizado na iniciativa daquela mulher despojada. A referência às cartas soa como indicador de veracidade, assim como a citação ao fato de que colaboradores ouvem regularmente os programas radiofônicos de propaganda da Alemanha. *Alguns ouvem com regularidade as irradiações das emissoras do Eixo. Quando percebem que circula um boato baseado em alguma declaração do inimigo, apressam-se a expô-lo à luz clara e eficiente da verdade. Todos ajudam.*

Este perfil repete-se inúmeras vezes em outros programas produzidos pela General Sound Corporation. Um dos episódios da série *Acredite se quiser* enfatiza a participação feminina nas fábricas de componentes e material bélico, ao mesmo tempo em que denuncia o nazismo por relegar à mulher apenas ao papel de procriação. No episódio, a mãe recebe

---

<sup>94</sup> Vale lembrar que o público-alvo principal deste programa é a população norte-americana. Os ouvintes latino-americanos são públicos secundários.

carta do filho aviador no *front* e descobre que confeccionou o pára-quedas que o salvou da morte.

A presença da mulher como narradora reforça a empatia, porque o público feminino era o principal alvo do esforço de guerra. Daí a preocupação dos programas em mostrar o perfil heróico e ousado da mulher, sua sensibilidade para identificar ameaças, como o espião que pretendia saber o número de canhões antiaéreos na costa da Nova Inglaterra.

Na série *Este é o nosso inimigo*, um dos episódios denuncia o papel secundário que seria reservado à mulher no regime nazista. A seguir transcrevemos um trecho:

NARRADOR: Hoje em dia, de cada três norte-americanos entre dezoito e sessenta e cinco anos de idade, um deles está combatendo no ar, em terra ou no mar, pelo direito e pela justiça. Ou está nas fábricas de produção bélica, que fornecem armas para aviões e navios a todas as frentes de combate no mundo. /// E empregados nas diferentes tarefas da Defesa Civil (FORTE ACENTO GAÚCHO, DESTACANDO A SÍLABA TÔNICA “i”), há milhões de homens e mulheres, que se sacrificam para conseguir a vitória e para que a paz futura seja melhor e mais duradoura que todas as anteriores. /// Mas esta paz e esta vitória não se pode ganhar a não ser que conheçamos bem com quem estamos lutando. E é para conhecer nossos inimigos, e assim compreender melhor os perigos que enfrentamos, e prepararmos para rechaçá-los que apresentamos este programa de trinta minutos de verdades cruéis e dolorosas. Não para serem ouvidas pelos tímidos ou pelos pusilânimes, porque são as verdades sobre o nosso inimigo.

TÉCNICA: MÚSICA INSTRUMENTAL

LOCUTOR (TOM IMPOSTADO): “A revolução nazista é a revolução do homem. Quando eliminamos as mulheres da vida pública, não o fazemos porque desejamos desfazermos delas, senão porque queremos que voltem outra vez a exercer sua função essencial”.

NARRADOR: Aquele que assim falou, a onze de fevereiro de 1934, foi o ministro da Propaganda do Reich, o pseudo-doutor Goebbels. Dias mais tarde esta doutrina foi

proclamada na imprensa e pelo rádio. E nas escolas as meninas eram obrigadas a ler em suas classes um livro de Alfred Rozemberg, um dos seis mais importantes líderes nazistas.

VOZ FEMININA: “O futuro Reich alemão considerará a mulher sem filhos, seja casada ou não, como membro inferior da comunidade”.

NARRADOR: Desde o começo da guerra, as mais altas autoridades nazistas deram a sua aprovação e o seu encorajamento à nova doutrina. Na Alemanha nazista de hoje, existem mais de sessenta maternidades de propriedade do Estado e mantidas por ele. /// A mais importante de todas está situada em BRAATS FREIN WALD, a trinta e cinco milhas de Berlim. Esta clínica de crianças ilegítimas, onde todos os meses chega uma nova remessa de jovens criaturas, está rodeada de jardins e de mastros, onde flamejam as bandeiras negras e vermelhas da suástica.

### 7.3 Os planos da voz

As acusações – atribuídas ao inimigo – de fomentar intrigas, através do preconceito racial e da luta de classes, aparecem em frases lidas por locutores, como textos de contextualização em outro plano da narrativa; algo semelhante às notas de pé de página na literatura e no texto científico. A locução, por outros narradores que não o principal, é feita em primeiro plano (junto ao microfone), mas a entonação da leitura procura indicar um distanciamento.<sup>95</sup>

LOCUTOR 1: Os médicos judeus fornecem drogas aos jovens judeus, de maneira a que eles não estejam em condições físicas perfeitas quando chamados a exame de saúde pelas juntas de alistamento.

LOCUTOR 2: Um grande número de soldados de cor foi enviado para servir no estrangeiro como tropas suicidas. Muitos deles foram mortos. Ao invés de devolvidos em ataúdes para sepultamento no país, os cadáveres foram atirados aos porões dos navios e assim trazidos de volta.

LOCUTOR 3: O operariado não permitirá que os soldados voltem ao trabalho quando acabar a guerra sem que pertençam aos sindicatos. E todas as

---

<sup>95</sup> Hoje nestes casos costuma-se recorrer a filtros ou ecos, efeitos obtidos em mesa de edição, para diferenciar os níveis de locução e indicar que o texto ocupa outro plano na narrativa.

providências serão tomadas para que eles não consigam entrar para os sindicatos.

Os exemplos previnem o ouvinte contra polêmicas internas que podem comprometer a moral da tropa e o apoio de familiares. Questões como o preconceito contra negros e judeus, tradicionais nos Estados Unidos, precisam ser postas de lado durante a guerra. Qualquer atitude nesta direção deve ser visto como fazer o jogo do inimigo.

Esta postura nos leva a perguntar se a propaganda de guerra impõe, necessariamente, uma simplificação ideológica. Creio que a resposta deve ser afirmativa por várias razões, desde o imediatismo de resultados à necessidade de superar desavenças internas para concentrar-se no inimigo. Nenhuma família aceitaria passivamente perder seu filho no campo de batalha se não estiver convencida de que se trata de uma ação patriótica e destinada a combater o mal. O arquétipo medieval de Galaaz está presente no imaginário da guerra.

As locações identificadas durante a trama – a redação de jornal, o bar e o auditório da universidade – correspondem a locais públicos, que exigem um trabalho de sonoplastia para preparar o ambiente sonoro. A harmonia entre o ambiente sonoro e o diálogo dos atores garante a eficácia da narrativa. Na redação, a informação sonora é identificada pelo ruído das máquinas de escrever. No bar e no auditório, pelo vozerio dos frequentadores.<sup>96</sup>

O programa registra diversas mudanças de tempo e de ambiente, sempre marcadas pelas cortinas musicais. No caso das mudanças de ambiente, o som se antecipa ao diálogo, assim como no cinema. A sonoridade funciona como elemento de informação essencial à compreensão da trama, mas é fundamental evitar a superposição de informação. Por exemplo, a sonoplastia produzir som de passos e o ator dizer a seguir: “Ouço passos”.

A redação do *Baltimore Herald* é identificada pelo barulho das máquinas de escrever, que funcionam como informação sonora para o ouvinte. No esquete do diálogo no

---

<sup>96</sup> Hoje todos estes sons são pré-gravados no suporte minidisc.

bar, o ambiente é apresentado por um conjunto de vozes em segundo plano (longe do microfone). Arnheim explica os efeitos de sentido proporcionados pelos diferentes planos da emissão de voz.

Em todo trabalho radiofônico não só tem importância o que soa, mas também de onde provém o som. E também, caso o som provenha de vários lugares, a distância ou o espaço que existe entre eles. A distância existente entre o ponto de origem do som e o microfone é de suma importância, pois o fato de que algo soe perto ou longe não só permite ao ouvinte distinguir o lugar da cena, como também contribuir para dar maior ou menor força expressiva: o que está mais perto predomina, destaca-se sobre os demais elementos da cena. (ARNHEIM, 1980, p. 38)

Ao longo do programa as vozes aparecem quase sempre em primeiro plano. No primeiro esquete que se passa na redação, percebe-se uma pequena falha de direção, quando o auxiliar do editor-chefe chama Frances Sweeney alteando a voz. No entanto, a personagem responde em seguida, como se estivesse ao lado do interlocutor. O correto seria colocar a voz de Sweeney em segundo plano (longe do microfone) ou acrescentar uma pequena frase ao diálogo para dar tempo a que a mulher se aproximasse do auxiliar. Detalhes técnicos como este, solucionáveis facilmente, não parecem interessar muito os produtores.

Perto do final do programa, o Exército responde às suspeitas de que os soldados estariam mal equipados e com roupas inadequadas para o front. Aqui a voz e o ritmo de locução lembram a de um noticiário, como se pretendesse obter mais confiança na resposta. A estratégia remete ao *Repórter Esso*, ícone de credibilidade do rádio na época. *Todos os membros das Forças Armadas de além-mar estão convenientemente munidos de equipamento adequado às condições climáticas dos locais em que operam. Não há motivo para preocupações quanto ao bem-estar dessas tropas.*

O ritmo da entonação – parte fundamental da narrativa radiofônica – segue recomendações inerentes ao noticiário, como mostram trechos da gravação de Heron Domingues, do *Repórter Esso*, em que ele repassa aos locutores das outras praças (São.Paulo, Belo Horizonte, Recife e Porto Alegre) as instruções da United Press sobre a forma correta de leitura.

Os sons de sua voz ao descrever o rugir da batalha devem ser tão fortes e violentos quanto os fragores do combate. Mas, se você se detiver na descrição do bosque não poderá esquivar-se a suavizar as vibrações de sua voz. (...) De um modo geral, tanto para os comerciais quanto para os telegramas, frise as palavras fortes. Explore desapiedadamente as consoantes explosivas, labiais e labiais/dentais como o “b”, o “p”, o “m”, o “d”, o “t”. Use e abuse do “á” bem aberto. As palavras proparoxítonas oferecem um largo campo de belos e impressionantes efeitos. (...) Evite a junção das consoantes lábio-dentais. Não diga sile, sina, chamada. Pronuncie secamente: sile, sina, chamada. O “é” aberto é um som magnífico para a clara pronúncia. (...) Jamais o locutor deve se apaixonar a tal ponto por um assunto que o ouvinte perceba que ele está inclinado a aplaudir um determinado ponto de vista, idéia ou personagem. O locutor do Repórter Esso é um narrador/intérprete. Deve sentir-se instalado sobre uma barricada, em pleno combate, descrevendo com esportividade os lances dramáticos da luta em seu redor.<sup>97</sup>

---

<sup>97</sup> Instruções da UPI interpretadas por Heron Domingues. A História do Repórter Esso, acervo Collector's Editora Ltda (AER330), Teresópolis, Rio de Janeiro.,

## ESPÍRITO DE VITÓRIA

Pode-se enquadrar *Espírito de Vitória* no gênero documentário, embora recorra a pequenos esquetes dramatizados. Entende-se aqui por documentário o formato radiofônico que procura aprofundar um tema jornalisticamente.

A classificação não significa, no entanto, que *Espírito de Vitória* não estivesse engajado no esforço de guerra. Os programas abordavam incursões alemãs, como o bombardeio a Rotterdam, na Holanda, e a execução de centenas de civis em Lídice, na Tchecoslováquia, ou exaltavam o comportamento dos aliados, como o desenvolvimento da indústria e a coesão pan-americana, através do fornecimento de matérias-primas pelos países da América do Sul.

O programa transcrito a seguir foi transmitido para o Brasil a 18 de janeiro de 1943 em ondas curtas pela NBC. A gravação que compõe o acervo sonoro do Arquivo Nacional sofre uma interrupção repentina. Por isso, não foi possível informar o tempo total do programa.

TÉCNICA: RUFAR DE TAMBORES POR 5 SEG e CORTA

APRESENTADOR: A vigésima-primeira letra do alfabeto, o “V”, o símbolo do espírito de vitória.

TÉCNICA: MÚSICA INSTRUMENTAL FICA 10 SEG E CAI EM BG

NARRADOR: O episódio de hoje é dedicado à Holanda, aquele pequenino país da Europa que todos nós conhecemos e de que nos lembramos por causa dos seus moinhos de vento, a vestimenta exótica e típica dos seus habitantes, seus jardins de tulipas e suas paisagens pitorescas e serenas. (PAUSA) Ninguém poderia pensar que alguém jamais tentasse invadir o solo holandês, mas foi isso que justamente aconteceu. Um dia a infernal máquina de guerra nazista atacou e penetrou nas fronteiras da pacífica Holanda, como fizera antes com outros países pacíficos e indefesos. (PAUSA) Para avaliarmos e sentirmos



o martírio da Holanda debaixo da bota do nazismo, é necessário que pensemos um pouco como pensam os holandeses. Que sintamos o que eles sentiram quando da destruição de uma cidade como a de ROTTERDAM. Associamos esta tragédia a uma das nossas grandes metrópoles, o Rio, São Paulo ou Washington /// Imaginemos nossa cidade natal bombardeada e destruída. Não nos pareceria isso horrível e fantástico? Também assim pensavam os holandeses de sua famosa e querida ROTTERDAM. Sim, aquela mesma Rotterdam que muitos de nós conhecíamos nos mapas da Europa como sendo uma das principais cidades da Holanda.

ATOR 1: (COM INDIGNAÇÃO) Rotterdam? É impossível. Os alemães jamais ousarão bombardear a cidade de Rotterdam. Seria um absurdo! Inominável! Vandalismo!

ATOR (VOZ CALMA): Realmente, tem razão. Rotterdam é uma cidade aberta, sem defesa de espécie alguma. Os alemães sabem perfeitamente disso.

ATOR 1: É incrível.

NARRADOR: Incrível mas os fatos aí estão. E num belo dia cheio de luz e sol jaziam sob os escombros de Rotterdam nada menos que trinta mil mortos, depois de meia hora apenas de bombardeio.

LOCUTOR (OUTRO PLANO DA NARRATIVA): “Perdoai-nos, senhor, que eles não sabem o que fazem”.

NARRADOR: Porém esta expressão da sublime caridade não tem cabimento aqui. Os nazistas sabem muito bem o que fazem. Não. Não é preciso recorrer às Sagradas Escrituras em busca de palavras que possam aplicar-se a quem inventou os campos de concentração. Elas não teriam utilidade para quem ressuscitou a escravidão e o assassinato em massa. A definição do Terceiro Reich está claramente expressa na Bíblia, nas revelações de São João.

Neste momento a gravação do programa é interrompida.

#### 7. 4 Eles sabem o que fazem

O texto e a música instrumental que abrem o programa descrevem a Holanda como um país pequeno e indefeso, o que acentua a discrepância de forças. O som relaxante da trilha sonora compõe um cenário de paz e tranquilidade, o que ajuda a realçar o caráter absurdo, vândalo e inominável do bombardeio alemão.

Arnheim observa que no rádio, mais importante do que o desenvolvimento da música, é a obtenção da expressividade, de acordo com as premissas de uma cultura acústica que associa, por exemplo, acordes melódicos a um ambiente de harmonia e paz, e acordes dodecafônicos a momentos de tensão. “Para aquelas formas de obra radiofônica que não seguem uma notória estilização e musicalização, mas sim vozes e ruídos naturais, a entonação romântica da expressão musical pode servir como um guia importante” (ARNHEIM, 1980, p. 33).

A narração acompanha esta linha de suavidade, mas apesar de transparecer objetividade, há momentos em que o texto evidencia a opinião, chegando à indignação por parte do locutor. Algo como a representação teatral de um homem pacato e cordial que se agiganta na hora de combater as injustiças.

A entonação das vozes dos atores assume um tom de incredulidade com a ação dos da aviação alemã e de solidariedade para com a população holandesa.

ATOR 1: (COM INDIGNAÇÃO) Rotterdam? É impossível. Os alemães jamais ousarão bombardear a cidade de Rotterdam. Seria um absurdo! Inominável! Vandalismo!

ATOR (VOZ CALMA): Realmente, tem razão. Rotterdam é uma cidade aberta, sem defesa de espécie alguma. Os alemães sabem perfeitamente disso.

ATOR 1: É incrível.

Assim como em *A marcha do tempo*, o *script* lança mão do Novo Testamento, ao repetir a frase de Jesus no sacrifício da cruz: “Perdoai-nos, senhor, que eles não sabem o que fazem”. A voz do locutor (outro que não o principal) entra como recurso de

contextualização, como se ele estivesse fora da narrativa. O efeito de sentido é reconhecido pela característica anafórica da frase bíblica.

A referência ao nome de Deus desempenha um duplo papel: indica de que lado está o bem e remete à idéia de sacrifício. Omite-se que os alemães são, em sua maioria, cristãos e que o próprio Papa Pio XI jamais se manifestara contrário à conduta de nazistas e fascistas. Mas é importante, do ponto de vista do esforço de guerra, que a população esteja convencida de que o Deus cristão apóia os aliados.

O comentário do narrador sobre o bombardeio de Rotterdam revela os juízos e sentimentos do destinador, caracterizando a função expressiva de linguagem. O uso da primeira pessoa do plural aproxima destinador e destinatário, reforçando a identidade cultural e política. De um lado “nós”, locutor e ouvinte, do outro “eles”, os nazistas.

A referência a Rio e São Paulo, as duas cidades brasileiras mais populosas, identifica o ouvinte com o drama holandês, além de expressar o sentimento de que Washington, a capital dos Estados Unidos, corre risco semelhante. *Associamos esta tragédia a uma das nossas grandes metrópoles, o Rio, São Paulo ou Washington. /// Imaginemos nossa cidade natal bombardeada e destruída. Não nos pareceria isso horrível e fantástico?* Temos um exemplo de uso da função conativa de linguagem, como se o destinador estabelecesse uma conversa com o destinatário, conversa que no entanto só tem um vetor. A função do ouvinte é passiva.

Os programas da série *Espírito de Vitória* começavam sempre com uma exortação e uma breve manifestação de otimismo e de esperança à população dos países ocupados pelos alemães. Assim iniciava o episódio que tratava da execução de 483 pessoas em Lídice.

LOCUTOR: Espírito de Vitória.

TÉCNICA: TRECHO DA 9ª SINFONIA DE BEETHOVEN. 5 SEG E CAI EM BG

LOCUTOR: Episódio de hoje, a Tartaruga e a Lebre, a história da Tchecoslováquia.

Espírito de Vitória, série de programas documentados que ilustram a vontade de ser livre que reina em toda a parte. Para milhões de seres humanos, a vigésima-primeira letra do alfabeto, “Vê”, é hoje o símbolo da esperança, promessa de que serão libertados do cativeiro.

TÉCNICA: RUFAR DE TAMBORES, ENTRA ORQUESTRA SINFÔNICA.  
FICA 8 SEG E CAI EM BG

LOCUTOR: O “Vê”, símbolo do espírito de vitória.

TÉCNICA: SOBE A NONA SINFONIA DE BBETHOVEN

LOCUTOR: A estes e a todos aqueles que continuam a combater os nazistas nos países ocupados, dedicamos este programa. Para eles, a vigésima-primeira letra do alfabeto é o “Vê” de vitória.

O título do episódio, “A Tartaruga e a Lebre”, insinua que nem sempre vence quem está na frente. Em 1941, a Alemanha vencia a guerra, ocupando boa parte da Europa e avançava sobre a Rússia. A referência anafórica visa a incutir otimismo entre a população civil e mostrar que o final pode ser inesperado, a exemplo da fábula infantil.

## 8 – O radioteatro vai à guerra

Quando o rádio deseja utilizar seus sons para ocupar o lugar do teatro, seus efeitos sonoros e suas vozes se desligam do mundo corporal, de cuja presença nos damos conta através da visão, mas, percebido, impõe-nos suas leis. O mundo corporal põe travas ao espírito, que por si só voa livremente através do tempo e do espaço, deixando que o pensamento siga o verdadeiro argumento, sem que necessite unir-se a algo concreto. No rádio, o som e as palavras revelam a realidade com a sensualidade do poeta, e nela se encontram os tons da música, os sons mundanos e espirituais, penetrando assim a música no mundo das coisas.

Rudolf Arnheim

Nos anos 40, o radioteatro começava a ganhar espaço como gênero expressivo, inicialmente nos Estados Unidos e depois na América Latina. Os autores ainda não conheciam os meandros da linguagem radiofônica e tropeçavam em erros básicos, como textos longos e uma oratória rebuscada, que o próprio teatro já questionava. Mas a guerra psicológica necessitava de resultados imediatos, que mobilizassem rapidamente a população.

A carga de dramaticidade, o custo relativamente baixo de produção e a facilidade de transmissão, seja através de cadeias de rádio em onda média dentro dos Estados Unidos, seja em ondas curtas para o continente latino-americano, levaram o OCIAA a recrutar o radioteatro e engajá-lo no esforço de guerra. Escrito pelo jornalista Pompeu de Souza e produzido pela General Sound Corporation, o primeiro episódio de *Brasil em guerra* foi veiculado em ondas curtas para o Brasil a 1º de setembro de 1942.

A história baseia-se no torpedeamento de navios da Marinha Mercante e de passageiros nas costas brasileiras por submarinos alemães, que criaram uma comoção nacional e influenciaram a decisão do Governo Vargas de declarar guerra aos países do Eixo. O programa tem 30 minutos de duração e foi gravado em Nova York, com locutores e artistas brasileiros.

## RADIOTEATRO DAS AMÉRICAS

TÉCNICA: VINHETA DE ABERTURA (MARCHA MARCIAL). FICA 10 SEG E DEPOIS CAI EM BG.

APRESENTADOR: Temos o prazer de apresentar aos nossos ouvintes do Brasil um novo programa, o Radioteatro das Américas. Trata-se de uma série de peças dramáticas de autoria de Ashe Abler, o famoso radioautor norte-americano, um dos maiores escritores contemporâneos deste novo gênero literário, o teatro radiofônico. Dadas porém as condições excepcionais deste momento histórico, este primeiro programa vai ser dedicado a uma situação especial: o radiodrama “Brasil em Guerra”, de autoria de Pompeu de Souza.

TÉCNICA: SOBE SOM DA MARCHA MARCIAL E CORTA

NARRADOR: Há muitas maneiras de uma história começar, esta, porém, começou de uma maneira muito comum nos tempos que correm. Começou assim:

TÉCNICA: SOM DE TELÉGRAFO, FICA 3 SEG E CAI EM BG

LOCUTOR: Submarino alemão torpedeou navio brasileiro Buarque em águas do mar das Antilhas. O Buarque foi atingido por dois torpedos e sossobrou partido ao meio, por pavorosa explosão de suas máquinas. O navio brasileiro tinha pintadas bem nítidas em seus costados as cores do país neutro a que pertencia.

LOCUTOR: O governo do Brasil protestou perante o Reich quanto ao afundamento do navio brasileiro Buarque.

NARRADOR: Enquanto isso, cresce e se alastra entre o povo do Brasil a inquietação e a revolta contra as **covardes crueldades do Eixo**. O povo que sentia as dores e as angústias de povos distantes assaltados, feridos e esmagados pelo tirano nazista. As dores de poloneses massacrados, de franceses amordaçados, de belgas, holandeses, noruegueses, dinamarqueses, gregos e iugoslavos pisados e assassinados no corpo e na alma pelas **hordas bárbaras do invasor**, este povo do Brasil, que vibrava de indignação diante das atrocidades que aconteciam a tantos quilômetros de distância, que aconteciam do outro lado do mundo, sentia em si mesmo, na sua própria carne, a primeira **punhalada pelas costas do pirata nazista**. E nos cafés do Rio de Janeiro havia conversas assim:

ATOR 1(INDIGNADO) Só a bala. Com bandidos como estes, só mesmo a bala. Afundaram um navio desarmado com carga e gente pacífica dentro. Só a bala.

ATOR 2 (TAMBÉM INDIGNADO) Eles ficaram furiosos conosco por causa da nossa atitude na conferência dos chanceleres. De certo, achavam que nós devíamos ficar de braços cruzados e deixar que eles atacassem o nosso continente. Atacassem o nosso país como os dos povos que eles esmagaram, porque só viram o perigo quando já era tarde demais e eles estavam dentro do seu território, [guiados pela quinta coluna](#). Pensavam que nós íamos acreditar nas suas declarações de que não tinham nada contra nós. Nenhuma ambição sobre o nosso país.

ATOR 1: Como fizeram com a Áustria?AUTORIDADE ALEMÃ (VILÃO): O Reich não nutre nenhuma ambição territorial contra a Áustria e quer viver sempre em paz com seus irmãos arianos do grande país.

ATOR 2 (INDIGNADO): Como fizeram com a Tchecoslováquia?

AUTORIDADE ALEMÃ: O Reich não nutre nenhuma ambição territorial contra a terra tchecoslovaca. O povo tchecoslovaco não deve dar crédito às campanhas tendenciosas da propaganda inglesa

ATOR 2: Como fizeram com a Polônia, Dinamarca, Noruega, Bélgica, Holanda, França, România, Hungria,Grécia, Iugoslávia.

AUROIDADE ALEMÃ: O Reich não nutre nenhuma ambição territorial contra qualquer nação e quer viver em paz com todos os países. O povo destes países não deve se deixar iludir pelas intrigas da propaganda inglesa.

ATOR 2: Como quiseram fazer conosco também!

AUTORIDADE ALEMÃ: O Reich não nutre nenhuma missão territorial contra o Brasil. Os brasileiros nada têm a temer, portanto, dos seus amigos da grande Alemanha nazista, que deseja apenas manter como grande país sul-americano relações pacíficas e proveitosas para ele. O povo brasileiro deve rejeitar as explorações da propaganda norte-americana.

ATOR 2: Sim, conosco eles quiseram o mesmo que tinham feito com os outros. Mas não puderam. Nós já conhecíamos de sobra os processos deles. Estávamos vigilantes. Por isto, ao primeiro sinal de ataque ao nosso continente, quando eles atacaram os Estados Unidos, o Brasil logo rompeu relações com todos eles. /// (OT) Você se lembra? Parece que ainda estou ouvindo as palavras do ministro Osvaldo Aranha, na sessão de encerramento da conferência dos chanceleres, ali, no Palácio Tiradentes.

TÉCNICA: SOBE SOM DE MARCHA, FICA 5 SEG E CAI EM BG

NARRADOR: Já naquele dia histórico o Brasil, mais uma vez, demonstrava perante o mundo que acima da displicente tranqüilidade de uma situação de precária acomodação temporária com as forças brutais da agressão e do terror, ele sabia saber valer a sua resoluta coragem e enfrentar todos os perigos para salvar a liberdade de seu solo e a honra de sua gente. Os nazistas porém, que não sabem o que são estas coisas, não compreendem também que os outros o saibam.

TÉCNICA: EFEITO DE TELÉGRAFO, FICA 3 SEG E CAI EM BG

LOCUTOR 1: Um submarino alemão torpedeou e afundou o navio brasileiro Olinda.

LOCUTOR 2: O governo do Brasil protestou perante o Reich contra o afundamento do navio brasileiro Olinda.

TÉCNICA: SOBE SOM DE TELÉGRAFO

LOCUTOR 1: Submarino alemão torpedeou e afundou o navio brasileiro Cairu.

LOCUTOR 2: O governo do Brasil protestou perante o Reich contra o afundamento do navio brasileiro Cairu.

LOCUTOR 1 (RITMO ACELERADO) Um submarino alemão torpedeou e afundou o navio brasileiro...

LOCUTOR 2 (INTERROMPENDO) O governo do Brasil protestou perante o Reich contra o afundamento do navio brasileiro...

TÉCNICA: EFEITO DE TELÉGRAFO

LOCUTOR 1: Um submarino alemão torpedeou e afundou o navio...



LOCUTOR 2 : O governo do Brasil protestou perante o Reich contra o afundamento...

LOCUTOR 1: Um submarino alemão torpedeou e afundou...

LOCUTOR 2: O governo do Brasil protestou perante o Reich contra...

TÉCNICA: SOBE SOM DO TELÉGRAFO

LOCUTOR 1: Um submarino alemão torpedeou...

TÉCNICA: CORTINA MUSICAL FICA 8 SEG E CAI EM BG

NARRADOR: Era o sexto navio afundado. Navio pacífico e desarmado como todos os outros anteriores. Navio que como os outros tinha pintadas bem claro nos seus costados as cores de uma nação neutra e pacífica. Navio que foi afundado como os outros sem nenhum aviso prévio. Sem nenhuma consideração pela vida de pessoas tão distantes das coisas da guerra. E tinha havido mortes. E tinha havido sobreviventes que tinham sofrido mais do que os que morreram, lutando contra o mar, lutando contra o frio, lutando contra a morte, vendo seu corpo gangrenar aos pedaços, morrer de frio aos pedaços. E vendo os companheiros morrerem ao seu lado e procurando com olhos ansiosos, desvairados, a terra que parecia cada vez mais longe ou a morte que parecia cada vez mais perto. Tinha havido tudo isso e tinha havido mais ainda.

TÉCNICA: EFEITO DE VENTO, FICA 3 SEG E CAI EM BG

PERSONAGEM COM SOTAQUE CAIPIRA: Pois eu acho que só peru morre de véspera. Quando saímos para esta viagem me despedi da gente lá de casa do mesmo jeito de sempre. Bem pessoal, disse eu, até logo e até à volta. Qual o quê, eu tenho o corpo fechado para submarino, sô.

HOMEM DA CIDADE: Pois eu, não. Quando saí de casa, eu disse para a minha mulher...

TÉCNICA: EFEITO DE EXPLOÇÃO

VOZES EM SEGUNDO PLANO: Torpedo, pessoal! Cuidado, pessoal...

TÉCNICA: GRITOS , CONFUSÃO, FICA 5 SEG E CAI EM BG

LOCUTOR: SOS, SOS navio Comandante Lira, navio Comandante Lira, fomos torpedeados, fomos torpedeados...

TÉCNICA: SOBE SOM DE VENTO E DE BARCOS EM ALTO-MAR

CAIPIRA: Olha pessoal. Vamos pra cá. A terra fica pro leste.

ATOR 3: E não está muito longe

ATOR 4: Força nos remos, pessoal!

ATOR 3: Vejam! O submarino está saindo fora da água

ATOR 4: E abriam a porta. Vai aparecer gente.

ATOR 5: Homens nus da cintura para cima

ATOR 3: O que é aquilo que eles trazem na mão?

ATOR 4: Parece que é...É sim, é uma metralhadora!

ATOR 5: Mas será que eles são capazes de...

TÉCNICA: SOM DE TIROS DE METRALHADORA, FUNDE COM MÚSICA DRAMÁTICA. FICA 8 SEG E DESAPARECE

NARRADOR: Mas aquela curta e trágica mensagem do heróico radiotelegrafista de bordo não se tinha perdido no espaço. E instantes após, de uma base aérea brasileira no litoral, subiam rápidos aviões de bombardeio rumo às águas onde o crime sem nome estava acontecendo. [Aviões tripulados por oficiais brasileiros.](#) [Aviões tripulados por oficiais norte-americanos.](#) [Aviões tripulados por oficiais dos dois países ao mesmo tempo.](#) Os aparelhos ganham altura. Ganham distância.

TÉCNICA: EFEITO MOTORES DE AVIÃO E CAI EM BG

NARRADOR: Pouco depois, a bordo de um deles:

ATOR 1: Veja! Ali está o navio. Ainda não se afundou. E o submarino, ali adiante

ATOR 2: Ah! Este não me escapa! Vamos ficar em cima dele para soltar as bombas.

ATOR 1: Eles nos viram e vão atirar.

ATOR 2: Pois que atirem. É a despedida deles. Nem que eu tenha que jogar o avião em cima deles. Vamos mergulhar.

TÉCNICA: SOM DO AVIÃO MERGULHANDO

ATOR 1: Atenção! Solte todas as bombas de uma vez. Atenção! Já!

TÉCNICA: BOMBAS CAEM E EXPLODEM

TÉCNICA: CORTINA MUSICAL

NARRADOR: No dia seguinte, os jornais de toda a parte publicavam um comunicado oficial do Ministério da Aeronáutica do Brasil. Um comunicado curto e expressivo:

LOCUTOR: Ataques empreendidos por submarinos nas águas brasileiras contra navios brasileiros têm ocasionado reação por nossa Força Aérea a fim de salvaguardar a nossa soberania, a nossa liberdade, o nosso comércio marítimo e a vida de marinheiros indefesos que foram vitimados por tiros de metralhadoras e bombardeados depois de terem seus navios incapacitados por torpedos. Depois dos assaltadores do navio Comandante Lira serem descobertos, foram perseguidos e atacados ao longo da costa brasileira e um deles foi afundado.

NARRADOR: E assim, a Força Aérea Brasileira, a FAB, começava a dar a resposta do Brasil aos piratas do Eixo, que vinham feri-lo ao largo de suas próprias costas. Na verdade, começava apenas porque depois...

TÉCNICA: SOM DE TELÉGRAFO E CAI EM BG

LOCUTOR: Aviadores brasileiros atacaram e afundaram submarino alemão ao largo das costas do nordeste do Brasil.

TÉCNICA: SOBE SOM DE TELÉGRAFO E CAI EM BG

LOCUTOR: Aviadores da FAB puseram a pique outro submarino nazista em águas próximas ao litoral brasileiro.

TÉCNICA: SOBE SOM DE TELÉGRAFO

LOCUTOR: Um avião brasileiro aprisionou um submarino do Eixo e o fez conduzir para uma base naval do Brasil

TÉCNICA: CORTINA / MARCHA MARCIAL, FUNDE COM MÚSICA INSTRUMENTAL E DESAPARECE

NARRADOR: Não eram episódios isolados. Era um plano de ação esquematizado, resolutivo. O governo brasileiro chegou à conclusão de que aos novos bárbaros só com um argumento se podia responder: com a força. A única coisa que possuíam e a única em que

acreditavam e compreendiam. Então, a voz do chanceler Osvaldo Aranha se elevou para explicar aos povos livres e civilizados as diretrizes da conduta do Brasil:

LOCUTOR (SIMULANDO VOZ DE OSVALDO ARANHA): Enquanto os submarinos do Eixo estavam afundando navios brasileiros ao largo das costas dos Estados Unidos, o Brasil protestou e tomou medidas de represália de uma natureza doméstica. Agora que o Eixo está empreendendo ataques ao largo das próprias costas brasileiras, o Brasil está respondendo e continuará a responder pela força.

NARRADOR: Era o Brasil que se levantava diante do mundo e diante de seus agressores. E erguia a sua voz para os tempos presentes e para os tempos que ainda estão por vir. Voz que nascia de dentro das raízes humanas da nacionalidade, do fundo misterioso do passado histórico, para enfrentar o presente e a posteridade. Quatro séculos de dignidade, de altivez e bravura, de irredutibilidade diante do perigo e das ameaças se concentravam naquela hora, naquela voz, como se aquela hora tivesse nascido de dentro daqueles séculos. Como se aquela voz tivesse nascido das figuras que tinham ficado mergulhadas no tempo, mergulhadas naqueles séculos, mergulhadas nas raízes e nos alicerces humanos da nacionalidade. Figuras que se construíram das mesmas fibras, dos mesmos sentimentos, dos mesmos impulsos e dos mesmos ideais que tinham construído a substância moral daquele povo em formação. Figuras que, por sua vez, construíram uma nação à sua imagem e semelhança, pois que dela tinham nascido e dela traziam a sua força, a sua vontade, as suas palavras, a sua vocação e destino. Figuras que renasciam agora do fundo do passado, do fundo dos tempos, do fundo do Brasil nascendo, do Brasil crescendo, ficando grande, forte e poderoso, do Brasil se afirmando perante o mundo e perante si mesmo. Se afirmando perante a História e perante o que ainda estava por acontecer e seria História algum dia. Era esse Brasil de todos os tempos que surgia do fundo de si mesmo. Era a voz de quatro séculos de lutas e sacrifícios pela liberdade que se levantava naquela voz do presente para dizer as mesmas palavras de coragem, de grandeza e de intrepidez:

LOCUTOR (OSVALDO ARANHA): Agora que o Eixo está empreendendo ataques ao largo das próprias costas brasileiras, o Brasil está respondendo e continuará a responder pela força.

TÉCNICA: CORTINA / MÚSICA DRAMÁTICA / FICA 8 SEG E DESAPARECE

NARRADOR: A lista de afundamentos de navios brasileiros pelos **traíçoeiros piratas dos mares** crescia, porém. A lista dos mortos crescia também, paralelamente. E crescia no coração de todos os brasileiros a indignação contra os **selvagens assassinos** que, depois de destruírem tantas pátrias, começavam a voltar suas vistas e suas armas contra a grande pátria brasileira. Cresciam também as vozes que se elevavam do seio do povo ferido nos seus filhos mortos e na sua dignidade ultrajada. Vozes de homens do governo:

LOCUTOR 1: Não ficaremos contemplando passivamente a destruição de nossos navios por submarinos do Eixo, mas os combateremos em troca com todas as nossas forças.

LOCUTOR 2: O governo iniciará uma campanha sem tréguas contra a pirataria organizada dos submarinos do Eixo.

NARRADOR: Vozes de jornalistas.

ATOR 1: O Brasil tem sido repetidamente insultado e injuriado no seus direitos de soberania

ATOR 2: Estamos em guerra porque a guerra depende não somente de declarações formais, mas também da hostilidade entre dois povos. O Eixo afunda barcos brasileiros, insulta a nossa bandeira e mata os que trabalham e viajam sob sua proteção. O Eixo está fazendo a guerra contra nós.

NARRADOR: Vozes de mulheres:

ATRIZ: Nós, mulheres desse Brasil moço, rico e progressista não ficaremos de braços cruzados, indiferentes ante os perigos que nos ameaçam. Agora, é mister lutar para salvar não só a vida, como, sobretudo, a honra dos homens e dos povos livres que colocam a liberdade acima dos interesses materiais.

NARRADOR: As vozes se elevavam, cresciam, se engrossavam com milhares de vozes que vinham de toda parte, como um imenso rio de afluentes sem conta. Vozes de homens do governo, vozes de homens do povo, vozes de mulheres. E nos sábios e ponderados homens em cujas mãos estavam os destinos daqueles de onde tinha nascido todo aquele oceano de vozes, cresciam por outro lado a consciência e a certeza de que o

passo extremo teria que ser dado mais dia menos dia. E a nação foi sendo preparada para ele. Ensaaios de blecaute.

TÉCNICA: SOM DE APITOS

NARRADOR: Ensaaios de alarme antiaéreo:

TÉCNICA: SOM DE SIRENES

NARRADOR: Manobras militares:

TÉCNICA: SOM DE EXPLOSÕES

NARRADOR: E um dia, a convocação de três classes da reserva militar do país.

TÉCNICA: CORTINA / VINHETA DA MARCHA MILITAR, FICA 5 SEG E DESAPARECE

HOMEM JOVEM: Bem, mamãezinha, o trem já vai sair, adeus.

MÃE ( LAMURIOSA): Meu filho, você ainda é quase um menino. Você nunca saiu de casa. Tenha muito cuidado com você, meu filho. Se houver guerra mesmo, não se arrisque. Tenha cuidado com você, meu filho.

PAI: Meu filho, você já é um homem. [Já pode pegar num fuzil para defender sua terra, suas idéias, sua mãe.](#) Para defender todas estas coisas que seu pai não tem mais idade para defender. Se houver guerra contra os nazistas, porte-se como um bravo. Lute como um bravo. [Vença ou morra, meu filho.](#)

TÉCNICA: CORTINA MUSICAL, FICA 10 SEG E DESAPARECE

NARRADOR: Se houver guerra. Era uma condição. Era uma expectativa. O Brasil esperava atento e vigilante. Esperava como uma sentinela desperta. Esperava o que estava para acontecer. O que aconteceu. Aquele navio era um navio de passageiros da linha costeira. Levava gente de uma cidade para outra do Brasil. E com as pessoas que viajam assim de uma cidade para a outra, indo, voltando, viajam sempre junto esperanças, ansiedades, lembranças.

TÉCNICA: CORTINA MUSICAL

PASSAGEIRO 1: E o senhor?

PASSAGEIRO 2 (HOMEM DO INTERIOR): Homem, eu fui ao Rio para fazer um tratamento do fígado que os médicos do meu Estado me recomendaram. Mas, para falar a verdade, não acabei o tratamento.

PASSAGEIRO 1: Mas, por que, homem?

PASSAGEIRO 2: Ora, me deu uma saudade da minha gente que eu não pude mais. Não agüentei.

PASS 1: Ora, homem de Deus, deixa de tolices.

PASS 2: Tolices?

PASS 1: Sim.

PASS 2: Isso é porque você não conhece a filhinha de ano e meio que eu tenho. E o jeito que ela tem de dizer papai quando eu chego da rua e de me arrancar o chapéu da cabeça.

TÉCNICA: CORTINA MUSICAL

MENINO: Mamãe, amanhã a gente chega, não é mamãe?

MÃE: É sim , meu filho. Vamos chegar bem cedinho, quando o sol estiver nascendo.

MENINO: Então, mamãe, eu vou acordar bem, bem cedinho mesmo. Eu quero ver se o papai vai me reconhecer com a roupa nova que você comprou para mim no Rio.

TÉCNICA: CORTINA / MÚSICA DRAMÁTICA, CAI EM BG E PERMANECE DURANTE O DIÁLOGO ATÉ “VOCÊ SE LEMBRA?”

OUTRO PASSAGEIRO: É capaz de quando a gente chegar amanhã já ter nascido o filho da Teresa.

MULHER: É. É capaz. Quem haveria de dizer. Aquela menina já tendo filho. Você se lembra dela quando era pequenina. Quando tinha assim uns dois anos. Ela pegava aquele boneco velho de pano, muito sujo, que ela chamava de neném. Botava o boneco no colo e saía pelo meio da casa. Aquele toquinho de gente. “Dorme filhinho, dorme com a mamãe.” Você se lembra?

TÉCNICA: CORTINA / FICA 5 SEG E DESAPARECE

NARRADOR: Era demais. Era a guerra. E o presidente Vargas disse diante da multidão:

ATOR 1(SIMULANDO VOZ DE GETÚLIO VARGAS): O Brasil agirá com o máximo de energia para castigar os criminosos do Eixo.

NARRADOR: E o ministro da Guerra disse diante do exército:

ATOR 2(SIMULANDO A VOZ DO MINISTRO): Cada soldado brasileiro saberá cumprir o seu dever até o sacrifício da vida em holocausto à pátria.

NARRADOR: E o ministro da Aeronáutica disse diante dos soldados do ar:

ATOR 3: Os brasileiros saberão agora, com bravura, com todas as armas, pelejar e morrer pela pátria.

NARRADOR: E o Brasil disse diante do mundo civilizado:

LOCUTOR: A República dos Estados Unidos do Brasil está em guerra contra o Eixo. O Brasil se levanta entre os seus irmãos de causa e caminha nesta hora para a luta dos povos livres e grandes.

TÉCNICA: CORTINA MUSICAL, FICA 5 SEG E CAI EM BG E PERMANECE

ATRIZ (MÃE DO SOLDADO): Escrevo esta carta, meu filho só para dizer que seu pai é quem tinha razão. Agora que estamos em guerra contra **esses assassinos**, eu lhe digo também: **porte-se como um bravo**, lute como um bravo. **Ou vença ou morra, meu filho.**

TÉCNICA: CORTINA / MÚSICA DRAMÁTICA / FICA 10 SEG E DESAPARECE

NARRADOR: E assim as Nações Unidas receberam seu novo e poderoso aliado. Nesta hora de júbilo, que se estende aos vinte e nove países em luta contra os inimigos do homem e de Deus, o pensamento destes povos se volta para a prece das Nações Unidas, que o presidente Franklin Roosevelt compôs para que fosse o credo das nações que se batem por Deus e pelo homem.

TÉCNICA: MÚSICA SACRA, FICA 5 SEG, CAI E FICA ATÉ O FIM DA FALA DE ROOSEVELT



ATOR (ROOSEVELT, EM TOM DE PREGAÇÃO RELIGIOSA) Mas, acima de tudo, oh! Ser onipotente fazei-nos sentir que os homens são irmãos, não somente agora, nestes dias de trevas, mas para todo o sempre e que se traduza esta convicção profunda, não meramente em palavras, mas especialmente em obras. Somos todos filhos da terra. Ajudai-nos a nos compenetrarmos desta singela verdade e tão íntima. Seja a nossa união que soframos com o oprimido e padeçamos com o faminto e nos sintamos ameaçados com a escravização de nossos irmãos. Concedei-nos a todos esta mesma fé que o homem tem o direito de subsistir, de gozar a paz e de viver amparado pela justiça, liberdade e segurança, desfrutando plenas oportunidades de desenvolvimento em nossas pátrias e por toda a extensão do globo. Nesta fé, permite que prossigamos avante em demanda deste mundo impoluto do futuro que nos compete a nós moldar. Amém.

TÉCNICA: SOBE MÚSICA SACRA E DESAPARECE

NARRADOR: Porque os Estados Unidos da América do Norte sabem e o sabem todos os povos livres e civilizados que o Brasil sempre viveu nesta fé, e por ela se tem batido em todos os tempos, é que as Nações Unidas recebem nesta hora, de braços abertos, o novo e grande e livre irmão de luta: os Estados Unidos do Brasil.

TÉCNICA: VINHETA DE ENCERRAMENTO. FICA 10 SEG E CORTA

LOCUTOR: Acabaram de ouvir o radiodrama de Pompeu de Souza “Brasil em guerra”. Este foi o primeiro programa de uma série chamada “Radioteatro da Américas” que apresentaremos todas as terças-feiras, a esta mesma hora, aos nossos ouvintes do Brasil. O programa de hoje foi, como dissemos no início, uma audição especial que prestamos ao nosso preito de entusiasmo e admiração à nobre nação brasileira, nesta hora decisiva de seu destino e do destino das Américas. A partir da próxima terça-feira, o “Radioteatro da Américas” iniciará as suas audições ordinárias, apresentando então a série de radiodramas de Ashe Abler, que os norte-americanos têm ouvido em inglês pelos mais notáveis artistas de Hollywood. O programa extra de hoje, escrito por Pompeu de Souza, foi dirigido por Dan Zaffeld. Música original de Maurice Mamask que dirigiu a Orquestra de Jazz Talbet.

## 8.1 O rádio de capacete e fuzil

O roteiro conduz a narrativa como se a declaração de guerra foi a única saída digna para o governo Vargas para reagir à agressão alemã. Não há indecisões dos personagens, nem das autoridades; apenas um clima de indignação de contágio o povo brasileiro – há personagens do meio rural e do meio urbano –, governantes e jornalistas.

Com períodos longos e excesso de orações intercaladas, próprios da linguagem escrita, o texto de *Brasil vai à guerra* mostra que o autor está menos preocupado com a forma e mais interessado em explorar um clima de indignação contra os ataques alemães. Enfatiza-se a dicotomia entre a imagem agressiva e covarde dos nazistas e o espírito pacifista e corajoso dos aliados. A própria palavra “aliado” – que até hoje continua sendo usada pelos Estados Unidos em conflitos internacionais – enfatiza a idéia da maioria contra a minoria, portanto do direito legítimo contra a usurpação. As expressões que identificam os dois lados do conflito marcam a diferença.

### Qualificações atribuídas aos alemães

- covardes do Eixo
- hordas bárbaras do invasor
- assaltadores de navio
- piratas do Eixo
- forças brutais do terror
- novos bárbaros
- traiçoeiros piratas dos mares
- selvagens assassinos
- tirano nazista
- inimigos do homem e de Deus

### Qualificações atribuídas aos aliados

- povos livres e civilizados
- nossos irmãos
- gente pacífica
- marinheiros indefesos
- heróico telegrafista
- figuras de fibra
- novo e poderoso aliado

O tom de oratória, repleto de adjetivos e ufanismos, conduz as falas do narrador. A mobilização de massas não precisa mais reunir multidões numa praça, enquanto o orador discursa numa sacada. O rádio ocupa o lugar da sacada e a emoção fica por conta da relação harmônica entre o texto, que oscila entre a indignação e o fervor patriótico, e o cenário sonoro, construído por marchas militares, tiros e gritos de inocentes. No discurso radiofônico, o enunciado compõe-se de texto, entonação, pausa e cenário sonoro. São elementos combinados que garantem a sonoridade.

Os dramas pessoais narrados no radioteatro podem enquadrar-se na função referencial da mensagem literária, na classificação de Roman Jakobson<sup>98</sup>, porque recuperam histórias que já foram contadas, arquétipos da memória popular. No plano do conteúdo, o recurso reforça a comunicação e, no plano da expressão, amplia a emoção.

A figura da mãe do soldado é emblemática. Num primeiro momento, chorosa, ela mostra-se resignada com a partida do filho ainda jovem e com o mundo por conhecer. Num segundo momento, enche-se de orgulho patriótico e faz uma recomendação explícita: *“Porte-se como um bravo. Ou vença ou morra, meu filho”*.

O único personagem alemão, o representante do Reich, fala com voz de vilão, anasalada e com anteriorização dos lábios, para sugerir falsidade. A voz parece plena de superioridade e desprovida de sentimento. O ouvinte identifica a vilania pela entonação, mais do que pelas palavras. *O Reich não nutre nenhuma missão territorial contra o Brasil. Os brasileiros nada têm a temer, portanto, dos seus amigos da grande Alemanha nazista, que deseja apenas manter como grande país sul-americano relações pacíficas e proveitosas para ele. O povo brasileiro deve rejeitar as explorações da propaganda norte-americana.*

A referência a Américas no plural – o nome da série é *Radioteatro nas Américas* – explora o conceito do pan-americanismo, desenvolvido no século XIX pela Doutrina

---

<sup>98</sup> De acordo com Francis Vanoye, em Usos da Linguagem, na mensagem literária predomina a função poética, mas outras funções coexistem. Jakobson e Vanoye não estudam o discurso radiofônico, mas entendendo que o formato radioteatro, no gênero dramatização, possui marcas discursivas semelhantes à mensagem literária, como a expressividade e a narrativa ficcional, mesmo quando pretende simular o real.

Monroe (ver capítulo 1). O *script* deixa clara a aliança civil e militar: Aviões tripulados por oficiais brasileiros. Aviões tripulados por oficiais norte-americanos. Aviões tripulados por oficiais dos dois países ao mesmo tempo.

A função conativa de linguagem aparece em várias exortações feitas pelo narrador e na oração final, lida pelo locutor que se apresenta como Franklin Roosevelt, o presidente dos Estados Unidos, um dos maiores oradores do rádio na época.<sup>99</sup> Concedei-nos a todos esta mesma fé que o homem tem o direito de subsistir, de gozar a paz e de viver amparado pela justiça, liberdade e segurança, desfrutando plenas oportunidades de desenvolvimento em nossas pátrias e por toda a extensão do globo.

Novamente, recorre-se ao nome de Deus para convencer a população de que a guerra representa o desígnio inevitável, um hiato de sacrifícios em favor da paz. Deus, paz, justiça, liberdade e segurança compõem o mesmo campo semântico na oração de Franklin Roosevelt. Assim como os jesuítas partiam para terras alheias a fim de catequisar o gentio, brasileiros e norte-americanos rumavam para a Europa, com o objetivo de libertar “nossos irmãos” do jugo dos infiéis alemães e italianos que, paradoxalmente, também eram católicos.

No capítulo seguinte, vamos atravessar o Oceano Atlântico para ver de perto os programas produzidos pela BBC de Londres durante a Segunda Guerra Mundial. Embora estivessem do mesmo lado, Estados Unidos e Inglaterra usavam o rádio como arma política, porém de forma diferente.

---

<sup>99</sup> Roosevelt soube explorar como poucos presidentes a aparente informalidade do rádio. Ele manteve um programa diário, em que simulava uma conversa junto à lareira depois do jantar, para falar da necessidade do envolvimento da população norte-americana no esforço de guerra.

## 9 – Fred Perkins: o clown hertziano

A radiodifusão poderia transformar-se de aparelho de distribuição em aparelho de comunicação. Poderia ser o mais fantástico meio de comunicação imaginável na vida pública, um imenso sistema de canalização. Isso se fosse não somente capaz de emitir, mas também de receber; em outras palavras, se conseguisse que o ouvinte não se limitasse a escutar, mas também falasse, não ficasse isolado, mas relacionado.

Bertolt Brecht

A BBC iniciou suas transmissões para o Brasil em ondas curtas durante a Segunda Guerra Mundial. Os programas enfatizavam a campanha das Forças Expedicionárias Brasileiras na Itália, narrando batalhas e colhendo depoimentos de oficiais, soldados e jornalistas brasileiros. O repórter Francis Hallawell – que ficou conhecido como Chico da BBC – atuou como correspondente junto à FEB.

Os relatos de Hallawell se distinguiam das séries norte-americanas, porque não exaltavam as tropas britânicas. Destacavam a bravura, inteligência, afabilidade e capacidade de improviso do soldado brasileiro em terras italianas, utilizando como trilha sonora temas musicais brasileiros.

Em 1945, a série *Com a FEB na Itália* produziu o programa especial *Mestre Pracinha*, lembrando o dia 17 de setembro de 1944, quando as tropas da FEB entraram em combate pela primeira vez. Aproveita frases conhecidas da História do Brasil como a do General Osório, na Guerra do Paraguai: “é fácil comandar homens livres”. Eis o texto de abertura de *Mestre Pracinha*:

*O que ouvirão neste programa são imagens e quadros que descrevem o lado mais pitoresco da vida do soldado brasileiro na Itália. Com eles procuramos deixar o que chamaremos o aspecto humano do que foi a campanha da Itália. Os correspondentes de*

*guerra tivemos a oportunidade de encontrar o pracinha na sua melhor forma: o pracinha cem por cento.*<sup>100</sup>

Seguem-se depoimentos dos jornalistas brasileiros Raul Brandão, o *Veterano*, do *Correio da Manhã*, Rubem Braga, do *Diário Carioca*, Joel Silveira, dos *Diários Associados* e Egydio Squeff, de *O Globo*.

Dois aspectos merecem destaque por buscar elementos da cultura nacional que identifiquem destinador e destinatário, de acordo com os ensinamentos jesuítas da catequese (ver capítulo 2). O primeiro é o ato de recordar, nas palavras de Osório, a atuação na Guerra do Paraguai, símbolo de orgulho do Exército brasileiro, apesar das denúncias de atrocidades cometidas contra adolescentes e crianças paraguaias em batalha pouco antes do fim da guerra (ver capítulo 4). A Guerra do Paraguai (1865-1870) foi o último conflito militar que contara até então com a participação de tropas regulares.

O segundo aspecto diz respeito à preocupação da BBC em utilizar referências culturais para se aproximar do ouvinte brasileiro. O repórter Francis ganha o apelido de Chico, por associação com Francisco. A trilha sonora aproveita choros, sambas e toadas. Terminada a guerra, à espera da volta a casa, a BBC põe no ar o samba *Parabéns*, composto pelo sargento Roldão Gutemberg, em homenagem à tomada de Monte Castelo, em fevereiro de 1945, pelo Regimento Sampaio. O samba é acompanhado de coro, percussão e som imitando pistom com surdina.<sup>101</sup>

Força Expedicionária Brasileira  
Eu te dou meus parabéns  
Seus soldados pertencem à terra alvissareira  
Aquele Brasil que só pratica o bem.  
Os peitos do teu soldado têm mostrado  
O valor de um combatente audaz  
Porque ferir e matar não é pecado  
A quem reprime a guerra e adora a paz.

---

<sup>100</sup> O texto de abertura contém uma silepse de pessoa, algo incomum na língua portuguesa, mesmo para a época.

<sup>101</sup> O cantor é o sargento Serafim José de Oliveira e conjunto é dirigido pelo tenente Heraldo Tabb Moraes. Programa Com a FEB na Itália nº 3. Fonte: Collector's

Na grande vitória em Monte Castelo  
Cada soldado seu dever cumpriu  
Hoje o Regimento Sampaio faz mais um elo  
Na FEB para a História do Brasil.

A série *Com a FEB na Itália* exibiu ainda um show gravado no Clube de Praças em Alessandria, organizado pelo Serviço Especial da FEB após a guerra. O programa incluía um concurso de calouros, que usava uma buzina para reprovar os candidatos desafinados. A experiência teria sido precursora da legendária buzina do Chacrinha.

### AS AVENTURAS DE FRED PERKINS

De todas as séries radiofônicas analisadas na tese, *As aventuras de Fred Perkins* constitui a única exclusivamente dramatizada. O herói, representado pelo jornalista Francis Hallawell, participa da trama, como protagonista e narrador. Os dois papéis se misturam, como o Bentinho de *Dom Casmurro*, mas a semelhança com o carrancudo e desconfiado personagem machadiano pára por aí.

O programa, produzido pela BBC de Londres e veiculado pela Rádio Nacional em 1944, apresenta um enfoque lúdico para algo dramático como a guerra. O personagem principal, Fred Perkins, assemelha-se a um herói das histórias em quadrinhos, pelo arrojo, ironia e humor na interpretação. Os líderes nazistas são ridicularizados, como se fossem meros fantoches de Hitler. O circo radiofônico pede passagem e a entrada é franca.

No Brasil, Renato Murce fez sucesso na época com o programa de humor *O regabofe dos vândalos*, ridicularizando figuras como Hitler, Mussolini e o primeiro-ministro Tojo, do Japão. De acordo com Doris Fagundes Hausen, no livro *Rádio e política – tempos de Vargas e Perón*, o texto, que parodiava a peça *A ceia dos cardeais*, de Júlio Dantas, levou emissoras de São Paulo e do interior a solicitar cópias à Rádio Nacional para retransmitir o programa.

Mas enquanto Getúlio Vargas ainda flertava com o Eixo, as coisas não eram bem assim. O filme *O grande ditador*, de Chaplin, que ironizava Hitler, não contava no início com a simpatia dos produtores da United Artists, nos Estados Unidos, e chegou a ter sua exibição proibida no Brasil, na Argentina de Perón e na Espanha de Franco. (PIANA DE CASTRO (coord), 1999, p. 37). Só foi liberado depois que o pequeno ditador decidiu de que lado ficaríamos.

TÉCNICA: MÚSICA INFANTIL /SUSPENSE / SOM DE XILOFONE

FRED PERKINS: Fred Perkins! Correspondente de guerra!

TÉCNICA: EFEITO SONORO

FRED PERKINS: Fala Fred Perkins, Fred Perkins da Inglaterra. E o aparelho transmissor do qual estou falando é meu. Confesso que este momento é sensacional. Porque, para falar a verdade, sabe duma coisa? O aparelho foi todo construído por mim. Sempre gostei muito de rádio — vocês compreendem, não é? É uma mania antiga. De ouvir e julgar por si. Mas, aqui entre nós, acho que o meu aparelhozinho está nada mal.

TÉCNICA: EFEITO/ SAI DE SITNONIA E VOLTA

FRED PERKINS: Ai, ai, ai, desculpem. Vou contar como foi que tive a idéia. Um desses dias estava eu pensando num meio de receber notícias. Estou enjoado desse negócio de “fontes autorizadas informam de Berlim”, “conta nos círculos oficiais um porta-voz militar”... Depois vem outro que diz que foram feitos cinquenta mil prisioneiros aqui, acolá; daqui a pouco não foi nada disso, ninguém fez cinquenta mil prisioneiros e foi outra pessoa que foi presa em outro lugar muito diferente. **Vocês sabem como é, não sabem?** Estava eu nisso, quando disse à minha mulher: “Se tivessémos um meio de saber a verdade, Mabel!” E ela me disse “Pois é, Fred! Se tivéssemos...” E, de repente, deu o estalo: feito o Padre Vieira. E eu disse: “E por que não, nego? Afinal de contas, que é que nos impede de ir ver? Se fôssemos ver nós mesmos, saberíamos a verdade.” E foi assim que começou a história toda. Meu amigo Sam Sknopit, que está aqui ao meu lado...

SAM: (FORTE SOTAQUE) Meus cumprimentos, senhoras e senhores.

FRED PERKINS: Ele tem mãos de fadas.

SAM: Salvo seja.



FRED PERKINS: E duvido que vocês digam [Bessy's Garden] tão depressa como ele desenhou o aeroplano, o qual se pôs a logo construir, com grande perícia, sem dizer nada a ninguém, no galpão no fundo do jardim. Enquanto ele tratava disso, eu ia construindo meu aparelho transmissor. É uma jóia. Cabe dentro do bolso do colete e dali ouve tudo que eu ouço sem ninguém ver. Servicinho bem feito, não acham?

TÉCNICA: EFEITO/ SAI DE SINTONIA E VOLTA

FRED PERKINS (DERRETIDO): Ai, ai, ai, desculpem. Pois foi assim. Enquanto eu e Sam íamos fazendo tudo isso, minha mulher Mabel tratava do pára-quedas e aqui está ela ao meu lado. Senhoras e senhores! Duvido que haja mulher igual.

MABEL: (ENCABULADA) Que isso, Fred...

FRED PERKINS: É o que lhe digo, modéstia à parte. Pois muito bem. Senhoras e senhores, aqui estamos nós no fundo do jardim de Sam Sknopit e eu estou de viagem para o continente. No meu aeroplano para saber ao certo o que há. É de notícias autênticas que ando atrás. *Senhoras e senhores, pretendo irradiar regularmente o meu testemunho pessoal do que está acontecendo.* Cada vez que ouvirem minha característica musical...

TÉCNICA: VINHETA "FRED PERKINS", COM FLAUTA E PERCUSSÃO

FRED: É assim...

TÉCNICA: VOLTA VINHETA DE FRED PERKINS

FRED: Liguem os rádios, porque lá vem surpresa. Mais alguns minutos e estarei de partida. (GRITANDO) Adeus, Mabel!

MABEL: (GRITANDO) Adeus, Fred! Tome cuidado consigo!

FRED: (gritando) Adeus, Sam!

SAM: (GRITANDO COM SOTAQUE FORTE) Adeus, meu velho! Não se esquece de me ouvir, senhoras e senhores!

MABEL: (AINDA COM VOZ ALTEADA) Não esqueça a camiseta de lã, Fred!

FRED: Adeus, minha gente! Dá a partida, Sam!

TÉCNICA: SOM DE MOTOR DE AVIÃO RATEANDO, FICA 3 SEG E CAI EM BG

FRED: Há alguma coisa, meu velho?

SAM: Que nada, tá tudo perfeito!

FRED: Desculpe! Pensei que talvez...

SAM: Nada disso!

TÉCNICA: SOBE EFEITO DE ACELERAÇÃO DE MOTOR

FRED: Adeus, Mabel! Adeus, Sam! Adeeeus!

SAM E MABEL: Adeus! Adeus!

TÉCNICA: DESACELERA O MOTOR, PÁRA E EXPLODE. /// MÚSICA INDICENTAL DE SUSPENSE, FADE OUT NOS RUÍDOS. FICA SÓ A MÚSICA ///

VINHETA DE FRED PERKINS. VOLTA MOTOR DE AVIÃO, SOBE E DEPOIS CAI EM BG

FRED: Alô, alô! Fala Perkins, Fred Perkins, Inglaterra, através do seu próprio aparelho transmissor. /// Ai, ai, ai, desculpem. Senhoras e senhores, aqui estou eu, no meio das nuvens, a caminho do continente.

TÉCNICA: MÚSICA INFANTIL, SOBE 5 SEG E DEPOIS CAI EM BG

FRED: O dia está lindo. O sol está quente e lá embaixo no mar estou vendo um grande comboio inglês vagando sobre as águas. Não há nada para perturbar a tranquilidade do ambiente. Isto está uma verdadeira delícia.

TÉCNICA: MÚSICA INCIDENTAL, SOBE E CAI EM BG,

FRED: (ASSUSTADO) Waaaaaah. Nossa senhora, desculpem! Fala Perkins. Não estou muito acostumado com essas coisas, compreendem? E talvez este avião não seja tão bom quanto parece. Também, não se podia querer mais: foi construído por Sam, no quintal de sua casa.

TÉCNICA: MÚSICA INCIDENTAL /RONCO DE MOTOR /MÚSICA VOLTA PRA BG

FRED: Ah! Ah! Não gostei nada disso! (CONFIANTE) Mas agora está tudo em ordem e vamos subindo bem. Pelo menos parece. Mas tudo muito bem, sim. Estamos

sobrevoando a costa.. Hm? Pelo jeito, todas as [lojas?] estão fechadas. Deve ser a parte da França ocupada pelos alemães!

TÉCNICA: RONCO DE MOTOR

FRED: Agora, é a Bélgica! Falta pouco. Aquilo ali deve ser a Alemanha.

TÉCNICA: MÚSICA INCIDENTAL, EFEITO DE RONCO DE MOTOR, FICA 8 SEG E CAI EM BG

FRED: (TOM GRAVE) Não há dúvidas. *Vê-se logo que é a Alemanha. Todo mundo está levantando o braço.*

TÉCNICA: MÚSICA INCIDENTAL E EFEITO DE RONCO DE MOTOR, DEPOIS CAI EM BG

FRED: Isto não está nada mal!

TÉCNICA: MÚSICA SOBE E DESCE NOVAMENTE / RUÍDO CONTÍNUO

*FRED: Estou ficando bem melhor na direção agora. (pausa) Parece que vai tudo às mil maravilhas!*

TÉCNICA: MÚSICA INCIDENTAL / ALERTA E SUSPENSE

FRED: Olá! Temos outro avião! E é alemão! Parece que está me seguindo!

TÉCNICA: MÚSICA DE SUSPENSE / SOM DE TIROS

*FRED: (INDIGNADO) Ooohh! Desgraçado! Bandido! Isso é coisa que se faça? Socorro! Assassino!!!*

TÉCNICA: MÚSICA CRESCE E AUMENTA O SUSPENSE. EFEITO DE RONCOR DE MOTOR

FRED: Agora o miserável se meteu por baixo do meu avião!

TÉCNICA: TIROS E RUÍDOS

FRED: (ASSUSTADO) Ah! Que foi que aconteceu? Ah, Sam! Lá se foi o fundo do seu lindo aeroplano! Vejam só, caiu em cima do outro! (pausa) E agora? Eu não fiz de propósito. É provável que eles não tenham ficado lá muito satisfeitos.

TÉCNICA: RONCOR DE MOTOR

FRED: Santa Maria! Parece que estou descendo mais depressa que devia. Que pena, Sam! O aviãozinho me trouxe aqui, mas parece que não dá nada mais. Chegou a sua vez, Mabel! Lá vou eu, e só conto com o seu pára-quadras!

TÉCNICA: MÚSICA INCIDENTAL, EFEITO / COMPASSADOS COM A CONTAGEM REGRESSIVA

FRED: (SUSSURRANDO) Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez!  
(SURPRESO) Aaahhhh!!! Abriu!

TÉCNICA: SOM DE VIOLINOS

FRED: Cá estou eu, senhoras e senhores, descendo suavemente sobre a Alemanha. Dentro de poucos minutos estarei lá e poderei contar-lhes minhas primeiras impressões.

TÉCNICA: MÚSICA TRANQUÍLA

FRED: Estou quase chegando... Quase chegando...

TÉCNICA: EFEITO DE EXPLOÇÃO

FRED: Cheguei.

VOZ EM SEGUNDO PLANO: [EM ALEMÃO] Heil Hitler!

FRED: Valha-me, nossa senhora! Adeus, senhoras e senhores! Contarei o resto das novidades outro dia!

TÉCNICA: VINHETA FRED PERKINS

FRED: Estão me ouvindo, senhoras e senhores? Fala Fred Perkins! Estão me ouvindo? Tenho notícias formidáveis, senhoras e senhores! Caí como um raio, por assim dizer, é nada mais nada menos do que o famoso [beta ?], de que se fala tanto. Despenquei bem no jardim da frente do [sol?]. Isso mesmo, ouviram bem? Eles não deram lá muita importância ao caso. Queriam só me fuzilar, mas eu protestei. Então, eles me disseram que eu precisava me avistar com o Führer em pessoa, e me trouxeram para falar com o bamba da zona. E cá estou eu, numa ante-sala com um intérprete, pelo menos há cinco horas. Eles não têm coragem de me mandar entrar, porque parece que o homem hoje não está bom.

HITLER: [RESMUNGO CONTINUA DURANTE AS FALAS SEGUINTES.

FRED: (DESDENHOSO) Que coisa horrível! Ele está recebendo um diplomata estrangeiro. Um deles, fez um jeito de que não concordava com alguma coisa, e daí por diante o homem ficou assim.

HITLER: (URROS E GRITOS, CONTINUA EM BG] Nein! Nein!

FRED: Vou chegar mais perto da cortina, senhoras e senhores. Talvez assim se ouça alguma coisa.

TÉCNICA: CHOQUE SURDO E REAÇÃO “Uh!”

FRED: Valha-me, Deus! Ele jogou o cinzeiro na cara do Rei da Brocádia! Vou perguntar ao intérprete o que é que ele está dizendo.

ATOR: (FORTE SOTAQUE ALEMÃO) O Führer está dizendo que era sempre para concordar com tudo que Führer quer!.

HITLER: [CHORO E RISO]

ATOR: O Führer não pode mais suportar essas coisas! A paciência do Führer está esgotada.

NÃO IDENTIFICADO: Heil Hitler!

TÉCNICA: EFEITO/ OBJETOS CAINDO E VIDROS SE QUEBRANDO

FRED: Hahaha! O senhor comissário da Sorbânia levou na cabeça!

HITLER: [ROSNANDO]

FRED: O Führer está de quatro, mordendo o tapete!

ATOR: (ENTUSIASMADO) Quando o Führer o tapete morde, demonstração dá de força de vontade indomável!

FRED: Estou vendo...

HITLER: GRITANDO FICA 3 SEG E DEPOIS CAI EM BG]

TÉCNICA: SOM DE MADEIRA CAINDO E SE QUEBRANDO

INTÉRPRETE: (ENTUSIASMADO) Quando o Führer os móveis quebra, dá determinação de ferro!

FRED: Ah, já sei.

TÉCNICA: EFEITO/ PIANO

ATOR: Quando o Führer piano arrebenta, demonstração dá de inabalável resolução para continuar cultura germânica durante mil anos!

HITLER: [CHORANDO, CONTINUA EM BG]

ATOR: O Führer caiu.

NÃO-IDENTIFICADO: Heil Hitler!

ATOR: O senhor hoje não recebido será. Guarda, esse homem para o prisão levar!

NÃO-IDENTIFICADO: Heil Hitler!

INTÉRPRETE: [CONTINUA EM FALSO ALEMÃO]

FRED: Quem? Mim? Ah, compreendo. Chegou a minha vez. (RESIGNADO)  
Adeus, senhoras e senhores! Não passo desta noite. Não desanimem, Mabel, Sam. Vou ver se falo de novo mais tarde.

TÉCNICA: MÚSICA FÚNEBRE ////

TÉCNICA: VINHETA FRED PERKINS, DEPOIS TAMBORES MARCIAIS

FRED: Senhoras e senhores, estão me ouvindo? Fala Fred Perkins, da prisão.

TÉCNICA: EFEITO DE EXPLOSÕES

FRED: Sabem que é isso? Um raid britânico! Pois muito bem. Sam, Mabel, caros amigos.

TÉCNICA: FADE IN MÚSICA INCIDENTAL / FÚNEBRE, CONTINUA EM BG

FRED: Parece que nossos planos acabaram mal, não acham? Creio que não vou ter muitas novidades para contar daqui. Estou na prisão e só deus sabe quando sairei.

TÉCNICA: SOBE MÚSICA INCIDENTAL / TIPO FÚNEBRE

TÉCNICA: EFEITO DE EXPLOSÕES

FRED: Santo Deus! Estão ouvindo os canhões? Sempre consola um pouco fazer uma reportagem real de um ataque aéreo. (desanimado) Mas talvez daqui a pouco a história seja outra. Perkins passando a pão e água. Perkins quebrando pedras. Perkins sendo interrogado. Perkins sendo... Cuidado, senhoras e senhores, cuidado!!!

TÉCNICA: EFEITO DE GRANDE EXPLOÇÃO

TÉCNICA: MÚSICA INCIDENTAL / SUSPENSE /CONTINUA EM BG

FRED: (ENTUSIASMADO) Alô, alô? Estão me ouvindo? Fala Perkins, Fred Perkins, da Inglaterra! Ouviram essa? Caiu uma bomba na prisão, senhoras e senhores! A RAF acaba de jogar uma bombinha, e eu vim parar no jardim da frente. “Perkins quebrando pedras”, pois sim. Fala Fred Perkins, fugindo da prisão! (SUSSURRANDO) Agora, muito cuidadinho. Ninguém por aqui. (PAUSA) Ninguém por ali. Pronto! (animado) Senhoras e senhores, caímos fora!

TÉCNICA: MÚSICA INCIDENTAL/ SUSPENSE

FRED: E agora, cá estou eu na alameda, de gatinhas, por trás dos arbustos. Estou chegando ao portão principal. Pelo menos, era um portão principal. Agora é um buraco.

Um momentinho! Mas, o que é isso? Um mensageiro! Saltou da motocicleta... Está subindo a alameda!

### 9.1 O lúdico cai de pára-quedas

O personagem principal, o aventureiro Fred Perkins, conversa com os ouvintes (no plural), aplicando a função conativa de linguagem. A fala lembra o mestre de cerimônias do circo. *Senhoras e senhores, pretendo irradiar regularmente o meu testemunho pessoal do que está acontecendo. Cada vez que ouvirem minha característica musical./// Vocês sabem como é, não sabem?*

A narração do protagonista – feita no interior da narrativa – reforça a dramaticidade da trama. Suas impressões e descrições merecem credibilidade porque ele está na Alemanha, um lugar a que o ouvinte não tem acesso. A simulação da linguagem oral, própria do discurso radiofônico, confere legitimidade ao personagem, porque seu repertório vocabular coincide com o universo do destinatário. Francis Vanoye observa que a língua falada possui recursos expressivos próprios, como fluência, entonação., pausa e acentuação (no sentido de leitura).

A acentuação é o recurso que põe em relevo uma sílaba ou um grupo de sílabas. Juntamente com as pausas – intervalos que recortam a fluidez do discurso – ela determina a compreensão da mensagem, na medida em que a recorta em grupos de sons identificáveis. Uma mensagem mal recortada é incompreensível. (...) Por outro lado, tanto a acentuação quanto a pausa contribuem para dar relevo expressivo a certos aspectos da mensagem (uma palavra, uma sílaba), de modo a traduzir uma emoção ou o desejo de salientar um ponto importante. E, por fim, a entonação, que é a melodia da frase, impõe com sua curva ascendente ou descendente nuances ou sentidos especiais à mensagem. (VANOYE, 1996, p. 41)

A exemplo do circo, onde o picadeiro tem 360 graus, *As aventuras de Fred Perkins* explora a movimentação e o visual da narrativa, a partir da descrição de ambientes sonoros, quase sempre atrás das defesas inimigas. O ouvinte acompanha o herói, como se estivesse

sentado na primeira fila. Vê-se logo que é a Alemanha. Todo mundo está levantando o braço. Ou então Vê-se logo que é a Alemanha. Todo mundo está levantando o braço.

Há uma constante mudança de cenários, apoiada pela harmonia entre o texto e a sonoplastia. Os deslocamentos ajudam a prender a atenção do destinatário. Ao contrário dos programas produzidos nos Estados Unidos, *As aventuras de Fred Perkins* dispensa os discursos apoteóticos e de exortação ao esforço de guerra. Ridiculariza-se o Alto Comando alemão, explorando a autoconfiança e os rompantes histéricos atribuídos a Hitler. Ele morde o tapete, quebra os móveis e o piano. A Alemanha tornou-se um país totalitário e agressor não em consequência da estratégia imperialista fomentada pela indústria alemã, mas por injunções pessoais do Führer. O efeito de sentido reduz o conflito político a questões de ordem pessoal, preparando para a reincorporação da Alemanha no cenário econômico e político mundial. Vencida a guerra contra os nazistas, a Grã-Bretanha previa que em breve a grande ameaça ao mundo capitalista viria do Oriente e chamava-se União Soviética.

Os oficiais são apresentados como submissos e os diplomatas estrangeiros recebidos pelo chanceler alemão – o rei da Brocádia e o comissário da Sorbônia – são maltratados por ousarem discordar do líder nazista. Exploram-se os estereótipos aplicados aos auxiliares de Hitler, principalmente pelos gritos dos personagens e o som gutural do idioma alemão aos ouvidos brasileiros. Os erros de concordância nominal e a colocação errada do verbo – O senhor hoje não recebido será. Guarda, esse homem para o prisão levar! – remetem o ouvinte à linguagem dos imigrantes germânicos no Brasil. Os personagens são identificados como os que falam mal português. Aqui a sonoridade, construída no imaginário popular, atua como significante. Cria-se o silogismo:

A= alemães falam mal o português;

B= os alemães do programa são nazistas;

C= imigrantes alemães no Brasil também falam mal português;

Logo imigrantes alemães devem ser nazistas.



É fácil imaginar os efeitos desta visão distorcida para os imigrantes. O português mal falado demarca o lugar dos personagens. O inglês – apesar do sotaque do ator e jornalista Francis Hallawell – fala português sem erros de concordância e usa gírias do momento – me trouxeram para falar com o bamba da zona – , o que leva o ouvinte a se identificar com ele. O lugar reservado ao alemão é o do outro, o diferente, aquele que não tem familiaridade com a língua portuguesa, portanto com o Brasil. A dicotomia entre bem e mal se expressa não somente pelas atitudes, mas principalmente pelo domínio do idioma nacional.<sup>102</sup>

As críticas do programa da BBC dirigem-se também ao excesso de oficialismo e ao desencontro de informações sobre captura de prisioneiros. Estou enjoado desse negócio de “fontes autorizadas informam de Berlim”, “conta nos círculos oficiais um porta-voz militar”. Depois vem outro que diz que foram feitos cinqüenta mil prisioneiros aqui, acolá; daqui a pouco não foi nada disso, ninguém fez cinqüenta mil prisioneiros e foi outra pessoa que foi presa em outro lugar muito diferente.

Com forte sotaque inglês, diferentemente dos programas produzidos pelo OCIAA – que utilizam atores brasileiros –, Fred Perkins oferece um relato que visa muito mais a distrair o ouvinte do que apoiar o esforço de guerra. Em meados de 1944, os rumos da guerra tinham mudado. O Reich começava a enfrentar revezes no *front* oriental, os norte-americanos desembarcavam na Normandia e a RAF intensificava os bombardeios sobre Berlim e cidades industriais alemães. O texto faz referência às bombas inglesas; uma delas destrói o muro da prisão e liberta Fred Perkins. Ainda faltava pão, mas o circo, este poderia armar a lona.

---

<sup>102</sup> Ainda hoje os filmes dublados de guerra e de espionagem lançam mão deste recurso de interpretação. É curioso que no programa *A marcha do tempo*, produzido nos Estados Unidos e analisado no capítulo anterior, os personagens norte-americanos Gardner e Frances Sweeney falam português sem sotaque, mas quando entra em cena um personagem inglês a fala é com sotaque.

## Conclusão

É hora de fechar as cortinas e apagar as luzes. Mas antes de descer do palco, caros ouvintes, convido-os a fazer algumas reflexões sobre o papel do rádio na formação de mentalidades e as condições que propiciaram esta exploração. O cenário, repleto de incertezas e turbulências, corresponde à Segunda Guerra Mundial e à Guerra Fria. A luta do vermelho contra o azul predomina como pano de fundo, mas as tonalidades variam de acordo com o ponto de observação.

A estratégia de utilização política da indústria de bens culturais não foi (nem é) privilégio de nenhuma potência, nem de nenhuma ideologia. Desde os primeiros anos da Revolução Socialista, a União Soviética recorreu ao cinema e depois ao rádio para propagar sua nova forma de ver o mundo e divulgar a luta de classes. As grandes emissoras de ondas curtas estavam concentradas na Europa Oriental. Só depois vieram BBC (1938) e Voz da América (1942).

Após a derrota na Primeira Guerra e os acordos humilhantes que foram obrigados a assinar, os alemães mergulham numa profunda crise social e só conseguem voltar à superfície com a ascensão do nazismo. É fácil perceber a sedução produzida pelas promessas de Hitler e Goebbels de um Império de 1 mil anos, fundado no espírito de superioridade que caracteriza tradicionalmente as culturas anglo-saxônicas. O rádio e o cinema estão lá, para mostrar a grandiosidade do Reich e a voz forte de Hitler a bradar contra os inimigos, primeiro internos – os comunistas e os judeus – depois externos, as grandes nações capitalistas que barravam a expansão neocolonialista alemã..

O rádio oferecia-se como veículo ideal para novas experiências na guerra psicológica, por significar simultaneamente a modernidade tecnológica própria do século XX e um instrumento eficaz de propaganda ao transpor as fronteiras nacionais. A língua era uma barreira, mas isso poderia ser contornado com a contratação de profissionais dos países que se pretendia atingir, com a utilização de imigrantes ou o treinamento de cidadãos nacionais que dominavam outro idioma.

Nos 50 anos entre o início da Segunda Guerra Mundial e a queda do muro de Berlim – que simboliza o fim da Guerra Fria – a História registra um período que sepulta o romantismo do século XIX, mas ao mesmo tempo recupera um dos ingredientes básicos do

romantismo: o nacionalismo. Neste contexto, o rádio atua como veículo de difusão internacional, mas com inspiração nacional. As empresas que patrocinam programas, como Esso, Shell, Gessy-Lever, Telefunken, enfatizam o aspecto nacional do esforço de guerra. No caso dos norte-americanos, algumas companhias foram convencidas pela Comissão Rockefeller a financiar produções radiofônicas para países em que não possuíam filiais. Tudo em nome da difusão do *american-way-of-life*. O exemplo mostra que, muito antes da globalização, meios de comunicação e poder econômico sempre andaram de mãos dadas, como forma de garantir a hegemonia política.

A dramatização, tanto através do radioteatro como da novela, foi um dos gêneros radiofônicos mais utilizados neste processo de assimilação. As histórias contadas durante a Segunda Guerra, repleta de arquétipos, e os medos recuperados pela Guerra Fria compunham um cenário multiplicado pelo poder de imaginação do ouvinte. A estética radiofônica, diz Arnheim, leva o homem a imaginar paisagens muito mais ricas do que as percebidas pelo olho humano.

Mas a estratégia de assimilação de mentalidades exige a predisposição do ouvinte para aceitar os novos padrões de pensar, viver e consumir. Sem estas pré-condições, a estratégia perde eficácia porque os paradigmas são outros. Daí a importância de adaptar hábitos culturais do dominado e devolvê-los ao consumo, dando a impressão de troca. A associação do conceito de jovem à idéia de transformação da sociedade foi (e ainda é) amplamente utilizada pela indústria de bens culturais. “Jovem” significa estar aberto para assumir novos padrões de comportamento e de consumo. O conceito foi aproveitado por todos os lados envolvidos na guerra psicológica, tanto o nazismo como os aliados, ambos inseridos na esfera capitalista. Na Guerra Fria, o novo também estava representado na juventude socialista, assim como na rebeldia do *rock* norte-americano.

Ao contrário, o conceito mercadológico da “nova mulher” apresentava diferenças entre os nazistas e aliados. Enquanto a doutrina nacional-socialista reservava à mulher o lugar de procriadora e geradora de uma nova família em busca da eugenia, a propaganda aliada fazia a apologia da mulher liberada. Não sexualmente, o que só viria a se insinuar mais tarde com o advento da pílula anticoncepcional, mas livre das tarefas domésticas, por meio da avalanche de eletrodomésticos despejados no consumo. Tal aparência de liberdade deixava-lhe duas opções complementares: ingressar no mercado de trabalho e se associar ao

esforço de guerra – os programas dramatizados da General Sound Corporation mostram isso claramente – ou intensificar o consumo de eletrodomésticos e aumentar seu tempo livre. Tempo livre para ouvir rádio, tempo livre para consumir os produtos que o rádio alardeava como símbolos de uma nova era. O rádio oferecia-se como veículo de divulgação da modernidade e se apresentava simultaneamente como a modernidade em si, pelos padrões de conduta que seus produtores injetavam na sociedade.

A educação representa outra pré-condição, porque significa mudança e, na maioria das vezes, para melhor. Os jesuítas, primeira ordem católica a se dedicar ao ensino formal, realizaram esta experiência durante a catequese e desenvolveram uma pedagogia própria. Trabalharam com a formação de lideranças, que têm efeito multiplicador. O rádio, nos anos 40, embora fosse o veículo de comunicação mais popular, também exercia o papel de formador de lideranças. As camadas médias urbanas se informavam através dele, absorviam novos padrões de consumo e disseminavam essa forma de viver. O desenvolvimento econômico tornava o País mais urbano e o rádio é personagem desta transformação. Neste sentido, o veículo desempenhou papel preponderante na transformação de um Brasil rural, apoiado na monocultura, e um Brasil urbano, impulsionado por uma indústria florescente. Os programas radiofônicos irradiavam o novo, a mudança para melhor, vendendo o sonho da ascensão social para as camadas médias.

O jornalista peruano Juan Gargurevich, professor da Faculdade de Ciências da Comunicação da PUC de Lima, observa que a propaganda norte-americana no exterior durante a Guerra Fria lançava mão dos mais variados organismos, oficiais e privados, como as agências internacionais de notícias, agências de publicidade, institutos internacionais de opinião pública e mercado, corporações comerciais transnacionais, exportadores de equipamentos de tecnologia de comunicação, companhias internacionais de telecomunicação e produtores de programas sonoros e audiovisuais. A Sociedade Interamericana de Imprensa (SIP) também fazia parte desta estratégia.. O presidente dos EUA, Calvin Coolidge, e o secretário de Estado, Frank Kellog, participaram pessoalmente do 1º Encontro da SIP, em Washington, em 1926. Era a primeira vez que se reuniam tantos donos de periódicos da América Latina. Não por acaso, os temas tratados pelas mesas de debate excluía os problemas dos jornalistas. Aos norte-americanos interessavam os donos, não os empregados.

Vistos com as lentes do passado, o nazismo e o fascismo soam como aberrações, mas contaram com o apoio popular e contagiaram muitos mazombos no Brasil, entre eles assessores próximos a Getúlio Vargas, como Simões Lopes (ver anexo). Nunca é demais lembrar que as primeiras denúncias sobre a existência de campos de concentração na Alemanha mereceram nota de pé de página no *New York Times*. Hoje atrocidades praticadas no Oriente Médio, na Ásia e na África pelos vencedores da Segunda Guerra e da Guerra Fria e seus aliados parecem não comover tanto; fazem parte do cotidiano do noticiário internacional no rádio, na TV e nos jornais.

Aos olhos de hoje, os tempos da Guerra Fria nos parecem ingênuos, tal o grau de complexidade de interesses e rivalidades que a política internacional adquiriu com a globalização. Se antes o radioteatro conseguia moldar mentalidades, hoje a realidade suplanta a ficção a cada dia, como uma espécie de desafio aos roteiristas. Na sociedade do espetáculo, a realidade dramatizada ocupa o primeiro plano.

Mas a narração desta realidade dramatizada segue nas mãos dos mesmos grupos que lutaram entre si durante a Segunda Guerra e se juntaram durante a Guerra Fria. À exceção de iniciativas ousadas, entre as quais a experiência das rádios comunitárias parece ser a mais perturbadora, a indústria de bens culturais, onde o rádio se insere, permanece nas mãos dos mesmos atores. A constatação confirma a profecia de Lima Barreto, no início do século passado. Mulato, crítico mordaz da sociedade e anticlerical, fazendo questão de dizer que tinha mais implicações do que ideologia, Lima Barreto disse certa vez que do jeito que iam as coisas, em pouco tempo para se escrever artigos seria preciso mostrar a fotografia (para provar que era branco) e o diploma emitido por um colégio religioso. Se Barreto se inspirou no conceito de intelectual orgânico de Gramsci, ninguém sabe, mas não se pode dizer que tenha errado a previsão.

## BIBLIOGRAFIA

- ABREU, João Batista. As manobras da informação, Eduff/Mauad, Rio de Janeiro, 2000, 272 p
- ALVES, Walter Ouro. Rádio: la mayor pantalla del mundo, Quito, Editorial Belém/Radio Nederland, 1982, 97 p.
- \_\_\_\_\_. La cocina electrónica, Quito, Ciespal, 1994, 141 p.
- ARNHEIM, Rudolf. Estética radiofônica, Madrid, Gustavo Gilli, 1980, 171 p.
- BADIOU, Alain. Ética: um ensaio da consciência do mal, Rio, Relume-Dumará, 1995
- BALSEBRE, Armand. El lenguaje radiofónico, Madrid, Cátedra, 1996,
- BAUER, Martin W. e GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático, Petrópolis, Vozes, 2002, 2ª edição, 516 p.
- BECKER, Howard. Uma teoria da ação coletiva, Rio, Zahar, 1977
- BORDENAVE, Juan e CARVALHO, Horácio Martins. Planificación y comunicación, Quito, Ciespal, 1978, 307 p.
- BRASIL, Mons. Raimundo Menezes. Homenagem ao pastor – cinquenta anos a serviço da Igreja, Rio de Janeiro, Forense, 1996
- BRUNNER, José Joaquín. Tradicionalismo y modernidad en la Cultura Latino-americana, in Entre Públicos y Ciudadanos, Comunicación y Cultura Política
- CALABRE, Lia. A era do rádio, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2002, 58 p.
- \_\_\_\_\_. Na sintonia do tempo: uma leitura do cotidiano através da produção ficcional radiofônica (1940-46), dissertação em História apresentada na Universidade Federal Fluminense, 1996
- CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira. Igreja e desenvolvimento, São Paulo, Editora Brasileira de Ciências, 1971, 218 p.
- CARTILHA VIVER É LUTAR, do Movimento de Educação de Base (MEB), out/63
- CASÉ, Rafael. Programa Casé – o rádio começou aqui, Rio de Janeiro, Mauad, 1995, 93 p.

- CASTRO, Lola Aniyar. Criminologia da reação social, acréscimos de Éster Kosovski, Rio de Janeiro, Forense, 1983
- CASTRO, Nilo André Piana (org). Cinema e Segunda Guerra, Porto Alegre, Editora UFGRS, 1999, 292 p.
- CERVANTES, Miguel. O engenhoso fidalgo Don Quixote de La Mancha, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983.
- CLARK, Philip. A Guerra da Secessão dos Estados Unidos, Coleção Guerras que mudaram o mundo, São Paulo, Ática.
- CHEVALIER, Jean-Jacques. História do pensamento político – da Cidade-Estado ao apogeu do Estado-Nação monárquico, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982
- CHIAVENATTO, Júlio José. Genocídio americano: a Guerra do Paraguai, São Paulo, Brasiliense, 1979
- ENCYCLOPAEDIA Britannica (Nightingale, Florence e The Theory and Conduct of War), História Universal, Carl Grimberg, volume 17

- DRYER, Sherman. Radio in wartime, New York, Greenberg, s/d
- FÁVERO, Osmar. Movimento de Educação de Base, primeiros tempos: 1961-66), in ROSAS, Paulo (org). Paulo Freire; educação e transformação social, Recife, Editora da UFPE, 2002, 336 p.
- FERRARI, Alceu. Igreja e desenvolvimento – o Movimento de Natal, Natal, Fundação José Augusto, 1968
- FERRARETTO, Luiz Artur. Rádio – o veículo, a história e a técnica, Porto Alegre, Sagra-Luzzatto, 2000, 374 p.
- FERNANDES, Hélio de Almeida. Tango – uma possibilidade infinita, Rio de Janeiro, Bom Texto, 2000
- FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso, São Paulo, Loyola, 1996, 79 p.
- FROES, Hemílcio. Véspera do Primeiro de Abril, Rio de Janeiro, Imago, 1993
- GARCIA MARQUEZ, Gabriel. Cien años de soledad, Biblioteca de Literatura Colombiana, Bogotá, Editorial Oveja Negra, 1967
- GARGUREVICH, Juan. A golpe de titular – CIA y periodismo en América Latina, Praga, Videopress, 1981, 109 p.
- GÓES, Moacyr. Educação popular, campanha “De pé no chão também se aprender a ler”, Paulo Freire & movimentos sociais contemporâneos, in ROSAS, Paulo (org). Paulo Freire: educação e transformação social, Recife, Editora da UFPE, 2002, 336 p.
- GOLDFEDER, Miriam. Por trás das ondas da Rádio Nacional, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980
- GRAMSCI, Antonio. Cadernos do Cárcere, volumes III e IV, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000
- \_\_\_\_\_. Os intelectuais e a organização da cultura, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978 (2ª edição)
- GRUZINSKI, Serge. A colonização do imaginário, São Paulo – Sociedades indígenas e ocidentalização no México espanhol (séculos XVI-XVIII), Companhia das Letras, 2004, 461 P.
- HALE, Julian. La radio como arma política, Madrid, Gustavo Gilli, 1979
- HAUSSEN, Dóris Fagundes. Rádio e política – tempos de Vargas e Perón, Porto Alegre,



- EdiPUCRS, 1997, 153 p.
- HOBBS, Thomas. *Leviatã ou Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil*,  
Coleção Os Pensadores, São Paulo, Abril Editores, 1974
- IANNI, Octavio. *O colapso do populismo no Brasil*, Rio de Janeiro, Civilização  
Brasileira, 1987, 5ª edição (1994)
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*, São Paulo, Cultrix, 1971
- KAPLUN, Mario. *Producción de programas de rádio – el guión, la realización*, Quito,  
Ciespal, 1978, 460 p.
- KLÖCKNER, Luciano. *O Repórter Esso na História brasileira (1941-45 e 1950-54)*,  
dissertação em Comunicação apresentada na PUC-RS, Porto Alegre, 1998
- LAVOINNE, Yves. *A rádio*, Lisboa, Vega, s/d, 210 p.
- LACOUTURE, Jean. *Os jesuítas – os conquistadores*. Porto Alegre, L&PM, 1994, 531 p.
- LEITE, Edgard. *Homens vindos do Céu – contatos religiosos no litoral da América  
portuguesa, séculos XVI e XVII*, Rio de Janeiro, Papéis e Cópias, 1997
- M'BOW, Amadou Mahtar, prefácio de *HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA*,  
Volume VII, *A África sob dominação colonial (1880-1935)*
- INFORMAÇÕES básicas para a Produção do Repórter Esso no Rádio – orientação geral  
e sugestões para as estações de rádio, locutores e a United Press, Rio de Janeiro,  
McCann-Erikson Publicidade, 1957
- MATTELART, Armand. *Comunicação–Mundo: história das idéias e das estratégias*,  
Petrópolis, Vozes, 1994, 320 p.
- MAQUIAVEL, Michelangelo. *O Príncipe*, Coleção Os Pensadores, Abril, 1973
- MARIATEGUI, José Carlos. *Peruanicemos al Peru*, Lima, Amauta, 1972 (2ª edição)
- MARTÍ, José. *Três documentos de nuestra América*, La Habana, Casa de Lãs Américas,  
1979, site [www.patriagrande.net/cuba/josemarti](http://www.patriagrande.net/cuba/josemarti)  
\_\_\_\_\_. *Ojeada sobre el espiritu actual norteamericano*, Nova York, 1886, site  
[www.geocities.com/nuestrojoosemarti](http://www.geocities.com/nuestrojoosemarti)
- MEDITSCH, Eduardo. *O rádio na era da informação – teoria e técnica do novo  
radiojornalismo*, Florianópolis, Insular, 2001, 304 p.
- MOREIRA, Eliezer. *América Latina: da utopia à integração*, in *Revista Veredas*, Centro  
Cultural Banco do Brasil, ano 3, nº 30, jun 1998

- MOURA, Gerson. Tio Sam chega ao Brasil – a penetração cultural americana, São Paulo, Brasiliense, 1984
- MORSE, Richard. O espelho de Próspero – cultura e idéias nas Américas, São Paulo, Companhia das Letras, 1988
- NEVES, Luiz Felipe Baeta. O combate dos soldados de Cristo na Terra dos Papagaios – colonialismo e repressão cultural, Rio, Forense, 1978
- \_\_\_\_\_. Vieira e a Imaginação Social Jesuítica – Maranhão e Grão-Pará no século XVII, Rio de Janeiro, Topbooks, 1997
- O'MALLEY, John W. Os primeiros jesuítas, São Leopoldo, Editora Unisinos, Bauru, EDUSC, 2004, 582 p.
- ORLANDI, Eni. As formas do silêncio, Campinas, EdUnicamp, 1995, 3ª edição
- OSAKABE, Hakira. Argumentação e discurso político, São Paulo, Kairós, 1979
- PAIVA, Gilberto. 50 anos da Rádio Aparecida, Centro de Redentorista de Espiritualidade, 2002
- PASCAL, A arte de persuadir, Coleção Os Pensadores, São Paulo, Abril, 1973
- PORTELLI, Hugues. Gramsci e o bloco histórico, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977
- ROMAIS, Célio. Rádio em ondas curtas, São Paulo, Brasiliense, 1994, 84 p.
- ROUBINE, Jean Jacques. A arte do ator, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 1990, 2ª edição, 96 p.
- SANZ, Luiz Alberto. Dramaturgia da informação radiofônica, Rio de Janeiro, Editora Gama Filho, 1999, 156 p.
- SAXE-FERNANDEZ, John. De la seguridad nacional, México, Grijalbo, 1977
- SERRA, Antonio. As convenções de Genebra, texto inédito produzido em 1998
- Convenções de Genebra, aprovadas pela ONU em agosto de 1949. Textos extraídos do site
- [www.gddc.pt/pt/DH/internacionais.htm](http://www.gddc.pt/pt/DH/internacionais.htm), do Gabinete de Documentação e Direito Comparado do Governo de Portugal

- SODRÉ, Nelson Werneck. A História da Imprensa no Brasil, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966, 583 p.
- SOHR, Raul. Historia y poder de la prensa, Santiago, Editorial Andrés Bello, 1998
- REVISTA BRASILEIRA DO INEP, Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, vol. 59, n 1973
- TEALDO, Ana Rosa (org). Radio y democracia en América Latina, Lima, IPAL, 1989
- TEITELBOIM, Volodia, Noches de radio (Escucha Chile) – uma voz viene de lejos, Santiago, Lom Ediciones, 2001
- TOTA, Antônio Pedro. O imperialismo sedutor – a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra, São Paulo, Companhia das Letras, 2000
- SOUZA, Laura Mello. O diabo e a Terra de Santa Cruz – feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial, São Paulo, Companhia das Letras, 1986
- VANOYE, Francis. Usos da linguagem – problemas e técnicas na produção oral e escrita, São Paulo, Martins Fontes, 1996, 10ª edição, 243 p.
- VARGAS LLOSA, Conversa na catedral, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978, 2ª edição, 613 p.
- \_\_\_\_\_, Tia Júlia e o escrivinhador, São Paulo, Círculo do Livro, 1977, 334 p.
- VERDUGO, Patrícia. Interferência secreta – 11 de septiembre de 1973, Santiago, Sudamericana, 1998
- WAINBERG, Jacques. Império de palavras, Porto Alegre, EdiPUCRS, 2003, 2ª edição
- ZUMTHOR, Paul. A letra e a voz – a “literatura” medieval , São Paulo, Companhia das Letras, 1993

### **Arquivos sonoros consultados**

Arquivo Nacional no Rio de Janeiro

BBC de Londres

Collector's do Brasil (Teresópolis)

Museu da Imagem e do Som no Rio de Janeiro

Rádio Nederland

### **Arquivos de texto**

Centro de Pesquisa e Documentação em História Contemporânea da Fundação  
Getúlio Vargas

Departamento de pesquisa de *O Estado de São Paulo*

Departamento de pesquisa de *O Globo*

Biblioteca do Congresso dos EUA em Washington (documentados cedidos pelo  
historiador Antônio Pedro Tota)

### **Entrevistas realizadas no Rio de Janeiro, São Paulo, Santiago e Lima**

#### **Brasil**

Francisco Paes de Barros (Rádio 9 de Julho)

Hemílcio Froes (Rádio Nacional)

Moacir Maurício Dantas (Rádio Rural-Caicó)

Moacyr de Góes

Osmar Fávero

Otomar Lopes Cardoso (Rádio Rural-Natal)

Paulo Evaristo Arns (Rádio 9 de Julho)

#### **Chile**

Jaime Coiro (Rádio Chilena)

José Miguel Varas (Santiago)

José Ortiz (ex-redator do Repórter Esso)

Sérgio Campos (Santiago)

Volodia Teitelboim (Santiago)

**Peru**

Hector Behar (Lima)

Jaime Protzel (Lima)

José Ignacio Lopez Vigil (Lima)

Juan Gargurevich (Lima)

Rosa Maria Alfaro (Lima)